

# Habitação Flexível e Adaptável

Reabilitação do Antigo Convento da Boa-Hora para  
um Coliving

Catarina dos Santos Blanco

(Licenciada em Estudos Arquitetónicos)

Projeto Final de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura  
Mestrado Integrado com especialização em Interiores e Reabilitação do  
Edificado

Orientação Científica:

Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri

Presidente: Doutor João Nuno de Carvalho Pernão

Vogal: Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução

Orientador: Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro 2023





## Resumo

Este Projeto Final de Mestrado pretende mostrar como a Flexibilidade e Adaptabilidade podem funcionar na habitação perante uma diversidade de habitantes, os seus modos de habitar e o seu tempo de uso. Para tal propôs-se trabalhar estes conceitos no Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora, na freguesia da Ajuda, Lisboa, através da sua reabilitação e da inserção de um programa de *coliving*.

Implementadas nas celas conventuais do edifício em questão, a Flexibilidade e a Adaptabilidade funcionam em conjunto para entregar uma melhor solução de habitação através do *coliving*.

O projeto promove ainda um sentido de comunidade a uma população cada vez mais isolada, através dos espaços habitacionais, dos de trabalho e ainda dos espaços exteriores ao edifício. Criando ainda uma solução, principalmente para jovens, que começam a sua vida adulta e precisam de opções mais económicas para habitar.

**Palavras-Chave:** Convento da Boa-Hora; Flexibilidade; Adaptabilidade; Coliving; Reabilitação



## Abstract

This Master's Final Project wants to showcase how Flexibility and Adaptability can work for a user, their ways of living and through its use in time. In order to do that, these concepts have been put to use in the Convent of Nossa senhora da Boa-Hora, located in Ajuda, Lisbon, Through its rehabilitation and insertion of a coliving program.

These concepts of Flexibility and Adaptability were implemented together in the cells of the convent, in order to deliver a better solution of living through a coliving.

The project promotes a sense of community to a population that is more and more isolated, through the use of the habitational spaces, workspaces and exterior areas outside the buildings. Creating a solution, especially for young adults who are looking to start their adult lives and need more economic ways of living.

**Keywords:** Convent of Nossa Senhora da Boa-Hora; Flexibility; Adaptability; Coliving; Rehabilitation



## Agradecimentos

Aos Orientadores,

Ao Professor Nuno Arenga e ao Professor José Crespo e todo o conhecimento que me transmitiram. Por me guiarem e tornarem possível este último capítulo do curso. Obrigada pela vossa paciência e disponibilidade que sempre tiveram ao longo deste processo.

Aos Amigos,

Aos que permaneceram antes do curso, aqueles que conheci durante, dentro e fora da universidade, aos que foram e aos que ficam. Todos me apoiaram em diferentes fases e todos fizeram a diferença para chegar onde cheguei.

Aos colegas de trabalho que conheci este ano e se tornaram grandes amigos, que me deram um ombro e ouvido, nos piores momentos.

À Inês e Beatriz, que embora sejam as que estão mais longe, são quem me dão mais apoio diariamente.

À família,

Aos primos e tios, que embora não nos vejamos diariamente, foram igualmente importantes durante este processo.

À tia Lena por todo o apoio e amor.

Ao meu irmão, a minha maior referência.

Ao meus pais, o meu maior apoio ao longo de todas as etapas. Não teria chegado aqui sem eles e todo o seu amor.

*Obrigada a Todos ♡*



*Houses are built to live in, and not to look on: therefore let use be preferred  
before uniformity.<sup>1</sup>*

*Francis Bacon*

---

<sup>1</sup> *'Essays' (1625) 'Of Building'*



# Índice

Resumo .....	ii
Abstract.....	iv
Agradecimentos .....	vi
Índice .....	x
Índice de Figuras .....	xii
1 Introdução.....	1
1.1 Tema de Trabalho .....	1
1.2 Objetivos .....	2
1.3 Metodologia.....	2
1.4 Estrutura .....	3
2 Habitar e Viver .....	4
2.1 Formas de Habitar .....	4
2.2 Coliving.....	7
2.3 Flexibilidade e Adaptabilidade .....	9
3 Contexto Social e Urbano .....	14
3.1 As Freguesias da Ajuda e de Belém .....	14
3.2 Contexto Urbano .....	20
4 Hospital Militar de Belém.....	23
4.1 Cronologia .....	23
4.2 Convento da Nossa Senhora da Boa-Hora.....	27
4.3 Novo Bloco .....	29
5 Casos de Referência .....	31
5.1 Gap House, Archiwood WXY .....	31
5.2 Tree House, Bo-DAA .....	33
5.3 Rietveld Schröder, Gerrit Rietveld .....	35
5.4 Convento das Bernardas, Souto Moura.....	36
6 Proposta .....	38
6.1 Reabilitação como Estratégia .....	38

6.2	Resolução do Espaço Público .....	42
6.3	Afetação Funcional dos Edifícios e Articulação do Programa .....	44
6.4	Células Habitacionais.....	46
	Considerações Finais .....	51
	Bibliografia .....	52
	Webgrafia .....	53
	Caderno de Anexos .....	56
	Processo de Trabalho .....	98
	Painéis.....	174

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> – Planta dos templos de Hagar Qim (fonte: <a href="https://themaritimeexplorer.ca/2021/12/06/hagar-qim/">https://themaritimeexplorer.ca/2021/12/06/hagar-qim/</a> ).....	4
<b>Figura 2</b> – Desenho de uma Insulae Romana (fonte: <a href="https://viagens.hi7.co/domus--villa--insulae---a-vida-cotidiana-de--uma-cidade-romana----57aac8ffb3722.html">https://viagens.hi7.co/domus--villa--insulae---a-vida-cotidiana-de--uma-cidade-romana----57aac8ffb3722.html</a> ).....	5
<b>Figura 3</b> – Desenho de uma Villa Romana (fonte: <a href="https://www.realmofhistory.com/2020/04/08/3d-animations-layout-roman-domus-house/">https://www.realmofhistory.com/2020/04/08/3d-animations-layout-roman-domus-house/</a> ) .....	5
<b>Figura 4</b> - Charles-Édouard Jeanneret, 1914–15, Maison Dom-ino (Casa Dom-ino) (fonte: <a href="https://stringfixer.com/pt/Corbusier">https://stringfixer.com/pt/Corbusier</a> ).....	10
<b>Figura 5</b> – “G. Beguin, J. A. Macchini; mobilidade: a natureza dos compartimentos pode mudar completamente em função da organização do mobiliário” (fonte: Alexandra Paiva <i>Habituação Flexível – Análise de Conceitos e Soluções</i> ).....	12
<b>Figura 6</b> - Gravura da Ermida de Nossa Senhora da Ajuda (fonte: <a href="https://www.paraquiaajudalisboa.com/a-primitiva-ermida-da-ajuda/">https://www.paraquiaajudalisboa.com/a-primitiva-ermida-da-ajuda/</a> ) .....	14
<b>Figura 7</b> - “Lisboa antes e depois do terramoto. Gravura alemã do séc.XVIII da coleção “Augsburgische Sammlung” exposta no Museu da Cidade” (fonte: <a href="https://marialynce.wordpress.com/2008/11/01/o-terramoto/">https://marialynce.wordpress.com/2008/11/01/o-terramoto/</a> ).....	15
<b>Figura 8</b> - Carta de isossistas do sismo de Lisboa de 1755 (fonte: <a href="http://www.netxplica.com/exercicios/cn7/carta.isossistas.htm">http://www.netxplica.com/exercicios/cn7/carta.isossistas.htm</a> ) .....	15
<b>Figura 9</b> - Comparação População Residente, por Freguesias, entre 2011 e 2021 (fonte: Censos 2011 e Censos 2021).....	16
<b>Figura 10</b> - Comparação População Residente por Grades Grupos Etários, Freguesia de Belém, entre 2011 e 2021 (fonte: Censos 2011 e Censos 2021) .....	17
<b>Figura 11</b> - População Residente por Escalões Etários, Freguesia de Belém, 2011 (fonte: Censos 2011) .....	17
<b>Figura 12</b> - Índice de Envelhecimento (nº), por Freguesias, 2011 (fonte: Censos 2011) .....	17
<b>Figura 13</b> - “Nem-nem”, População Residente entre os 20 e os 30 anos que não trabalha nem estuda, por Freguesia (%), 2011 (fonte: Censos 2011).....	18
<b>Figura 14</b> - População Residente por Escalões Etários, Freguesia da Ajuda, 2011 (fonte: Censos 2011).....	18
<b>Figura 15</b> - Comparação População Residente por Grades Grupos Etários, Freguesia da Ajuda, entre 2011 e 2021 (fonte: Censos 2011 e Censos 2021) .....	18
<b>Figura 16</b> – Sobreposição das cartografias de épocas diferentes na zona de Ajuda e Belém.....	20

<b>Figura 17</b> – Topografia da zona da Ajuda e Belém.....	20
<b>Figura 18</b> – Esquerda: espaços verdes existentes nas freguesias da Ajuda e Belém; Centro: Vias principais(vermelho), secundárias(laranja) e linha férrea (roxo); Direita: Zonas mais propicias a inundações .....	21
<b>Figura 19</b> – 1852; Esboço da Planta do Edifício do Convento (fonte: GEAEM) .....	23
<b>Figura 20</b> – Planta de 1895 do Edifício do Convento e da Cerca (fonte: GEAEM).....	24
<b>Figura 21</b> – 1963 - Planta Geral do Hospital Militar (fonte: GEAEM) .....	25
<b>Figura 22</b> – 1934 - Planta Geral do Hospital Militar de Belém (fonte: GEAEM).....	25
<b>Figura 23</b> – 1997 -Planta Piso 1 do Convento (fonte: GEAEM).....	28
<b>Figura 24</b> – 1997 -Planta Piso 2 do Convento (fonte: GEAEM).....	28
<b>Figura 25</b> – Axonometria com Plantas do Novo Bloco do Piso 0 ao Piso 5 .....	30
<b>Figura 26</b> – Foto da Gap House do Exterior (fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a> ) .....	31
<b>Figura 27</b> – Foto da Gap House do Pátio (fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a> ) .....	31
<b>Figura 28</b> – Planta Piso 2F (Piso tipo) (fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a> ) .....	31
<b>Figura 29</b> – Corte do Edifício (fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy">https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy</a> ) .....	32
<b>Figura 30</b> – Foto do pátio (fonte: <a href="https://www.archdaily.com/932735/treehouse-apartment-building-bo-daa?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/932735/treehouse-apartment-building-bo-daa?ad_medium=gallery</a> ) .....	33
<b>Figura 31</b> – Foto do exterior do edifício (fonte: <a href="https://www.archdaily.com/932735/treehouse-apartment-building-bo-daa?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/932735/treehouse-apartment-building-bo-daa?ad_medium=gallery</a> ) .....	33
<b>Figura 33</b> – Planta Piso 0 (fonte: <a href="https://www.archdaily.com/932735/treehouse-apartment-building-bo-daa?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/932735/treehouse-apartment-building-bo-daa?ad_medium=gallery</a> ) .....	34
<b>Figura 32</b> – Corte em prespetiva (fonte: <a href="https://www.archdaily.com/932735/treehouse-apartment-building-bo-daa?ad_medium=gallery">https://www.archdaily.com/932735/treehouse-apartment-building-bo-daa?ad_medium=gallery</a> ) .....	34
<b>Figura 34</b> – Foto do exterior da casa (fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-46426/classicos-da-arquitetura-residencia-rieveld-schroder-gerrit-rieveld">https://www.archdaily.com.br/br/01-46426/classicos-da-arquitetura-residencia-rieveld-schroder-gerrit-rieveld</a> ).....	35
<b>Figura 35</b> – Foto do piso superior (fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-46426/classicos-da-arquitetura-residencia-rieveld-schroder-gerrit-rieveld">https://www.archdaily.com.br/br/01-46426/classicos-da-arquitetura-residencia-rieveld-schroder-gerrit-rieveld</a> ).....	35
<b>Figura 37</b> – Plantas do Piso 0 e Piso 1 (fonte: <a href="https://www.archweb.it/dwg/arch_arredi_famosi/Thomas_Rietveld/schroeder_house/Schroeder_House_drawings.htm">https://www.archweb.it/dwg/arch_arredi_famosi/Thomas_Rietveld/schroeder_house/Schroeder_House_drawings.htm</a> ) .....	36
<b>Figura 36</b> Plantas do piso 1, em cima com as portas fechadas, em baixo com as portas abertas (fonte: <a href="http://4.bp.blogspot.com/-1qphJKChCJI/UMOu_nGEUQI/AAAAAAAAAAec/H2yUHMT-SzM/s1600/Gerrit+Rietveld+-+Schröder+House+plans+(1924).jpg">http://4.bp.blogspot.com/-1qphJKChCJI/UMOu_nGEUQI/AAAAAAAAAAec/H2yUHMT-SzM/s1600/Gerrit+Rietveld+-+Schröder+House+plans+(1924).jpg</a> ) .....	36

<b>Figura 38</b> – Foto do pátio do edifício antigo (fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura">https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura</a> ) .....	36
<b>Figura 39</b> – Foto do pátio do edifício novo (fonte: <a href="https://espacodearquitetura.com/projetos/convento-das-bernardas/">https://espacodearquitetura.com/projetos/convento-das-bernardas/</a> ) .....	36
<b>Figura 40</b> – Planta do Conjunto dos edifícios do piso 0 (fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura">https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura</a> ) .....	37
<b>Figura 41</b> – Foto da estrutura em betão danificada .....	39
<b>Figura 42</b> – Foto da estrutura em betão danificada .....	39
<b>Figura 43</b> – Foto dos Azulejos na Entrada Principal do Convento.....	39
<b>Figura 44</b> – Foto dos Danos nos Azulejos na Entrada Principal do Convento .....	39
<b>Figura 45</b> – Detalhe da parade exterior .....	40
<b>Figura 47</b> – Alçado Este com inserção do projeto .....	41
<b>Figura 46</b> – Alçado Este original .....	41
<b>Figura 48</b> – Cartografia de parte da freguesia da Ajuda com identificação do projeto..	42
<b>Figura 49</b> – Planta de cobertura.....	43
<b>Figura 50</b> – Organograma em axonometria .....	45
<b>Figura 51</b> – Célula A (Planta).....	48
<b>Figura 52</b> – Célula B (planta).....	48
<b>Figura 53</b> – Célula C (planta).....	48
<b>Figura 54</b> – Móvel de divisão do Núcleo.....	49
<b>Figura 55</b> – Móvel com cama e cómoda .....	50
<b>Figura 56</b> – Móvel com cama, cómoda e bancada.....	50





# 1 Introdução

## 1.1 Tema de Trabalho

Os temas centrais deste trabalho são a Flexibilidade e a Adaptabilidade de um espaço habitacional e como estes podem funcionar para utilizadores e fins distintos, aplicada em soluções de *coliving* e *coworking*.

Procurou-se explorar a Flexibilidade, como possível característica qualificadora do espaço habitacional, como resposta a uma sociedade em constante mudança e entender as diferenças entre este conceito e o da Adaptabilidade.

Estes conceitos integram-se num programa de *coliving*, destinado a jovens com poucas possibilidades de arrendar um apartamento em Lisboa e por consequente, trazer outro tipo de população (uma população mais nova) á freguesia da Ajuda. Este programa e os fundamentos teóricos analisados irão ser inseridos no conjunto de edifícios que compõem o Hospital Militar de Belém. No entanto o projeto irá focar-se maioritariamente no edifício mais antigo deste conjunto, construído na segunda metade do século XVIII, denominado de Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora.

Para estes conceitos e programa, foram equacionadas algumas questões e hipóteses:

**Q1.** Que tipos de Flexibilidade existem e será possível que esta exista sem Adaptabilidade?

**H1.** Os dois conceitos funcionaram em harmonia e irão facilitar a versatilidade de um espaço a diversos utilizadores.

**Q2.** Como pode um edifício antigo e de carater religioso transformar-se de modo a acolher um programa novo?

**H2.** A reabilitação irá beneficiar na criação de uma simbiose entre o novo e o antigo, no edifício e por sua vez, na comunidade a seu redor.

Q3. Como funciona o *coliving* no estrangeiro e é possível este também funcionar em Portugal?

H3. O *coliving* estabelece comunidades diversificadas, que por sua vez dinamiza as comunidades da zona em volta.

## 1.2 Objetivos

Com este trabalho pretende-se, primariamente, descobrir e aprofundar os conceitos da Flexibilidade e Adaptabilidade, quais as diferenças entre ambos, os seus papéis na arquitetura e demonstrar como estes podem ser uma solução nas habitações a diversos utilizadores, perante a constante mudança da nossa sociedade, seja em termos sociais, culturais, tecnológicos e económicos.

Procura-se explorar estratégias e modos de adaptar estes conceitos num projeto de arquitetura, criando espaços flexíveis, capazes de assumir diversos usos residenciais ao longo do tempo num complexo de *coliving*, através da reabilitação.

Pretende-se ainda descobrir como o *coliving* se poderá tornar numa solução de habitação mais acessível aos jovens e como inserir este conceito e intervir, num edifício patrimonial como o antigo Convento da Boa-Hora, que já foi adaptado, tendo servido como Hospital Militar e encontrando-se atualmente abandonado.

## 1.3 Metodologia

Este projeto final de mestrado irá dividir-se em três fases. Numa primeira abordagem mais teórica irá ser feita uma recolha e revisão bibliográfica dos conceitos e casos de referência. A segunda fase focar-se-á numa análise de documentos iconográficos, plantas, cortes e alçados do antigo convento da Boa-Hora, assim como uma visita ao edifício e ao local, de modo a fazer um reconhecimento dos espaços e da população da Boa-Hora. A última parte, será a

elaboração do projeto, onde se irá articular o programa e conceitos explorados nas duas primeiras fases, mas ao longo deste todas se irão intercepar e complementar.

## 1.4 Estrutura

O trabalho está organizado em 5 capítulos principais, para além dos capítulos da introdução e considerações finais.

A Introdução consiste na apresentação do Tema, Objetivos, Questões iniciais e as suas Hipóteses e a Metodologia usada.

O primeiro capítulo apresenta os conceitos do trabalho. Começando pela Habitação, seguindo para o *Coliving* e por fim os conceitos principais, a Flexibilidade e a Adaptabilidade.

No capítulo 2, contextualiza o projeto, falando um pouco sobre a freguesia onde este se situa, sobre a sua historia e como esta se caracteriza em termos populacionais e urbanos.

O capítulo 3 elucida sobre os edifícios sobre os quais a proposta incide, quais os seus problemas, como se organizam e as suas historias.

No quarto capítulo são apresentados casos de referência ao projeto.

O último capítulo é o do projeto, onde é demonstrado a reabilitação como estratégia, a resolução do espaço publico, o programa e como este se insere e organiza nos edifícios e por fim a habitação.

E por último o as considerações finais, que concluem o trabalho.

## 2 Habitar e Viver

A flexibilidade é um tema que muitos autores já abordaram e estudaram, assim como a habitação. No entanto, este trabalho procura descobrir como se pode inserir este tema numa reabilitação patrimonial e num conceito de *coliving*.

A investigação literária acabou então por ser dividida em três grupos. O primeiro grupo foca-se na habitação. O segundo grupo sobre o *coliving* e por último, o terceiro grupo sobre o tema central a flexibilidade.

### 2.1 Formas de Habitar

#### Os primeiros humanos

O ser humano sempre necessitou de um abrigo, que mais tarde denominaríamos de casa. Estes abrigos chegaram a ser grutas, mas as primeiras casas foram construídas há mais de 1 milhão de anos, existindo vestígios destas na Tanzânia.

Segundo Neto e Freire (1999) ao longo dos tempos, o Humano aprende e ganha mais cuidado na elaboração do seu abrigo, tornando aos poucos, as paredes mais grossas, adicionando outras divisões, ou até outros andares.

Mais tarde houve a necessidade de criar uma distinção entre espaços públicos e espaços privados.

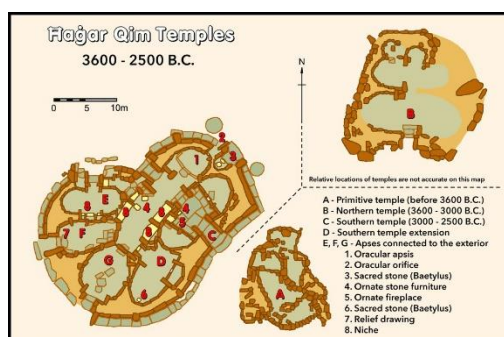
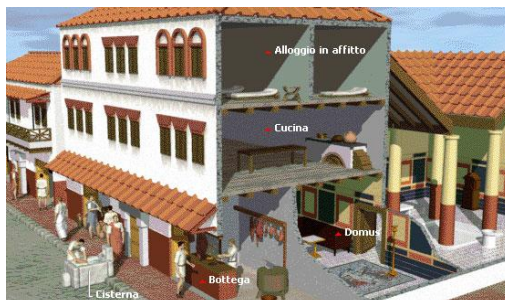


Figura 1 – Planta dos templos de Hagar Qim

Os vestígios mais antigos de hierarquia de espaços é no tempo Hagar Qim, em Malta, à volta de 2500 B.C. No entanto na habitação os romanos são os

primeiros em criar uma divisão entre espaços, especialmente na distinção de público/privado.



*Figura 2 – Desenho de uma Insulae Romana*



*Figura 3 – Desenho de uma Villa Romana*

## Século XX e XXI

Pereira (2016) demonstra como as casas em Portugal, não conseguem acompanhar os portugueses. Estas não conseguem transformar-se e proporcionar a heterogeneidade e complexidade que o ser-humano procura. Esta fala de 3 dimensões fundamentais inerentes à casa, sendo estes os habitantes, a estrutura e os modos de habitar.

Quanto aos habitantes, houve uma grande mudança na sociedade, nos últimos 100 anos, levando também a haver mudanças nas famílias e nos tipos de família.

Quanto à estrutura, a casa do movimento moderno, está dividida em 3 zonas: a zona social, normalmente composta pela sala comum e possivelmente sala de jantar; a zona de serviços, com a cozinha e em casas de níveis sociais

mais altos, esta também pode incluir quarto e instalação sanitária da criada, assim como uma entrada secundária de serviço; e a zona privada, sendo esta onde se encontram os quartos e instalações sanitárias. Todas estas zonas são unidas por halls e/ou corredores. Este tipo de estrutura pode ser visto ainda nas habitações atuais.

Nos tempos atuais as famílias procuram ter as zonas comuns todas juntas com o mínimo de separação. Isto inclui a cozinha, previamente associada a uma zona de serviço. Estes são hoje espaços de lazer, diversão e até de receção de família e amigos. Acabou a ideia de ter uma pessoa a fazer comida para trazer para o resto da família. Hoje esta tarefa tornou-se num género de ato de convívio.

Daqui nasce também a necessidade de haver flexibilidade e adaptabilidade dos espaços. Conceitos presentes na Arquitetura Moderna.

### **Reumanizar a cidade**

Segundo Coelho (2019) existe a necessidade de reumanizar a cidade, tornando-as mais vivas, de modo a melhorar as condições do habitar. Para tal é necessário integrar pessoas de diversos meios sociais e gerações, e criar equipamentos que se destinem às necessidades da vizinhança, de modo a estimular o convívio.

Por exemplo, numa zona envelhecida é possível criar espaços apelativos aos jovens ou numa área de habitação mais cara, criar habitações mais baratas.

No contexto deste projeto, criar habitações mais baratas e espaços mais apelativos a jovens, como um *coliving* ou *cowork*, numa zona bastante envelhecida como a freguesia da Ajuda e cara como o concelho de Lisboa.

## 2.2 Coliving

### ***Coliving* vs outros termos**

Para o conceito do *coliving* foi necessário, em primeiro lugar, perceber as diferenças entre este e outros conceitos semelhantes e facilmente confundíveis. Nesse sentido o site OpenDoor (2014) evidencia e explica quatro conceitos para além do *coliving* (fig. ).

O *coliving* é um conceito readaptado por *millenials*<sup>1</sup> para a geração atual de jovens adultos com valores diferentes das anteriores. Ao contrário de outros conceitos como as comunas, *eco-village* e o *co-housing*, o *coliving*, tende a ser integrado num único edifício, em que o espaço privado é, geralmente, um pequeno quarto equipado com o básico para as necessidades humanas (sitio onde dormir, instalações sanitárias e em alguns casos espaço para preparar ou guardar pequenas refeições) e em que todos os outros espaços de caráter mais público, como espaço de refeição, lazer, lavandaria, entre outros, são comuns e partilhados. Este encontra-se por norma, inserido num contexto mais urbano e integrado numa casa, num edifício ou num apartamento.

As Comunas ou “Communes” apareceram nos anos 60, nos E.U.A., com uma comunidade mais ativista e isolacionista, integrada no movimento *hippie*<sup>2</sup>. Esta comunidade era contracultura<sup>3</sup> e recusavam os valores da sociedade da época, especialmente com as guerras, levando-as a quererem criar micro utopias.

As ecovilas ou *eco-village* integram-se no conceito da sustentabilidade e têm como base a ideia de viver da terra e ser verde<sup>4</sup>. Estas por norma tendem a ser mais rurais de modo a se poderem rodear pela natureza (florestas, campos de cultivo, etc).

A coabitação ou *co-housing*, também têm origem nos anos 60, mas com origem dinamarquesa. Este tipo de habitar tende a ser mais rural ou suburbano e composto por uma comunidade planeada e gerida pelos residentes. Esta tende a ser de longo prazo e mais destinada a famílias. Ao contrário do *coliving*, em que se partilha um único edifício, este é composto por várias casas pequenas, com um pouco mais de espaço e partilham um único edifício comum entre todos, onde podemos encontrar a cozinha, sala de jantar, etc...

*Co-ops* é o conceito mais semelhante ao *coliving* em termos de estrutura habitacional, no entanto este é mais destinado a estudantes, tornando-o mais

---

<sup>1</sup> Geração nascida entre de 1980 e 2000 ; <sup>2</sup>Comportamento coletivo de contracultura da década de 1960 ; <sup>3</sup>Estilo de mobilização e contestação social ; <sup>4</sup>Estilo de vida não prejudicial ao ambiente

parecido a uma residência estudantil. Este tipo de habitar foi criado por um movimento cooperativo estudantil, centrando-o em volta de princípios e ativismos políticos.

<i>Co-living</i>	<i>Communes</i>	<i>Eco-village</i>	<i>Coabitação</i>	<i>Co-ops</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Normalmente urbano</li> <li>• Integrado numa casa, edifício ou apartamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunidade ativista e isolacionista</li> <li>• Anos 60</li> <li>• Objetivo de fugir da sociedade da qual já não partilham os mesmos valores e criar as suas próprios micro-utopias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tendem a ser mais rurais</li> <li>• Dedicadas a viver da "terra" e a ser mais sustentáveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Origem dinamarquesa nos anos 60</li> <li>• Suburbano ou rural</li> <li>• Pequenas casas privadas que partilham um edifício comum (com cozinha, sala de jantar e sala de convidados)</li> <li>• Comunidade planeada, gerida e na posse dos residentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mais semelhante ao <i>coliving</i> em termos de estrutura</li> <li>• Parte de um movimento cooperativo estudantil</li> <li>• Normalmente perto de universidades</li> <li>• Centrados à volta de princípios e ativismo político</li> </ul>

*Tabela 1 – Resumo das diferenças entre os diversos tipos de habitação comuns*

### **Habitar em comunidade ao longo da história**

Alguns dos conceitos mencionados remontam aos anos 60, mas ao longo da história sempre existiram vários exemplos de ser-humanos que procuravam criar modos eficientes de habitar e partilhar em comunidade.

Por exemplo, Yoh (2018), fala em como até à era da revolução neolítica, de modo a assegurar a sua sobrevivência, a comunidade de caçadores-coletores vivia em união, sem haver uma separação de vidas social ou privada. A comunidade habitava um único espaço sob um telhado e em torno de uma fogueira.

Na Idade Média existiam residências comunais, onde diferentes tipos de pessoas coabitavam um espaço.

Na revolução industrial, apareceram as pensões, em que as pessoas que procuravam empregos longe da agricultura e meios rurais, mas continuavam a necessitar de uma comunidade onde se pudessem integrar e sentirem-se em casa. Estas pensões acabaram por se tornar correntes na primeira metade do século XX, principalmente para migrantes, viajantes e mulheres, que começavam a entrar no mercado de trabalho.

## ***Coliving* no século XXI e doenças mentais**

Nos dias de hoje a ideia de viver em comunidade regressou e está a tornar-se mais popular, especialmente entre jovens que querem viver no centro urbano e com menos disponibilidade financeira. Infelizmente a ideia de arrendar um apartamento é quase impossível para muitos, especialmente num centro urbano como Lisboa e mesmo nos arredores.

Segundo Gomes (2019), o conceito do *coliving*, para além de poder vir a mudar o modo de trabalhar e viajar, torna-se apelativo e boa solução para jovens, por ser uma combinação de renda acessível e um quarto privado. Este conceito dá também a oportunidade de haver uma convivência com outros, em espaços partilhados.

Isto torna-se essencial pois, segundo a PUREHOUSE LAB (2017), o crescimento da tecnologia contribuiu para o que podemos chamar de epidemia da solidão. O isolamento social tem vindo a aumentar, causando ansiedade e alterações dos padrões de sono que, por sua vez, causam disrupção do sistema imunitário e causam altos níveis de *stress*.

De modo a auxiliar o problema do isolamento social e a possibilitar diversos estilos de vida, a PUREHOUSE LAB explorou diversos espaços de *co-living*, demonstrando que a habitação não é o limite, sendo possível também integrar espaços de *coworking*, espaços verdes ou culturais, entre outros. Este conceito é uma nova maneira de combater a solidão, até para aqueles que se acabam de mudar para uma cidade nova onde não conhecem ninguém, permitindo criar novos contactos e amizades.

Molla (2019) compara o *coliving* com partilhar a casa. Em que os fatores sociais e económicos de partilhar a casa se mantêm, adicionando a este uma renda fixa, com despesas e *wi-fi* incluídos, sem contratos de longo prazo, habitações mobiladas, ausência da constante preocupação de dividir utensílios ou limpar áreas comuns.

Molla ainda mostra como o *coliving* se está a tornar popular entre os jovens, por estes não terem os mesmos valores e oportunidades que gerações anteriores. Os jovens são solteiros por mais tempo, não se juntando ou casando, até mais tarde nas suas vidas, assim como ter filhos.

## 2.3 Flexibilidade e Adaptabilidade

## Qual é a diferença entre flexibilidade e Adaptabilidade?

Alguns autores falam de ambos como se significassem o mesmo, como se não houvesse diferenças entre os conceitos. Segundo o “Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa” a designação de flexibilidade é «1- qualidade do que é flexível. 2 – destreza, agilidade. 3 – aptidão para várias coisas ou aplicações. 4 – complacência.»<sup>1</sup> e a designação de adaptabilidade é «1 – qualidade de adaptável. 2 – capacidade de adaptação.»<sup>2</sup>, logo nestas definições é possível perceber que não têm o mesmo significado.

Segundo Maccreanor (2008) a «Adaptabilidade é uma maneira diferente de ver a flexibilidade.»<sup>3</sup>. Na arquitetura a adaptabilidade não se foca na ideia desenhada de flexibilidade que normalmente associamos ao Movimento Moderno.

O sistema Dom-ino desenvolvido por Le Corbusier permitia uma flexibilidade infinita na disposição dos interiores. Houve vários edifícios e espaços que se guiaram por este sistema, com planos abertos e mutáveis em torno de um núcleo de serviços fixos, mas raramente estes foram usados em todo o seu potencial.

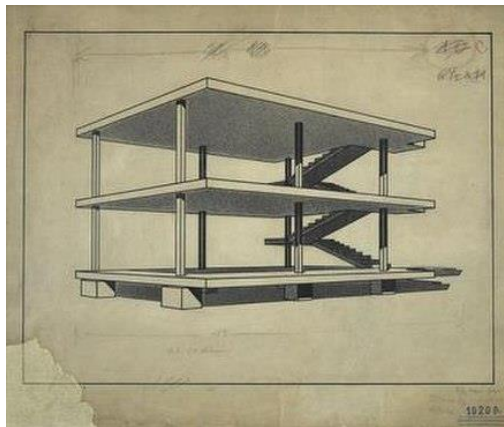


Figura 4 - Charles-Édouard Jeanneret, 1914–15, Maison Dom-ino (Casa Dom-ino)

Vários espaços desenhados para serem flexíveis na sua disposição interior, não eram adaptáveis a outros usos. Por exemplo, um quarto com um teto baixo tornar-se-ia claustrofóbico para servir como espaço de trabalho. Podia sê-lo, mas seria difícil de adaptá-lo a tal função e também seria difícil para quem o iria usar, adaptar-se e ficar confortável.

---

<sup>1</sup> Porto Editora – flexibilidade no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-01-12 01:38:25]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/flexibilidade>

O espaço adaptável deve permitir a transformação de funções, ser multifuncional, de modo a poder mudar o seu uso. Um espaço de habitação deve poder transformar-se num espaço de trabalho e vice-versa, ou permitir ambos.

Com isto é possível admitir que o conceito de flexibilidade não pode existir no seu potencial máximo sem o conceito de adaptabilidade. Pode-se até dizer que é possível existir adaptabilidade sem flexibilidade, mas a flexibilidade não deve existir sem a adaptabilidade.

### Tipos de Flexibilidade

Na flexibilidade existem diversos nomes para cada tipo, que diferem dependendo do autor, mas com semelhanças nas classificações.

Segundo Paiva (2002) existem a Flexibilidade Inicial ou Conceptual e a Permanente. Esta última é ainda subdividida em 3 subconceitos. Till e Schneider (2005) falam de 2 sistemas de flexibilidade: *Hard System* e *Soft System*. E por fim, Safarzadeh, Mousazadeh e Sinclair (2011) dizem existir, ao contrário dos anteriores, 3 conceitos, *Spatial Flexibility*, (Flexibilidade Espacial) *Functional Flexibility* (Flexibilidade Funcional) e ainda *Aesthetic Flexibility* (Flexibilidade Estética).

É possível agrupar cada um destes conceitos em 3 grupos, devido às suas semelhanças. Do primeiro grupo fazem parte a Flexibilidade Inicial ou Conceptual, a *Hard System* e a *Functional Flexibility*. No geral os 3 conceitos referem-se a um espaço com funções previamente estabelecidas, na qual as soluções técnicas e arquitetónicas, transformam ativamente a função de um espaço, num curto espaço de tempo. Este tipo de flexibilidade é bastante inspirada no Movimento Moderno, mas esta, como sugerido por Maccreeanor e por Safarzadeh, Mousazadeh e Sinclair, é a que mais falhas pode apresentar, na entrega ao utilizador. Isto porque ao longo do tempo, esta raramente irá ser usada no seu máximo potencial.

O segundo grupo agrega a Flexibilidade Permanente, o *Soft System* e a *Spatial Flexibility*. Estes conceitos partilham entre si a necessidade de o espaço já estar a ser ocupado e em uso. É o modo como o espaço se pode adaptar a uma nova função ao longo do tempo, ou de crescer, diminuir ou subdividir-se.

De acordo com Maccreeanor, este tipo de flexibilidade é o melhor por implicar a necessidade de o espaço ser adaptável.

---

<sup>2</sup> Porto Editora – adaptabilidade no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-01-12 01:07:35]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/adaptabilidade> ;

<sup>3</sup> «Adaptability is a different way of viewing flexibility.» Parágrafo 3 – “Adaptability” 2008

Segundo Paiva, este conceito pode ainda se dividir em 3 subconceitos: Mobilidade, Evolução e Elasticidade.

A Mobilidade é a possibilidade de mudar o espaço rapidamente num espaço de horas, de modo a se adaptar às diversas atividades do quotidiano do utilizador. A evolução, por outro lado, permite a mudança num longo espaço de tempo, conforme o grupo ou família se transformem e precisem modificar o espaço. Por último, a Elasticidade, refere-se à possibilidade de transformar o espaço juntando várias áreas de estadia.

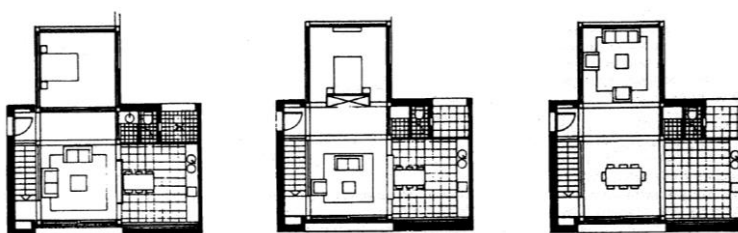


Figura 5 – “G. Beguin, J. A. Macchini; mobilidade: a natureza dos compartimentos pode mudar completamente em função da organização do mobiliário”

Autor	Tipos de Flexibilidade	Designação
Alexandra Paiva	Flexibilidade Inicial ou Conceptual	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fase do projeto/contrução</li> <li>«Conceção técnica e arquitetónica de soluções flexíveis»</li> </ul>
	Flexibilidade Permanente	<ul style="list-style-type: none"> <li>Período de uso</li> <li>«Possibilidade de modificar o espaço e o uso no tempo»</li> </ul>
Jeremy Till e Tatjana Schneider	Soft System	<ul style="list-style-type: none"> <li>Possibilidade de uma abordagem de planeamento mais relaxado ao adaptar o projeto de acordo com as suas necessidades</li> </ul>
	Hard System	<ul style="list-style-type: none"> <li>Criação de uma espaço multifuncional determinados pelo designer como mudaram ao longo do tempo</li> </ul>
Ghazaleh Safarzadeh, Somayeh Mousazadeh, e Dr. Brian R. Sinclair	Spatial Flexibility	<ul style="list-style-type: none"> <li>Permite um espaço aumentar, diminuir ou ser subdividido de maneiras diferentes de modo a responder do utilizador de mudar o espaço</li> </ul>
	Functional Flexibility	<ul style="list-style-type: none"> <li>Permite que diferentes funções tomem lugar numa base/estrutura</li> </ul>
	Aesthetic Flexibility	<ul style="list-style-type: none"> <li>Racionalização de uma reflexão entre a melhor adaptabilidade, reação e sinergia entre o “recheio” e a “carcaça/esqueleto”</li> </ul>

Tabela 2 – Resumo dos diversos tipos de Flexibilidade segundo Alexandra Paiva; Jeremy Till e Tatjana Schneider; Ghazaleh Safarzadeh, Somayeh Mousazadeh e Dr. Brian R. Sinclair

Finalmente o terceiro grupo, é composto somente pelo conceito *Aesthetic Flexibility*. Esta foca-se na interação e interface entre o interior e exterior, Segundo os autores, esta somente acontece se refletir a existência de uma melhor

adaptabilidade juntamente com a reação e colaboração do recheio de um edifício e a sua carcaça. O interior e o exterior devem estar em perfeita harmonia.

### 3 Contexto Social e Urbano

#### 3.1 As Freguesias da Ajuda e de Belém

##### **História da Freguesia da Ajuda**

Situada na zona ocidental do concelho de Lisboa, a freguesia da Ajuda, foi instituída em 1551, devido a uma ermida de peregrinação. Segundo a lenda, um pastor que passou pela zona, viu uma aparição de Virgem Maria. Isto levou vários crentes a visitar a zona, acabando por levar a que alguns se instalassem na zona.

Para além da lenda, a construção da Ermida de Nossa Senhora da Boa-Hora, também contribuiu para o aumento da população.

Este aumento levou a que fosse necessário construir uma igreja maior, a Igreja e Convento da Nossa Senhora da Boa-Hora.



*Figura 6 - Gravura da Ermida de Nossa Senhora da Ajuda*

##### **História da Freguesia de Belém**

Situada a ocidente da freguesia da Ajuda e composta pelas antigas freguesias de Santa Maria de Belém e São Francisco Xavier.

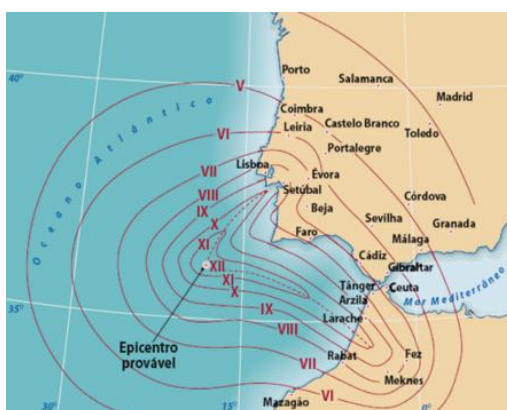
Esta começou a desenvolver-se pouco antes da Ajuda, com o cultivo das terras por parte dos mouros e pela sua proximidade ao Rio Tejo, desenvolvendo-se a partir das atividades ribeirinhas. Esta surge a partir do Restelo, na altura uma aldeia, que acolhia os marinheiros.

## Terramoto de 1755

No dia 1 de novembro de 1755 (dia de Todos os Santos), houve um sismo – com uma magnitude estimada entre 8.5 e 8.7 na escala de Richter, mas segundo Fonseca (2020), que estimou através de fórmulas matemáticas, a magnitude terá sido á volta de 7.7 – seguido de um maremoto e vários incêndios, que destruíram grande parte do concelho de Lisboa, especialmente a zona hoje conhecida por Baixa Pombalina.



*Figura 7- “Lisboa antes e depois do terramoto. Gravura alemã do séc.XVIII da coleção “Augsburgische Sammlung” exposta no Museu da Cidade”*



*Figura 8 - Carta de isossistas do sismo de Lisboa de 1755*

A freguesia da Ajuda foi uma das menos afetadas, embora também tenha sofrido vários danos. Grande parte do seu património ficou destruído, incluindo o edifício original do Convento da Boa-Hora

A própria família real também sofreu com o terramoto. Estes tiveram de abandonar o Palácio da Ribeira e mover-se, seguidos pela corte, para a Quinta de Cima na Ajuda. Instalando-se numa estrutura que viria a ficar conhecida como Real Barraca.

A mudança da Família Real, fez aumentar ainda mais a população da Ajuda, quando vários súbditos decidiram segui-los, devido à insegurança que o terramoto trouxe para todos os Lisboaetas. Estimasse que a população local aumentou de 1059 habitantes para cerca de 4748.

## Contexto Social

Segundo os resultados provisórios dos Censos de 2021, atualmente, a freguesia da Ajuda tem uma população residente de cerca de 14 131 habitantes, tornando-a uma das freguesias com menor população no concelho de Lisboa. Em comparação aos dados dos censos de 2011, houve um decréscimo de 8,35% da população desta freguesia.

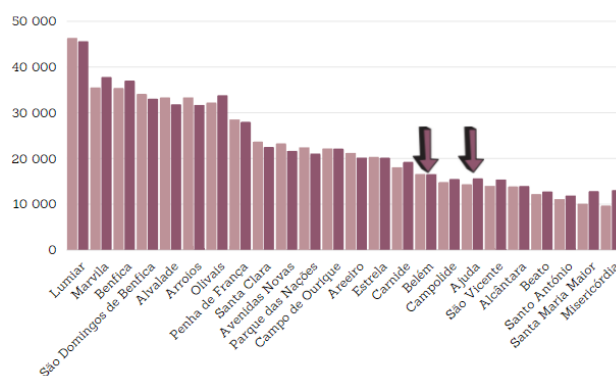


Figura 9 - Comparação População Residente, por Freguesias, entre 2011 e 2021

Na freguesia de Belém o número total de população residente não se alterou muito, com aumento de apenas 0.1% e com 16549 residentes.

Comparativamente ao resto de Lisboa com 24 freguesias, em que Lumiar assume o 1º lugar com 46 338 residentes, Belém encontra-se em 16º e Ajuda em 18º (Figura 9).

Existem vários fatores que levam as estas posições. Um destes poderá ser a freguesia encontrar-se longe do “centro” de Lisboa (Baixa Pombalina) e não existirem muitos transportes que conectem o lado ocidental de Lisboa ao lado oriental e centro – o metro por exemplo, não tem uma linha que chegue à zona de Belém e Ajuda – o que acaba por levar muita população jovem e turismo a focarem-se nas áreas do concelho com maior facilidade de deslocação.

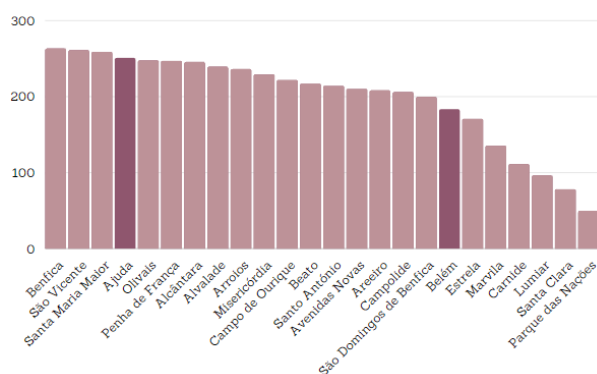


Figura 12 - Índice de Envelhecimento (nº), por Freguesias, 2011

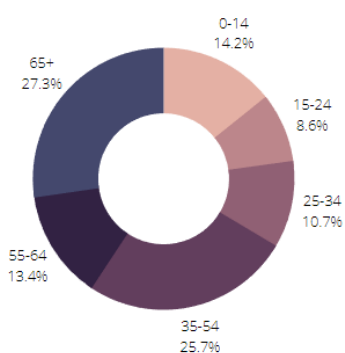


Figura 11 - População Residente por Escalões Etários, Freguesia de Belém, 2011

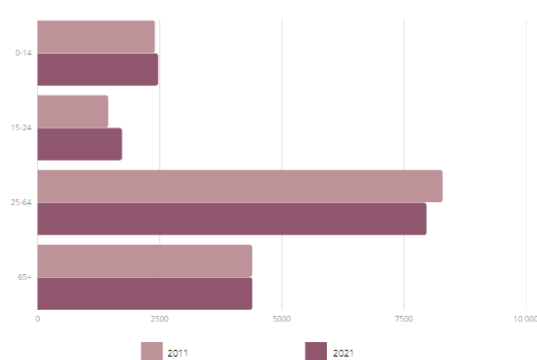
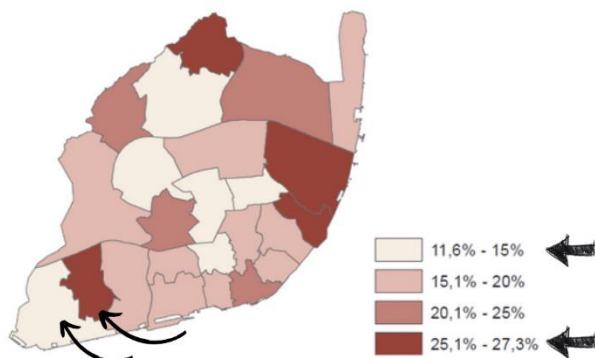


Figura 10 - Comparação População Residente por Grades Grupos Etários, Freguesia de Belém, entre 2011 e 2021

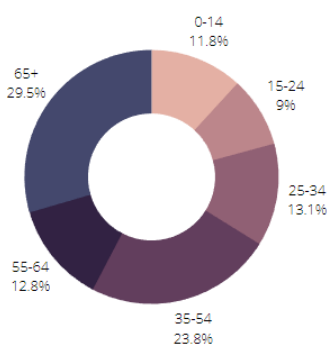
Em 2011, verificou-se que embora a freguesia de Belém tinha um índice de envelhecimento mais baixo (índice de 183.1), rodando a média do município de Lisboa (índice de 182.8), a Ajuda era uma das mais envelhecidas do concelho (Fig. ), sendo a 4ª com população mais velha (índice de 250.5), com cerca de 42.3% da sua população da com mais de 55 anos (Figura 11). Este é um grupo maioritariamente com famílias formadas, com empregos ou com grande parte já

reformado. Estes residentes já na idade da reforma formam quase 30% deste grupo.

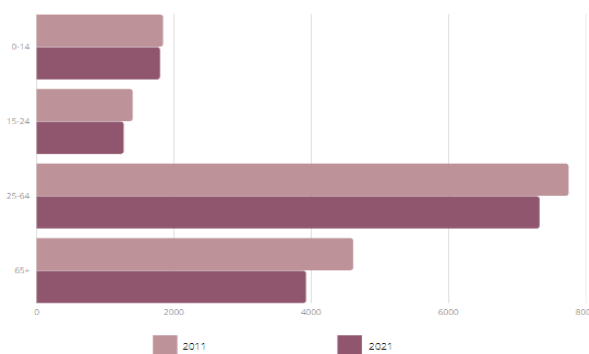


**Figura 13** - “Nem-nem”, População Residente entre os 20 e os 30 anos que não trabalha nem estuda, por Freguesia (%), 2011

Apenas 13.1% da população da Ajuda tem entre os 25 e os 34 anos (Figura 14). Grupo normalmente composto por adultos que começam a entrar no mercado de trabalho e em alguns casos a terminar estudos. Estes dados tornam-se preocupantes ao perceber que a Ajuda é também uma das freguesias com mais jovens entre os 20 e os 30 anos que não trabalha nem estuda (Figura 13).



**Figura 14** - População Residente por Escalões Etários, Freguesia da Ajuda, 2011



**Figura 15** - Comparação População Residente por Grupos Etários, Freguesia da Ajuda, entre 2011 e 2021

Em Belém os números da população residente não diferenciam muito dos da Ajuda, com 42.3% da população com mais de 55 anos e apenas 13.1% de jovens dos 25 aos 34 anos. No entanto, a percentagem é muito mais baixa entre o número de jovens entre os 20 e os 30 que não trabalham nem estudam (Figura 15).

Duas freguesias, lado a lado, com uma grande discrepância quanto aos jovens que nem estudam, nem trabalham. É necessário criar mais oportunidades de trabalho e espaços apelativos a jovens, criando uma estratégia de modo a tentar aproximar os valores da freguesia da Ajuda aos valores da de Belém.

## 3.2 Contexto Urbano

### Território

Inicialmente a freguesia da Ajuda era constituída por terrenos de cultivo e alguma casas de campo, Depois do terramoto e construção da real barraca e com a mudança da família real para esta zona, a freguesia começou a ganhar mais popularidade.



*Figura 16 – Sobreposição das cartografias de épocas diferentes na zona de Ajuda e Belém*



*Figura 17 – Topografia da zona de Ajuda e Belém*

Através de quatro cartografias diferentes foi possível identificar as épocas de construção dos edifícios desta zona.

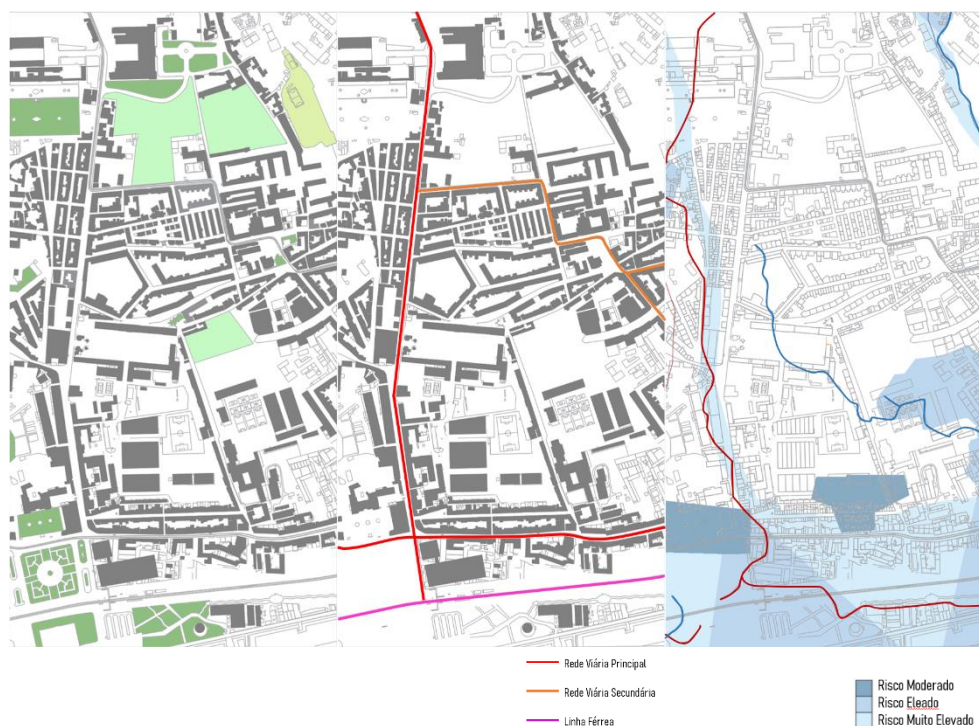
A primeira cartografia de Filipe Folque de 1879, mostra como a maioria da construção que ainda existe hoje, se encontra mais junto do rio, na zona de Belém. Nesta altura também já tínhamos construído alguns pontos de interesse,

nomeadamente o Quartel de Lanceiros nº2, o Forte de Conde Lippe, o Picadeiro Henrique Calado e parte do Palácio de Belém.

Através da cartografia de Silvio Pinto de 1911, já temos mais algumas habitações mais a norte. E podemos também ver que entre 1879 e 1911 foram construídos o Palácio da Ajuda, o Jardim Botânico da Ajuda e o nosso local de estudo, o Convento da Boa-Hora.

Com duas cartografias mais recentes uma de 1950 e outra de 2020, é possível ver que a maioria dos edifícios construídos nestas épocas, se encontram numa zona mais central e perto do local de estudo.

A zona da freguesia de Belém à freguesia da Ajuda, tem uma topografia com uma inclinação bastante acentuada. Subindo cerca de 100 metros desde o rio Tejo ao Palácio da Ajuda.



*Figura 18 – Esquerda: espaços verdes existentes nas freguesias da Ajuda e Belém; Centro: Vias principais(vermelho), secundárias(laranja) e linha férrea (roxo); Direita: Zonas mais propícias a inundações*

A maior zona verde encontra-se mais a norte do que o que é visível na fig. X, mas tirando essa área, as freguesias não têm muitos espaços verdes

qualificados. Estes têm uma maior presença ao longo da Calçada da Ajuda e junto da margem do rio.

Perto do Convento da Boa-Hora, existem apenas duas pequenas zonas verdes.

Esta área tem algumas vias importantes, nomeadamente a linha destacada a vermelho que segue a Calçada da Ajuda e a Rua da Junqueira, que se cruzam.

A roxo estão marcadas as vias secundárias, compostas pela Rua da Bica do Marquês, que liga à Calçada da Ajuda, Rua Dom Vasco que leva ao Palácio da Ajuda e a Calçada da Boa-Hora, que liga o Convento e Largo da Boa-Hora, à Rua da Junqueira e à Rua Dom Vasco.

As zonas junto da margem do rio são as mais propícias a inundações, juntamente com parte da Calçada da Ajuda, devido à acentuada inclinação do terreno desde a Ajuda até Belém. Isto porque as estradas impermeáveis levam com que toda a chuva escorra pela encosta abaixo e quando esta finalmente lá chega encontra mais terreno impermeável. Consequentemente isto faz com que parte destas ruas, como a Calçada da Ajuda se tornem em zonas de risco moderado de inundação.

## 4 Hospital Militar de Belém

### 4.1 Cronologia

A data da construção do edifício original é desconhecida, não existindo plantas ou documentos sobre a construção do mesmo. No entanto sabe-se que no dia 1 de novembro de 1755, este ficou completamente destruído devido ao terramoto e incêndios.

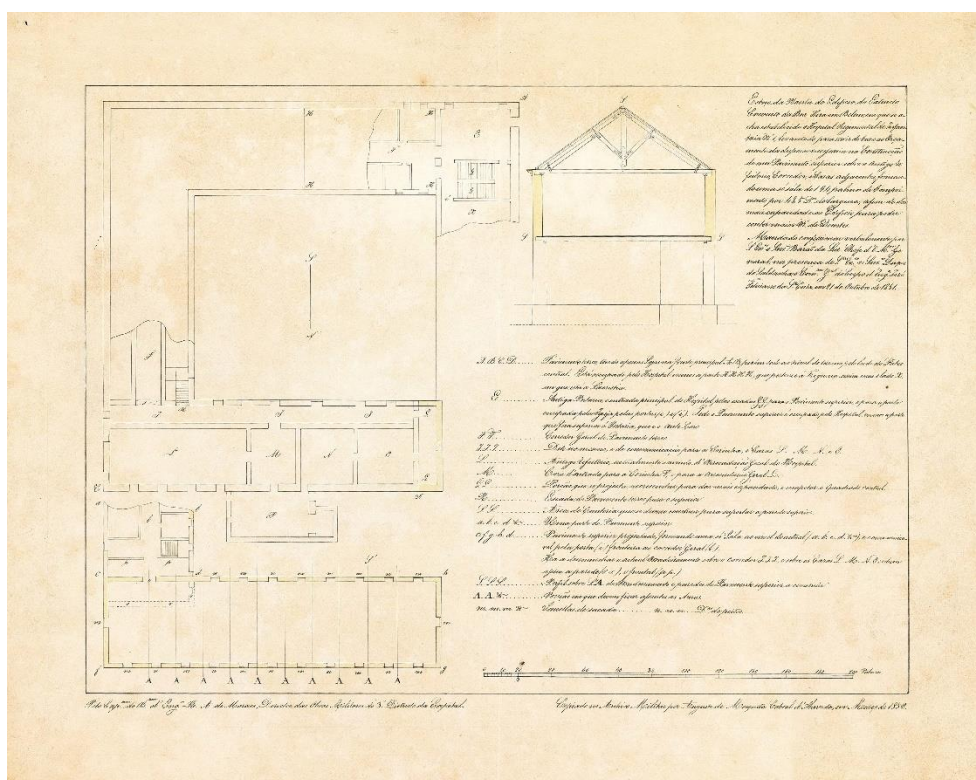


Figura 19 – 1852; Esboço da Planta do Edifício do Convento

O novo convento da Nossa Senhora da Boa-Hora foi então reconstruído em 1758. Em 1834, as ordens religiosas são extintas e proibidas. Levando a que o convento perca a sua função e mais tarde a partir de 1890, passa a funcionar somente com funções hospitalares, com o aparecimento de uma das maiores

pandemias, a da Tuberculose. Este passa a Hospital da Infancia nº1 e meses mais tarde passa a designar-se de Hospital de Campanha Imobilizado.

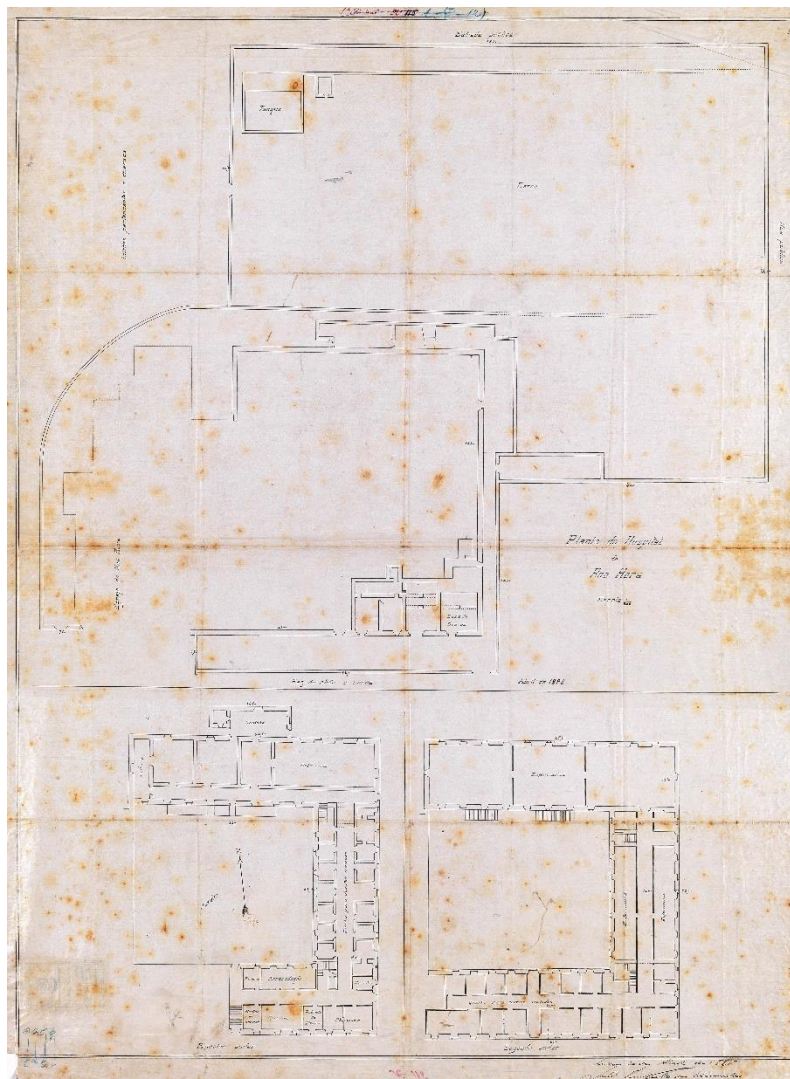


Figura 20 – Planta de 1895 do Edifício do Convento e da Cerca

Em 1926, é usado somente exclusivamente para o tratamento de doenças infetocontagiosas. Por esta altura na zona na área a norte do convento denominada de Cerca são construídas enfermarias de apoio.

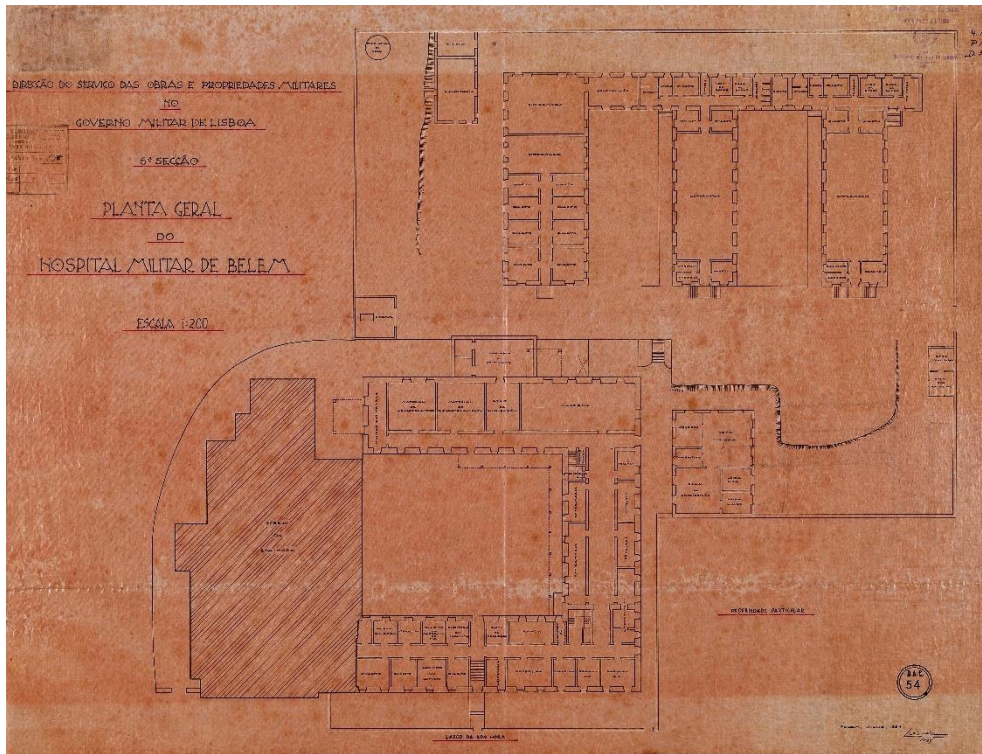


Figura 22 – 1934 - Planta Geral do Hospital Militar de Belém

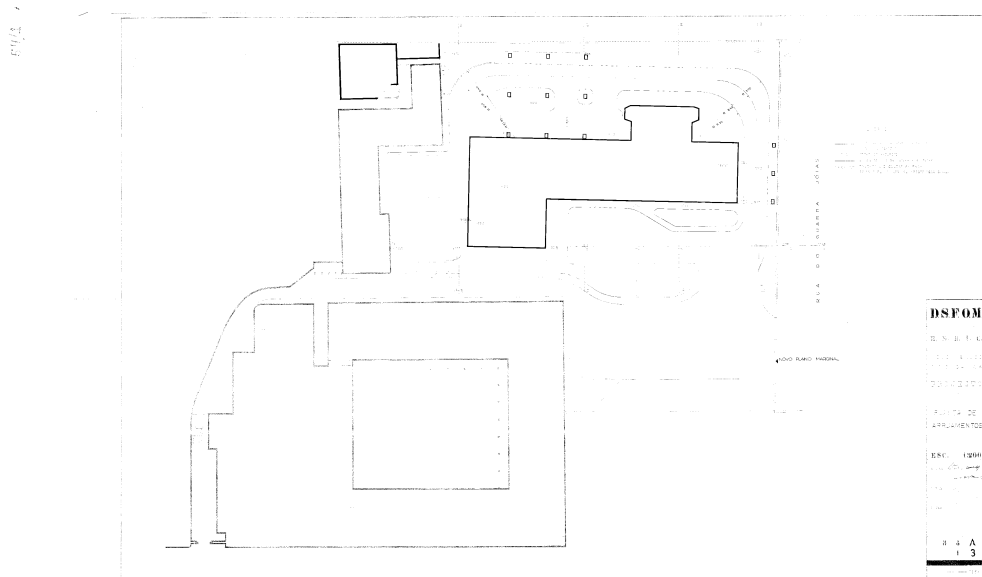


Figura 21 – 1963 - Planta Geral do Hospital Militar

Em 1972 é construído um edifício denominado de Novo Bloco, que substitui as antigas enfermarias e que vem ajudar com mais 250 camas. E finalmente em 1990, os dois edifícios em conjunto, passam a designar-se por Hospital Militar de Belém (HMB), como ainda hoje é conhecido.

Infelizmente em 2013 encerra totalmente todas as suas funções, devido ao decreto-lei nº 187/2012, que cria o Polo de Lisboa do Hospital das Forças Armadas.

Em 2020, aparece uma nova pandemia e o hospital volta a atividade, sendo inaugurado como Centro de Apoio Militar ao Covid-19.

-----	1/11/1755	TERRAMOTO DESTROI O CONVENTO ORIGINAL
-----	1758	INICIO DAS OBRAS DE RECONSTRUÇÃO
-----	1890	CONVENTO DA BOA-HORA PARA A HOSPITAL REGIMENTAL DA INFANTARIA Nº1/HOSPITAL CAMPANHA
-----	1900	CONSTRUÇÃO DOS EDIFÍCIOS DAS ENFERMIARIAS A NORTE DO CONVENTO
-----	1934	
-----	1972	CONSTRUÇÃO DO BLOCO NOVO QUE SUBSTITUI AS ENFERMIARIAS
-----	2012	ENCERRAMENTO DE TODAS AS
-----	2013	ATIVIDADES HOSPITALARES
-----	2020	REABERTURA DAS ATIVIDADES HOSPITALARES NO BLOCO NOVO COMO CENTRO DE APOIO MILITAR COVID-19

## 4.2 Convento da Nossa Senhora da Boa-Hora

Embora o edifício do convento tenha sido construído em conjunto com o edifício da igreja, quando este passou a ser usado como hospital, foi bloqueada a passagem entre os dois edifícios, tornando-os independentes um do outro.

Através das plantas existentes, podemos perceber que o convento, até 1896, era constituído por 3 pisos a sul e por 2 pisos a este e norte, com uma área a norte do mesmo denominada de “cerca” e delimitado por um muro. Hoje o edifício tem um piso adicionado pelos militares, a norte e parte do muro foi destruído. Foram ainda adicionadas galerias abertas no pátio, a norte e este. Zona por de baixo da galeria norte foi fechada, criando áreas.

Todas estas intervenções, trouxeram diversos danos a várias zonas do edifício. A norte, é possível encontrar-se fendas horizontais, ao longo de todo o perímetro da fachada e as asnas do telhado ficaram apoiadas em paredes muito mais finas. Se este piso continuar a existir, é possível que a ala norte venha a ruir. Os pisos inferiores com paredes estruturantes mais largas e a estrutura do telhado continuem em bom estado, sendo possível simplesmente baixar de novo o telhado para a sua cota original.

No canto entre a ala sul e este, encontra-se uma estrutura em betão armado, feito para aguentar um sótão feito acima destes pisos. No entanto esta estrutura está a danificar as paredes interiores, que são originalmente paredes com uma estrutura de gaiola pombalina.

Os pavimentos continuam todos em muito bom estado, permanecendo até hoje os originais, assim como a maioria dos azulejos.

A sul o piso com cota mais baixa, que dá para a rua, conecta-se por dois tipos de escadas diferentes. O lado oeste só é possível aceder por uma escada em caracol que parece ter sido adicionada mais tarde, e o lado este também é possível aceder por outras escadas e pelo exterior, por uma porta na fachada este. Neste piso existe ainda um túnel que através de cartografias antigas é possível admitir que este desse acesso ao pátio através de umas escadas, que hoje já não existem.

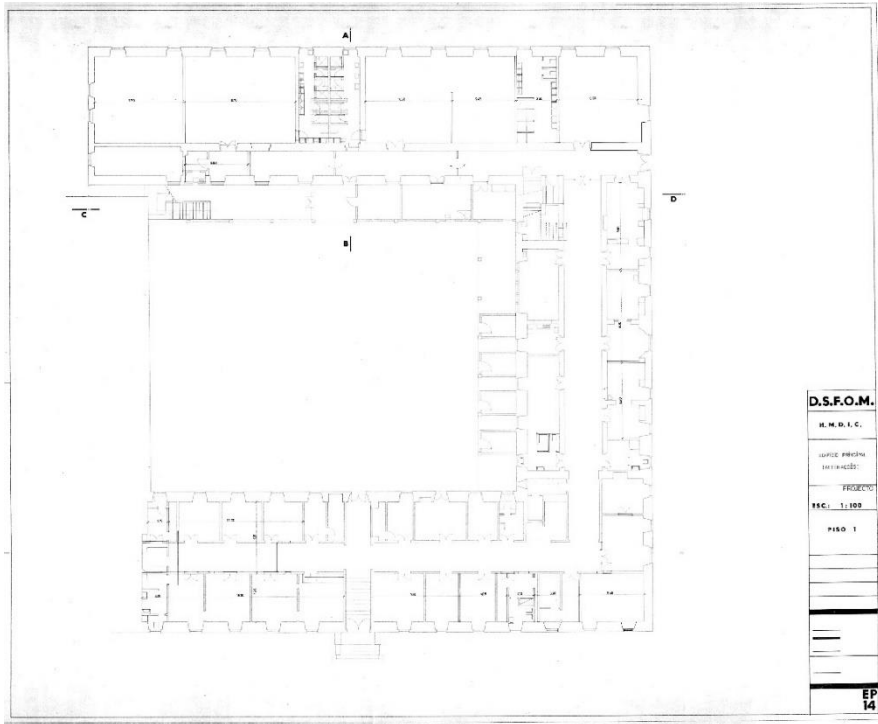


Figura 23 – 1997 -Planta Piso 1 do Convento

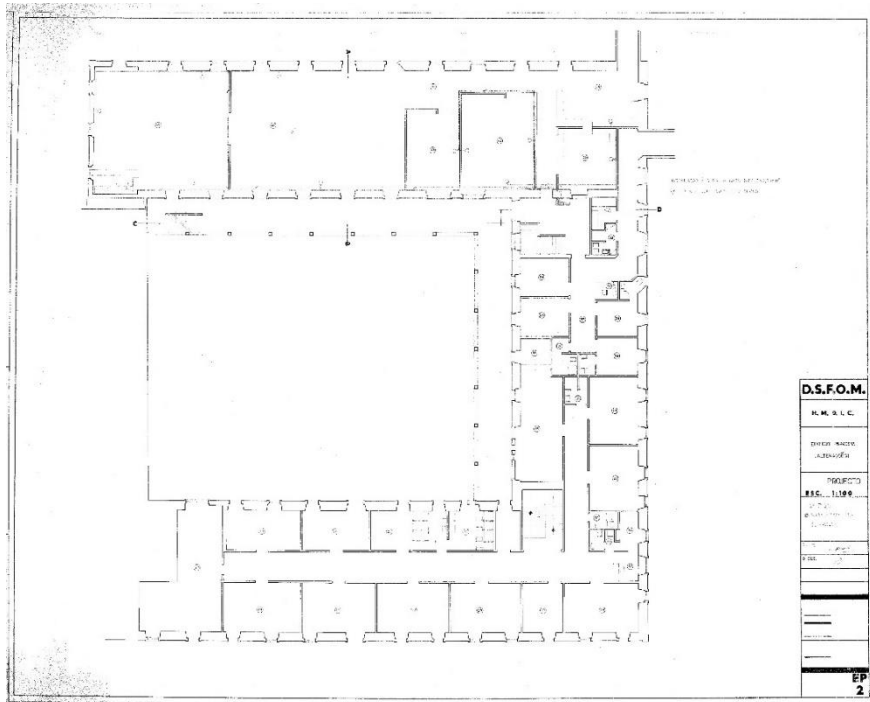


Figura 24 – 1997 -Planta Piso 2 do Convento

### 4.3 Novo Bloco

Este edifício encontra-se a norte do convento ainda dentro da Cerca. Este foi projetado em 1963 e mais tarde construído em 1972.

Recentemente este edifício teve algumas intervenções de modo a poder ser de novo usado, mas agora no combate à pandemia de Covid-19, tendo a maioria destas sido feitas no piso 0.

Atualmente encontram-se em uso apenas as entradas do lado este do edifício, com a entrada principal a sul e a entrada para doentes em ambulatório a norte. No entanto, através do acesso a sul podemos aceder, por um corredor, ao lado oeste do piso 0. É usado maioritariamente como arcas e arrumos para a cozinha, mas também cria uma ligação através de duas pontes ao edifício do convento.

Todo o edifício é no geral bastante compartimentalizado, mas o piso 0 em específico, torna-se um pouco confuso com os corredores, especialmente o lado oeste.

Dos pisos 1 ao 6, a organização dos espaços é toda muito semelhante. Uma ala mais comprida, com 2 alas perpendiculares. Uma ala a este e outra a oeste. A ala principal é composta por quartos, a ala oeste por laboratórios e consultórios e um acesso vertical, composto por escadas, e a ala este, mais curta, é composta por mais algumas salas e acessos verticais principais. Estes acessos são organizados através de uma simetria com 1 escada e 2 elevadores de cada lado, divididos por uma parede. Os acessos do lado Este destas escadas ligam aos pisos 1 a 3 e os do lado oeste ligam aos pisos 4 ao 6.

O piso 6 é o do terraço, onde também se encontram espaços de bar e auditório, construídos após a construção do projeto original.

Externas ao edifício encontram-se as arrecadações, garagem, lavandaria, estendal, morgue e acessos a esta última.



*Figura 25 – Axonometria com Plantas do Novo Bloco do Piso 0 ao Piso 5*

## 5 Casos de Referência

### 5.1 Gap House, Archiwood WXY



Figura 26 – Foto da Gap House do Exterior



Figura 27 – Foto da Gap House do Pátio

Projetado em 2015 em Bokjeong-dong, Coreia do Sul, para jovens e para os seus estilos de vida mais modernos.

Na Coreia do Sul existe uma grande cultura de partilha de comida ou da hora de refeição com amigos, especialmente entre os mais novos. É comum perguntar a um amigo se já comeu, como forma de perguntar se a pessoa está bem. Com isto em mente, cada piso deste projeto, para além das habitações –



Figura 28 – Planta Piso 2F (Piso tipo)

que consistem num quarto com uma secretária – contêm 2 salas comum, que também funcionam como espaços de refeição.

O piso térreo contém apenas espaços de estacionamento, jardim, acessos verticais, sanitários e comércio.

Embora haja vários pisos de habitação, cada um com os seus pontos de lazer e refeição, os residentes usam à mesma os espaços principais de lazer no piso 0.

Este mostra que não é necessário um quarto ter estes espaços de lavandaria, refeição, etc, podendo ser de carácter publico.

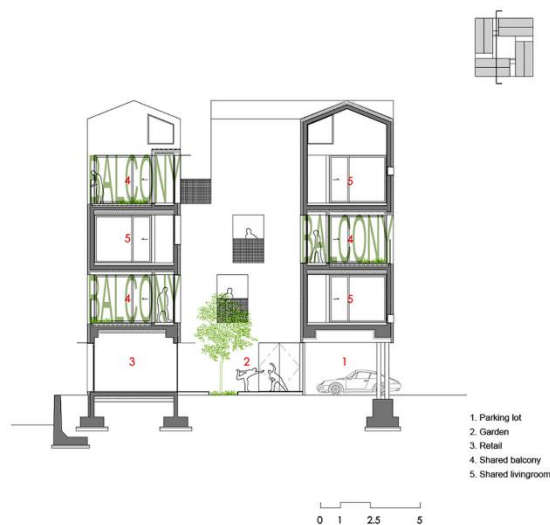


Figura 29 – Corte do Edifício

## 5.2 Tree House, Bo-DAA



Figura 30 – Foto do pátio



Figura 31 – Foto do exterior do edifício

Localizada em Seoul, Coreia do Sul, este projeto é composto por *micro-studios* e *micro-lofts*. É um espaço onde é possível habitar e trabalhar em áreas de trabalho comuns.

O seu nome deriva do formato do edifício quando visto em corte e do pátio-jardim central no piso térreo.

O piso térreo consiste em espaços de restaurante, pátio, espaço de *coworking*/sala de reuniões, biblioteca, lavanderia, espaço para lavar os animais de estimação e reprografia.

Abaixo do piso térreo existem 2 pisos subterrâneos com estacionamento. Acima foram desenhados 6 pisos habitacionais. Cada um destes, com habitações com áreas diferentes e para estilos de vida diferentes.

Este projeto mostra como um *coliving* e *coworking*, beneficiam-se mutuamente. Criando conexões entre quem nele habita ou trabalha.

O projeto também demonstra que embora os espaços de habitação permitam a possibilidade de trabalhar, a maioria usa os espaços de *coworking*.

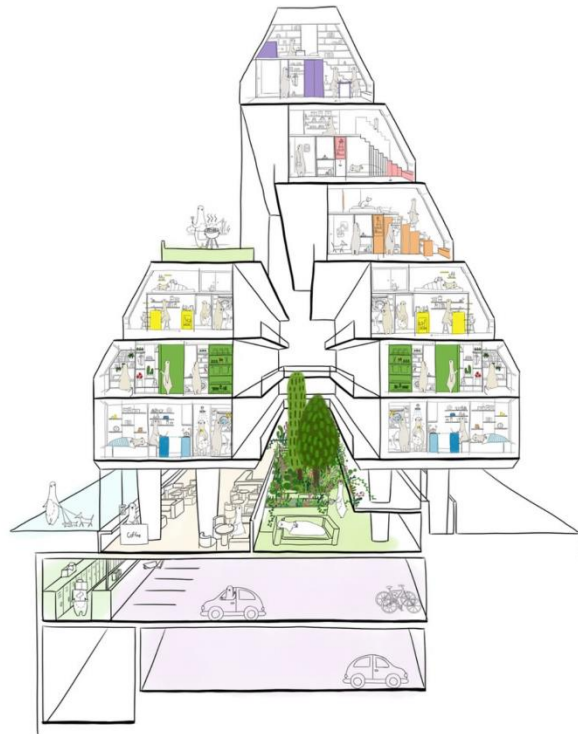


Figura 33 – Corte em perspectiva

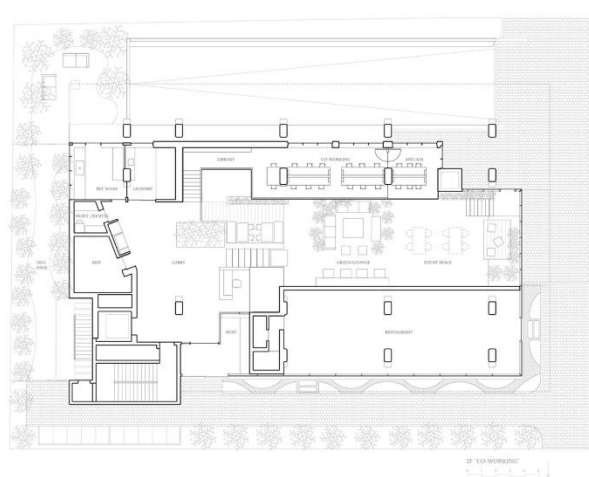


Figura 32 – Planta Piso 0

### 5.3 Rietveld Schröder, Gerrit Rietveld



*Figura 34 – Foto do exterior da casa*



*Figura 35 – Foto do piso superior*

Um dos casos mais clássicos da arquitetura moderna e no conceito da Flexibilidade, localiza-se em Utrecht, Países Baixos e foi desenhado em 1924.

Um edifício com o seu exterior marcado pela sua geometria, abstração e uso de cores primárias e neutras, e o seu interior pela Flexibilidade do espaço.

No piso térreo existe um estúdio, espaço de leitura, espaço de trabalho, dormida e ainda, uma área que pode funcionar como cozinha, sala de estar ou sala de jantar.

No entanto, é no piso superior – onde ficam os quartos – que podemos ver claramente o conceito da Flexibilidade aplicado através de divisórias móveis. Estas divisórias foram feitas para que durante o dia houvesse a possibilidade das crianças que aqui habitariam, poderem abrir o espaço para brincarem durante o dia e de noite fechá-las para dormir.

É possível ver como através de portas é possível modificar o espaço, levando-o de um espaço para atividades durante o dia vários espaços privados para dormir de noite.

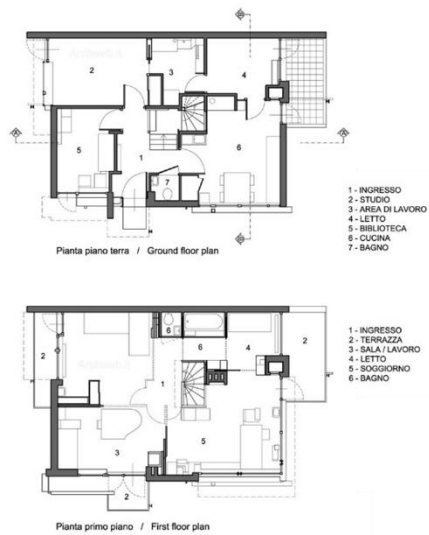


Figura 36 – Plantas do Piso 0 e Piso 1

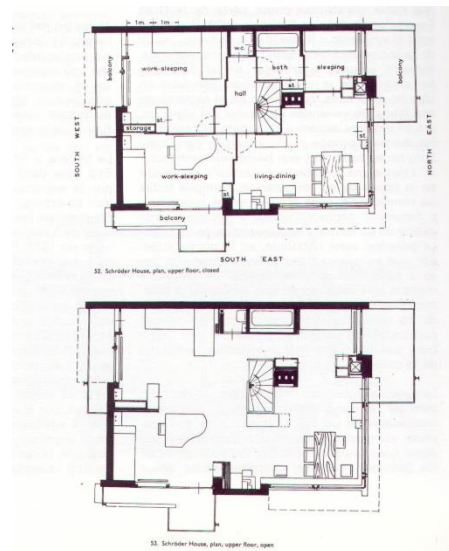


Figura 37 Plantas do piso 1, em cima com as portas fechadas, em baixo com as portas abertas

## 5.4 Convento das Bernardas, Souto Moura



Figura 38 – Foto do pátio do edifício antigo



Figura 39 – Foto do pátio do edifício novo

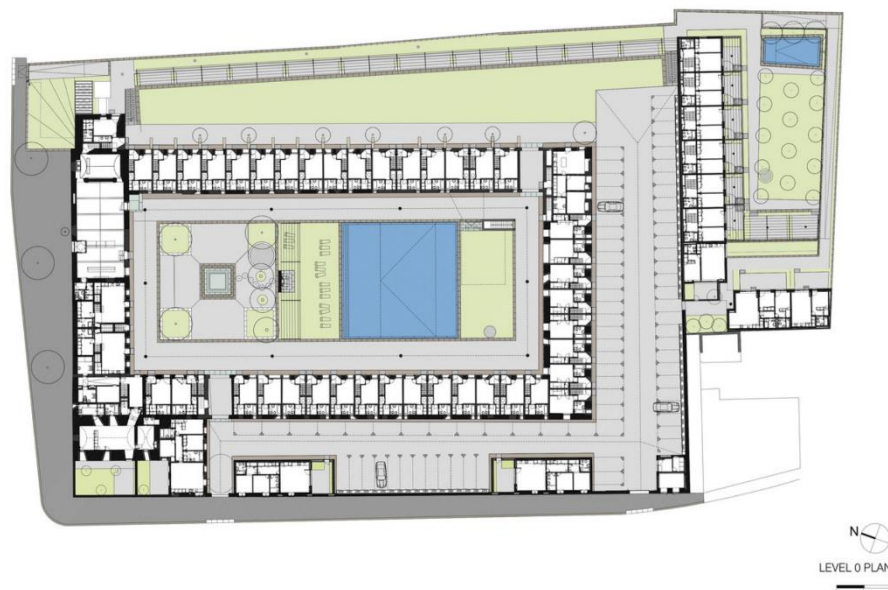
Construído em 1509 em Tavira, Portugal e reabilitado em 2012.

Este edifício teve várias funções no passado, tendo já sido um convento, uma fábrica e atualmente uma residência habitacional.

Composto por 78 apartamentos de tipologias diferentes (T0 a T3), o projeto é constituído pelo edifício antigo (o convento) e um edifício novo anexado em forma de “L”. Os apartamentos no edifício novo começam no piso -1 e vão até ao piso 0. No edifício antigo, estes começam no piso 0 até ao piso 2.

Os apartamentos do edifício do convento têm acesso através do pátio onde se encontra uma piscina e jardim para os residentes.

Este projeto demonstra a possibilidade de uma simbiose entre um edifício antigo de caráter religioso e um edifício contemporâneo, tornando-o num edifício só, através de uma ponte exterior que os liga.



*Figura 40 – Planta do Conjunto dos edifícios do piso 0*

## 6 Proposta

### 6.1 Reabilitação como Estratégia

A reabilitação pode ser uma estratégia bastante versátil na arquitetura. Existem muitos edifícios que começam a tornar-se velhos e devolutos, levando à necessidade de os destruir mais tarde, para recomeçar um edifício do zero.

Embora em alguns casos esta seja a melhor solução. Por vezes o edifício pode não trazer qualquer qualidade arquitetónica, construtiva ou histórica ao sítio onde se encontra, por outro lado já se encontrar num estado tão degradado que não existe outra solução que não destruir.

Descartando estes casos, a reabilitação pode trazer benefícios como a sustentabilidade e ser mais economizadora.

Ao optar-se por esta estratégia, por norma vai ser utilizado menos material. Visto que a construção existente já tem um esqueleto que pode ser aproveitado. Isto leva também a que o orçamento possa ser mais curto, ou mantendo-se igual, podendo usar esse extra noutra parte do projeto.

Os espaços de *coliving*, são publicitados como alternativas mais económicas para jovens ou nómadas vindos de outras cidades ou de outros países. No entanto, os *coliving's* atualmente existente em Lisboa são tão ou mais caros que um apartamento na mesma zona.

Como este projeto é um *coliving*, em que uma pessoa, organização ou outro, arrenda estas habitações a outra pessoa, para além de ser mais económico para estes que financiam, este pode, por conseguinte, ser uma opção mais económica para que irá mais tarde habitar.

Esta solução, nesta zona da cidade, também se enquadra modo a não perturbar a “estética” e ambiente. Dá um novo uso a um edifício antigo, com significado para a área e habitantes, com história e sem qualquer uso atualmente.



*Figura 41 – Foto da estrutura em betão danificada*



*Figura 42 – Foto da estrutura em betão danificada*

Com isto em mente, o edifício do convento contem alguns instantes gravemente danificados, havendo uma necessidade urgente de reverter estes danos, de modo a não piorar o estado do edifício.

Este é um edifício importante, com história e marcante para esta freguesia. Logo a melhor ação, neste caso, é arranjar os danos e dar-lhe uma nova função que faça sentido no século XXI, mas que tenha igualmente a possibilidade de futuramente ganhar outra função que faça mais sentido e seja de mais utilidade a essa futura geração.



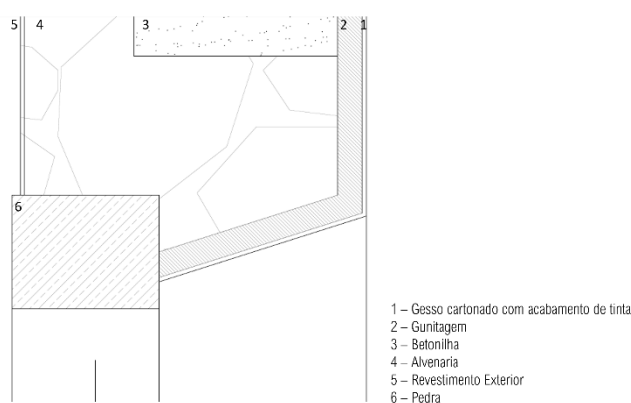
*Figura 44 – Foto dos Azulejos na Entrada Principal do Convento*



*Figura 43 – Foto dos Danos nos Azulejos na Entrada Principal do Convento*

A melhor reabilitação na maioria dos casos é aquela que pode se desenvolver ao longo dos anos, podendo ser reversível e não destruindo a história presente nas suas paredes, chão, marcas, etc. Se por exemplo, um azulejo antigo, fabricado ou pintado à mão, não fizer sentido para o seu uso atual, este pode ser tapado sem ser danificado.

No caso deste projeto, os azulejos da entrada, serão removidos por um profissional de modo a não os danificar ainda mais e guardados. Isto porque, infelizmente já faltam algumas partes do azulejo e para evitar que se danifiquem ainda mais. No entanto, o pavimento cerâmico, nos 3 pisos, serão cobertos com um piso elevado em madeira, de modo a não destruir o existente e a que seja possível passar tubagem de águas e cabos de eletricidade, entre pisos.



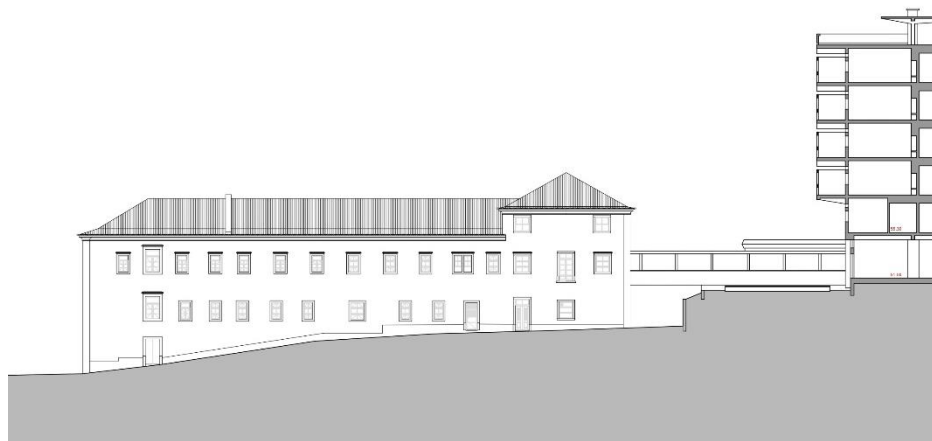
*Figura 45 – Detalhe da parede exterior*

De modo revestir o interior do convento, foi colocada uma gunitagem ao longo do lado interior de todas as paredes exteriores.

Para não danificar ainda mais a estrutura, não se mexeu nas paredes estruturais, sendo estas as que criam os corredores que levam aos apartamentos. No caso das paredes de divisão, de modo a conseguir colocar as habitações com espaços semelhantes, foi necessário destruir e reconstruir algumas, em alvenaria.

Na ala norte do convento, de modo a não causar mais danos, houve a necessidade de eliminar o piso adicionado pelos militares (Figura 47 e Figura 48). Este piso criou fendas ao longo de toda a parede entre estes 2 pisos.

Os acessos horizontais mantiveram-se os mesmos, adicionando apenas uma ponte do lado oeste, onde existiria uma ala se o convento ainda funcionasse com o edifício da igreja e não se tivessem tornado edifícios independentes. Ao levar este percurso de uma forma em “U” para uma forma em quadrado, esta leva a que não só facilite o percurso aos residentes da ala sul a ceder ao espaço de trabalho, como também remete aos típicos conventos com claustros em volta de todo o pátio.

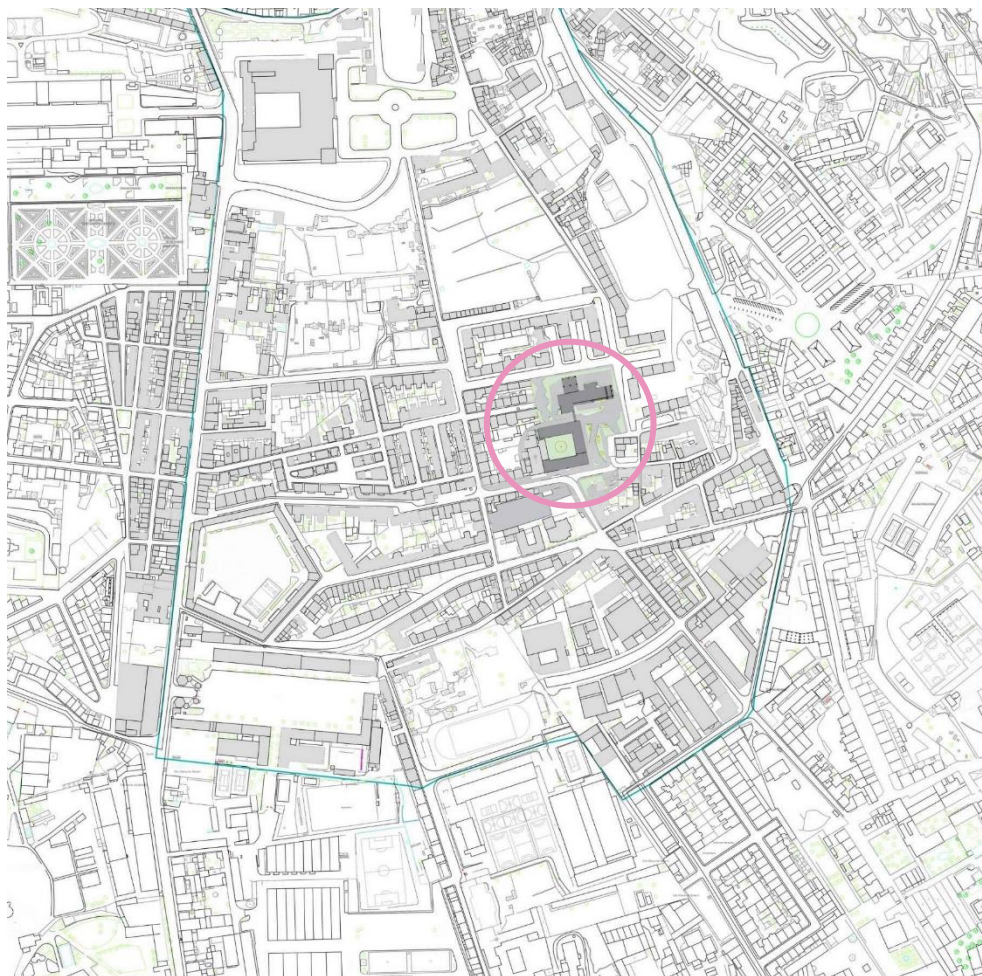


*Figura 47 – Alçado Este original*



*Figura 46 – Alçado Este com inserção do projeto*

## 6.2 Resolução do Espaço Público



*Figura 48 – Cartografia de parte da freguesia da Ajuda com identificação do projeto*

Optou-se por tornar-se público todo o espaço delimitado pela “cerca” de modo a não haver uma divisão entre quem habita e/ou trabalho nos edifícios, do resto da população.

A população da Ajuda é, no geral, bastante envelhecida. Ao não tornar estes espaços privados, embora não incentive, também não demitiza a interação entre a população mais nova, que usufruirá do projeto de habitação e trabalho, e a população envelhecida, que habita em redor.

Criou-se também a possibilidade de atravessar os espaços através da Tv. Nova de Dom Vasco que atualmente é um beco. Podendo de esta aceder à Tv. Do Guarda-Jóias, à R do Guarda-Jóias ou à Tv. Da Boa Hora à Ajuda. Esta decisão foi feita de modo a dar novo uso à Tv. Nova de Dom Vasco e no geral de facilitar os percursos pedonais.

Neste espaço foi feita então a decisão de criar u espaço de estacionamento para os utilizadores dos edifícios do projeto, - com 76 lugares de estacionamento para ligeiros, em que 8 são apenas para mobilidade reduzida e 10 para motociclos - mas foi criado sobre eles, espaços de lazer, permanência e passagem.

No entanto, estes espaços foram desenhados de modo que não fossem apenas uma cobertura de um parque de estacionamento, mas espaços verdes. Isto de modo a criar um ambiente agradável para a população e aproveitar o espaço, criando mais espaços verdes, na freguesia da Ajuda.

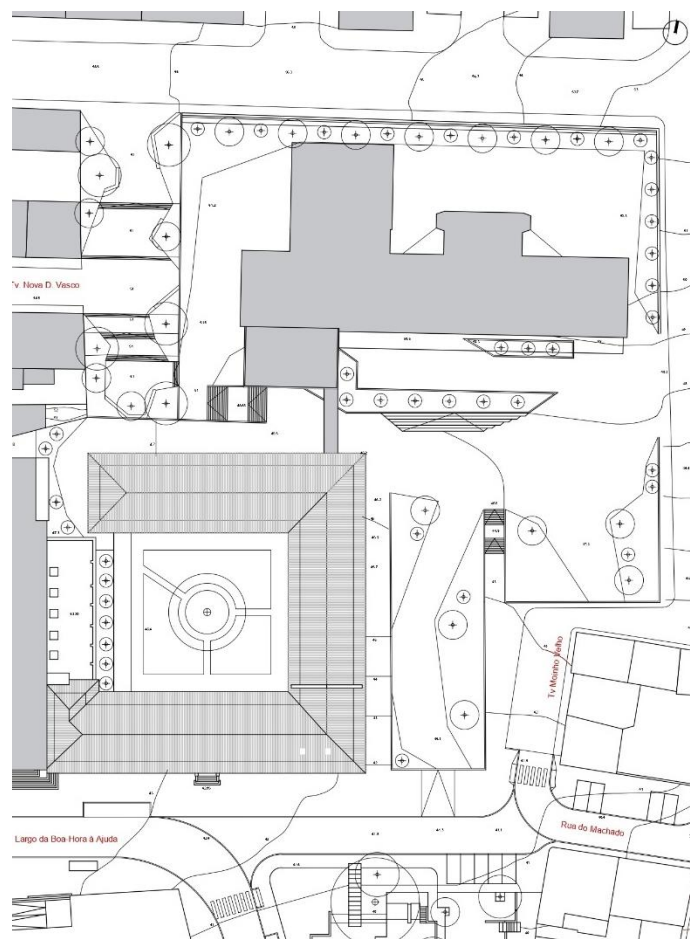


Figura 49 – Planta de cobertura

## 6.3 Afetação Funcional dos Edifícios e Articulação do Programa

Embora o projeto se foque mais a fundo no edifício do convento, foram atribuídos a ambos (Convento e Novo Bloco) novas funções.

O edifício do Convento da Nossa Senhora da Boa-Hora é onde se foca a função do *coliving*. No piso 0 foram criados espaços de comércio. Estes irão ajudar a financiar os espaços de *coliving*, de modo que, juntamente com o uso da reabilitação, as habitações possam ser de um valor mais baixo.

O piso 1 e 2, na ala norte, dedicam-se a espaços de serviços, como o espaço de trabalho, sanitários e espaço de lazer. Nas alas sul e este, foram colocadas as habitações com 3 tipos de habitações.

No edifício do Novo Bloco, parte deste é dedicado ao *coliving*, no entanto a sua outra função foca-se em espaços de *coworking*/escritórios para *start-ups*. Esta função irá gerar mais atividade económica e dar uma razão para aqui habitar.

O piso 0 deste edifício conecta-se ao piso da ala norte do convento e continua os espaços de serviço, sanitários, lavandaria, cozinha/refeição e lazer.

Os espaços comuns foram divididos entre os 2 edifícios, de modo a incentivar os residentes a utilizarem ambos e conviverem com o resto dos moradores. Isto dá ainda, de novo uso à ponte que liga o Convento e o Bloco Novo e torna estes edifícios, de certo modo num único edifício.

Aproveitando que os acessos verticais dão acesso a pisos diferentes do Novo Bloco, a divisão foi mantida. Podendo não residentes usar o espaço de *coworking* sem ter de passar pelos espaços comuns das habitações. Os acessos do lado este ligam aos pisos 1 a 3, onde se encontram estes espaços de trabalho e escritórios.

Os acessos do lado oeste, ligam aos pisos 4 e 5. Nestes temos o resto das habitações. Estas são maiores, comparadas às do Convento, para quem prefere um espaço maior, não partilhado ou até para casais, que precisam de mais espaço.

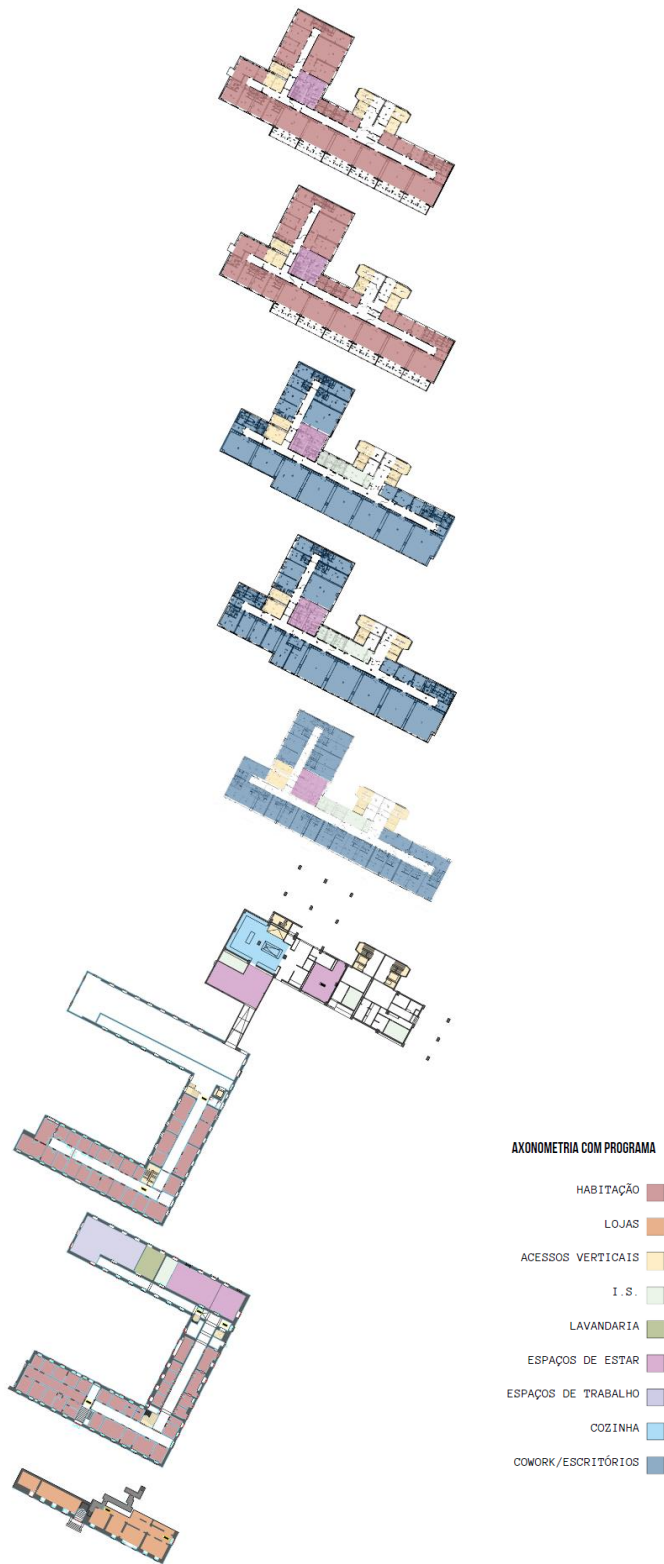


Figura 50 – Organograma em axonometria

## 6.4 Células Habitacionais

«Célula [...]

1. pequena cela

[...]

3. alvéolo dos favos de uma colmeia

4. pequena cavidade; cubículo

5. casulo da semente

[...]

7. BIOLOGIA elemento anatómico microscópico que é a unidade estrutural e funcional dos seres vivos e cujo tamanho é variável

[...] »<sup>1</sup>

Pensou-se muito sobre o que chamar aos espaços da habitação durante todo o processo do projeto. Chegando conclusão de que a palavra que melhor as descreve é célula, por serem a estrutura e o ponto focal do edifício e do projeto. Numa colmeia as células compõem toda a sua estrutura e sem elas não existe, assim como este projeto e programa, não existiria sem a habitação.

Mas o projeto também não existiria sem a flexibilidade e a adaptabilidade e foi necessário descobrir como inserir estes nas habitações.

Mais atrás já foi falado da existência de diversos tipos de Flexibilidade e que só alguns destes permitem e necessitam que esteja também presente a adaptabilidade.

Neste projeto optou-se por usar, como Paiva (2002) denomina, a Flexibilidade Permanente, através dos subconceitos Mobilidade, Evolução e Elasticidade.

Foram desenhadas 3 tipos de células diferentes: Célula A, que é a habitação principal do projeto, Célula B e Célula C.

As células são compostas por 3 espaços individuais em que o espaço central é o núcleo que permite a Flexibilidade da Célula habitacional. Este é composto pelas instalações sanitárias e espaço de trabalho. Ambos lados, têm portas que possibilitam a transformação do espaço e ligam aos quartos, havendo

---

<sup>1</sup>Porto Editora – célula no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-01-12 01:07:41]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/celula>

um de cada lado. E criando por todo o edifício uma composição de “abaabaaba”... - em que “a” equivale a um quarto e “b” ao núcleo Instalação Sanitária/Trabalho.

No caso das instalações sanitárias, estas permitem que enquanto um utilizador usa o chuveiro ou sanita – que são em si espaços fechados – o outro possa usar o espaço de passagem ou cubículo que não está a ser usado.

O espaço de trabalho pode prolongar-se do núcleo aos quartos, tornando este parte dos quartos, unindo-os, fazendo com que se possa até de certo modo partilhar os quartos entre residentes. No entanto, também é possível isolar o quarto completamente deste espaço, não havendo a necessidade de cruzar com o residente do quarto do lado. Este é um subconceito da flexibilidade à qual denomina-se de Elasticidade.

Também se encontra presente o subconceitos Evolução. No espaço do quarto, existe a possibilidade de adaptar o quarto ao utilizador ao longo do tempo. Isto porque os residentes de um *coliving* podem alugar estas habitações durante apenas 2 semanas por exemplo ou 3 anos.

Logo o espaço tem de ter a possibilidade de se adaptar a cada utilizador. Um residente pode viver no seu espaço sem ter de se cruzar com o vizinho com que partilha o núcleo, este pode trazer um amigo e partilhar este espaços juntos ou até mesmo fazer amizade com pessoa que irá habitar o quarto do lado. Estes espaços têm de ter a possibilidade de se tornarem espaços sociais por exemplo, ou criarem privacidade, seja para a pessoa se vestir, dormir, trabalhar, etc...

No caso da Célula A, entre os sanitários e o espaço de trabalho existe uma janela em bandeira de modo a permitir a entrada de luz natural durante o dia. Esta célula também é a única em que o espaço de trabalho é comum. Nas células B e C, tal não foi possível devido à área disponível.

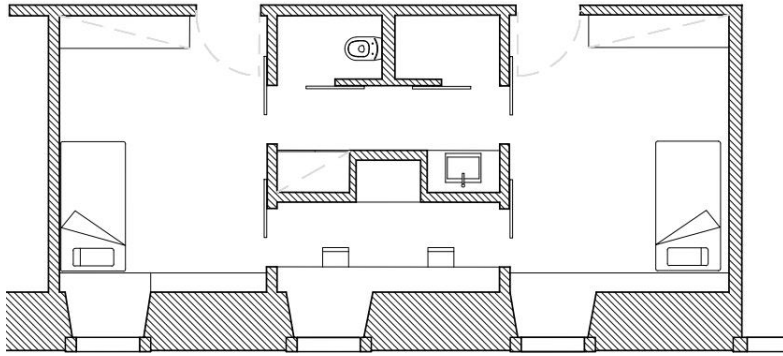


Figura 51 – Célula A (Planta)

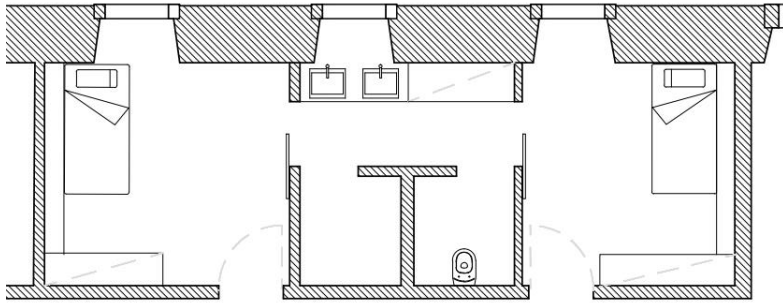


Figura 52 – Célula B (planta)

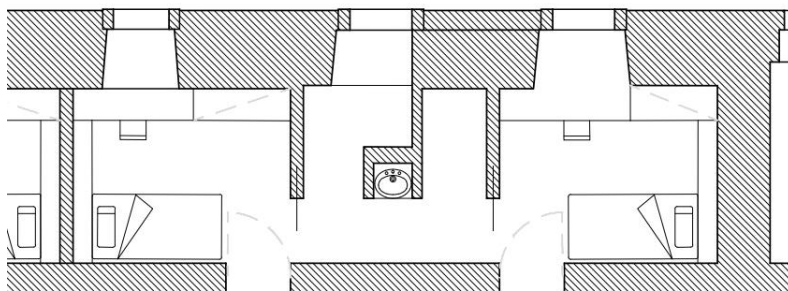
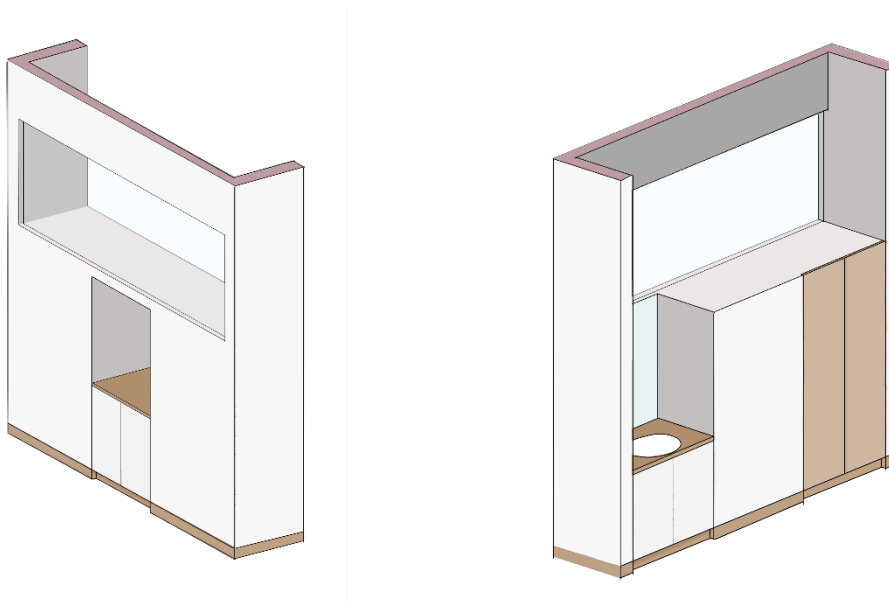


Figura 53 – Célula C (planta)

## Divisão do Núcleo da Célula A



*Figura 54 – Móvel de divisão do Núcleo*

No núcleo nas células A, foi desenhado uma divisão que separa o espaço de trabalho do espaço das Instalações sanitárias.

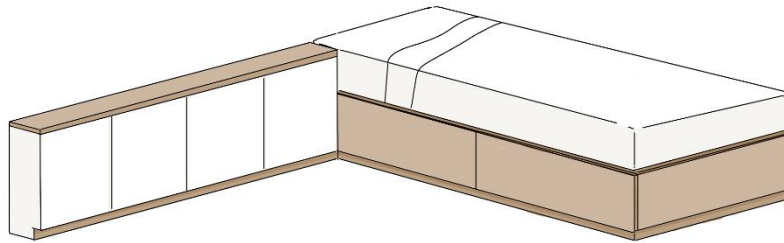
Como se pode ver na Figura 54, está dividido em três partes, através de uma simetria, criando dois compartimentos virados para as instalações sanitárias e um compartimento virado para o espaço de trabalho.

Do lado do espaço de trabalho existe uma parede lisa com um recorte ao centro, criando um nicho com um armário, com uma bancada sobre ele. Sendo um espaço mais pequeno, ele permite ao utilizador pousar uma mochila, folhas, computador, etc, de modo a não ter a necessidade de ocupar a bancada de trabalho.

Do lado das instalações sanitárias, uma parede divide os dois compartimentos. De um lado um armário alto dividido ao meio, podendo a parte cima ficar para um residente e a parte de baixo para outro. Do outro lado, um cubículo com um lavatório, armário e espelho.

Por cima destes, foi desenhada uma bandeira, de modo a durante o dia ser possível a entrada de luz natural. Esta luz estende-se até uma segunda bandeira sobe a entrada para os compartimentos dos sanitários e chuveiro.

## Mesa/Cama

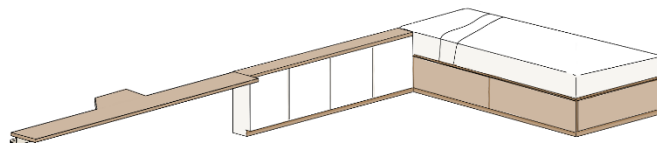


*Figura 55 – Móvel com cama e comoda*

Nas 3 células há um móvel semelhante, no entanto o que irá ser aqui mencionado será o da célula A.

Deste fazem parte a cama, em que por debaixo desta existem duas gavetas para arrumos e um móvel de apoio com arrumos. Este móvel estende-se ainda até a uma bancada no espaço de trabalho, como na Figura 56, que por sua vez estende-se até a outro móvel como a da figura 55, mas espelhado.

Este móvel dá continuidade ao rodapé da habitação, fazendo parte de um todo, sem principio ou fim.



*Figura 56 – Móvel com cama, comoda e bancada*

## Considerações Finais

O presente Projeto Final de Mestrado procurou refletir em como projetar habitações para diversos tipos de utilizadores ao longo do tempo, através da Flexibilidade e Adaptabilidade. Tendo como área de intervenção o antigo Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora.

Para tal foi feita uma investigação sobre diversos tipos de habitar e sobre a população desta área.

A proposta implementa um programa de *coliving*, no edifício do convento e ainda *coliving* mais *coworking/start-ups* no edifício do Novo Bloco, de modo a trazer mais população nova, a uma freguesia envelhecida, através de novas habitações e oportunidades de trabalho.

O *coliving* cria a oportunidade de criar uma comunidade entre residentes, assim como possibilita a interação entre gerações nesta zona da Boa-Hora, ao não isolar os seus habitantes.

Através de análises de teoria de valor, foi possível desenvolver uma estratégia de reabilitação de modo a poder intervir sem comprometer elementos de valor histórico. Podendo até este serem reversíveis. Isto faz com que o edifício se possa transformar mais tarde para outro tipo de função caso seja necessário.

Foi possível constatar que na habitação flexível existem diversas leituras, por parte de diversos autores, mas com algumas semelhanças entre si. Foi possível entender as problemáticas do conceito da Flexibilidade e que em grande parte estas acontecem quando o conceito da Adaptabilidade não se encontra presente.

Resumindo, este projeto constatou que a Flexibilidade pode ser uma vantagem na construção de habitações, quando usada em conjunto com a Adaptabilidade. Sendo que uma habitação com estes conceitos presentes consegue adaptar as funções necessárias para cada tipo de utilizador. Um edifício antigo de caráter religioso, também beneficia destes conceitos, ao adotar novas funções podendo ainda no futuro voltar a mudar.

## Bibliografia

- COELHO, A. B. (2009) *Opúsculo 18: Entre a Casa e Cidade, a Humanização do Habitar*. Porto, Dafne Editora
- FONSECA, J. (2020) *A Reassessment of the Magnitude of the 1755 Lisbon Earthquake*. Bulletin of the Seismological Society of America. Research Article
- FREIRE, M. E. F.; NETO, Maria J. P. (1999) *Habitar, o significado e sentido da habitação: uma reflexão*. Lisboa, Edições Universidade Lusíada
- LÉGER, J.M. (2001) *Cidades - Comunidades e Territórios*. Lisboa, CET – Centro de Estudos Territoriais, pp. 41 – 52
- MATEUS, J. M. (2011) *A História da Construção em Portugal: Alinhamentos e Fundações*. Coimbra, Edições Almedina
- PAIVA, A. (2002) *Habitação Flexível – Análise de Conceitos e Soluções*. Lisboa, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de mestrado
- PEPPER, S.; MANJI A. (2019) *Co-Living as an Emerging Market: An Assessment of Co-Living's Long-Term Resiliency*. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology.
- PEREIRA, S. M. (2016) *Casa e Mudança Social*. Casal de Cambro, Caleidoscópio, 2016
- RSA, Action and Research Centre (2018) *Co-Living and the Common Good*. Londres, Atif Shafique
- SCHNEIDER, T.; TILL, J. (2005) *Flexible housing: opportunities and limits*. Cambridge, *Architectural Research Quarterly*, 9(02)
- SHAFIQUE, A (2018) *Co-Living and the Common Good*. RSA Action and Research Centre
- SINCLAIR, B. R. (2016) *Japanese Spirituality, Flexibility and Design: Influences and Impacts on Agile Architecture + Open Building*. University of Calgary + sinclairstudio inc., Calgary, Canada
- TILL, J.; SCHNEIDER, T. (2005b) *Flexible housing: the means to the end*. Cambridge, *Architectural Research Quarterly*, 9 (3-4), pp. 287 – 296

## Webgrafia

ARCHDAILY (2012) *Clássicos da Arquitetura: Residência Rietveld Schröder / Gerrit Rietveld*. [na Net] Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-46426/classicos-da-arquitetura-residencia-rietveld-schroder-gerrit-rietveld> [consultado em Dezembro de 2022]

ARCHDAILY (2015) *Convento das Bernardas / Eduardo Souto de Moura*. [na Net] Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura> [consultado em Dezembro de 2022]

ARCHDAILY (2016) *Casa Gap / Archihood WXY*. [na Net] Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/780450/casa-gap-archihood-wxy> [consultado em Dezembro de 2022]

ARCHDAILY (2020) *Treehouse Coliving Apartments / Bo-DAA*. [na Net] Disponível em <https://www.archdaily.com/932735/treehouse-apartment-building-bo-daa> [consultado em Dezembro de 2022]

ALMEIDA, P (2014) *Lisboa – Comparações com outros tempos*. Lisboa [na Net] Disponível em <http://lisboahojeontem.blogspot.com/2014/09/convento-de-nossa-senhora-da-boa-hora.html> [Consultado em Novembro]

COLIVING INSIGHTS (2020) *Nº1: Exploring Coliving as an Innovative Housing Solution*. Coliving Insights, [na Net] Disponível em <https://www.colivinginsights.com/publications> [Consultado em Dezembro de 2020]

COLIVING INSIGHTS (2020) *Nº2: Is Coliving Here to Stay?*. Coliving Insights, [na Net] Disponível em <https://www.colivinginsights.com/publications> [Consultado em Dezembro de 2020]

COLIVING INSIGHTS (2020) *Nº3: Impact & Sustainability in Coliving*. Coliving Insights, [na Net] Disponível em <https://www.colivinginsights.com/publications> [Consultado em Dezembro de 2020]

COLIVING INSIGHTS (2020) *Nº4: Invest, Develop, Operate & Scale*. Coliving Insights, [na Net] Disponível em <https://www.colivinginsights.com/publications> [Consultado em Dezembro de 2020]

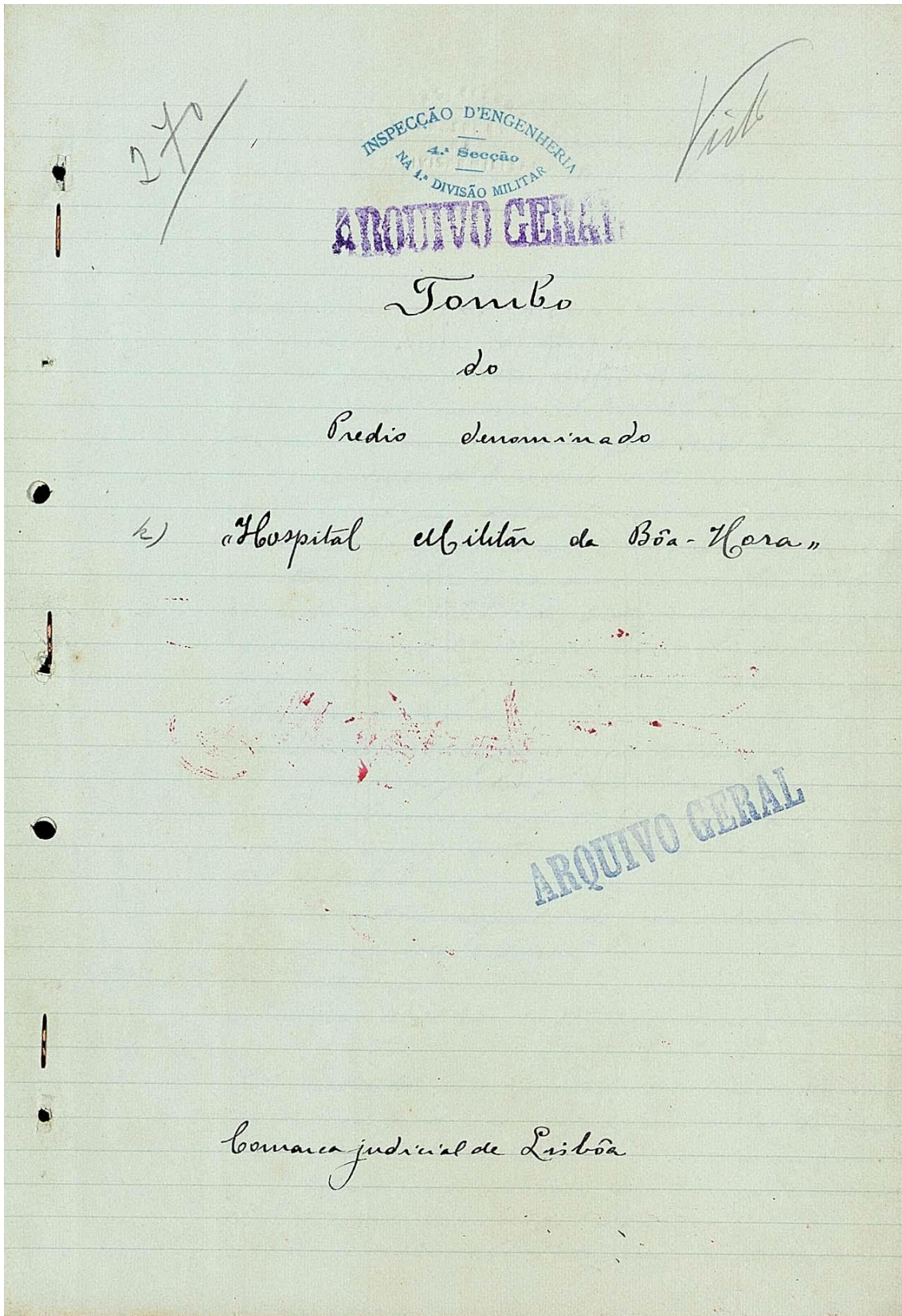
- GOMES, P. M. (2019). *Coliving: o futuro da habitação pode passar por aqui*. Público, [na Net] Disponível em <https://www.publico.pt/2019/10/07/p3/cronica/coliving-o-futuro-da-habitacao-pode-passar-por-aqui-1889120> [Consultado em 15/11/2020]
- MATEUS, D. (2012) *História Freguesia da Ajuda*. [na Net] Disponível em <https://meteoct2iul.webnode.pt/historia-da-ajuda/> [Consultado em Abril de 2022]
- Mccreanor, G. (2008) *Adaptability*. [na Net] Disponível em <https://aplust.net/blog/adaptability/> [Consultado em Janeiro 2023]
- MÉGRE, R (2020). *LX Conventos*. [na Net] Disponível em [https://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha\\_imprimir.aspx?id=718](https://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha_imprimir.aspx?id=718) [Consultado em Junho de 2022]
- MOLLA, R. (2019). “Co-living” is the new “having roommates”. Vox, [na Net] Disponível em <https://www.vox.com/recode/2019/5/29/18637898/coliving-shared-housing-welive-roommates-common-quarters> [Consultado em Dezembro de 2020]
- OPEN DOOR (2014). *So What Exactly is Coliving?*. Open Door, [na Net] Disponível em <https://www.colivinginsights.com/publications> [Consultado em Dezembro de 2020]
- PUREHOUSE LAB (2017). *Perspectives on Co-living: Reimagining the Experiences, Processes and Designs of Shared Living*. Pressbooks, [na Net] Disponível em <https://coliving.pressbooks.com/front-matter/cover/> [Consultado em Janeiro de 2020]
- REDE SOCIAL LISBOA (2017) *Diagnóstico Social de Lisboa 2015-2016*. [na Net] Disponível em <https://www.am-lisboa.pt/documentos/1518709936A8sST5fr2Qg86FJ5.pdf> [Consultado em Agosto de 2022]
- REDE SOCIAL LISBOA (2017) *Diagnóstico Social de Lisboa: Retrato das Freguesias: Ajuda*. [na Net] Disponível em <https://www.am-lisboa.pt/documentos/1532873203W6wPC8in0Aj47ZK8.pdf> [Consultado em Agosto de 2022]
- ROSA, A. (2004) *Convento e Igreja de Nossa Senhora da Boa-Hora / Igreja Paroquial da Ajuda / Igreja de Nossa Senhora da Ajuda*. [na Net] Disponível em

[http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3139](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3139)  
[Consultado em Junho de 2022]

TOKYO REPORTER STAFF (2008). *Kyosho jutaku: Living large in small spaces*. Tokyo Reporter, [na Net] Disponível em <https://www.tokyoreporter.com/japan-news/special-reports/kyosho-jutaku-living-large-in-small-spaces/> [Consultado em 17/11/2020]

YOH, C. (2018). *A Brief History of Coliving*. Common, [na Net] Disponível em <https://www.common.com/blog/2018/11/brief-history-coliving/> [Consultado em Dezembro de 2020]

## Anexos



Tombo do Prédio Denominado Hospital Militar da Boa Hora 1896  
in SÁ, José Maria de Vasconcelos e (1896) Tombo do prédio denominado Hospital Militar da  
Boa Hora.

## Tombo do prédio denominado « Hospital Militar da Boa-Hora »

### — Relatorio —

#### Descrição

Prédio composto de parte urbana e parte rustica  
É situado em Belem, districto, com citho e comarca de  
Lisboa, freguesia de Nossa Senhora da Ajuda.  
A parte urbana, contigua pelo lado do estacado, a igreja  
de Nossa Senhora da Ajuda, vulgo da Boa-Hora, era o  
antigo convento da Boa-Hora e tem um jardim  
interior, que era o antigo claustro do mesmo convento.  
É disposto em 3 pavimentos dos quaes o 1.º, no lado  
no interior, tem uma area muito limitada.  
As linhas AB e CDEF da planta junto marcam, no  
pavimento no 2.º e 3.º pavimentos o limite doente  
da parte dos mesmos pavimentos que está a cargo do  
Ministerio da Guerra.

O accesso ao edificio faz-se pelo terreno ajardinado  
TT vedado de via publica por meio d'um humo d'al-  
venaria. O corredor de coberto VVV... que encerra  
o edificio e a igreja está igualmente a cargo do Minis-  
terio da Guerra.

A parte rustica comprehende essencialmente a cerca  
que se póz a medida 5,800 m.

#### Comprovações:

Norte - Rua do Abade Cavallos, terreno de S. Raphael do Santo  
e outros

Sul - Trav. de Boa-Hora, Largo de Boa-Hora e casa de Pedro Ferruz

Leste - Rua do Guarda Jovias, a Ajuda e casa de Pedro Ferruz

Oeste - Trav. e citho de D. Vasco, casa de José Joaquim Cotrim  
terreno de S. Raphael do Santo, Urupite Urban. e Bando. 15.

Estão te numeras de publica.

Avalia-se o valor venal d'este prédio em 15:000 \$000 000.

Tombo do Prédio Denominado Hospital Militar da Boa Hora 1896  
in SÁ, José Maria de Vasconcelos e (1896) Tombo do predio denominado Hospital Militar da  
Boa Hora.

numeros redondos, calculados proximoamente a  
razão de 800 reis por metro quadrado de superfície con-  
struida e 300 reis por m<sup>2</sup> de terrenos.

Este o predio se figura com o n<sup>o</sup> que he de  
predio de officinillas de guerra, situadas na area  
d'esta recção.

## Inspeção

Este predio pertence ao Estado, na posse e administração  
de officinillas de guerra e serve actualmente a  
d'um armazem de munições e de munições d'infanteria,  
n<sup>o</sup> 1.

O Estado não tem titulos d'esta propriedade, mas  
manter a posse pacifica publica e  
exercida por mais de cinco annos, como o  
attestam os seguintes testemunhos:

O coronel d'artilleria Leontinho, coronel de regi-  
mento d'infanteria n<sup>o</sup> 1

João Pedro de Freitas, major reformado, casavel-  
lo dos praeitos de Belen

Christão Chaves e Archival de Barros, capi-  
tão de regimento d'infanteria n<sup>o</sup> 1

Linha 26 de junho de 1895

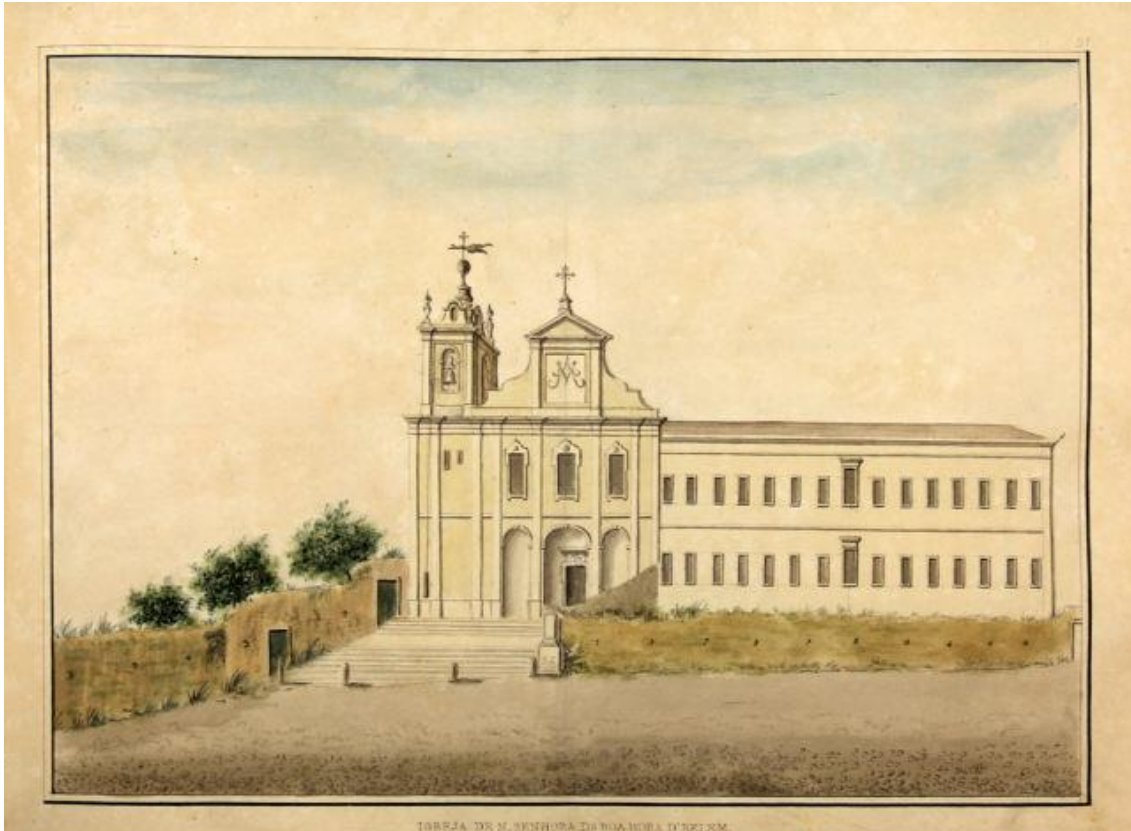
O chefe da recção

José Maria de Vasconcelos  
Te. Inf.

Tombo do Prédio Denominado Hospital Militar da Bôa Hora 1896  
in SÁ, José Maria de Vasconcelos e (1896) Tombo do predio denominado Hospital Militar da  
Bôa Hora.



Gravura do Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora 1833  
in PEREIRA, Luís Gonzaga (1927) *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa, Biblioteca Nacional



Gravura a cores do Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora 1833  
in PEREIRA, Luís Gonzaga (1927) *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa, Biblioteca Nacional



Chafariz da Boa-Hora 1885-1910  
in ALMEIDA, Pedro. <http://lisboahojeontem.blogspot.com/2014/09/convento-de-nossa-senhora-da-boa-hora.html>



Chafariz da Boa-Hora 1939

in ALMEIDA, Pedro. <http://lisboahojeeontem.blogspot.com/2014/09/convento-de-nossa-senhora-da-boa-hora.html>



Panorâmica sobre Boa-Hora 1940

in PORTUGAL, Eduardo. <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2020/09/panoramica-sobre-boa-hora.html>

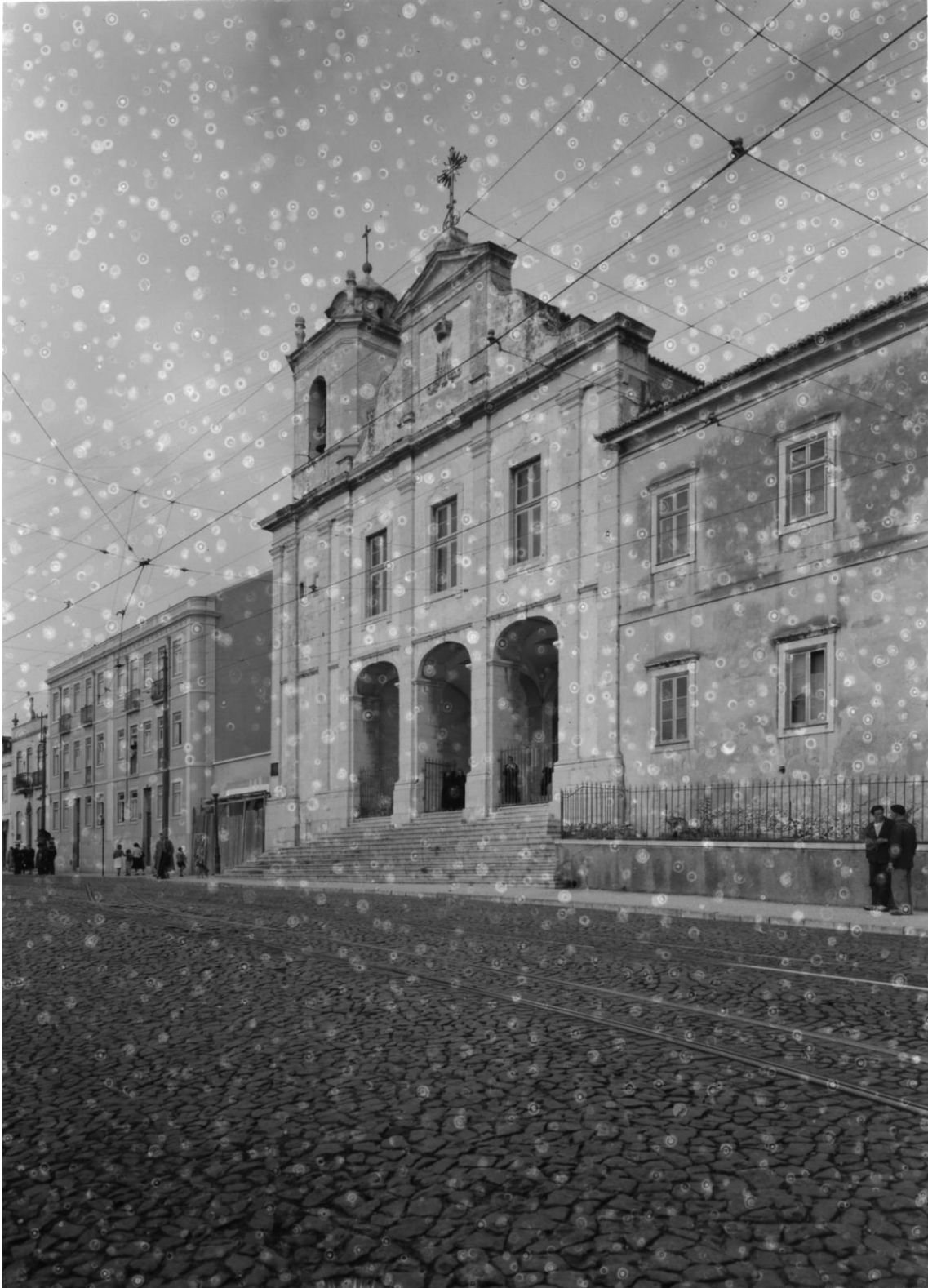


Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora 1943

*in* ALMEIDA, Pedro. <http://lisboahojeontem.blogspot.com/2014/09/convento-de-nossa-senhora-da-boa-hora.html>



Igreja de Nossa Senhora da Boa-Hora 1943  
*in* ALMEIDA, Pedro. <http://lisboahojeontem.blogspot.com/2014/09/convento-de-nossa-senhora-da-boa-hora.html>



Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Boa-Hora 1950  
*in* CML



Danos no Telhado do Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora 1952  
*in* CML



Danos no Telhado do Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora 1952  
*in* CML



Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Boa-Hora 1953  
*in CML*



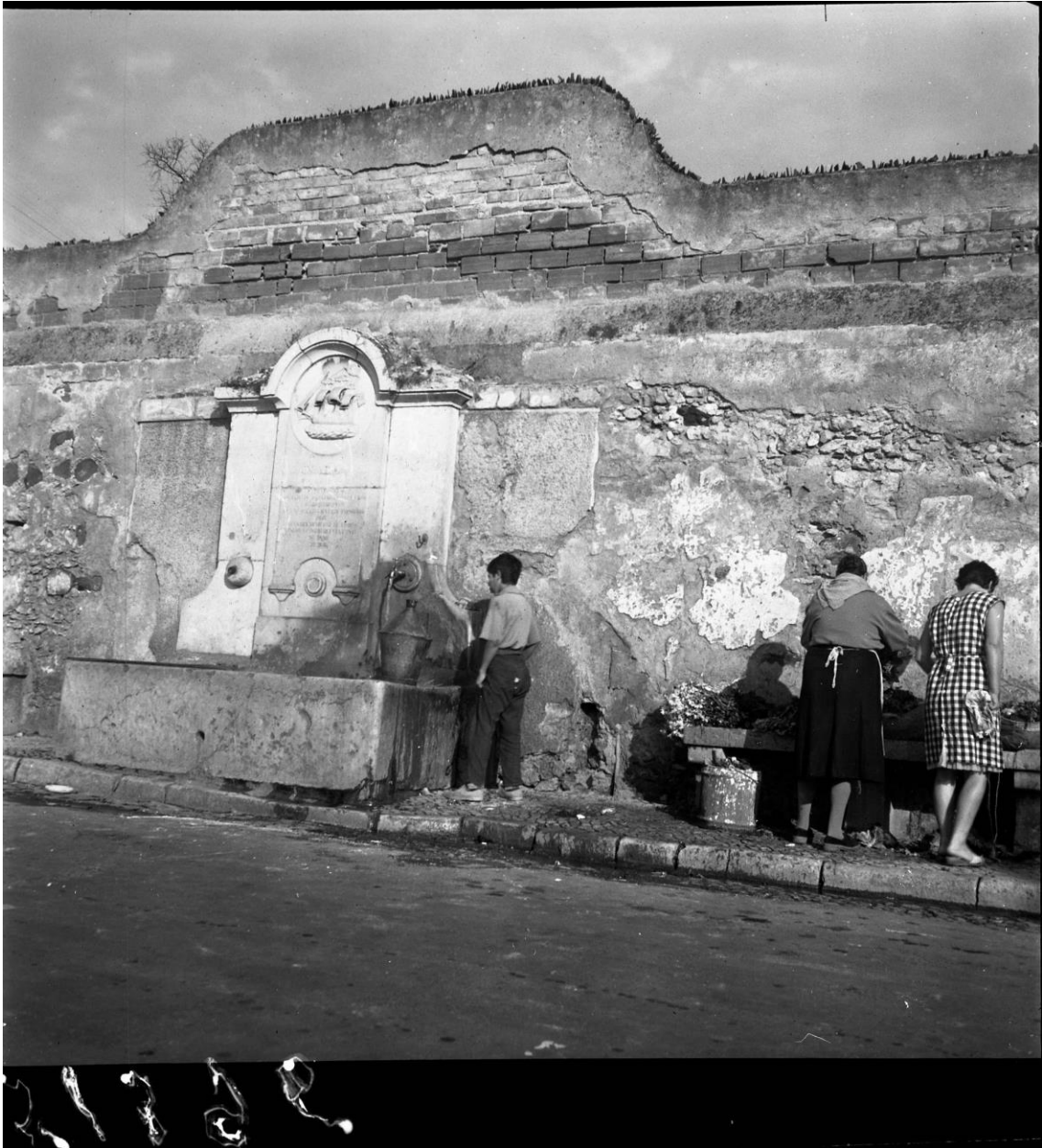
Habitação Junto do Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora 1960  
*in* CML



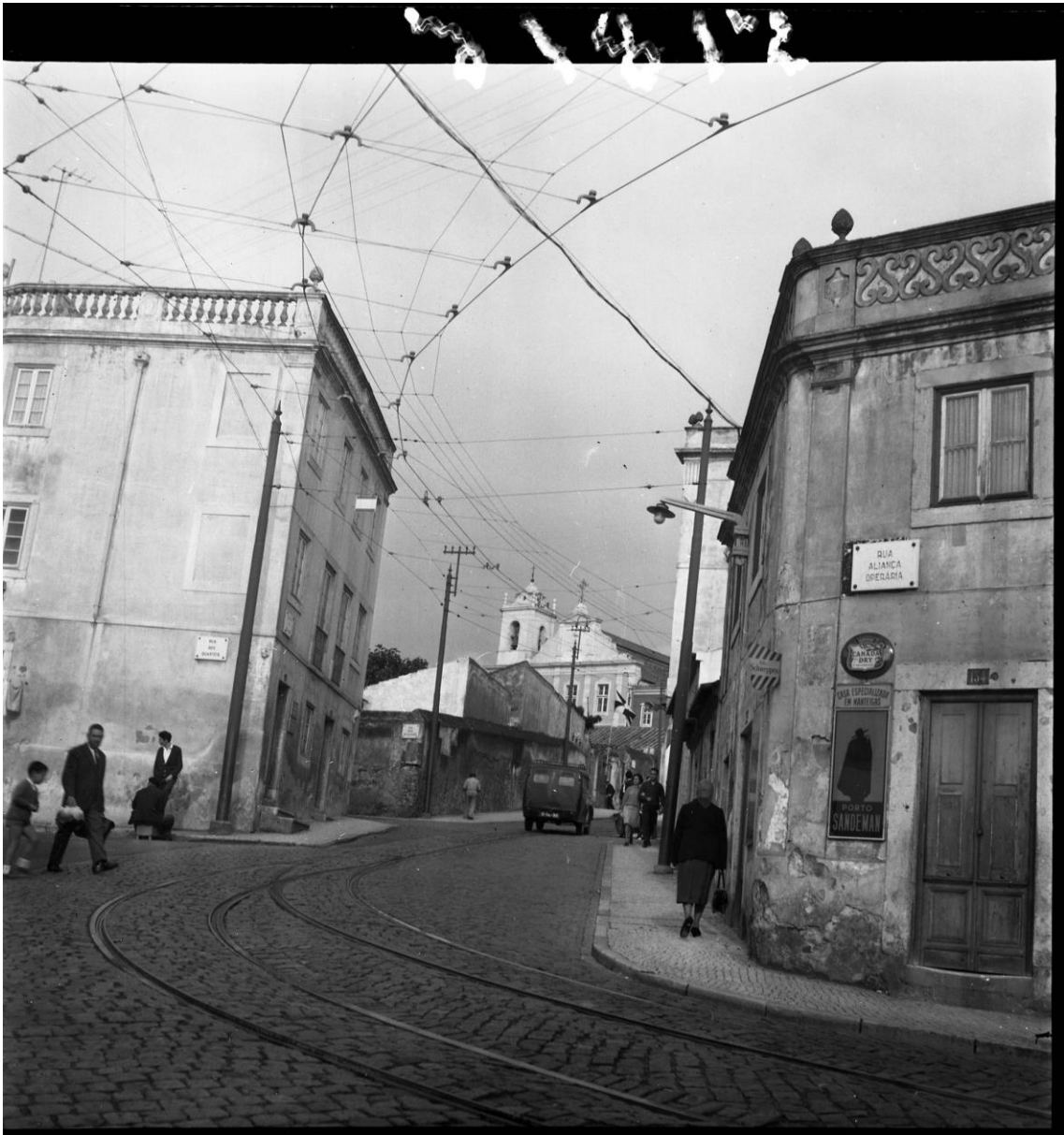
Chafariz da Boa-Hora 1939  
*in* CML



Habitação Junto do Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora 1964  
*in* CML



Chafariz da Boa-Hora 1966  
*in CML*



Chafariz da Boa-Hora 1966  
*in CML*



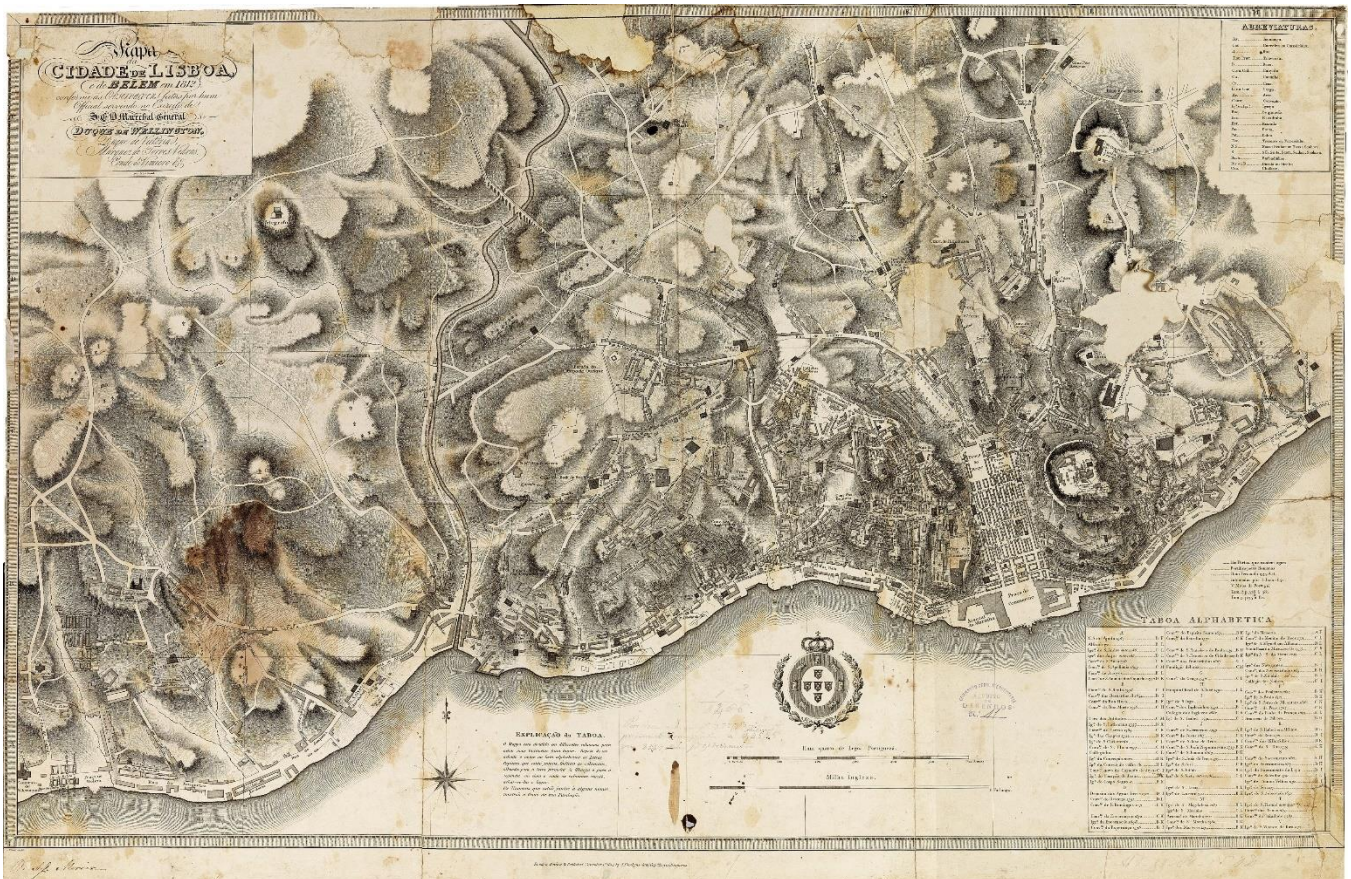
Chafariz da Boa-Hora 1966  
*in CML*



Habitacões na Ajuda 1967  
*in* CML



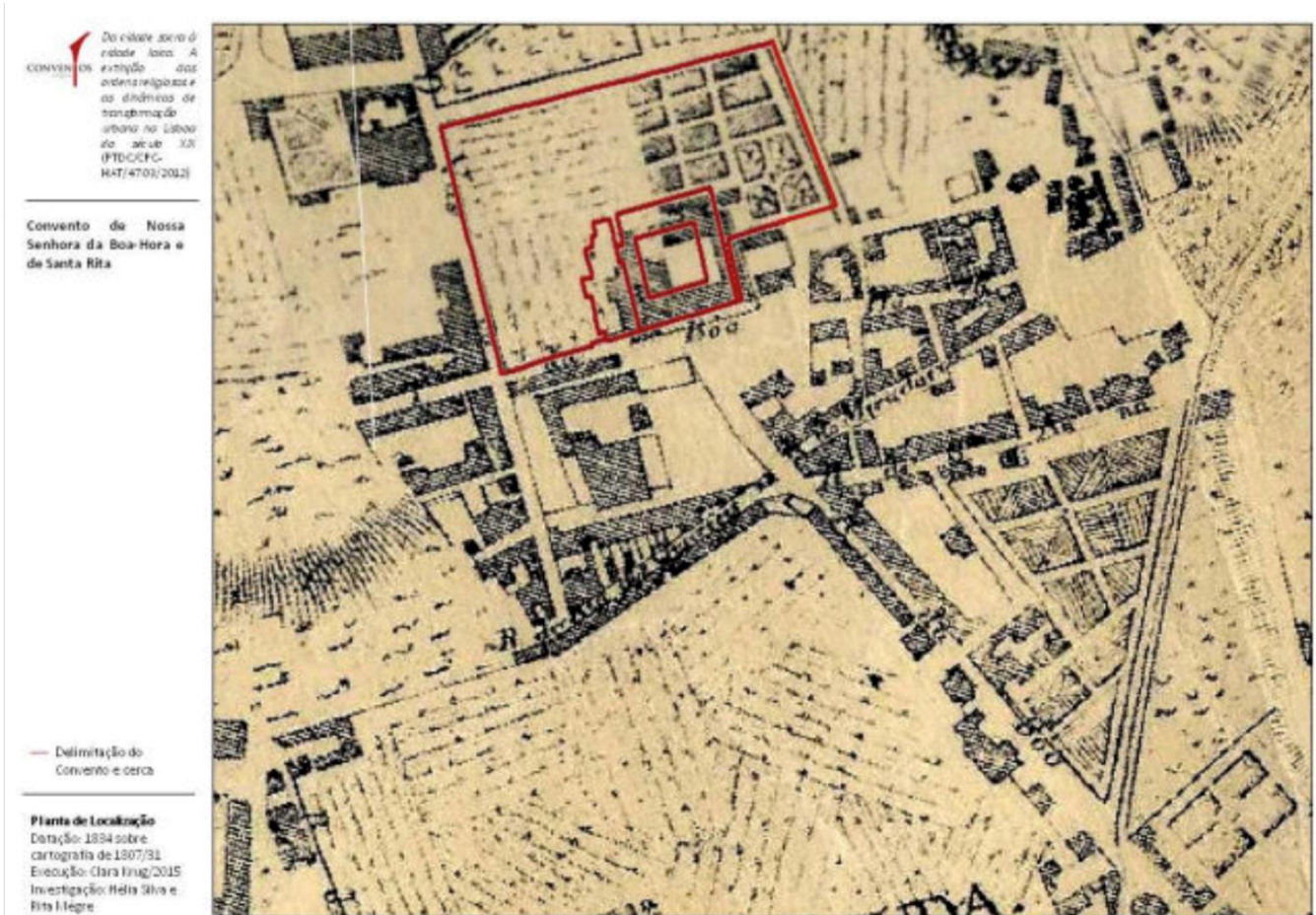
Cartografia de Lisboa - 1807



Cartografia de Lisboa - 1812

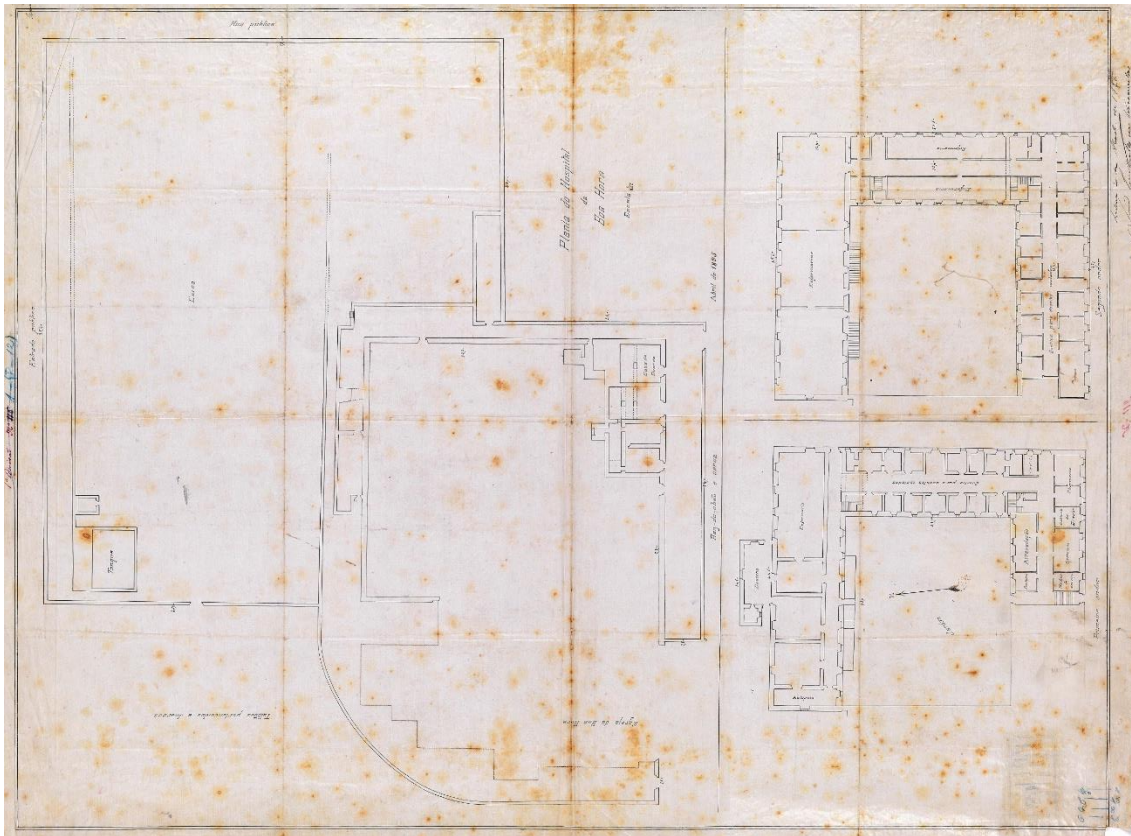


Cartografia FAVA - 1807-1826

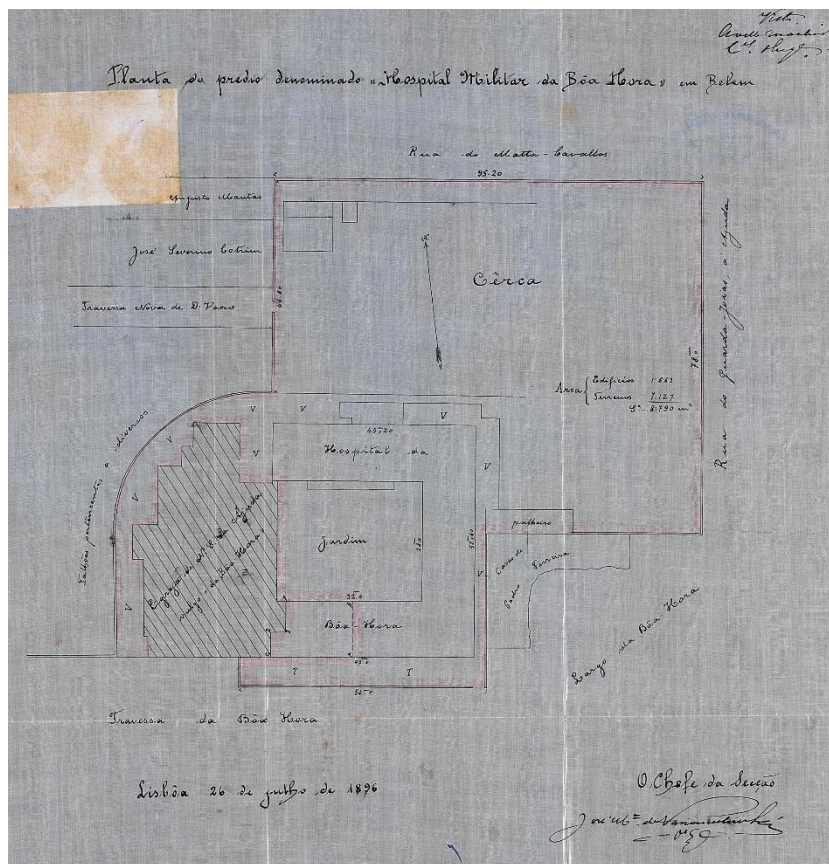


Cartografia FAVA e Cerca - 1834

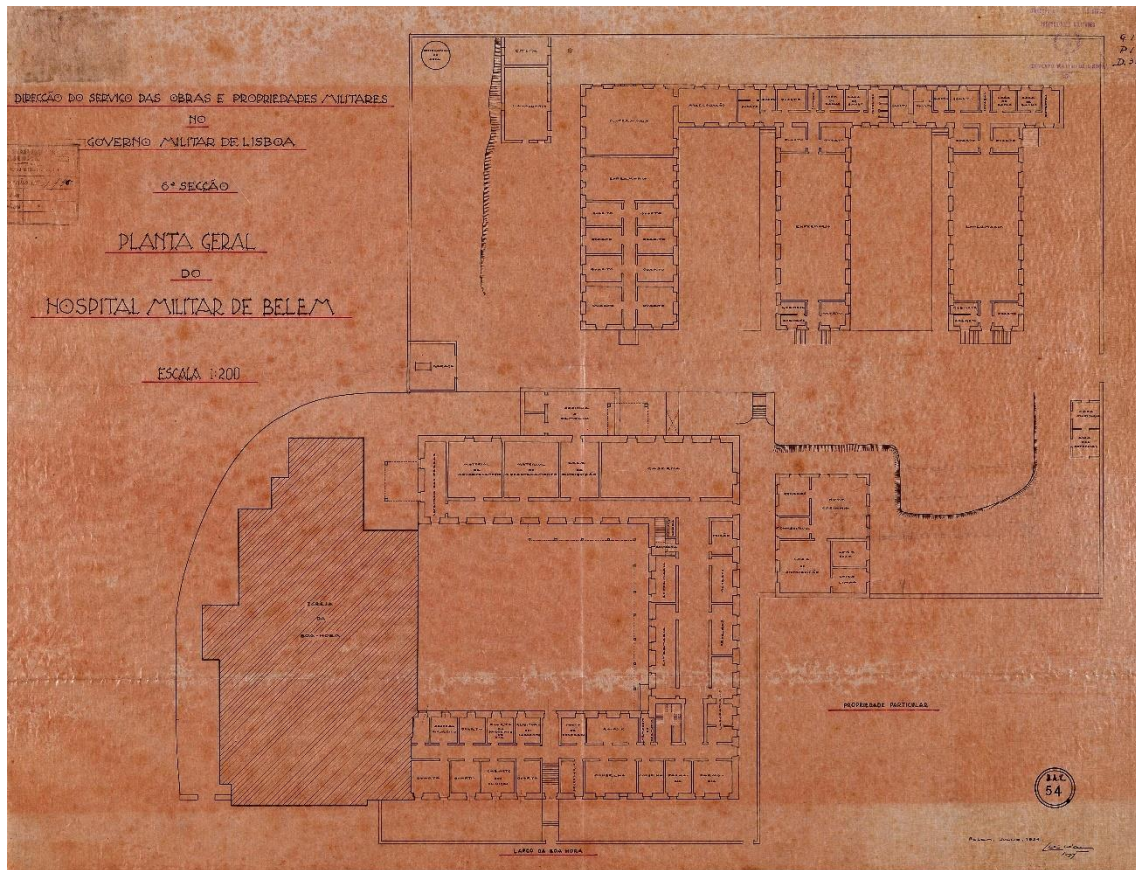




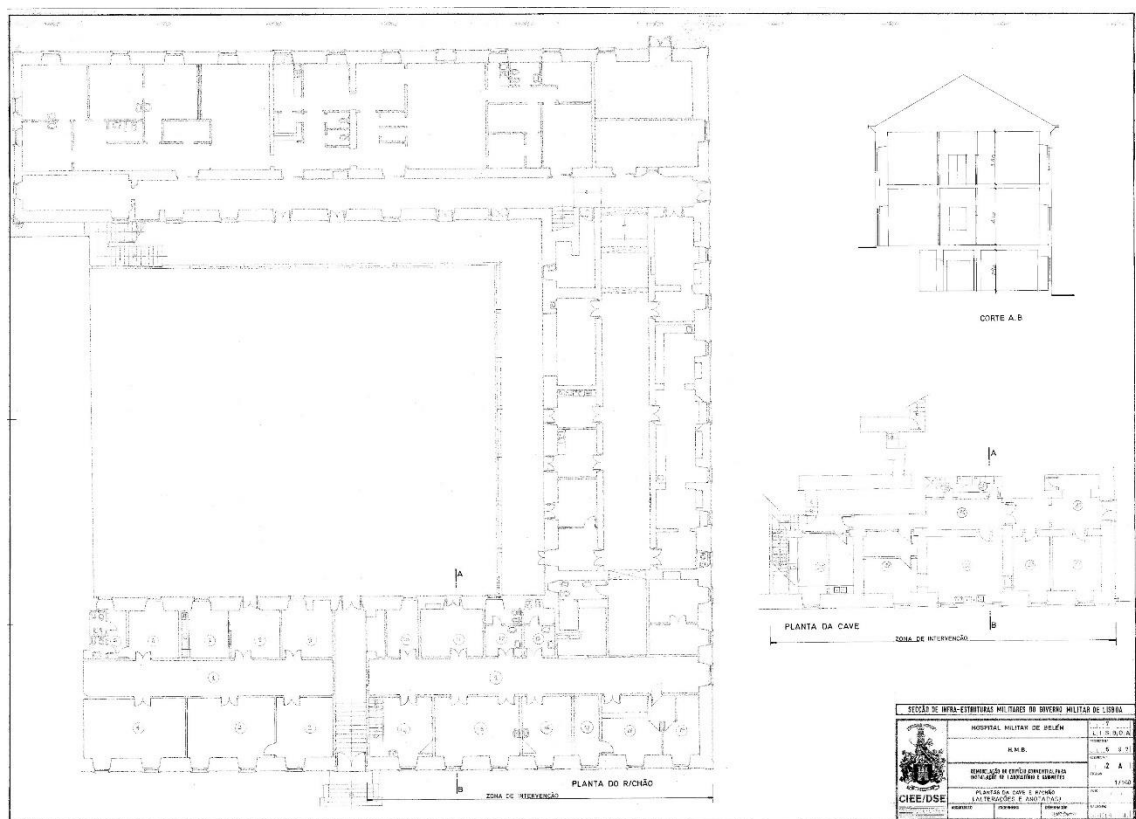
Planta do Hospital Militar de Belém e Cerca - 1895



Planta do Hospital Militar de Belém e Cerca - 1896



Planta do Hospital Militar de Belém e Enfermarias - 1934

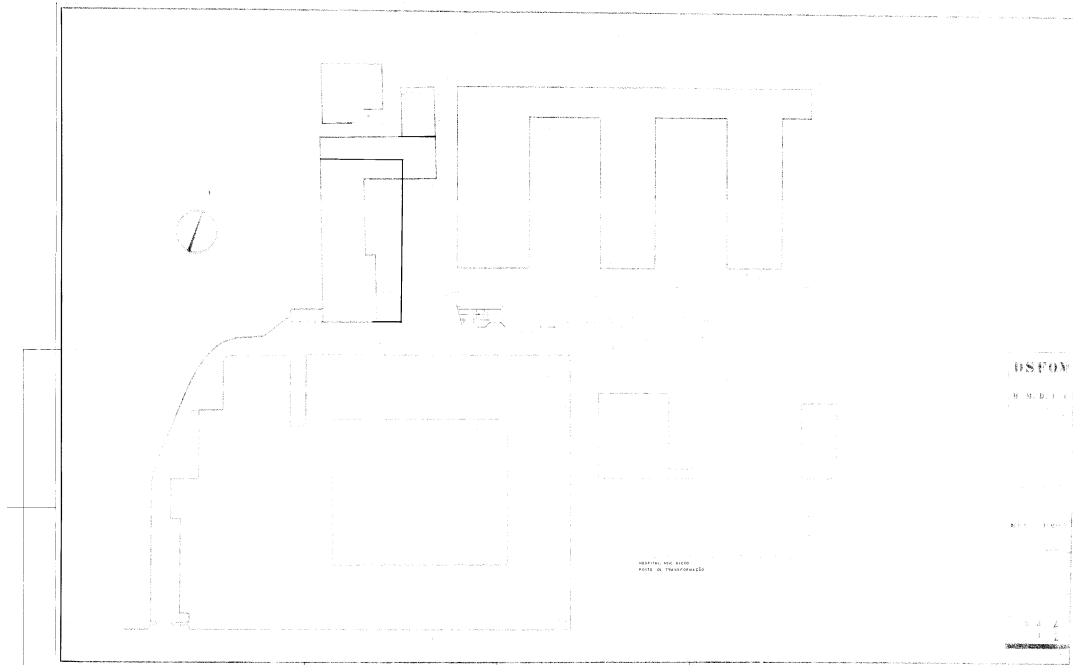


Planta do Hospital Militar de Belém (cave e piso 1) - 1997



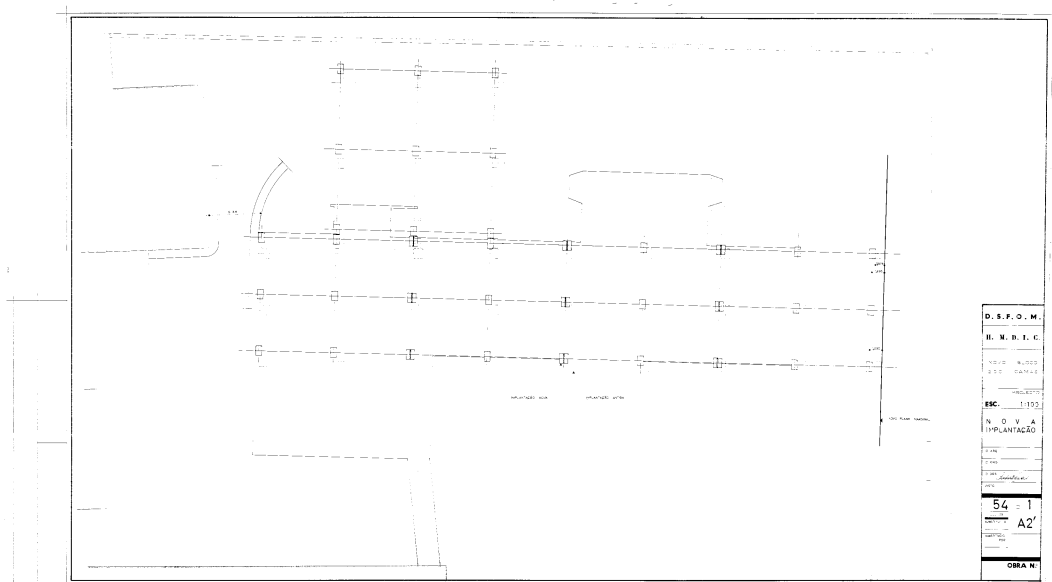


S4

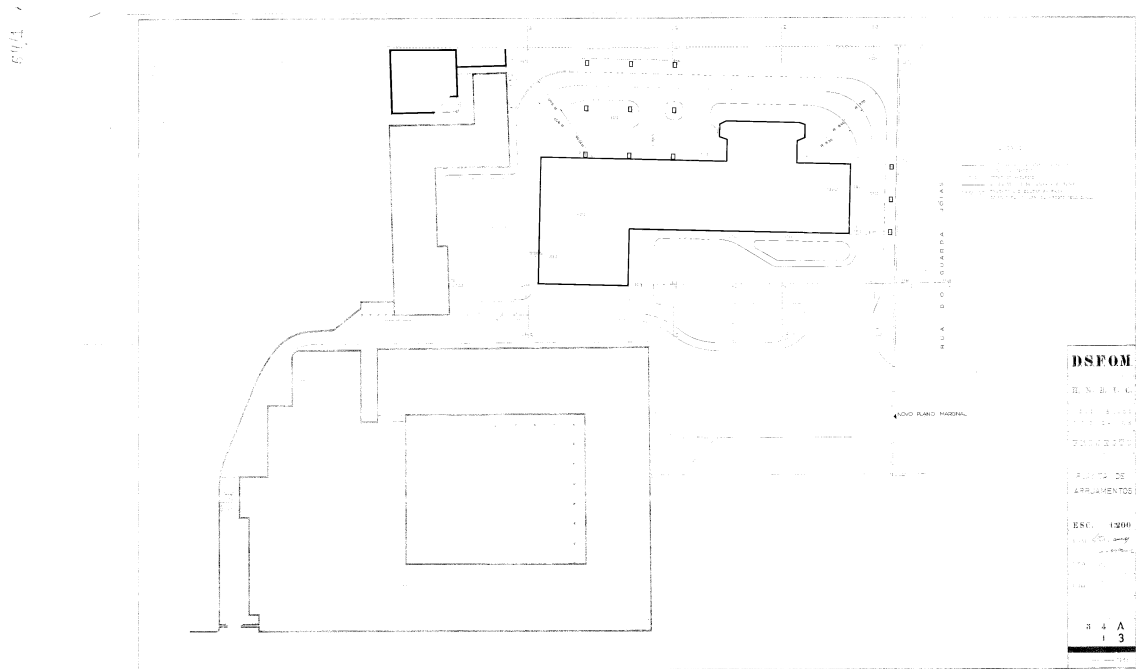


Planta de Implantação – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

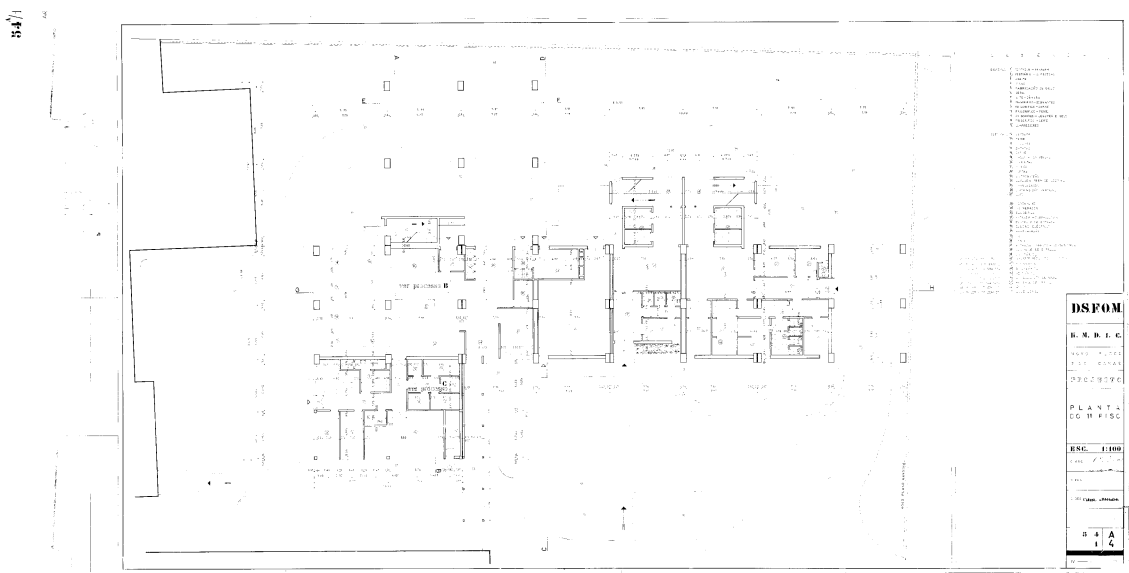
S4



Planta de Implantação – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

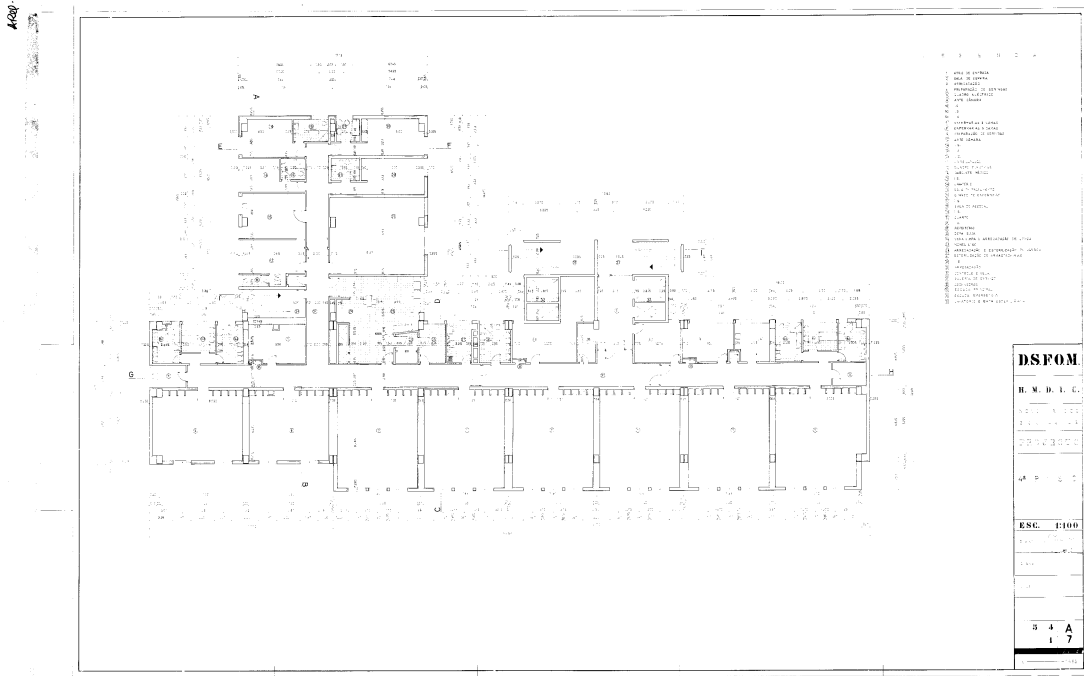


Planta de Arruamentos – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

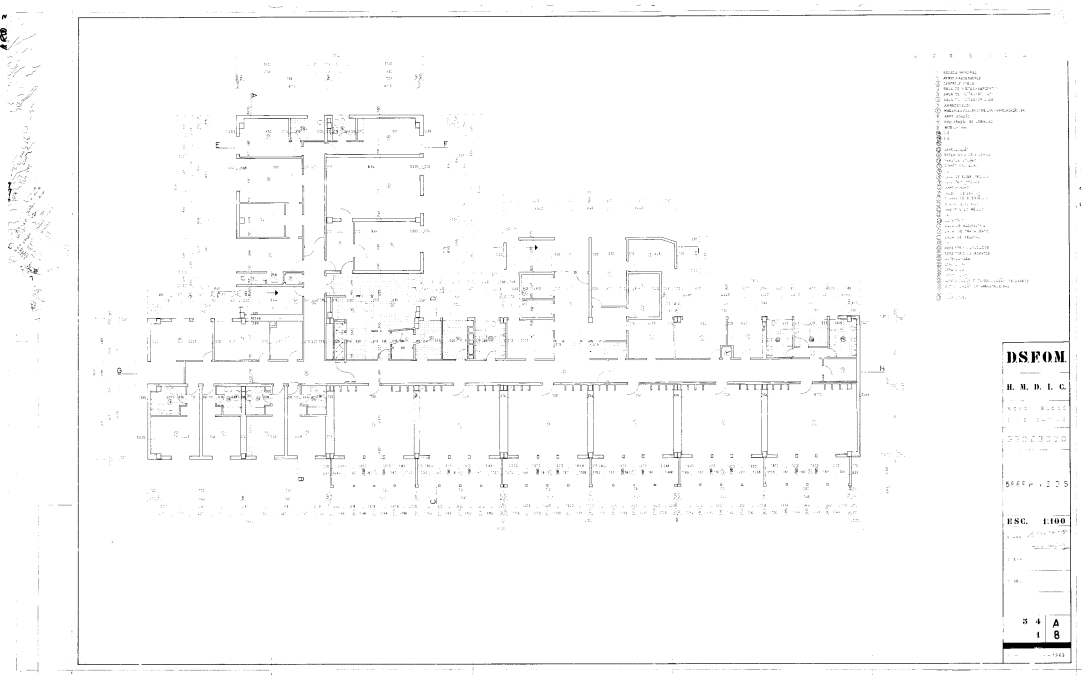


Planta Piso 1 – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963



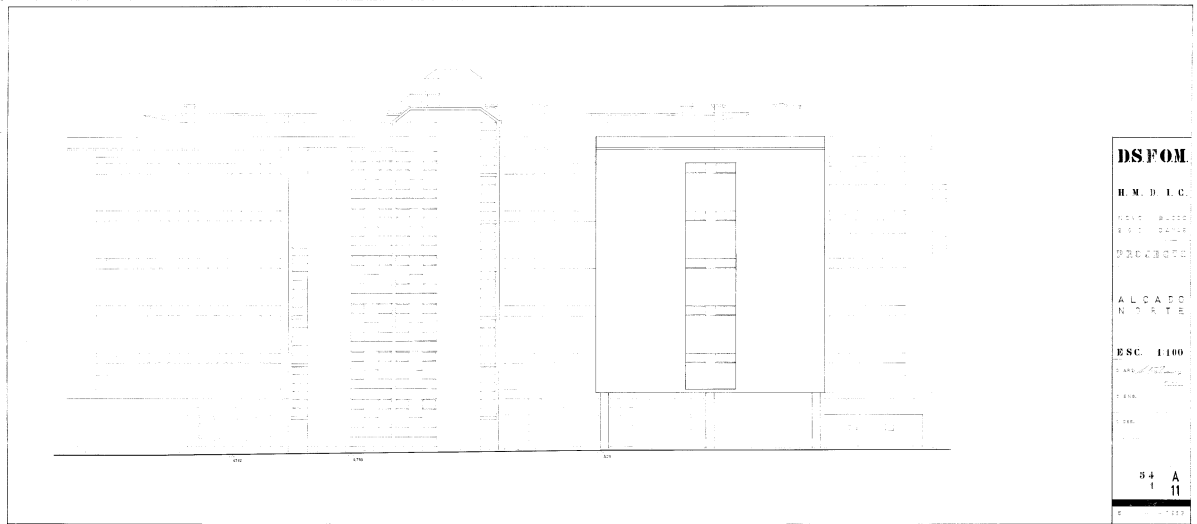


Planta Piso 4 – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963



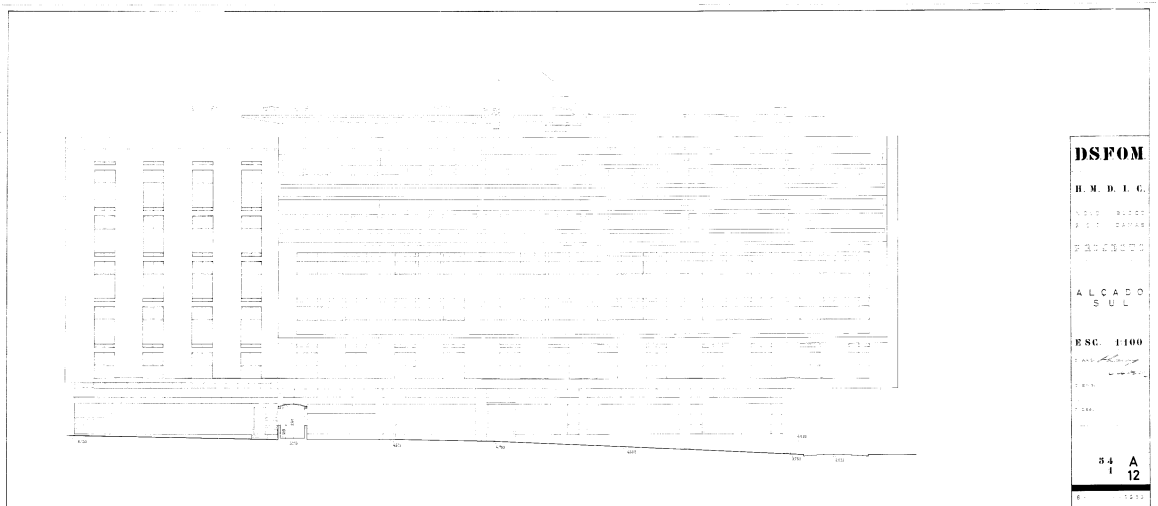
Planta Pisos 5 e 6 – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963





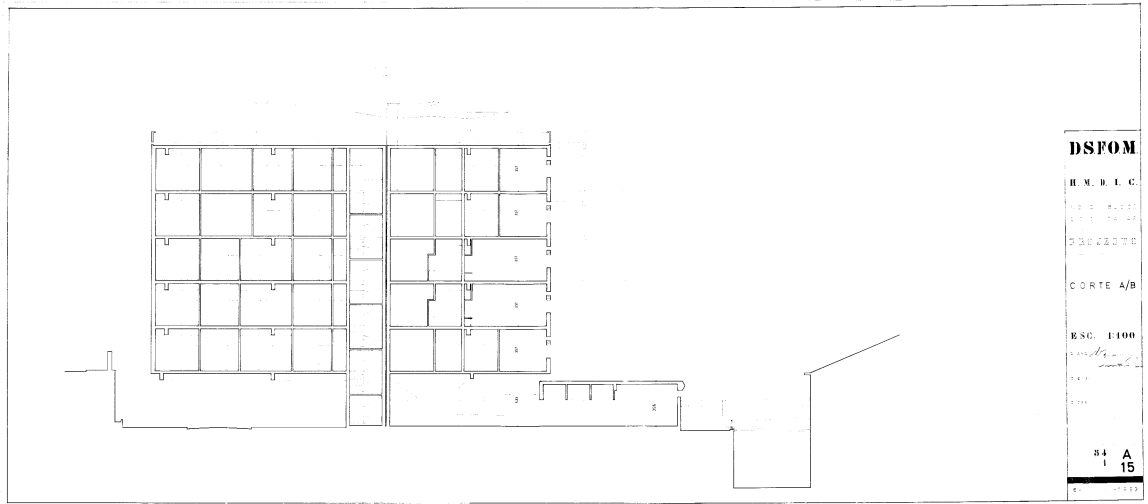
Alçado Norte – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

1. O projeto arquitetônico do Novo Bloco do Hospital Militar de Belém, 1963, foi desenvolvido por um grupo de arquitetos liderados por [nome não legível]. O projeto foi executado sob a supervisão do [nome não legível].  
 2. O projeto arquitetônico do Novo Bloco do Hospital Militar de Belém, 1963, foi desenvolvido por um grupo de arquitetos liderados por [nome não legível]. O projeto foi executado sob a supervisão do [nome não legível].  
 3. O projeto arquitetônico do Novo Bloco do Hospital Militar de Belém, 1963, foi desenvolvido por um grupo de arquitetos liderados por [nome não legível]. O projeto foi executado sob a supervisão do [nome não legível].  
 4. O projeto arquitetônico do Novo Bloco do Hospital Militar de Belém, 1963, foi desenvolvido por um grupo de arquitetos liderados por [nome não legível]. O projeto foi executado sob a supervisão do [nome não legível].  
 5. O projeto arquitetônico do Novo Bloco do Hospital Militar de Belém, 1963, foi desenvolvido por um grupo de arquitetos liderados por [nome não legível]. O projeto foi executado sob a supervisão do [nome não legível].  
 6. O projeto arquitetônico do Novo Bloco do Hospital Militar de Belém, 1963, foi desenvolvido por um grupo de arquitetos liderados por [nome não legível]. O projeto foi executado sob a supervisão do [nome não legível].  
 7. O projeto arquitetônico do Novo Bloco do Hospital Militar de Belém, 1963, foi desenvolvido por um grupo de arquitetos liderados por [nome não legível]. O projeto foi executado sob a supervisão do [nome não legível].  
 8. O projeto arquitetônico do Novo Bloco do Hospital Militar de Belém, 1963, foi desenvolvido por um grupo de arquitetos liderados por [nome não legível]. O projeto foi executado sob a supervisão do [nome não legível].  
 9. O projeto arquitetônico do Novo Bloco do Hospital Militar de Belém, 1963, foi desenvolvido por um grupo de arquitetos liderados por [nome não legível]. O projeto foi executado sob a supervisão do [nome não legível].  
 10. O projeto arquitetônico do Novo Bloco do Hospital Militar de Belém, 1963, foi desenvolvido por um grupo de arquitetos liderados por [nome não legível]. O projeto foi executado sob a supervisão do [nome não legível].

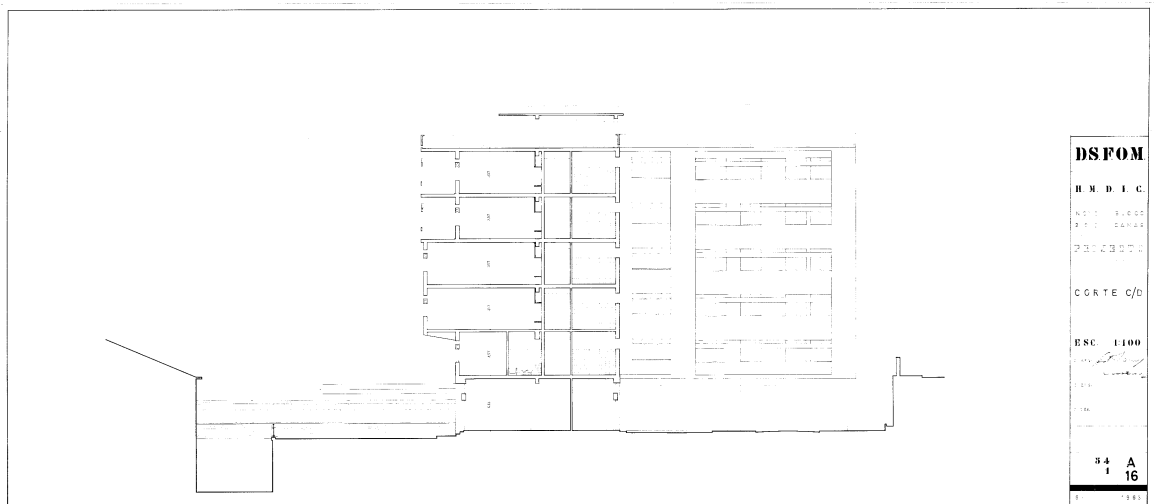


Alçado Sul – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

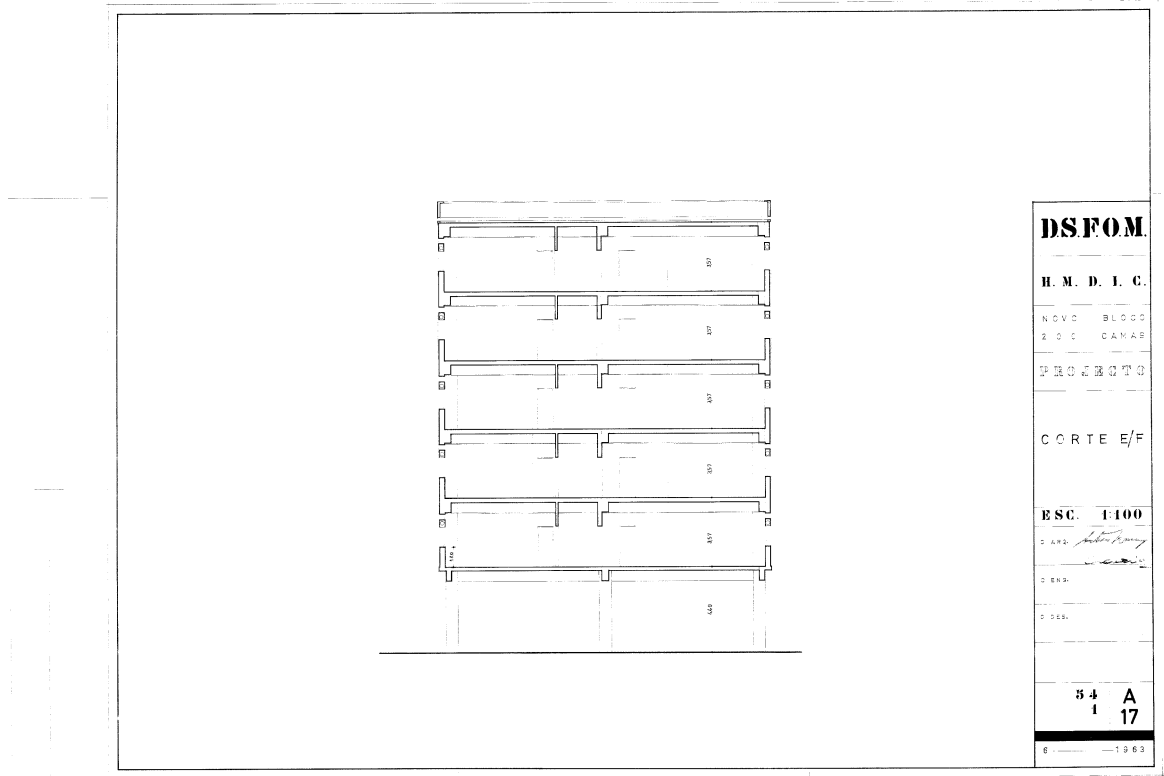
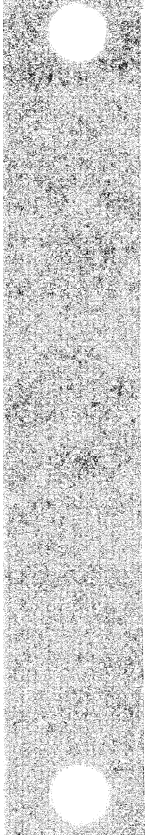




Corte A/B – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

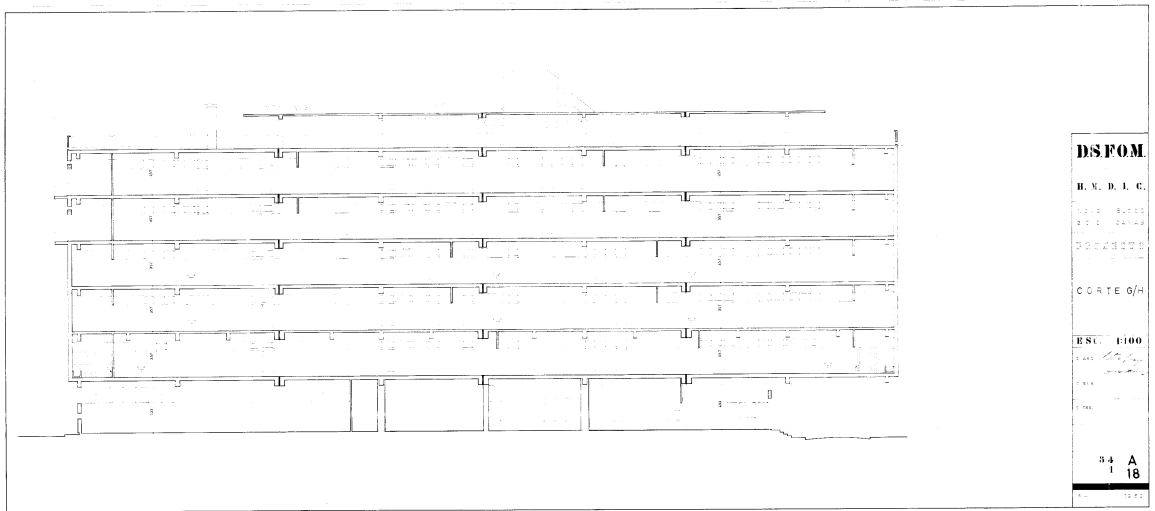


Corte C/D – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

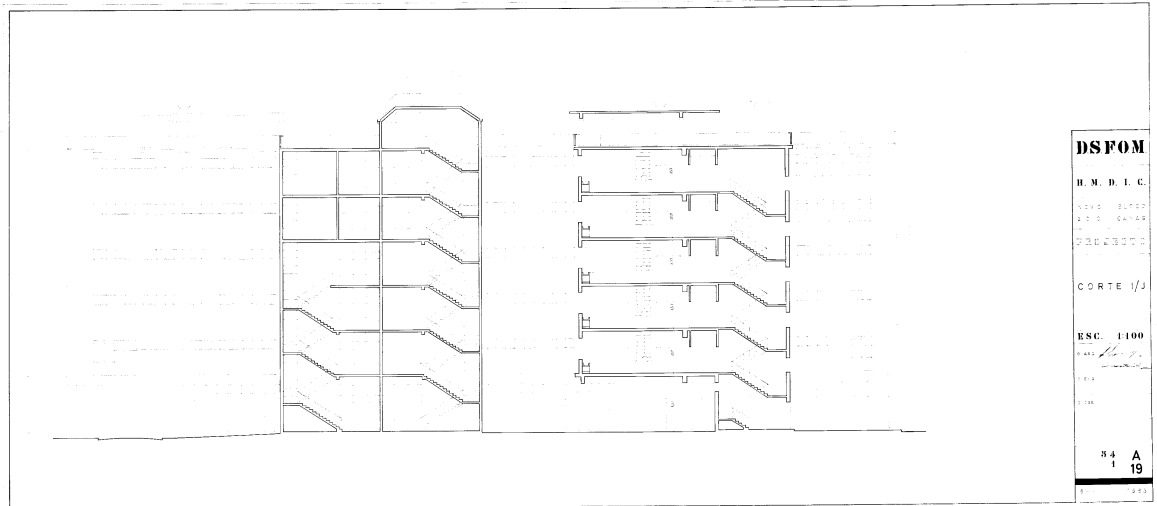


Corte E/F – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

Vertical text strip on the left side of the page, possibly containing a list of materials or specifications.

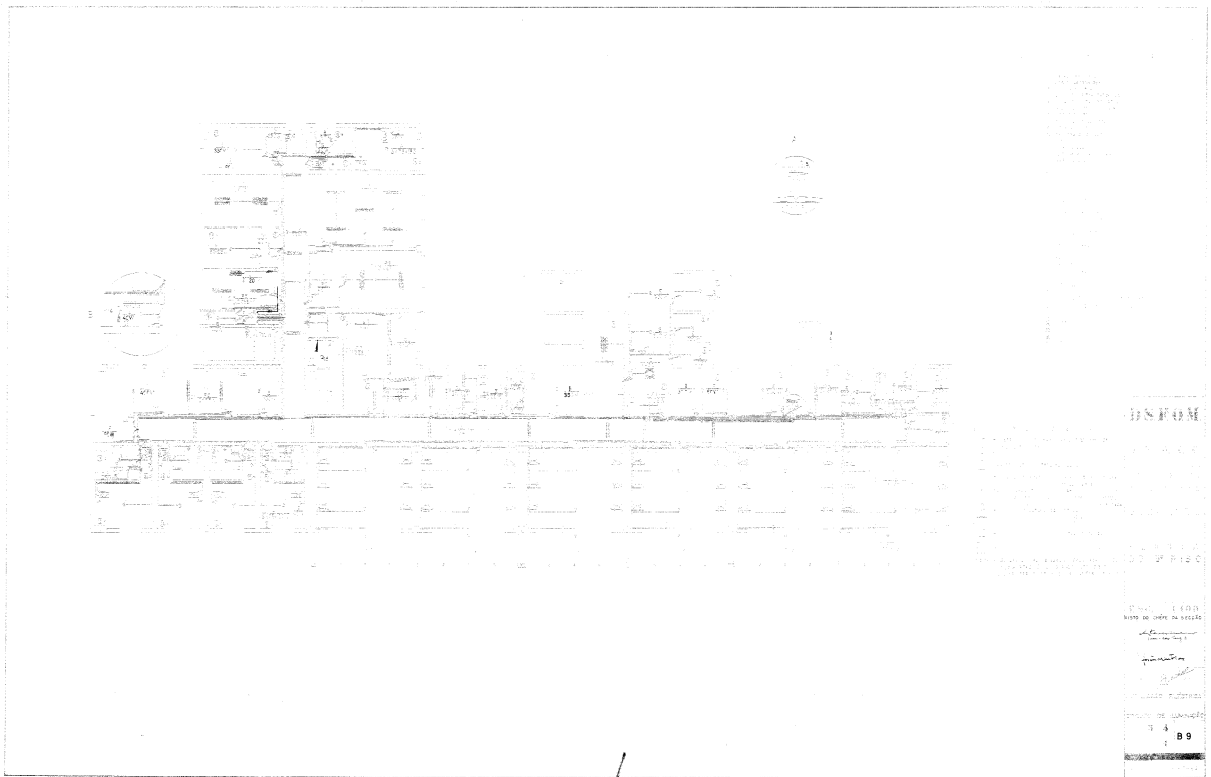


Corte G/H – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963



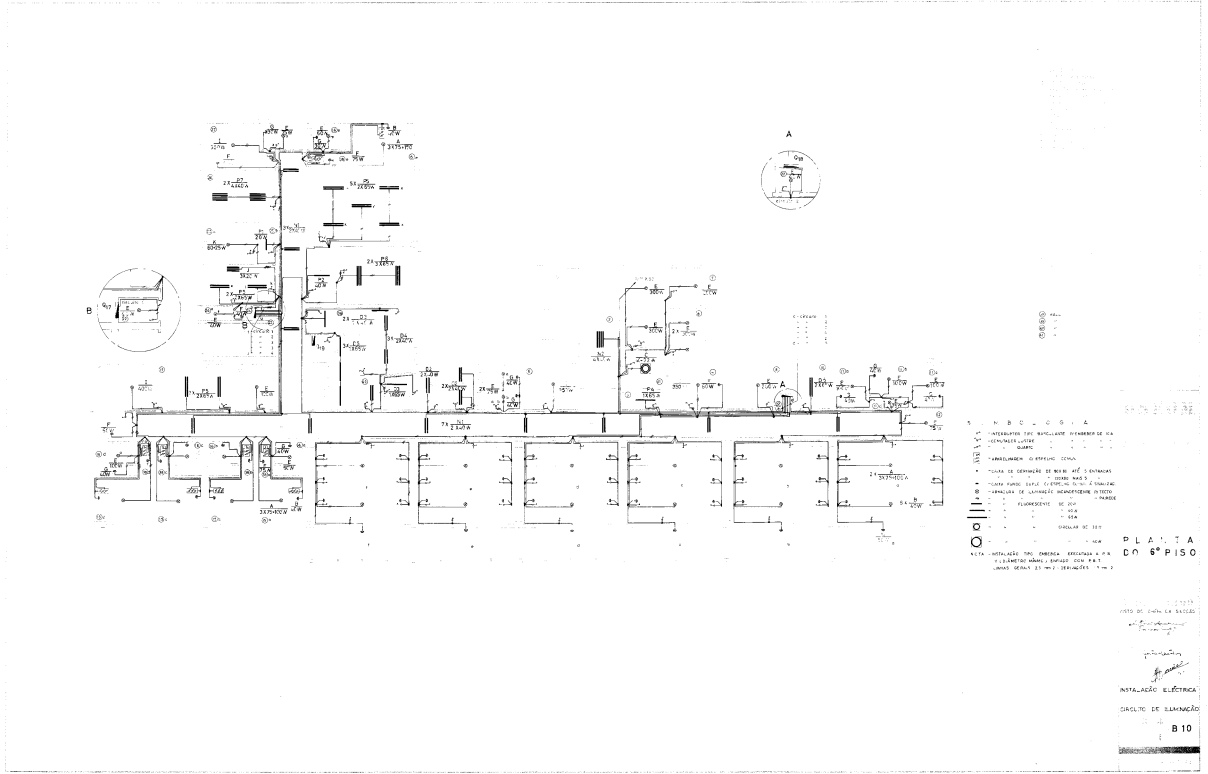
Corte I/J – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

57 P/50



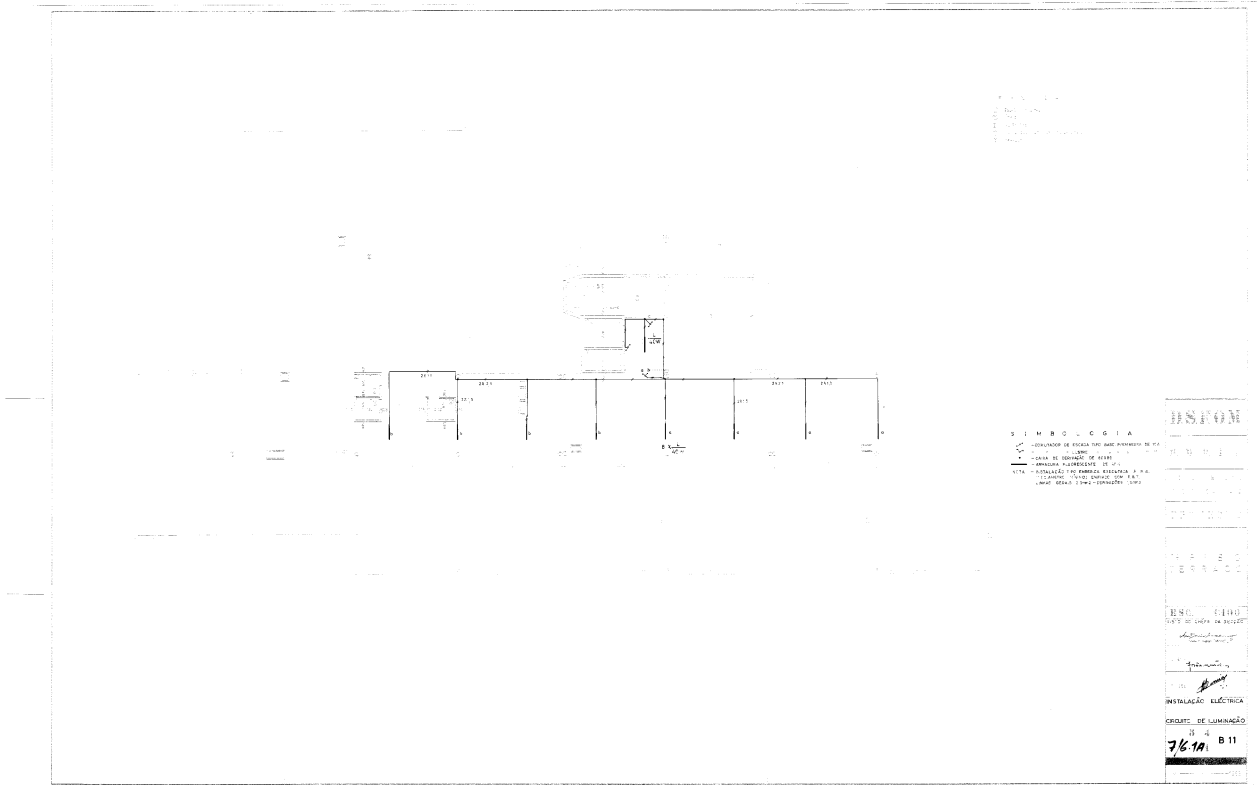
Planta Piso 5 – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

7/11  
C-2 D.110



Planta Piso 6 – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

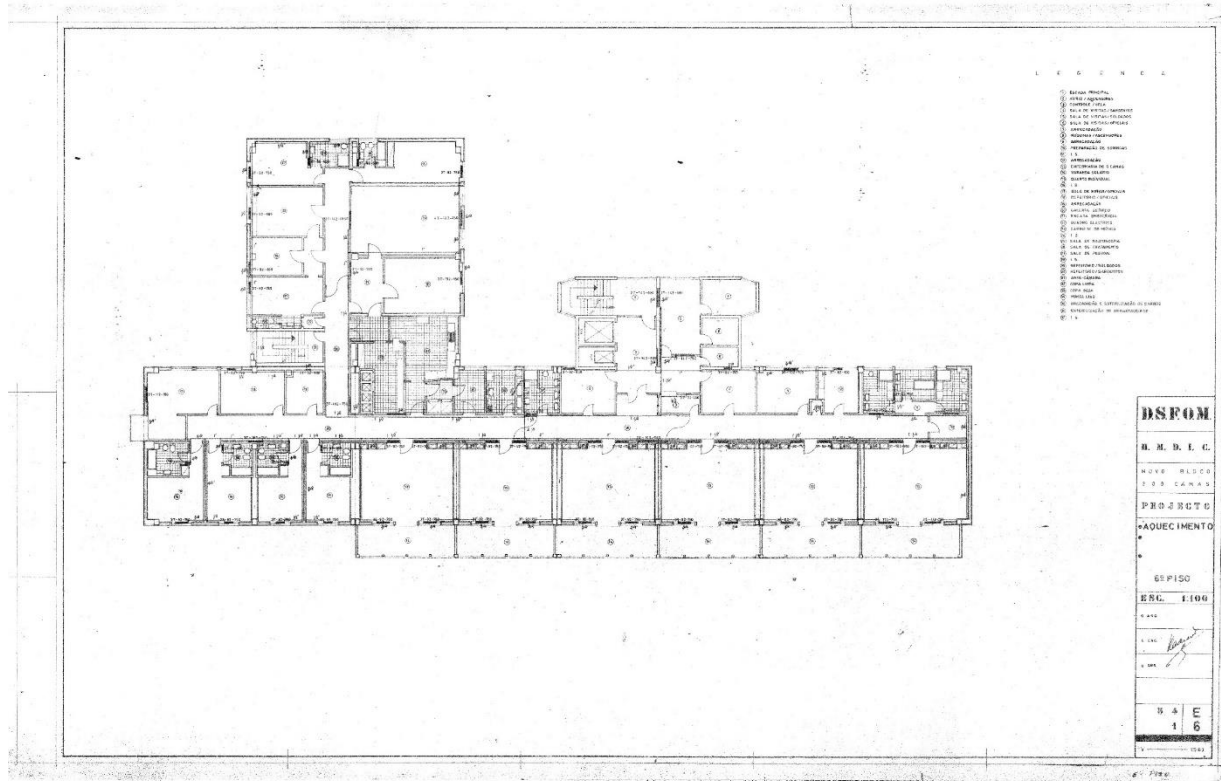
7/11  
INST. ELER  
C-2 D.110



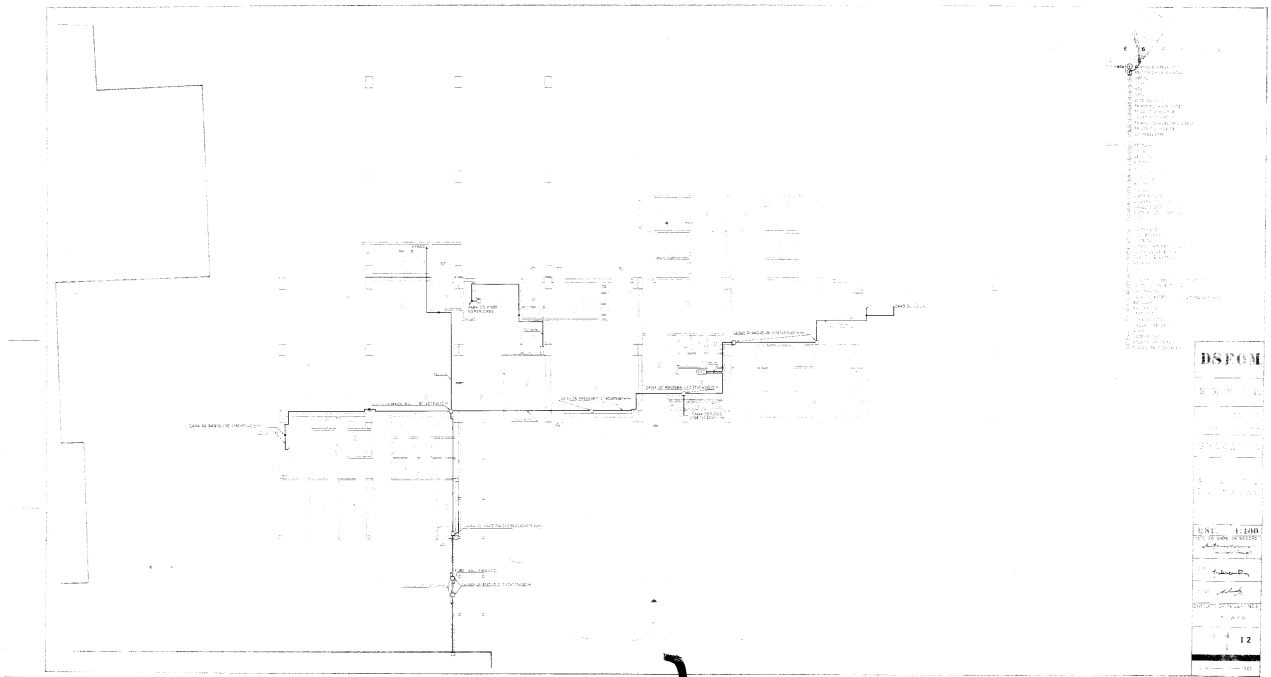
Planta Piso 7/Terraço – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963



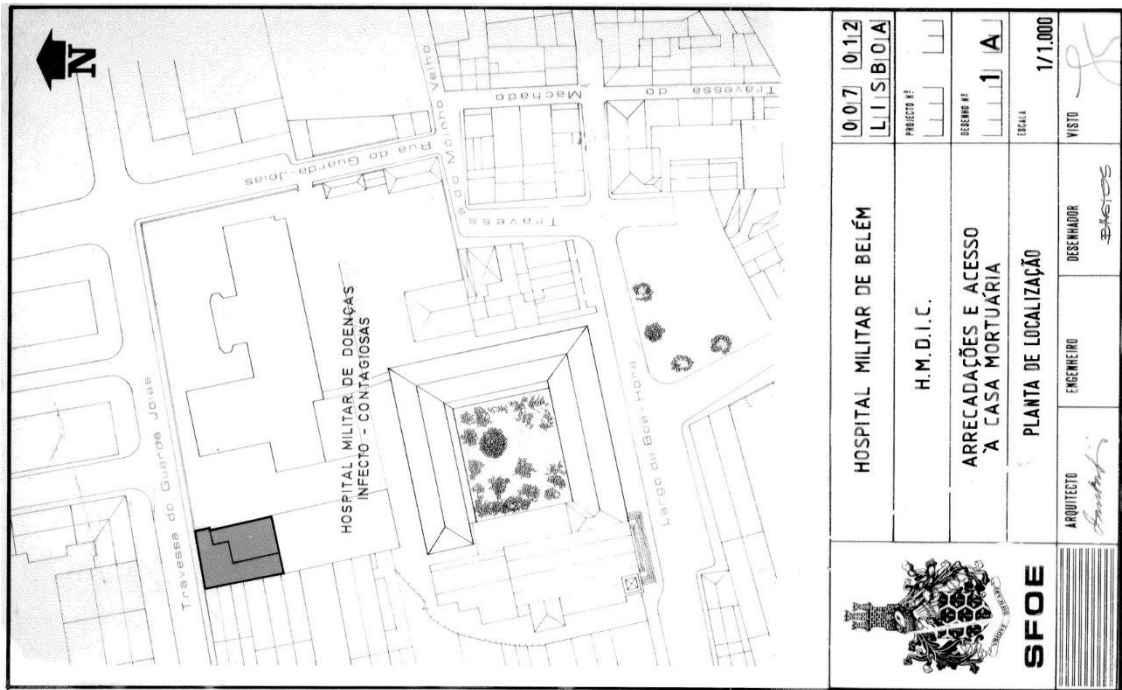




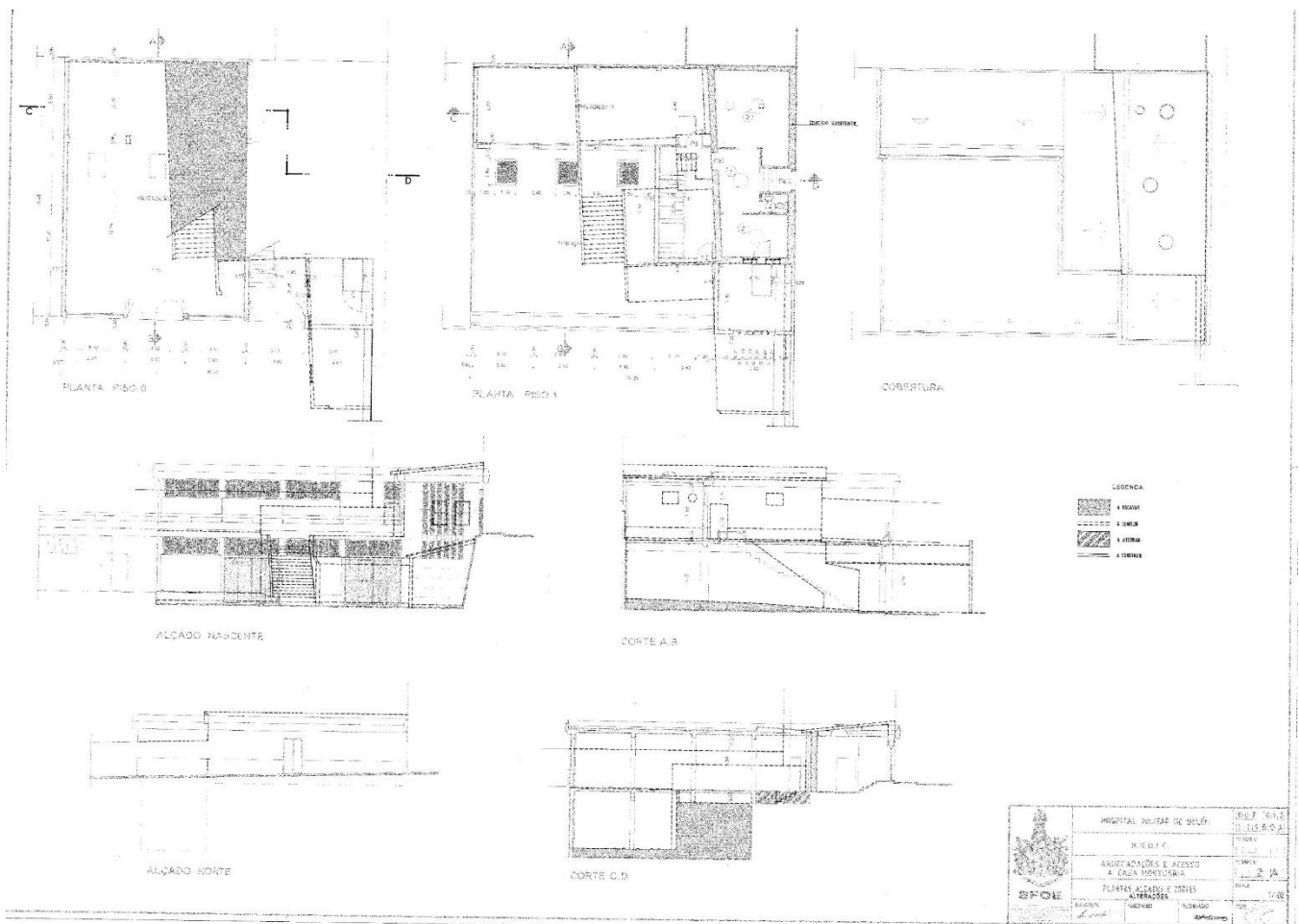
Planta Piso 6 (Aquecimento) – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963



Planta Piso 1 – Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963



Planta Localização– Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963



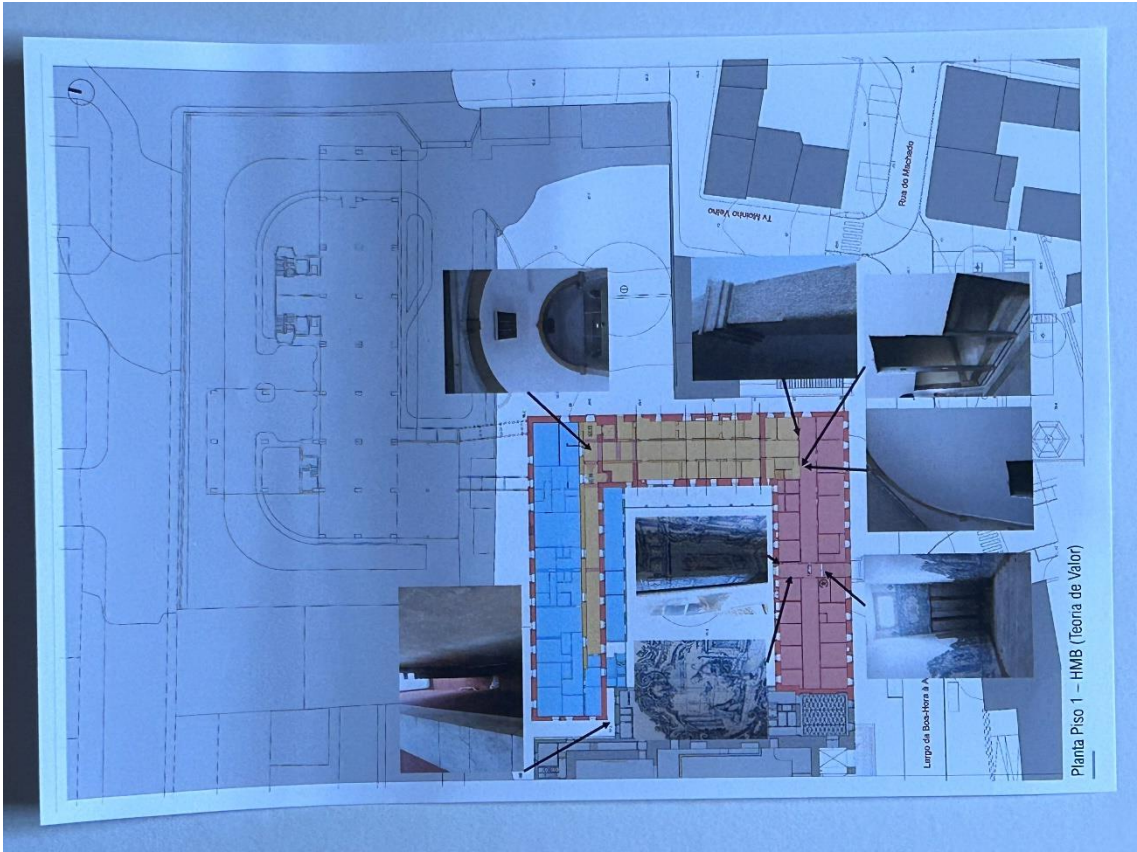
Plantas, Alçados e Cortes (Alterações)– Novo Bloco do Hospital Militar de Belém - 1963

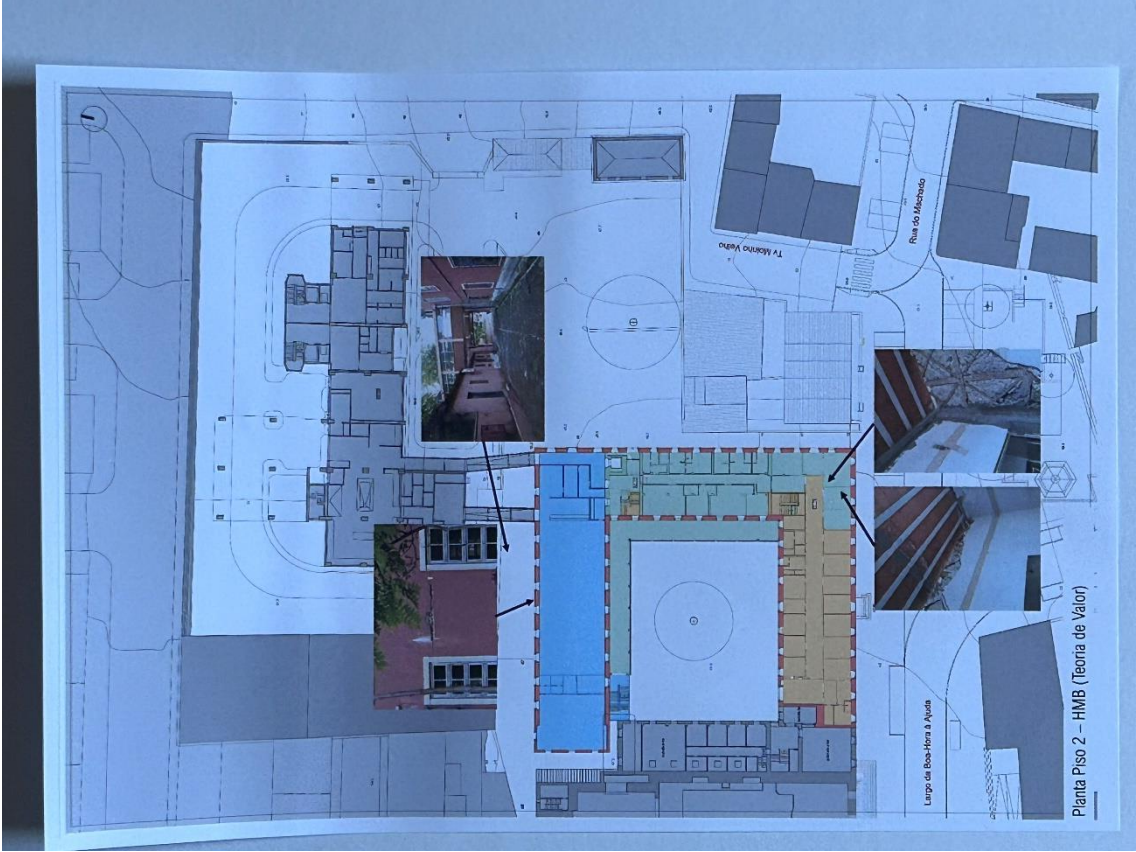


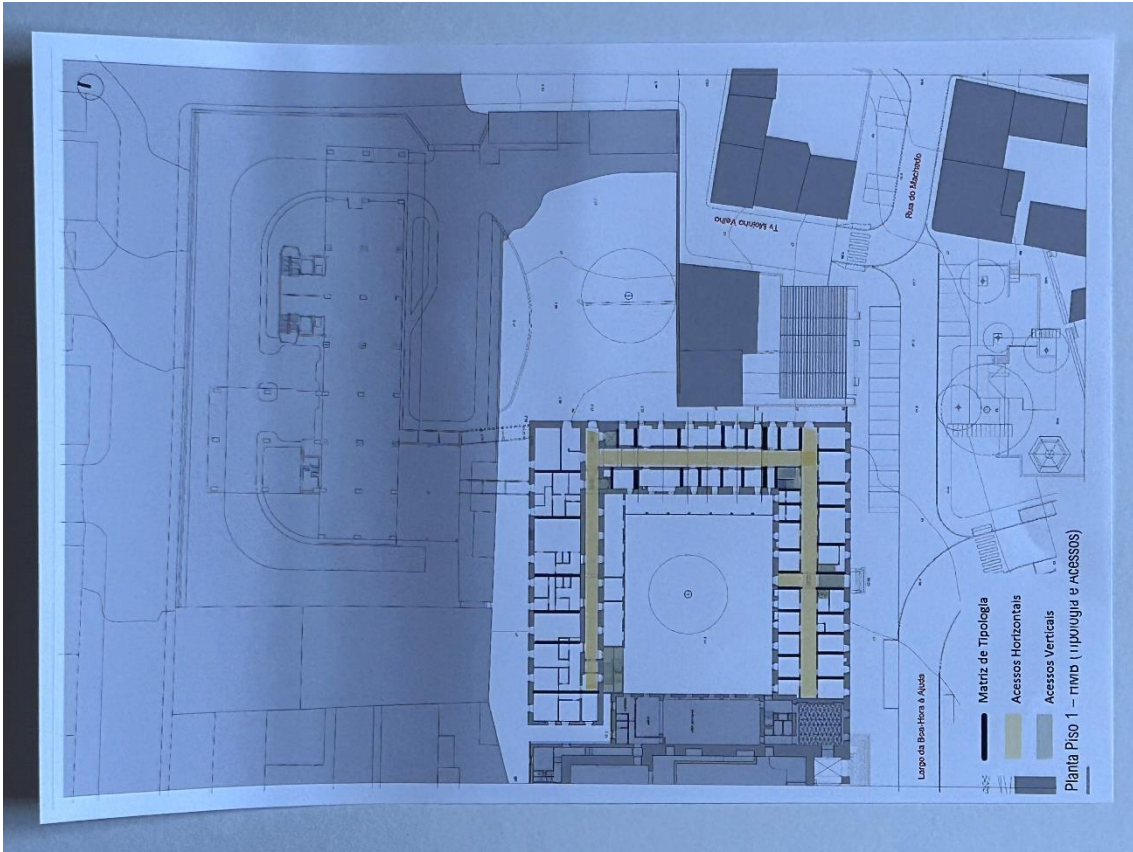
## Processo de Trabalho

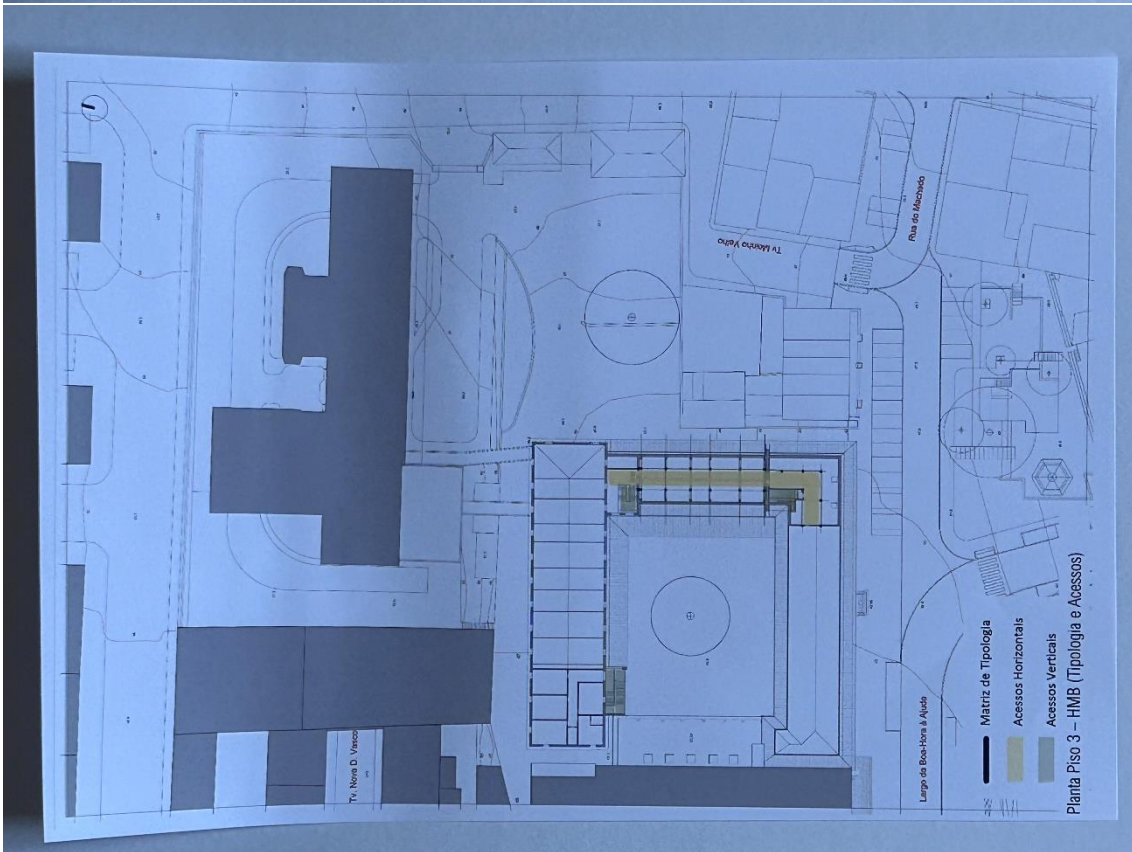
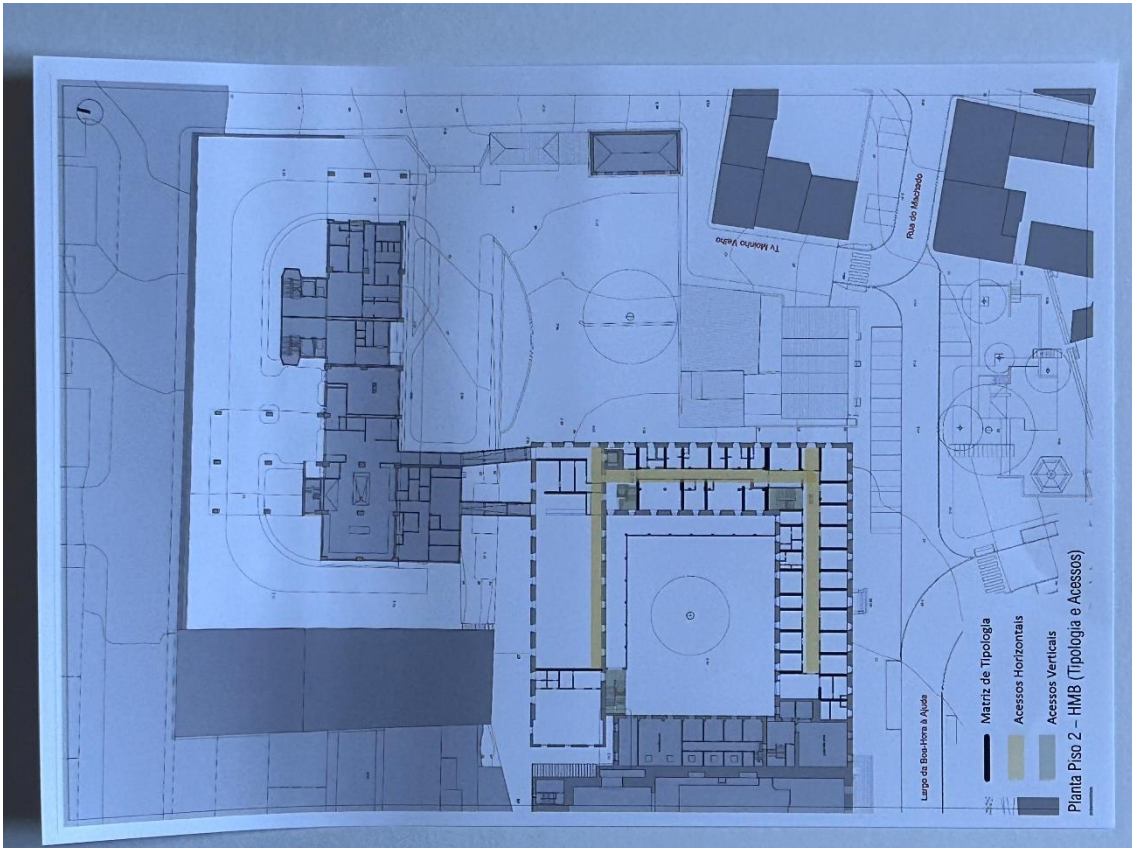


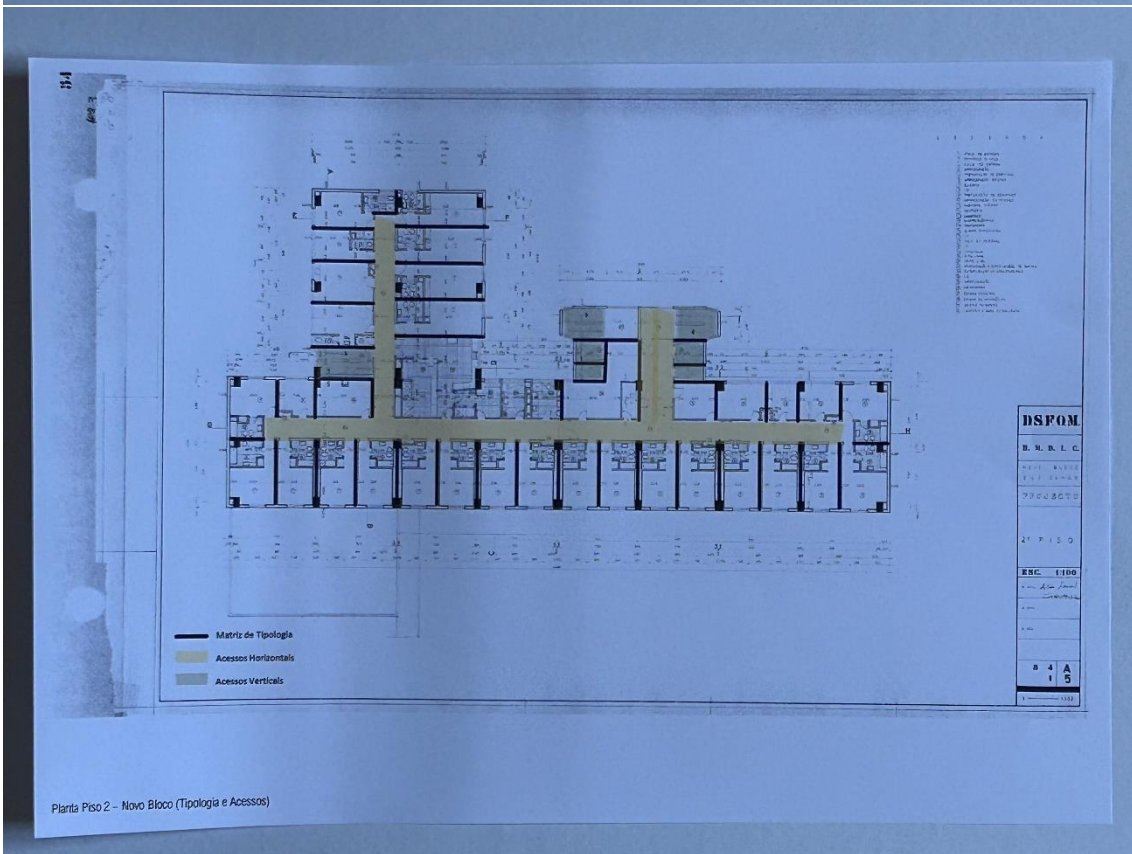
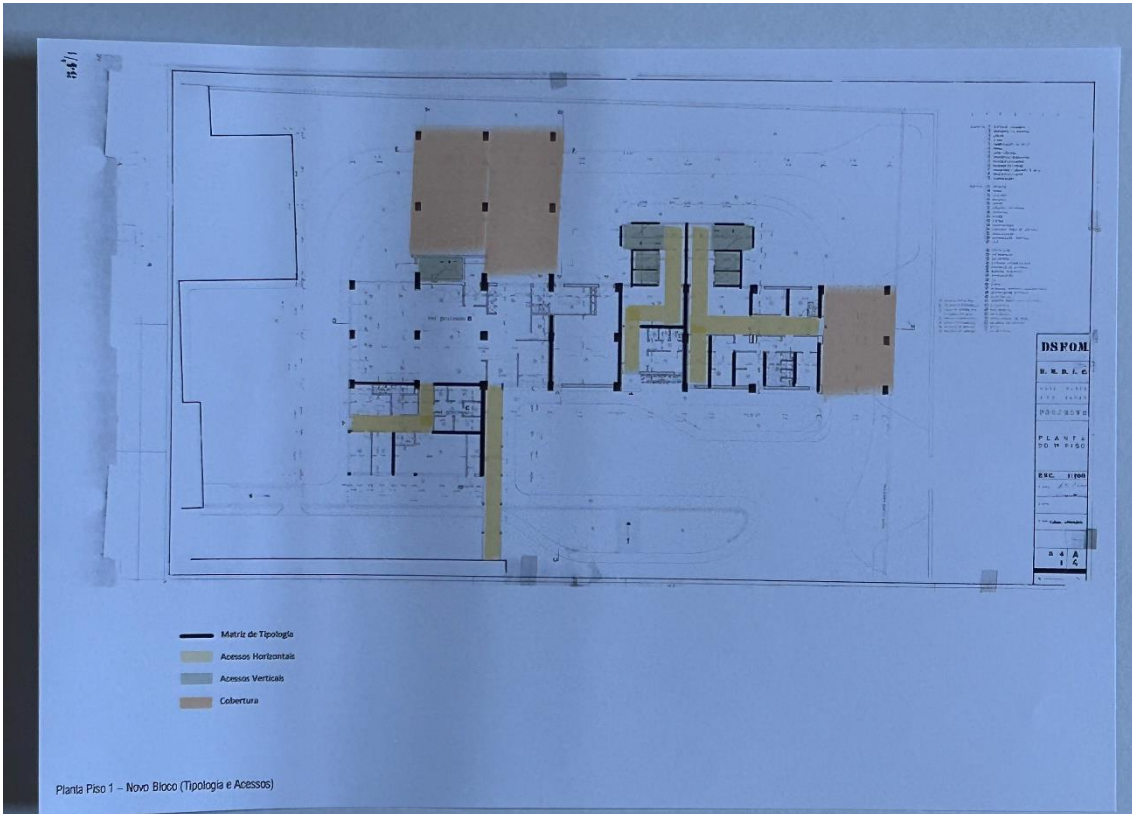


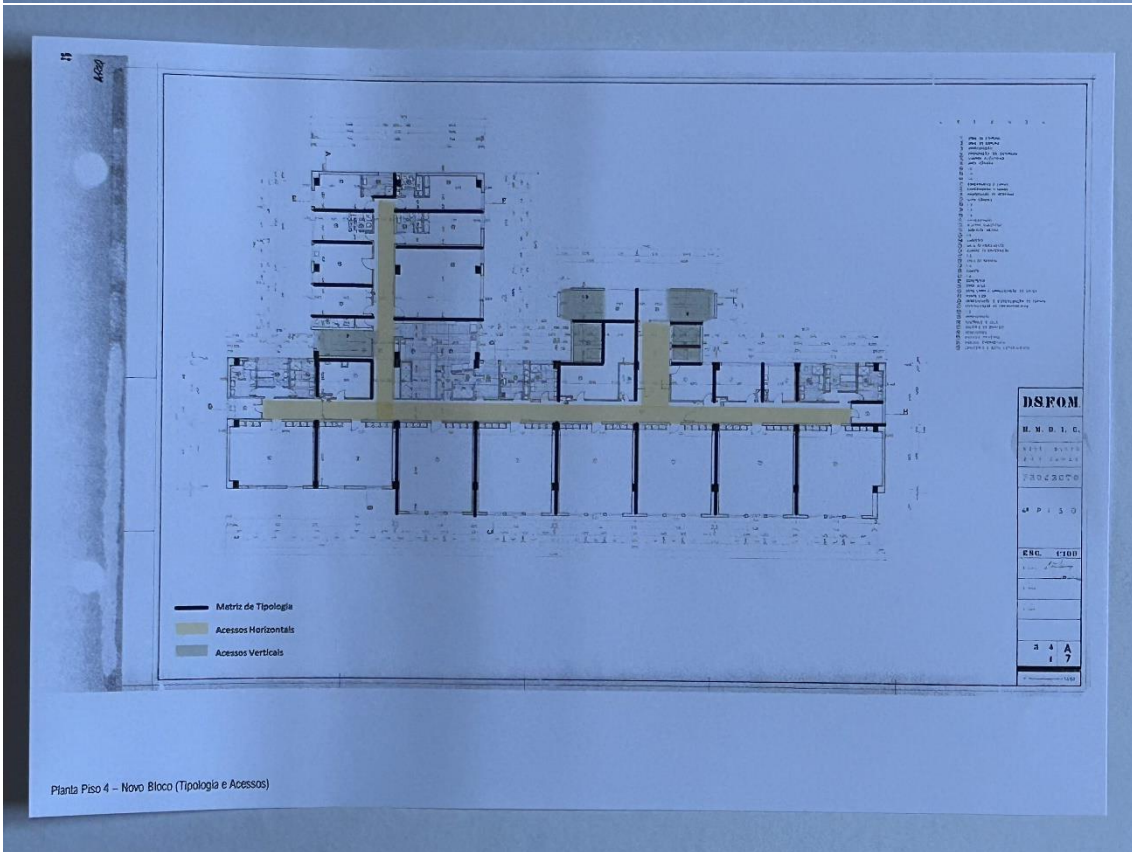
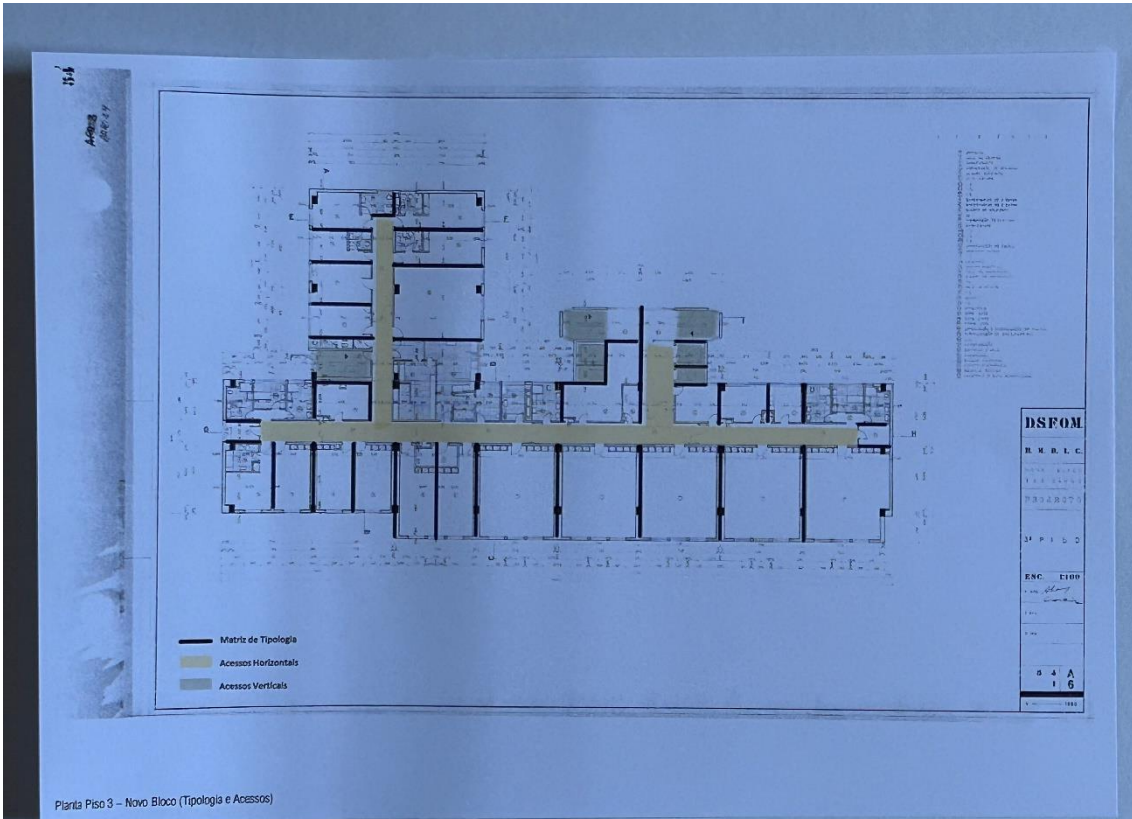


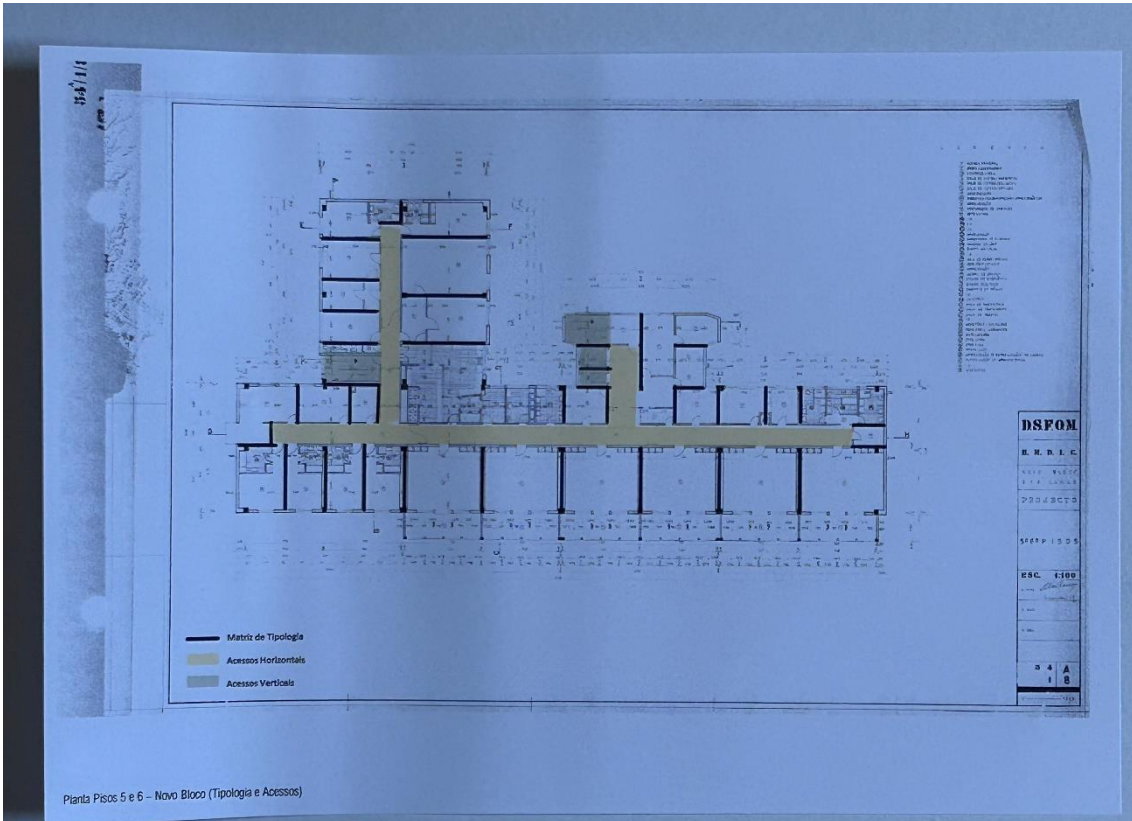


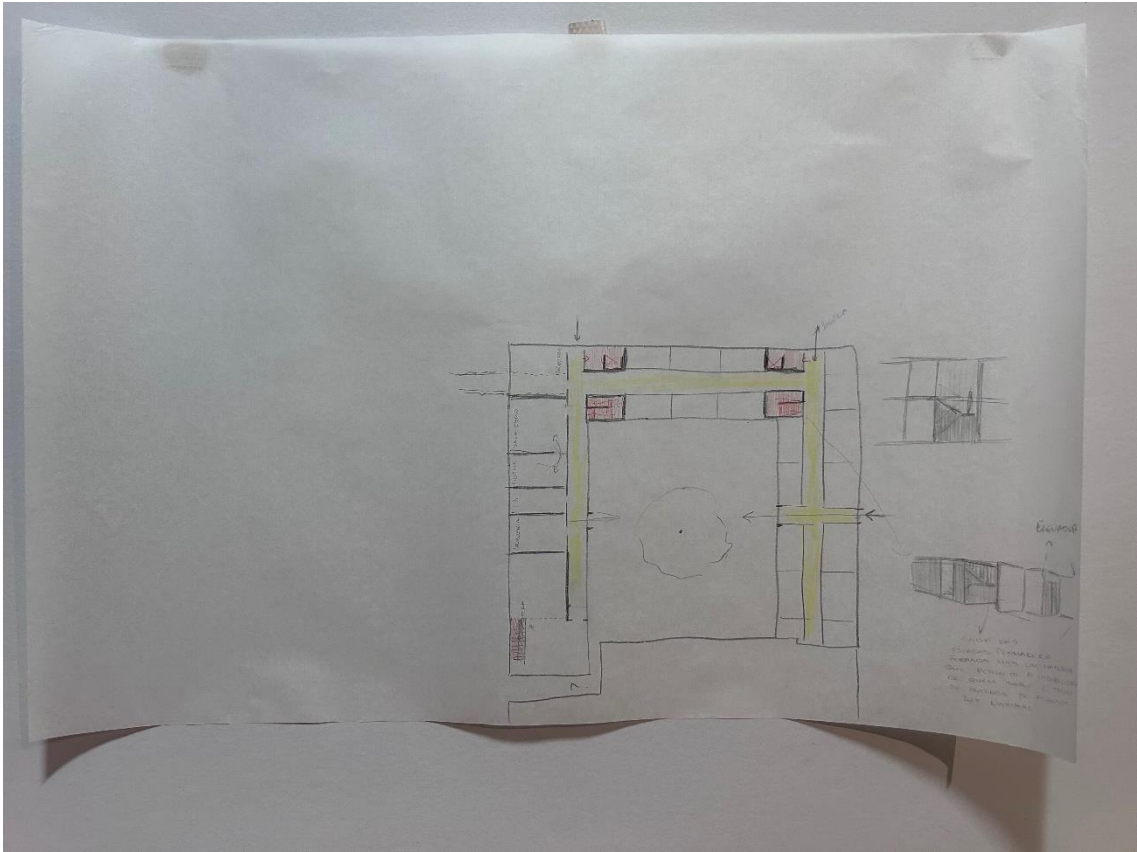
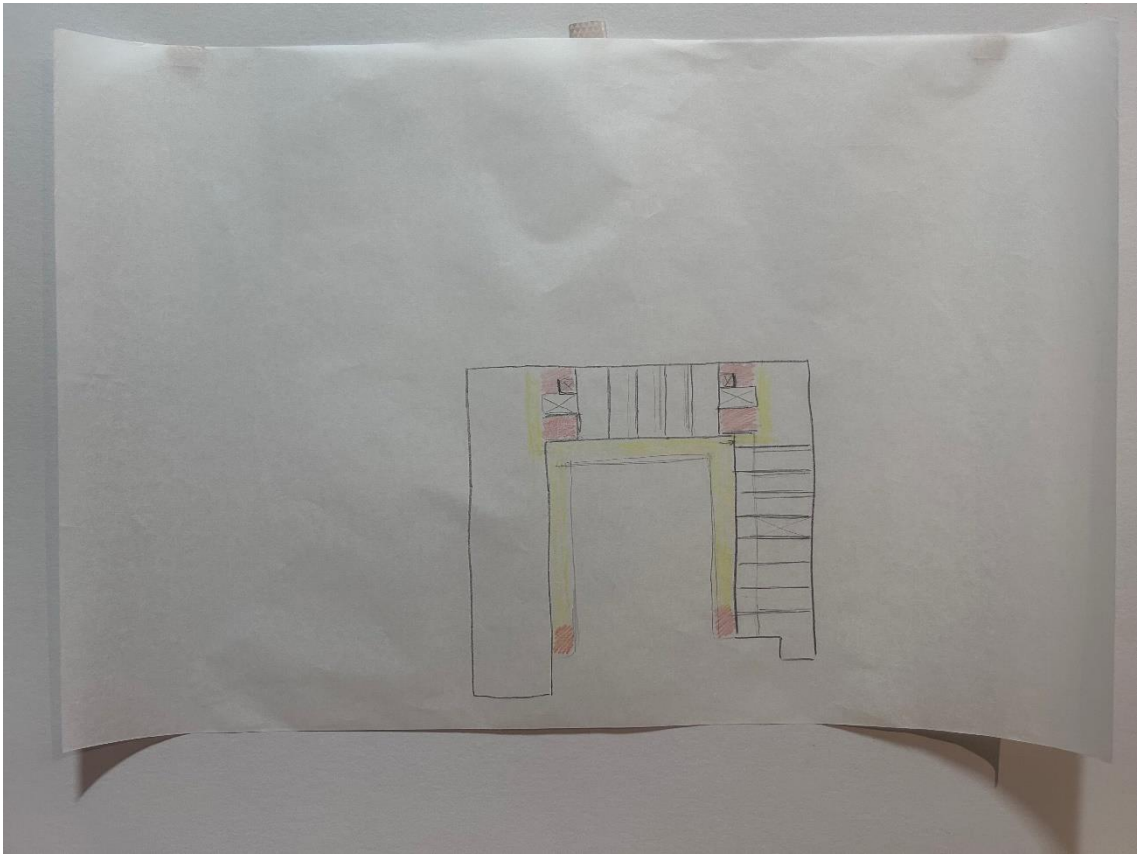


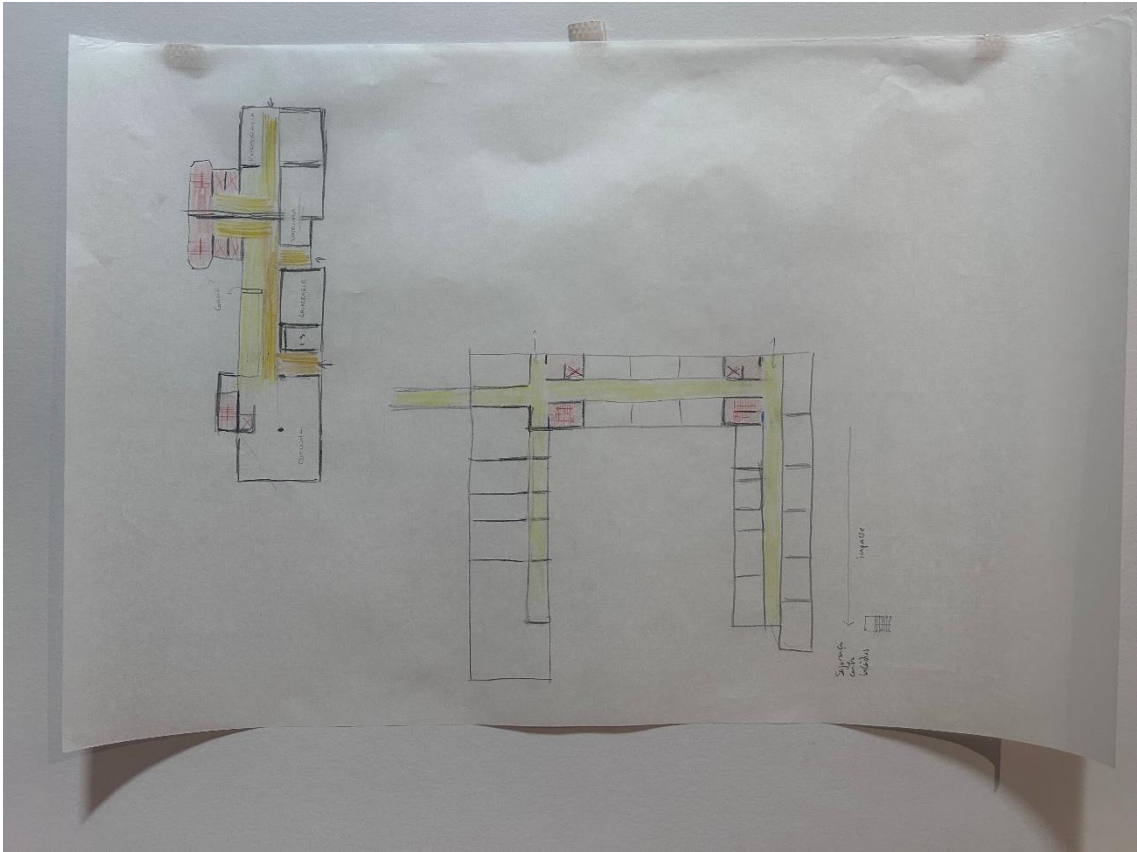
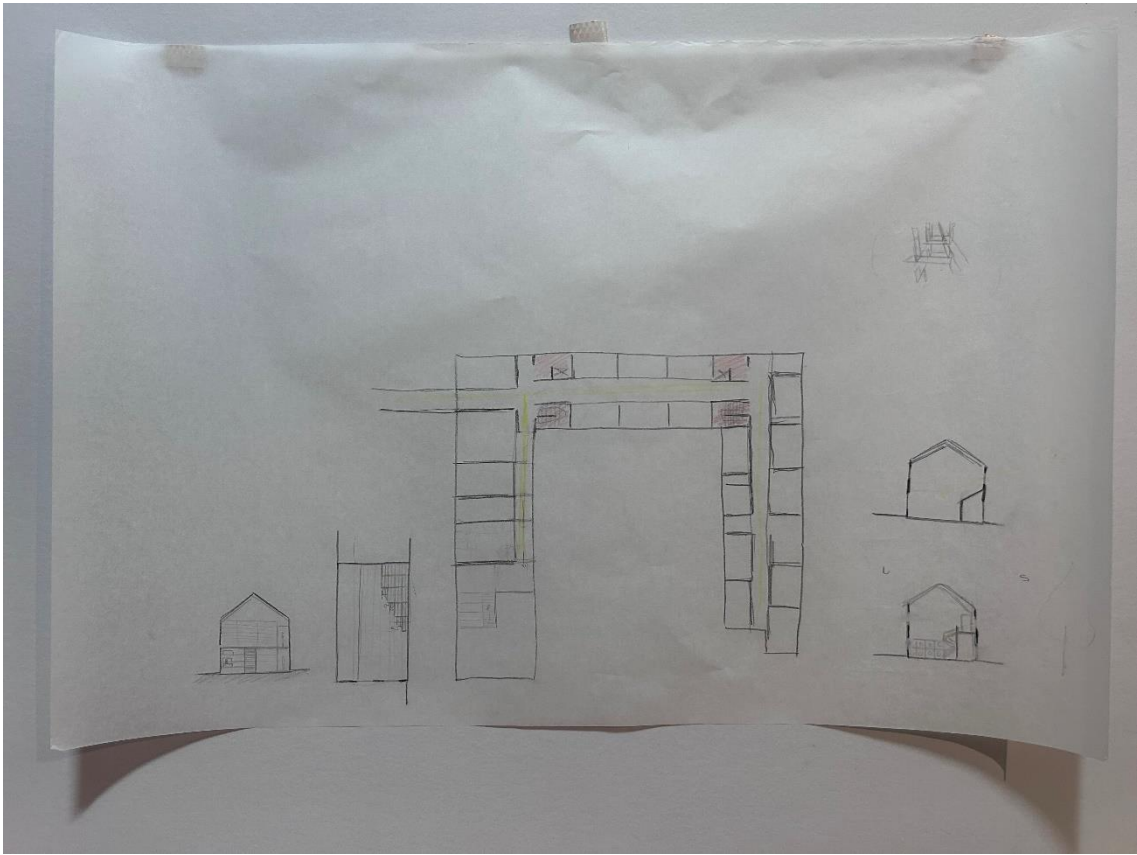


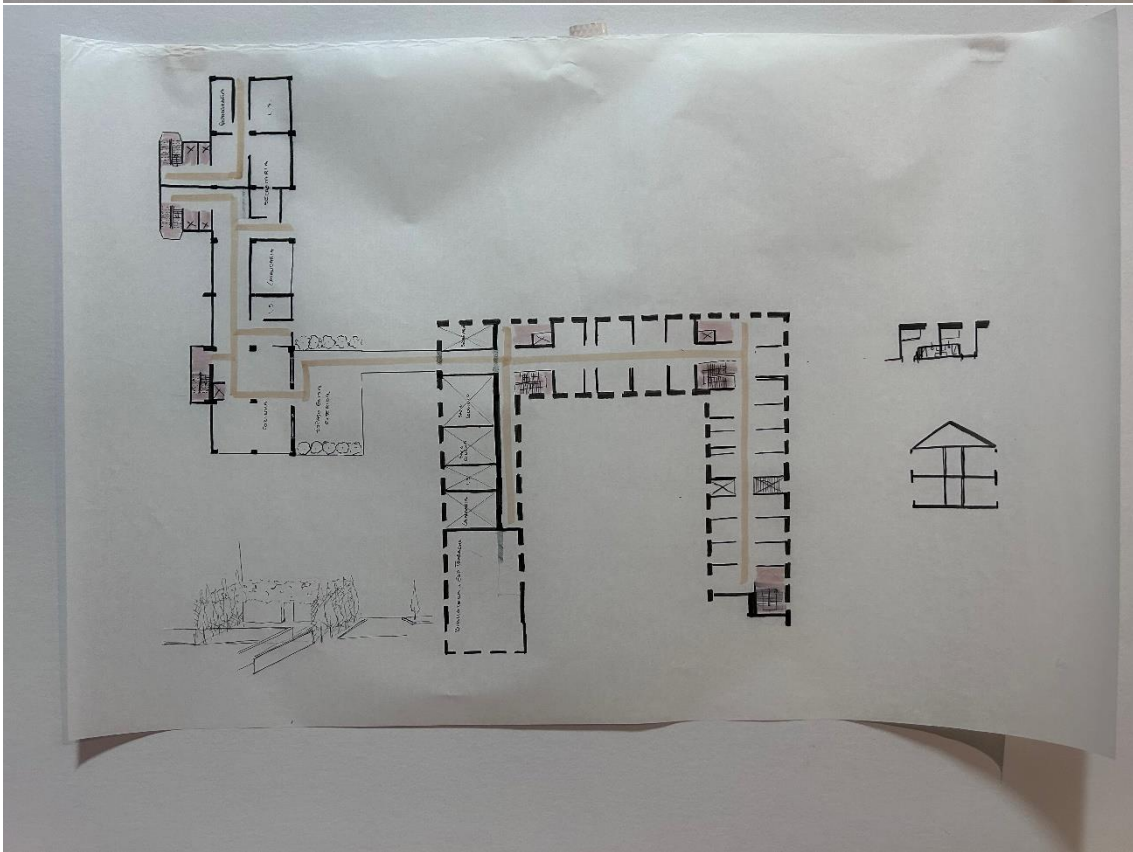
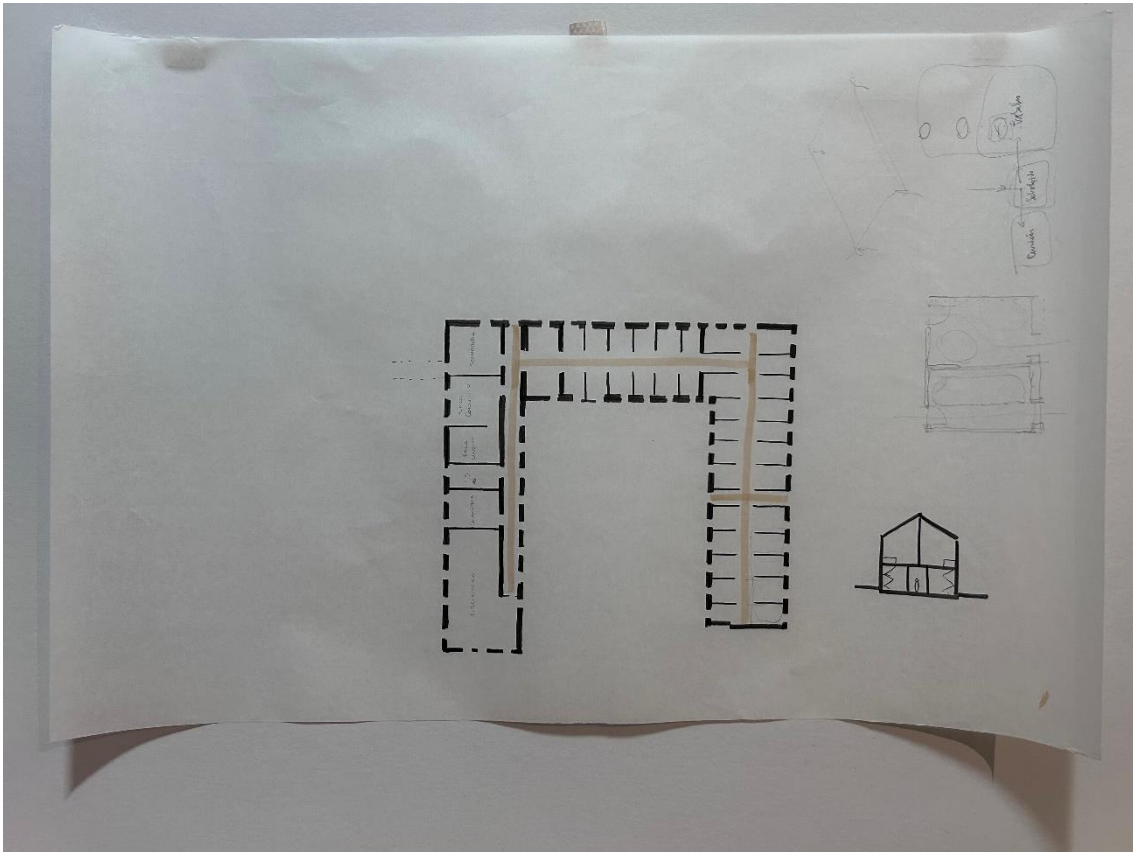


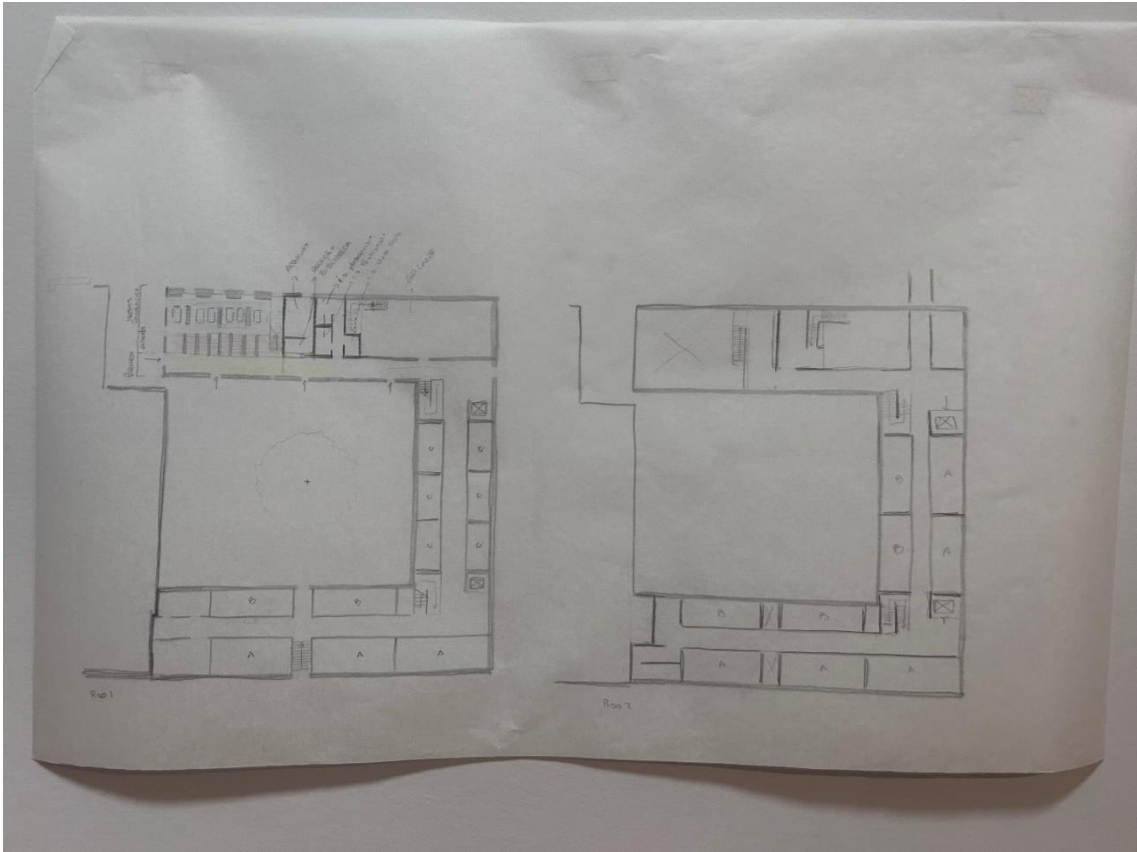
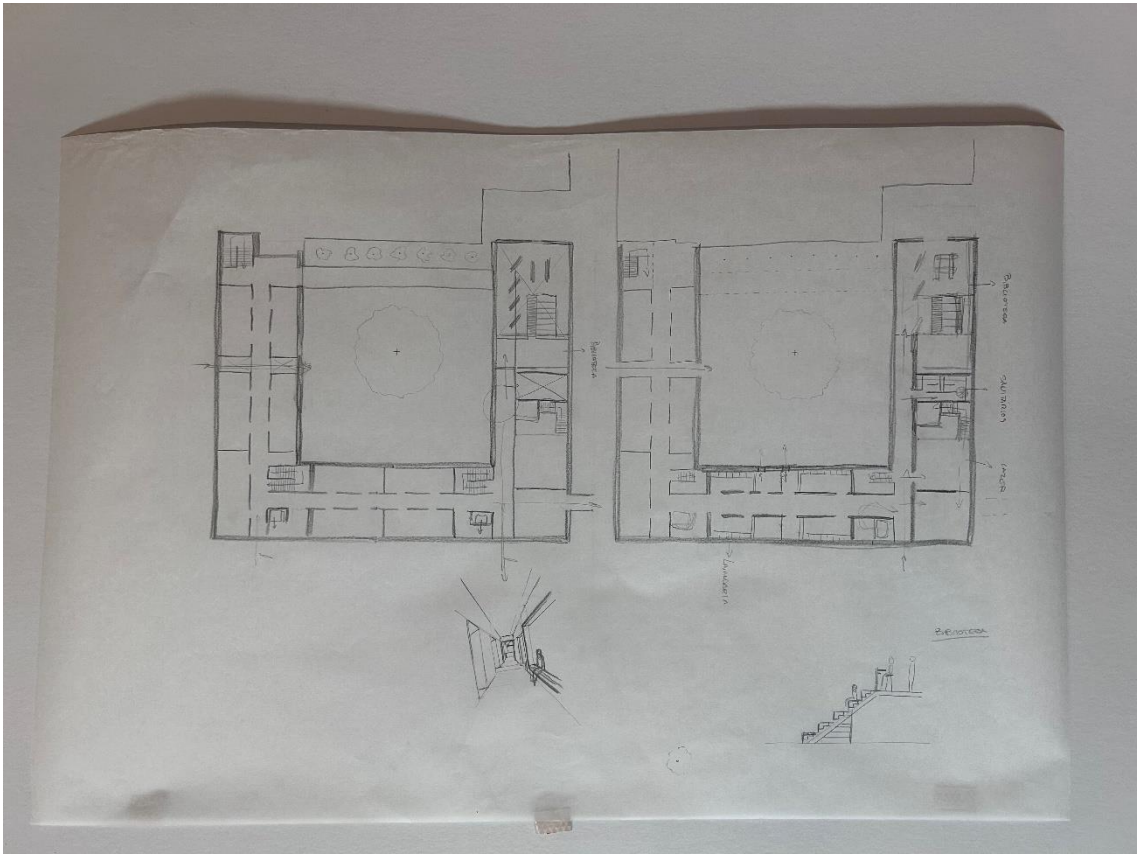




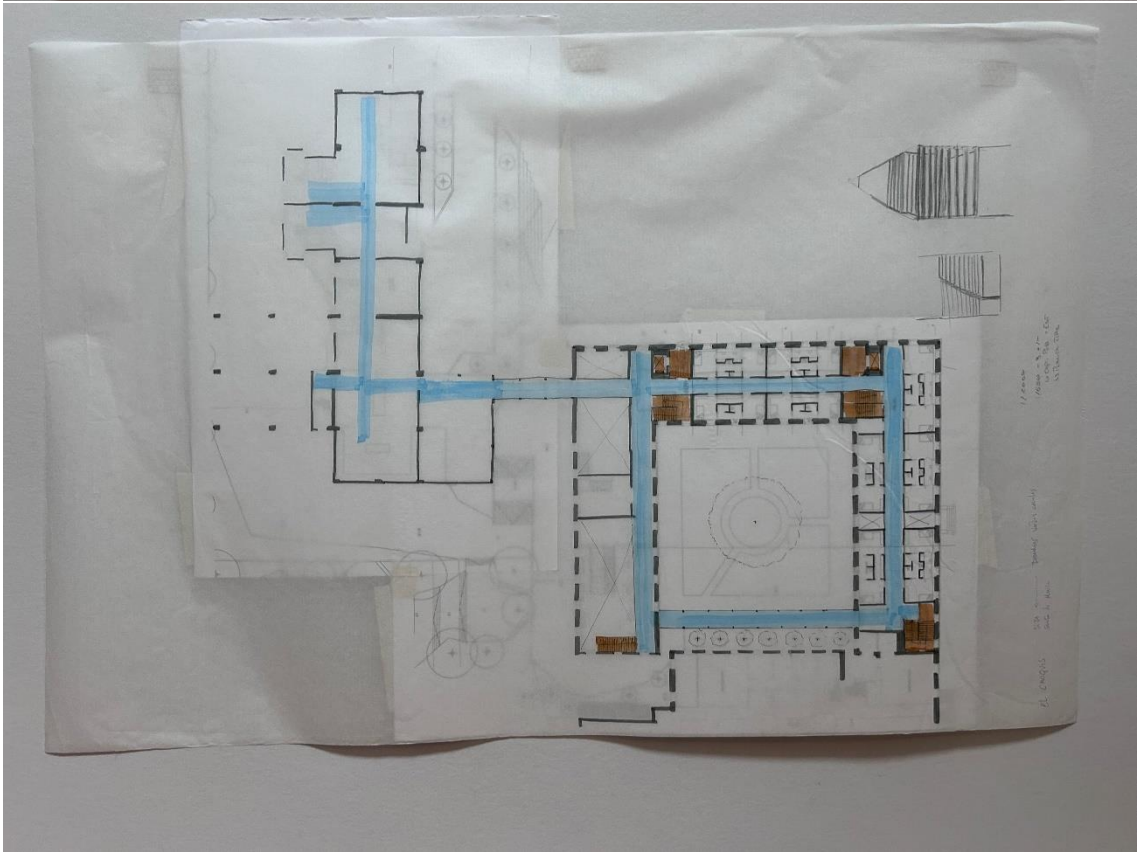
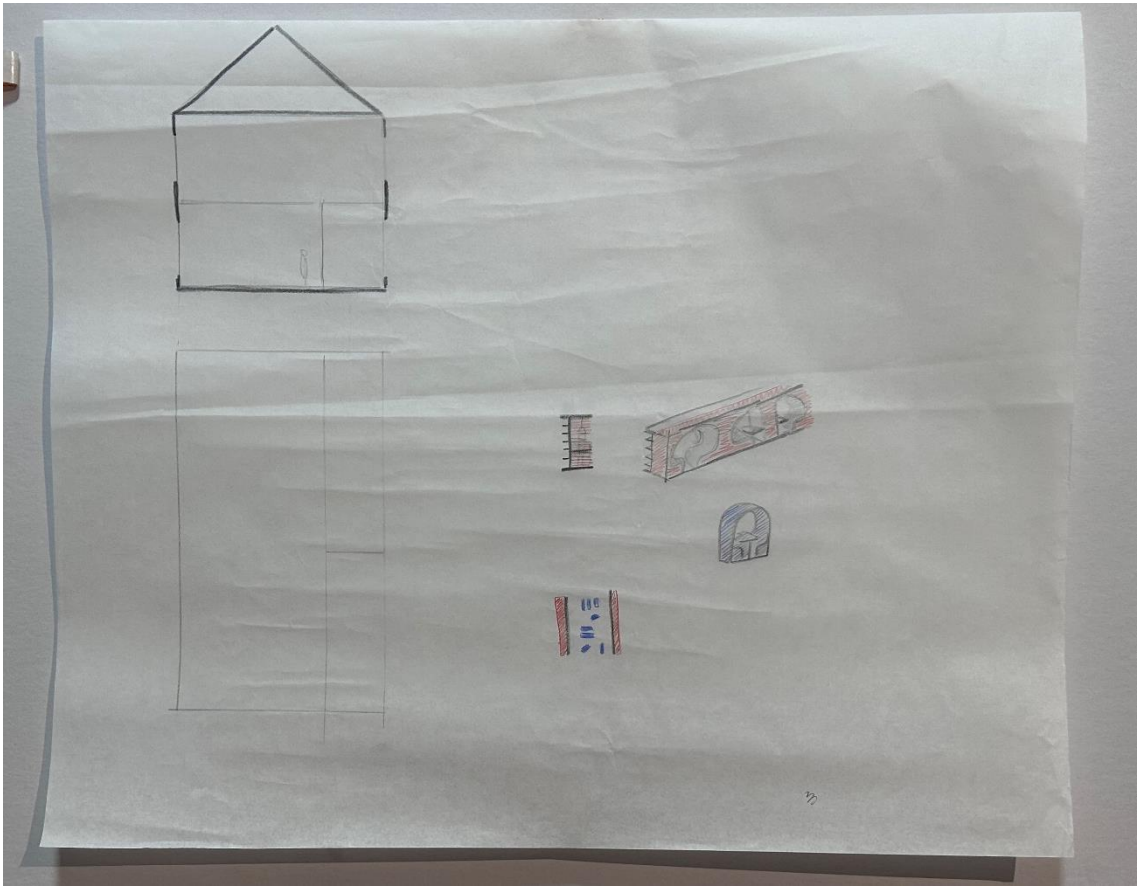




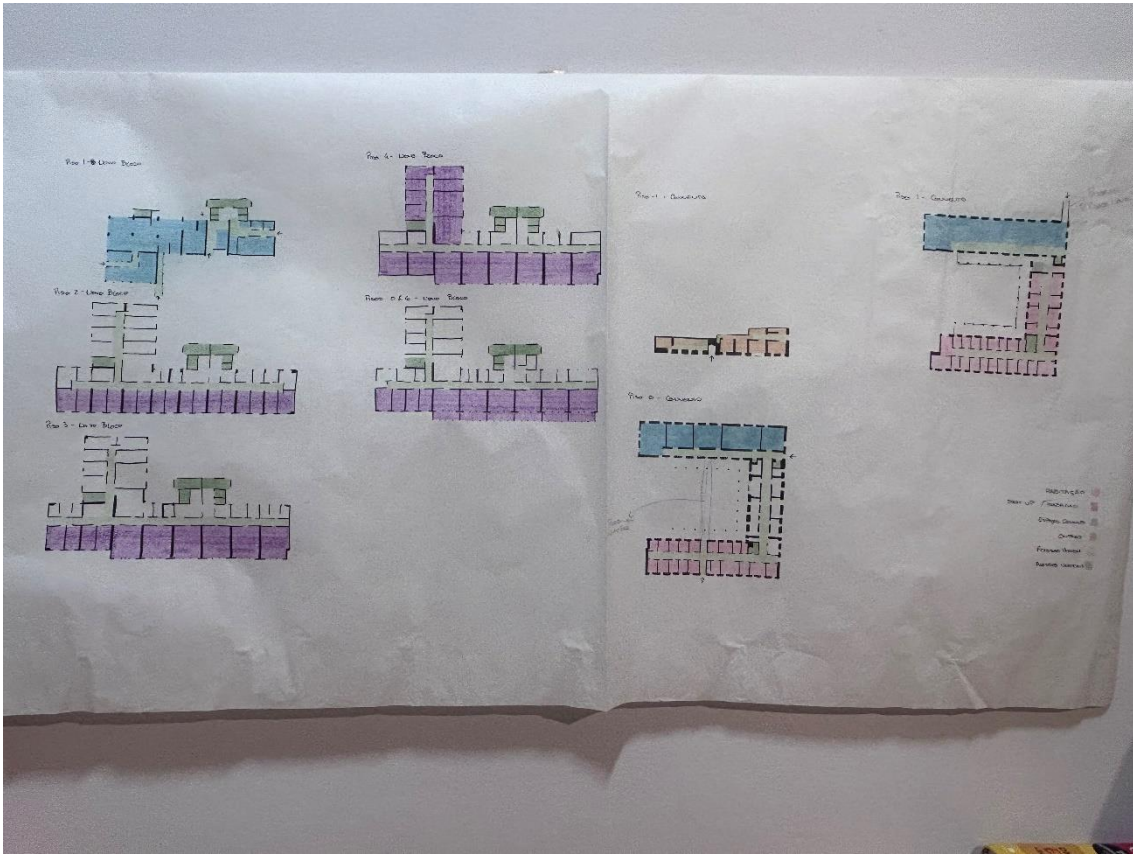


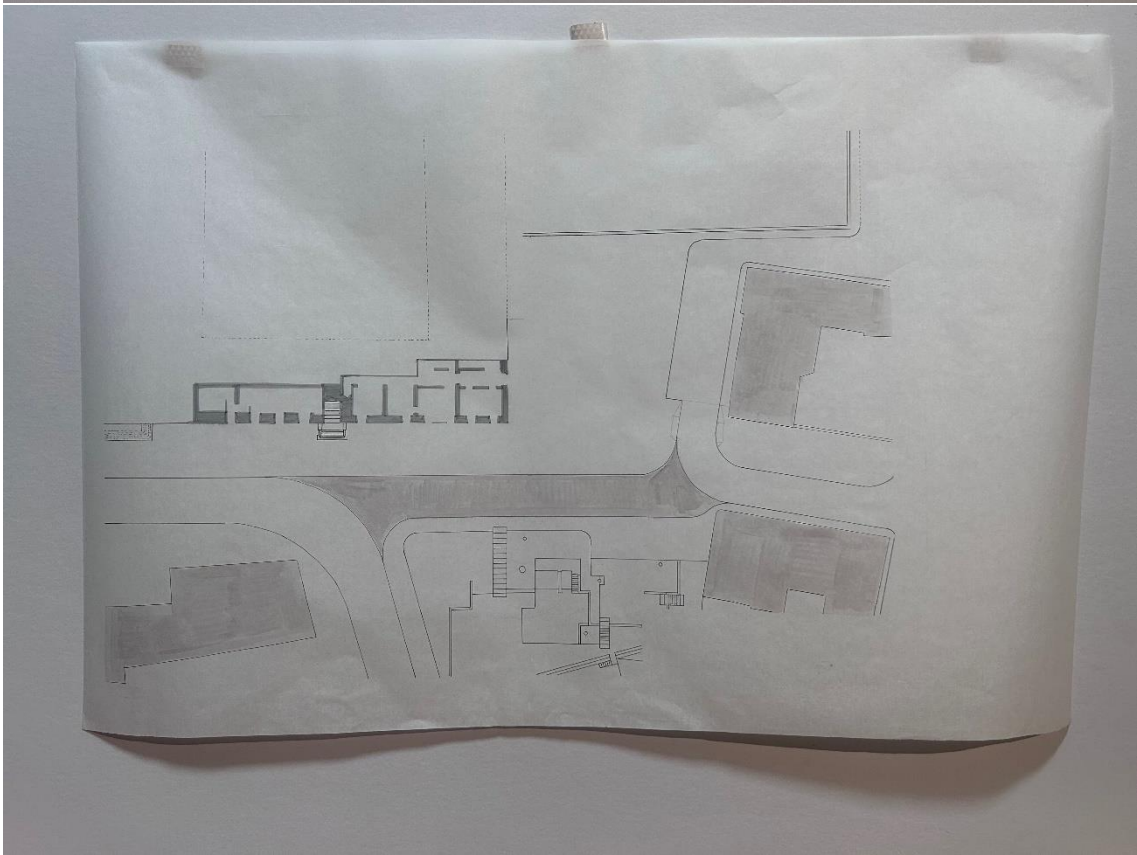
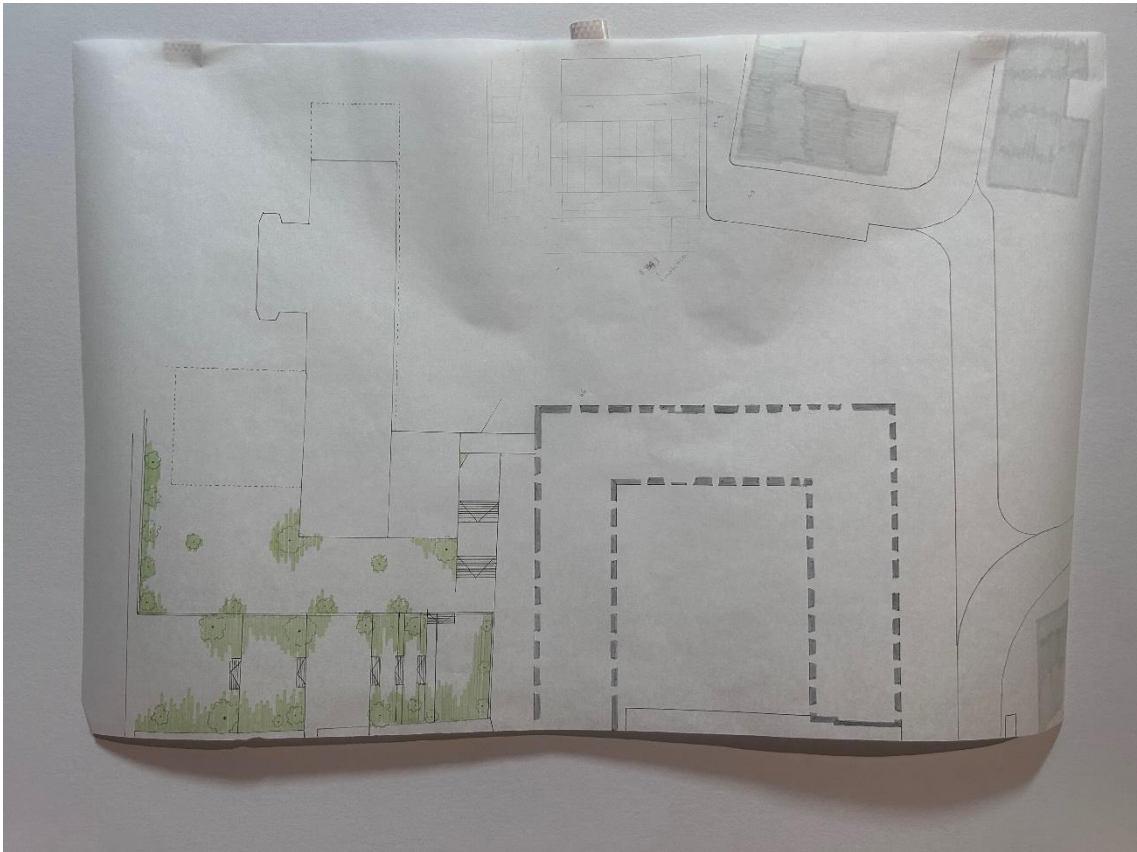


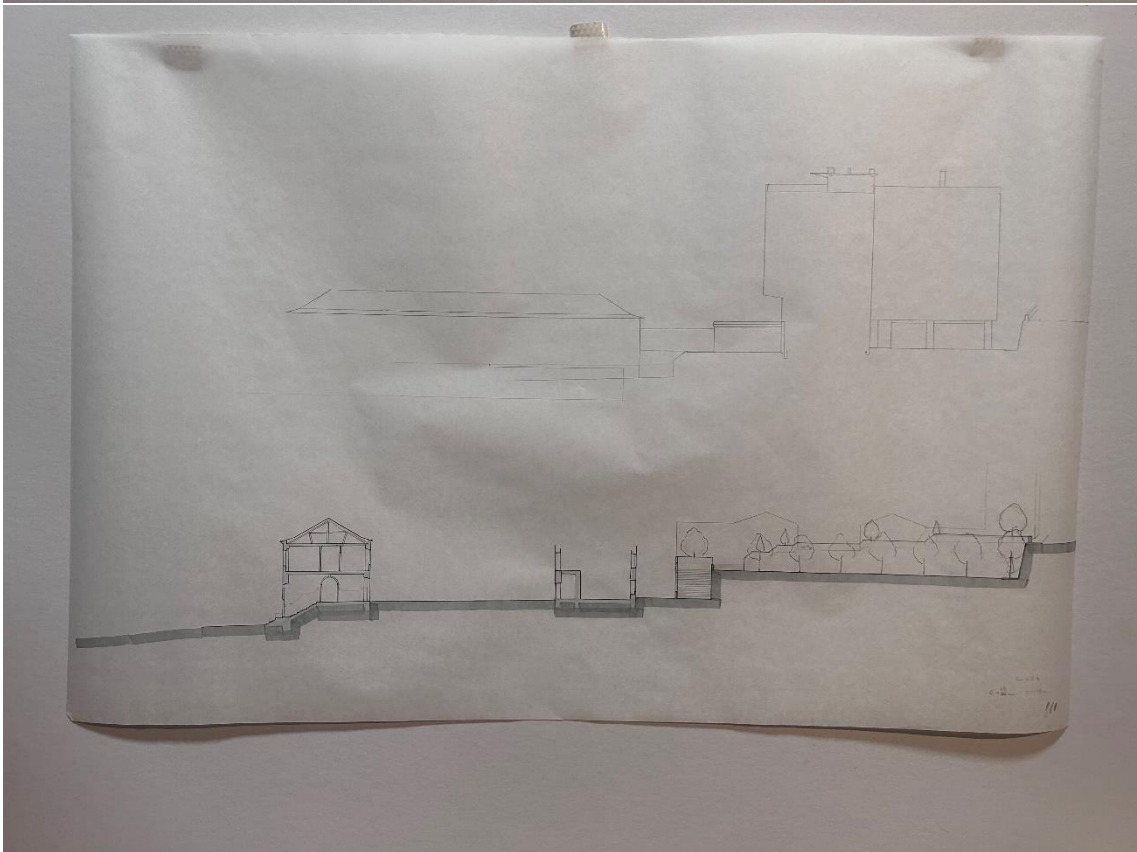
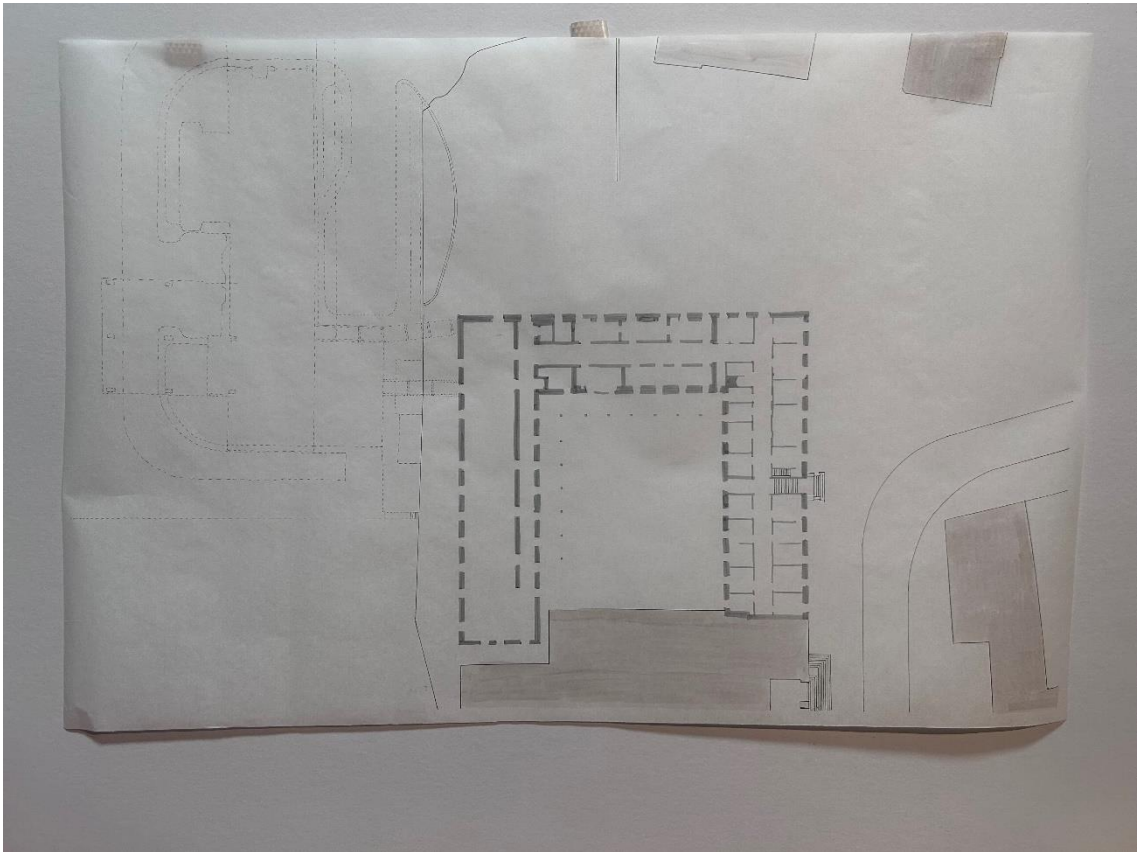


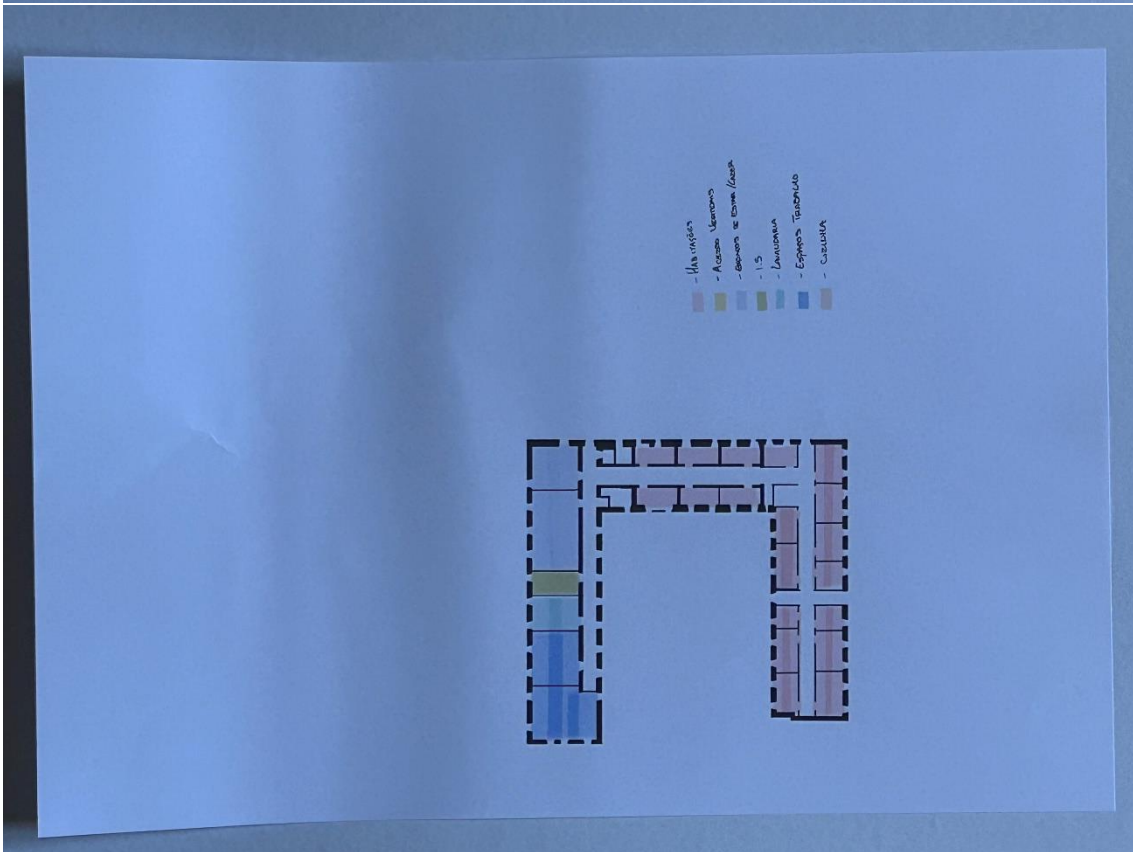


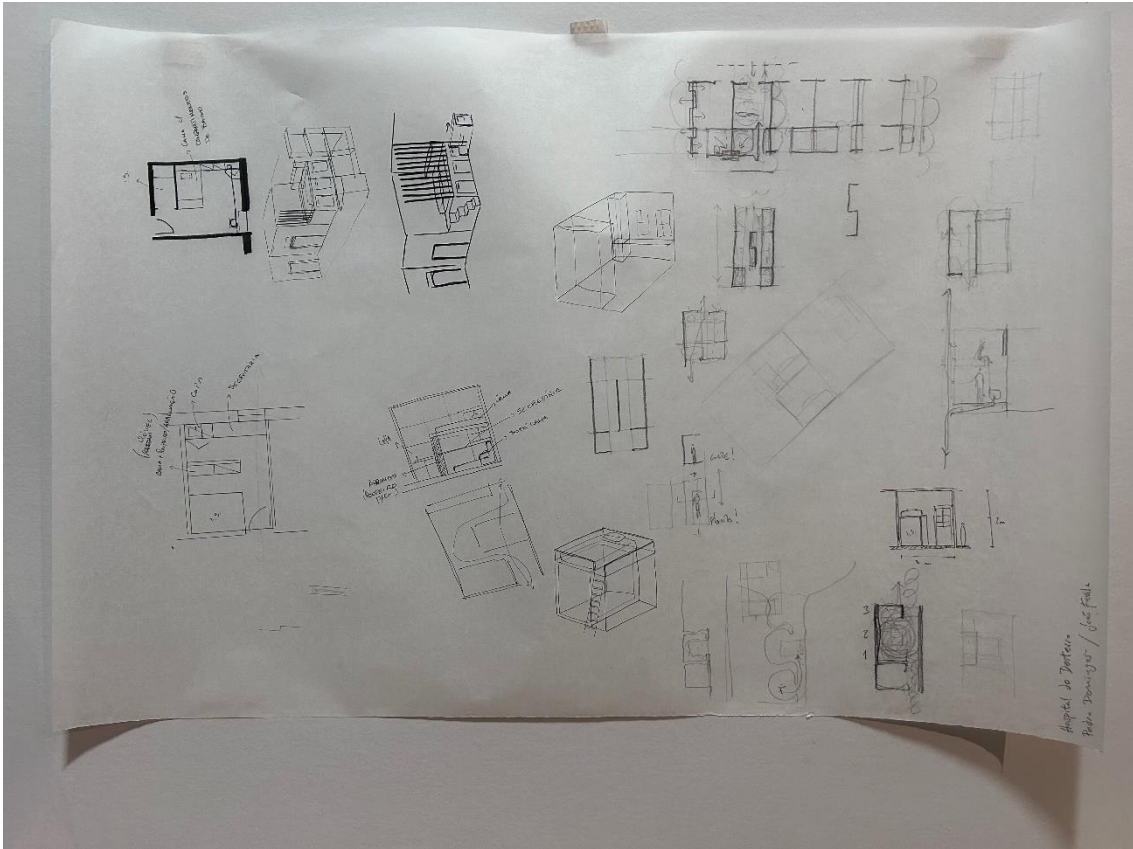




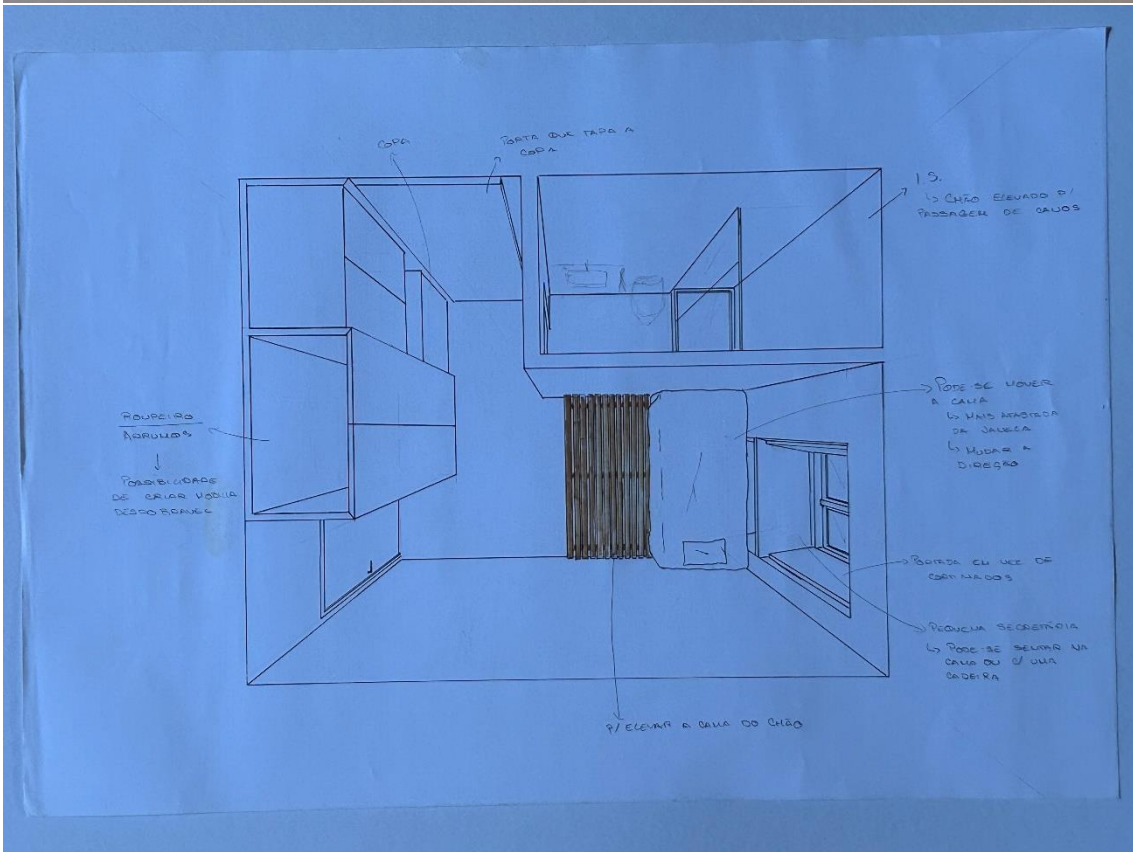
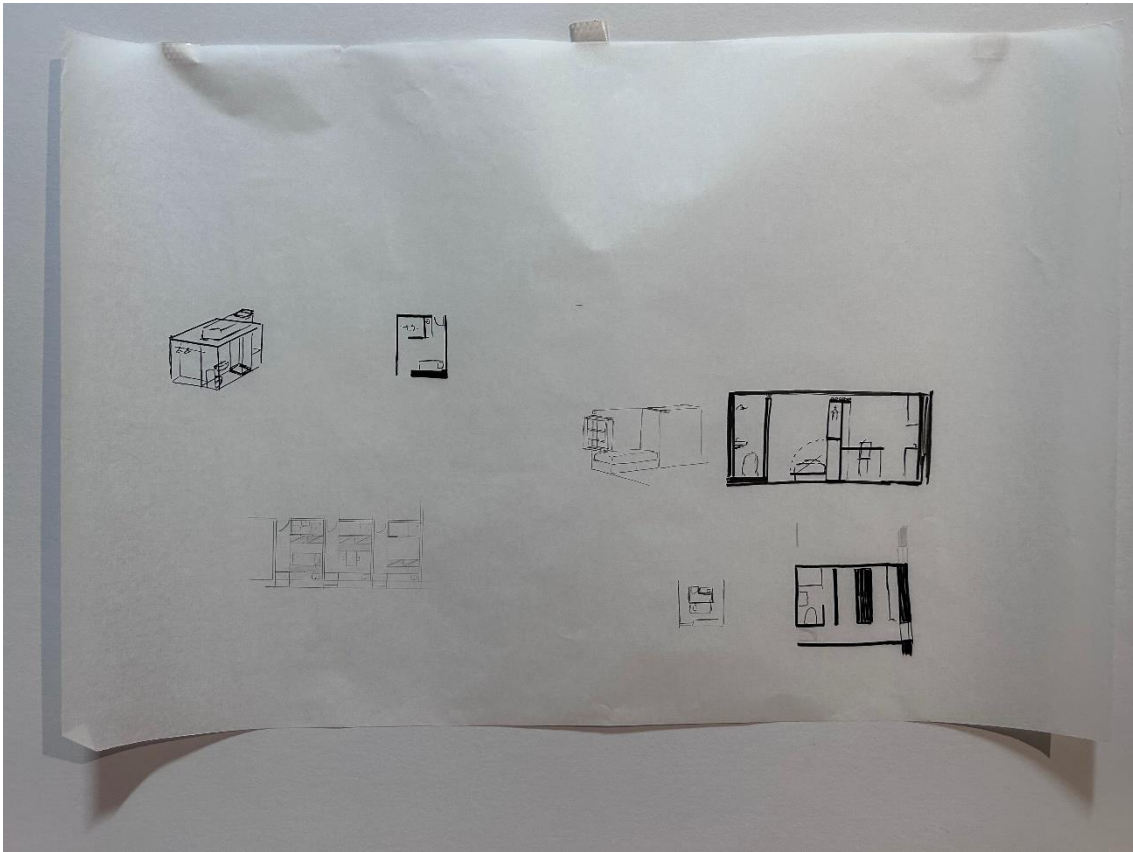


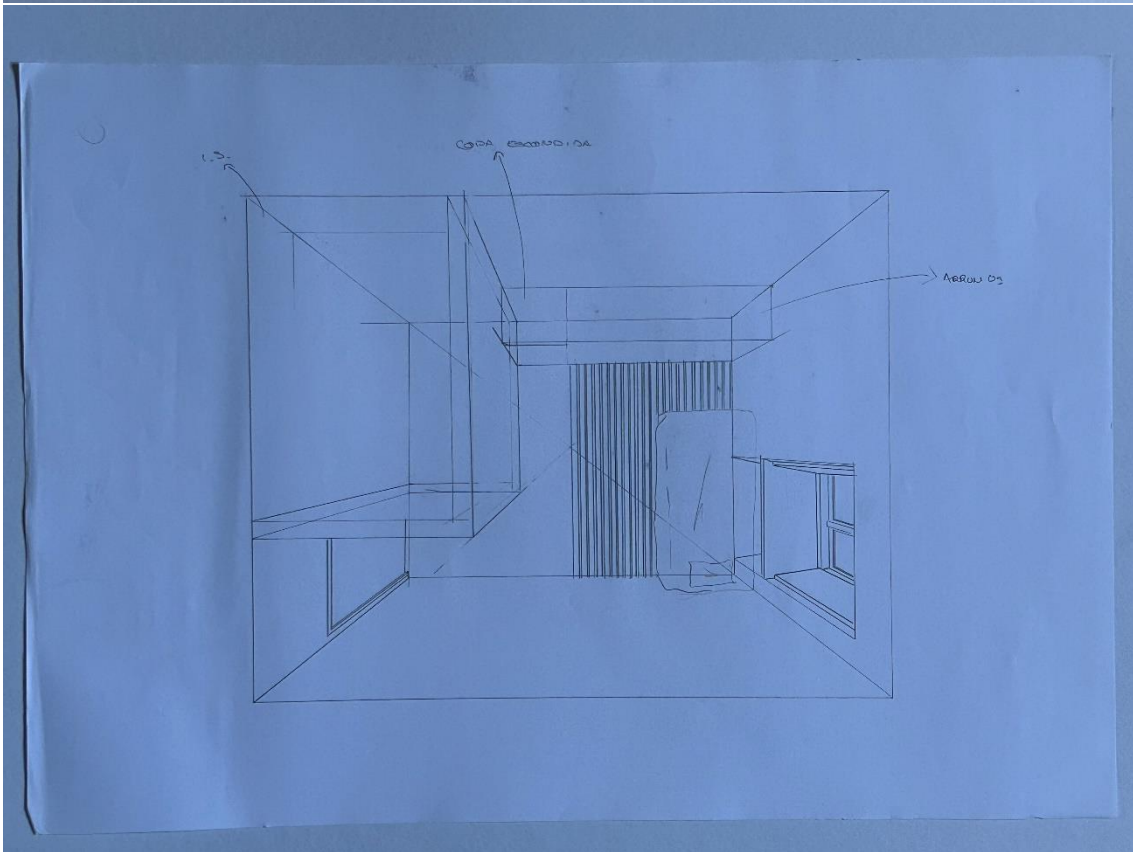
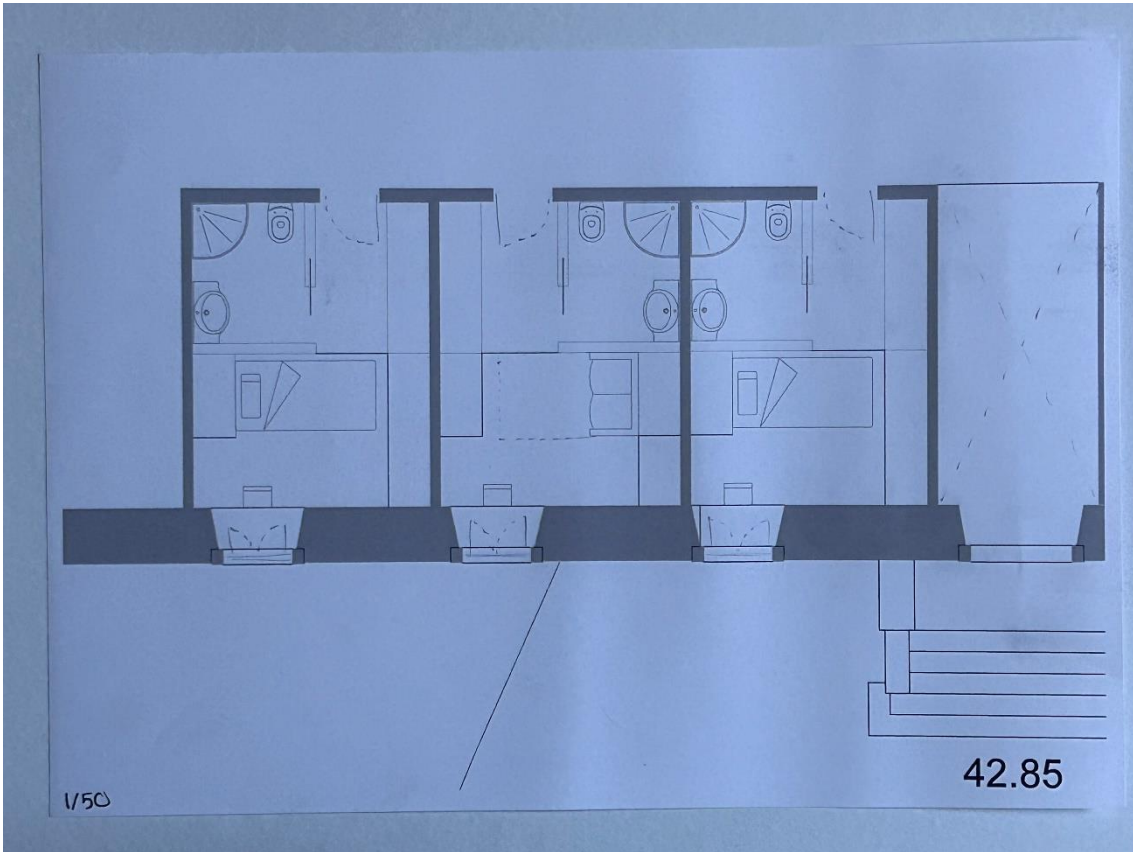


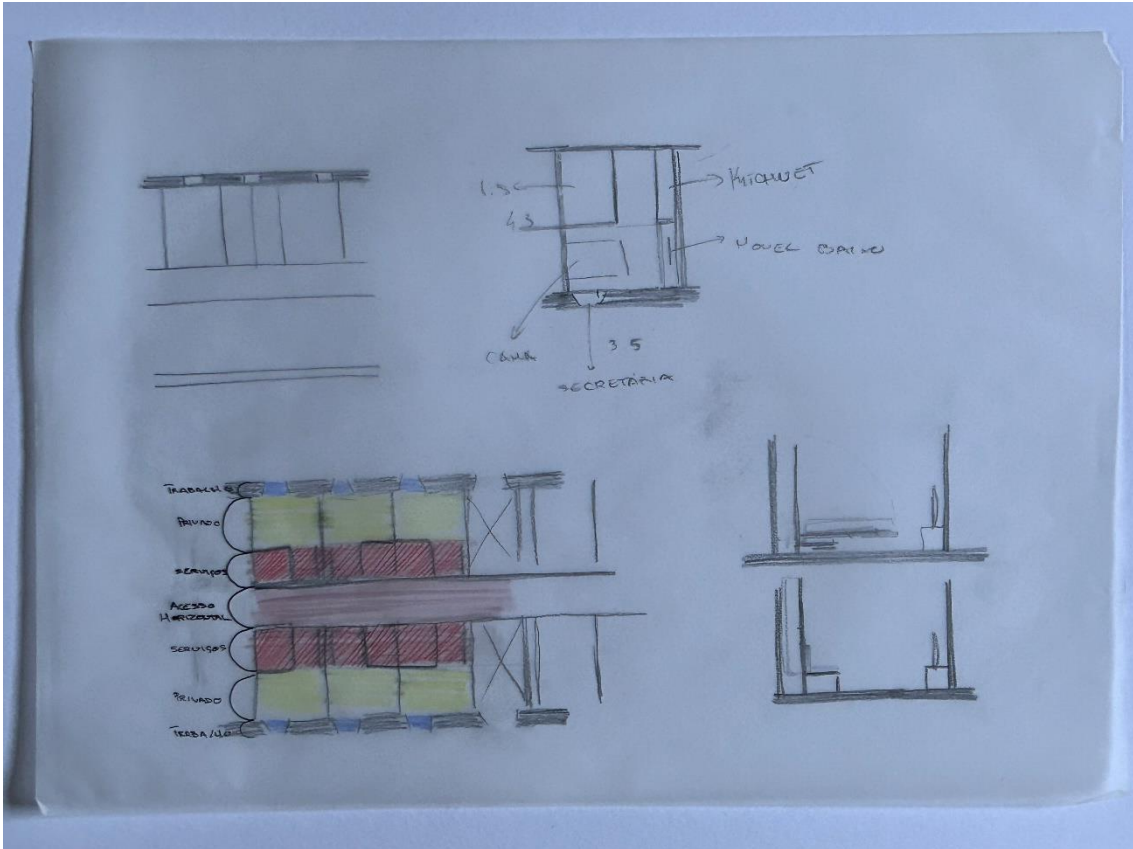
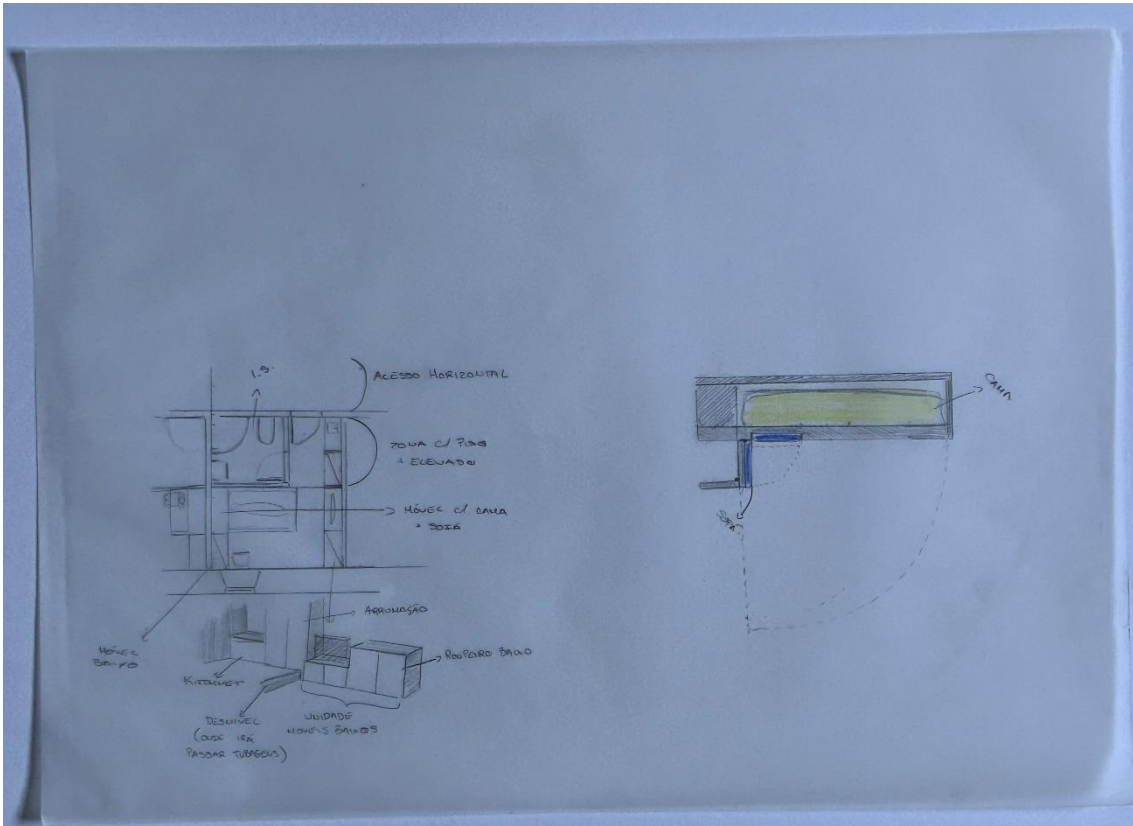


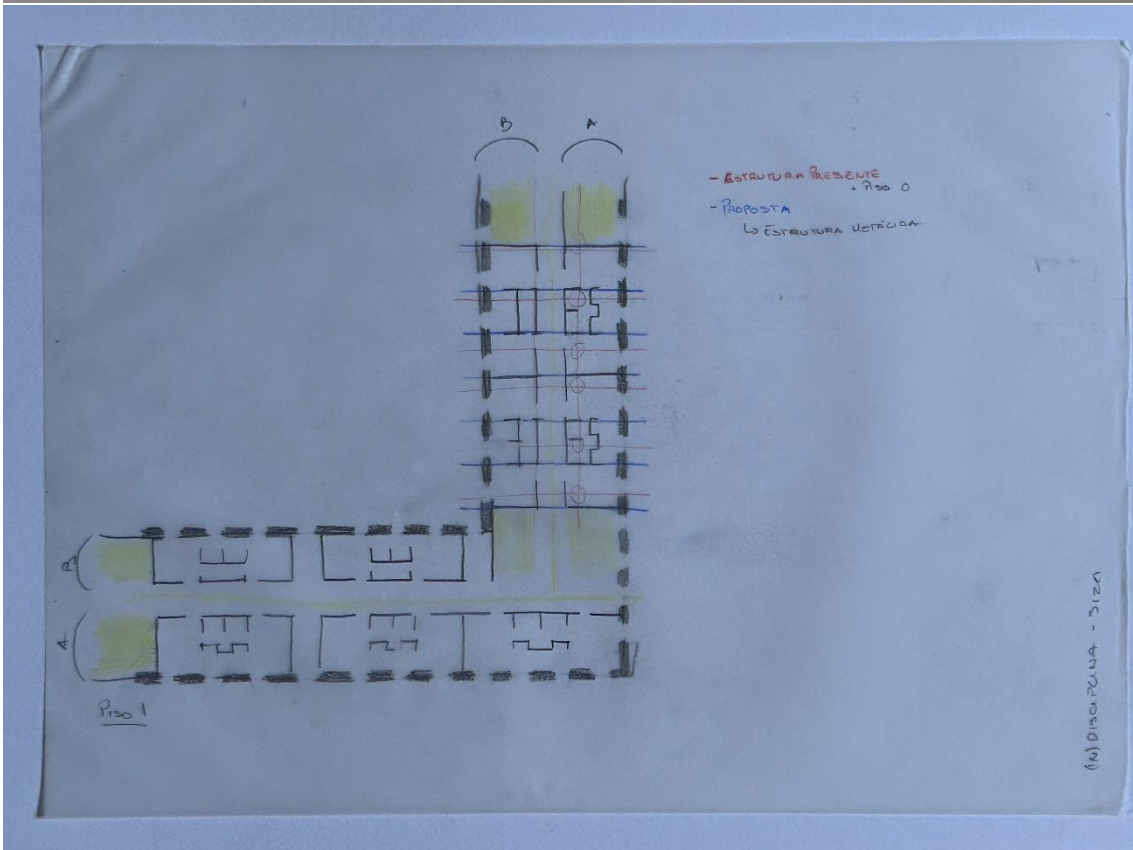
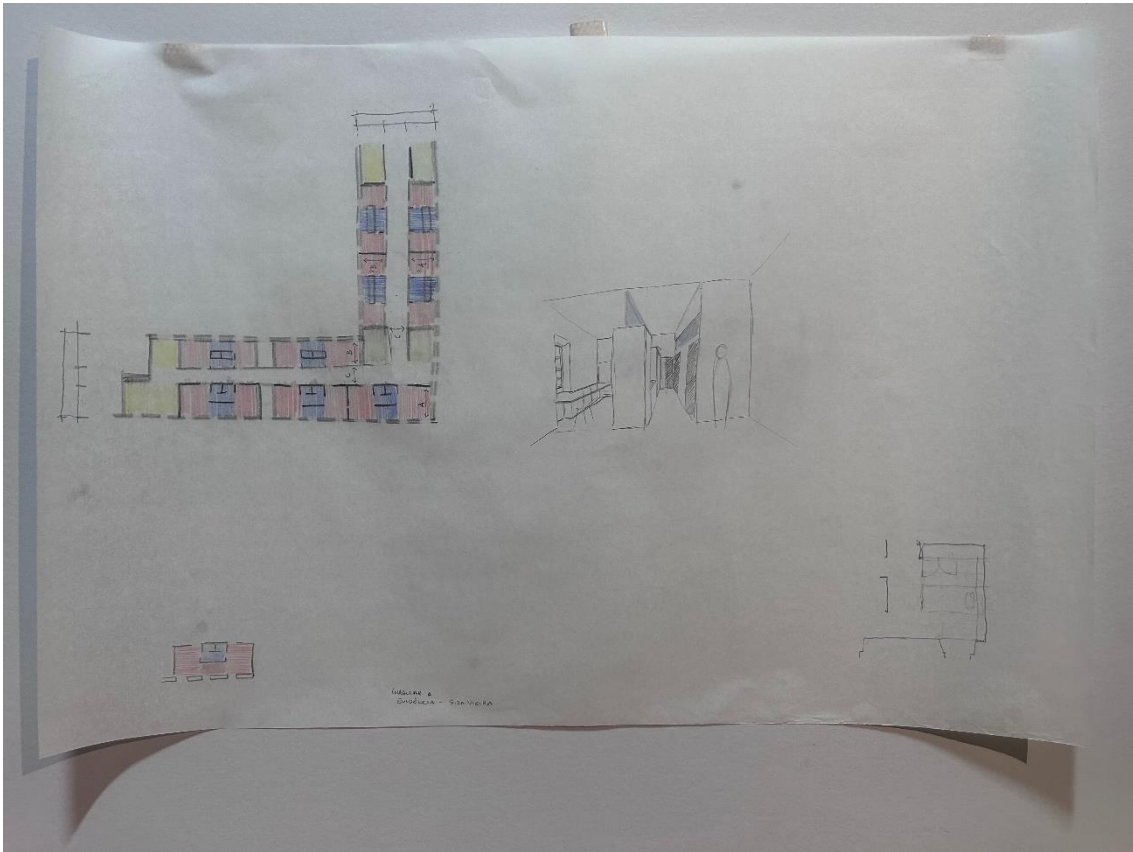


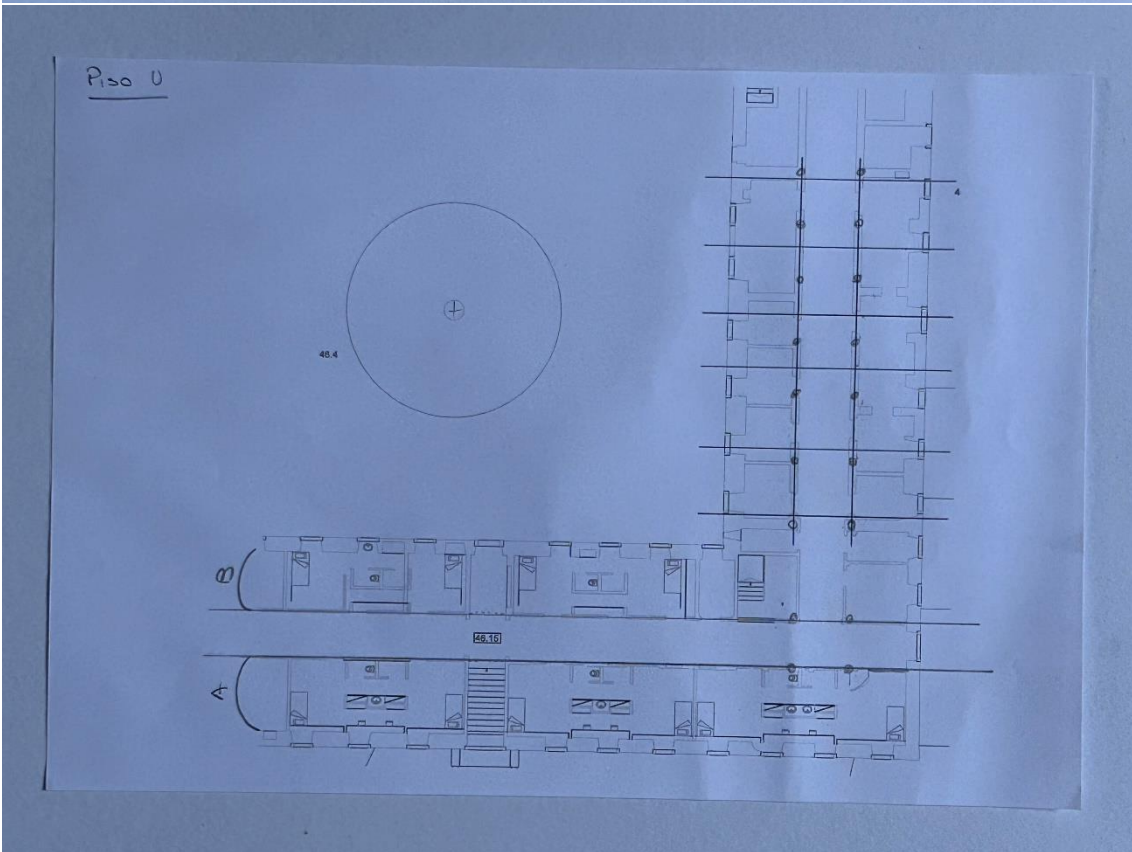
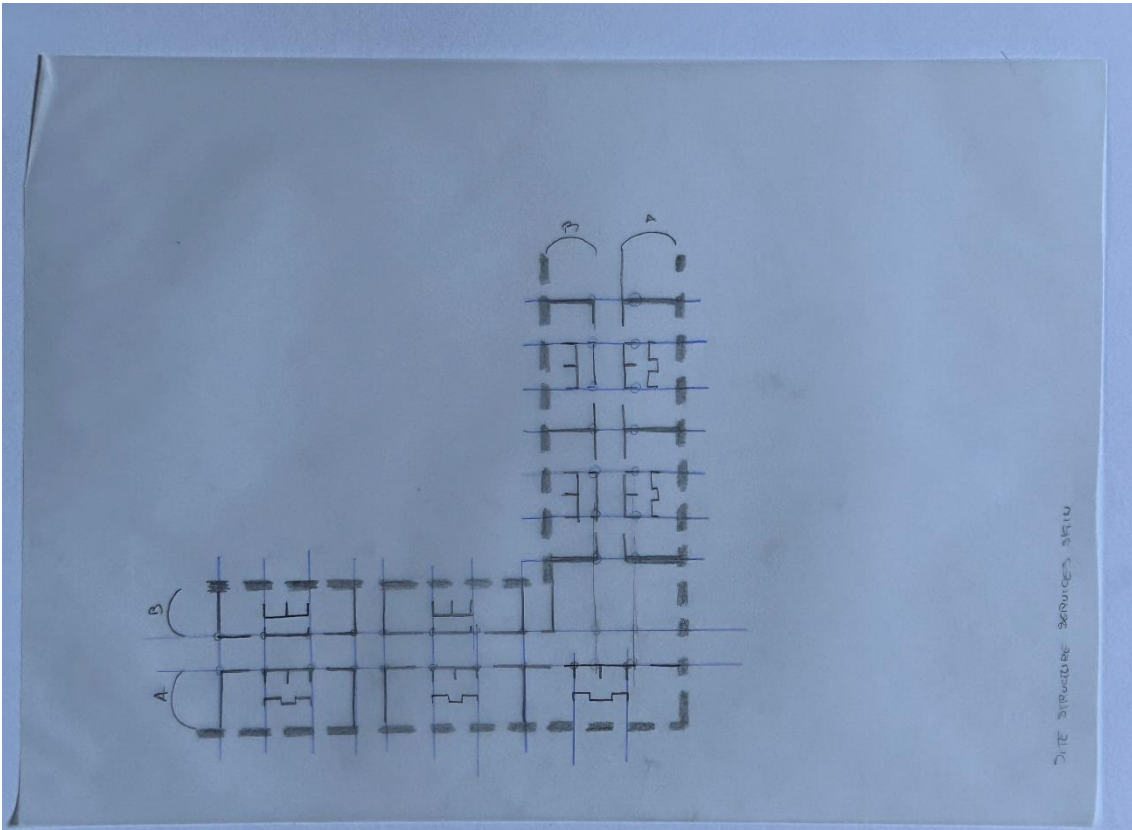
Hospital de Dorteira  
 Pedro Domingos / José Fialho

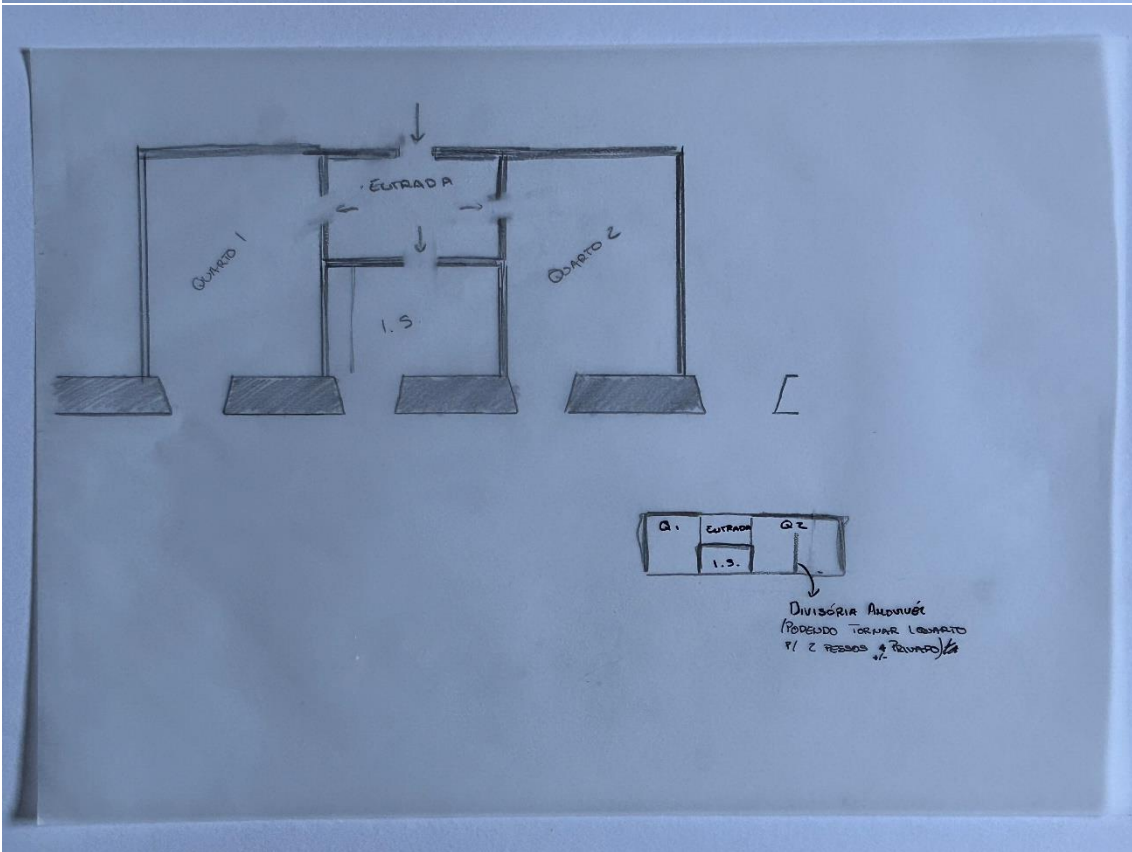
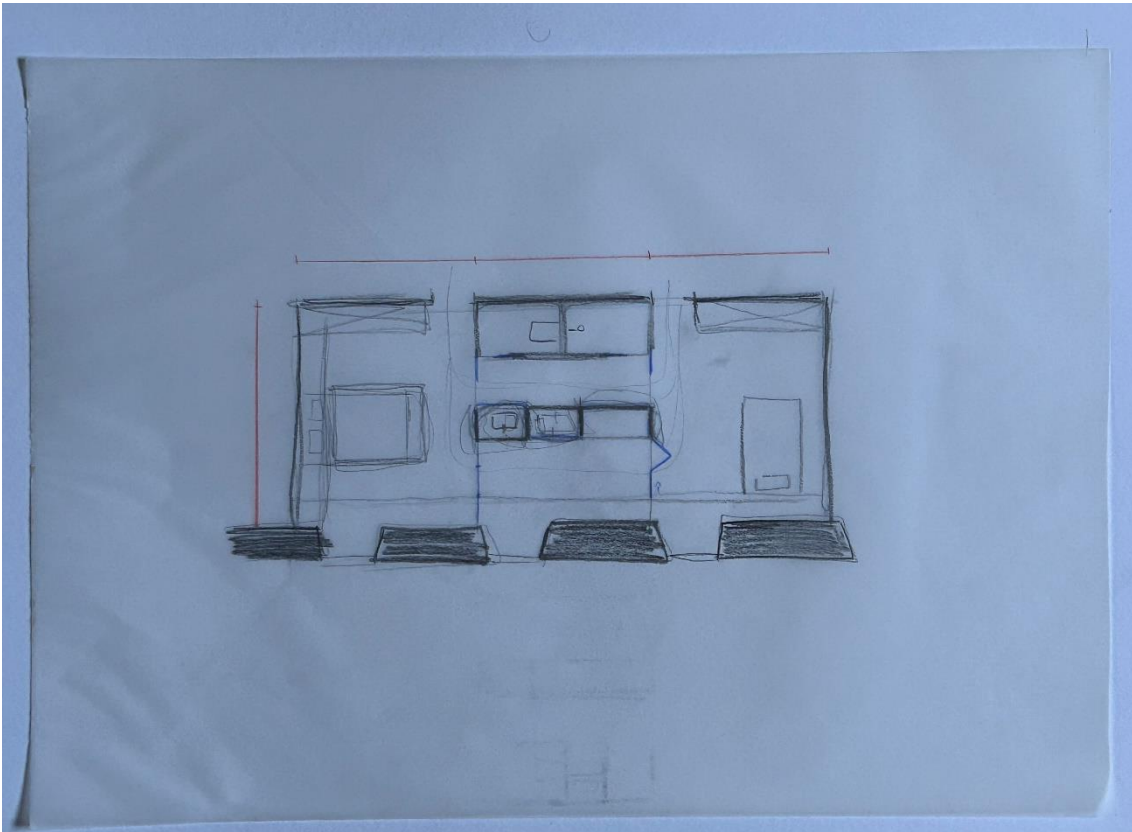


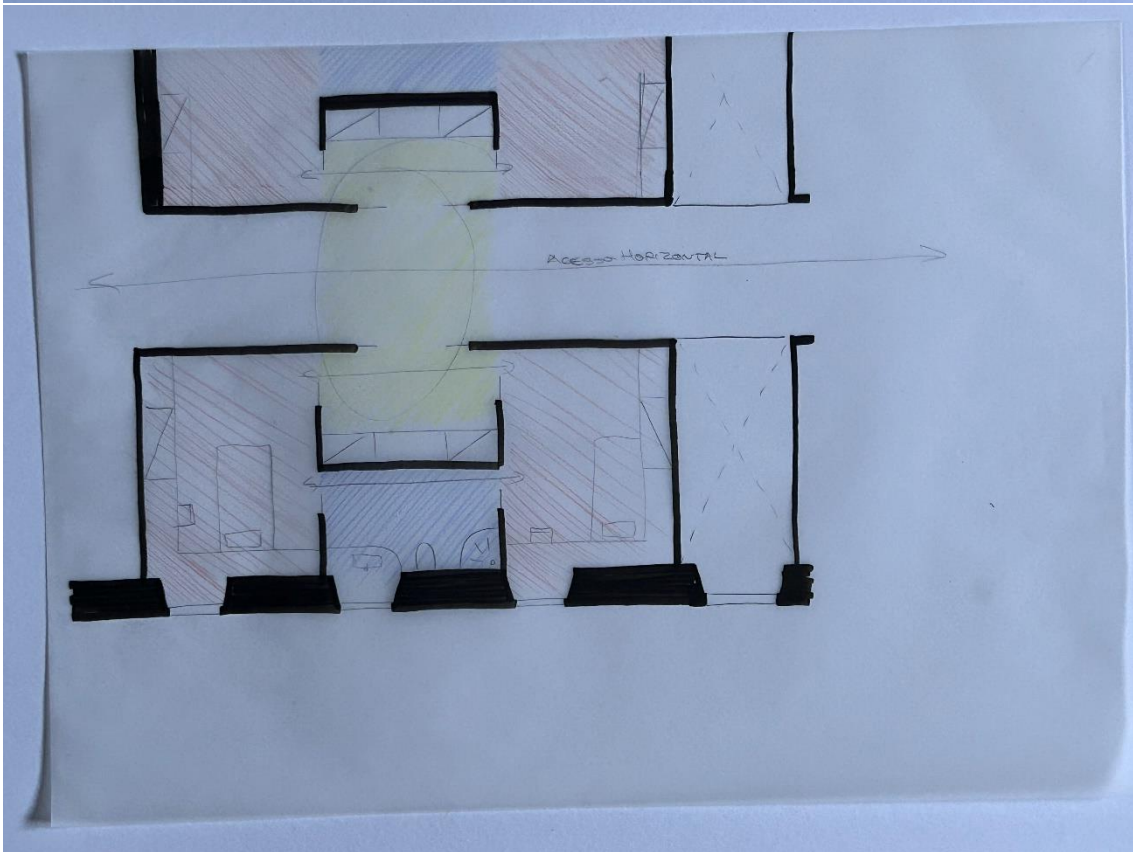
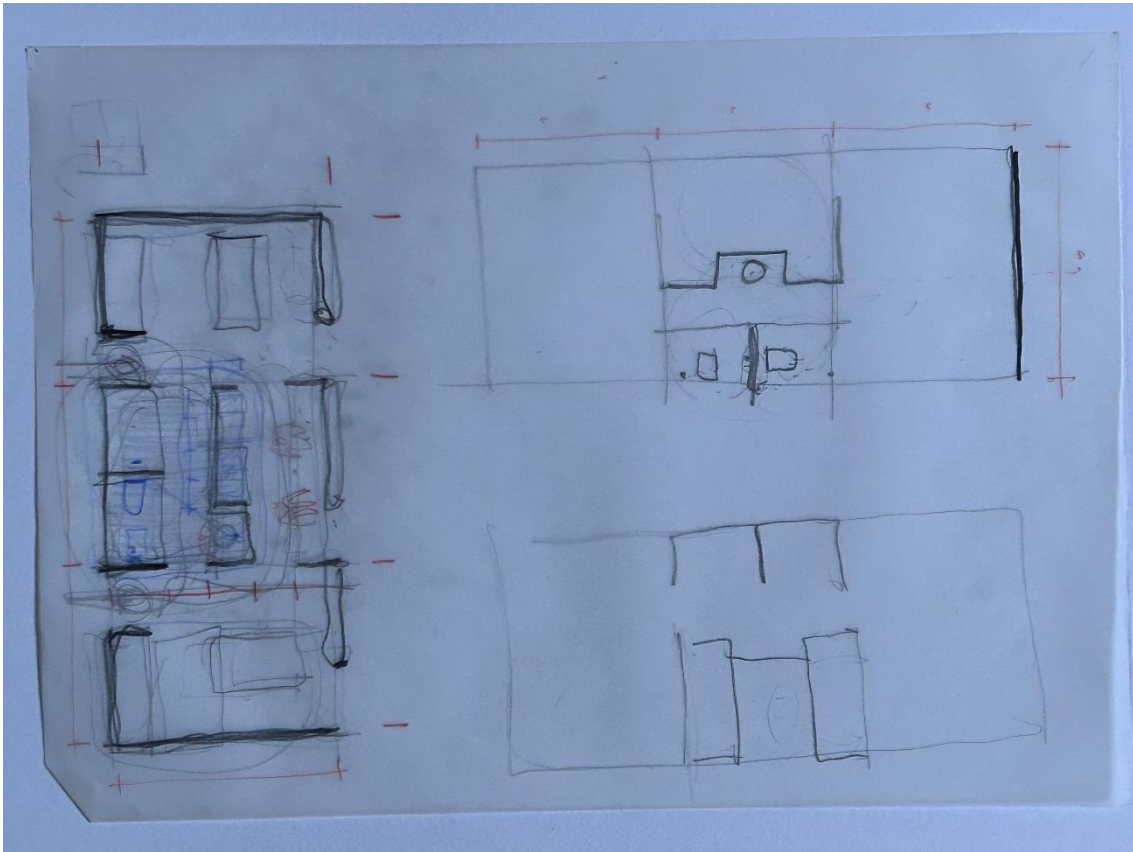


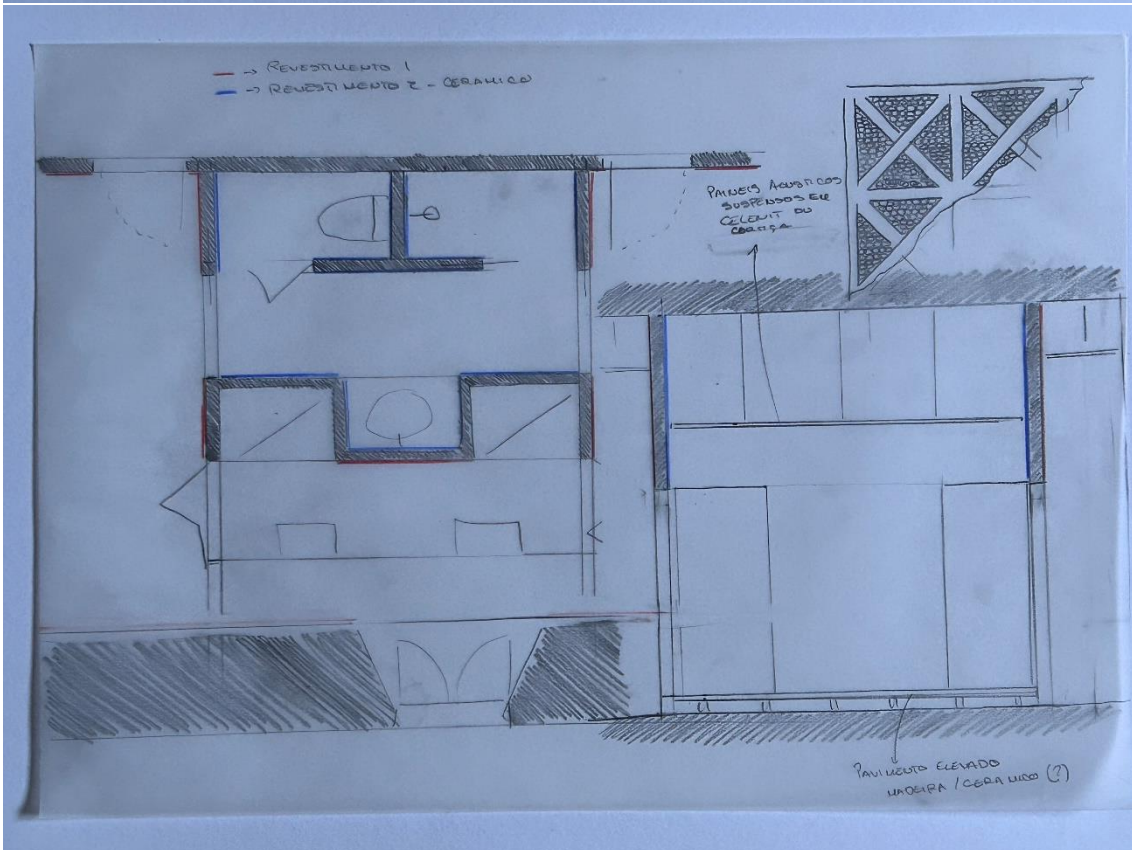
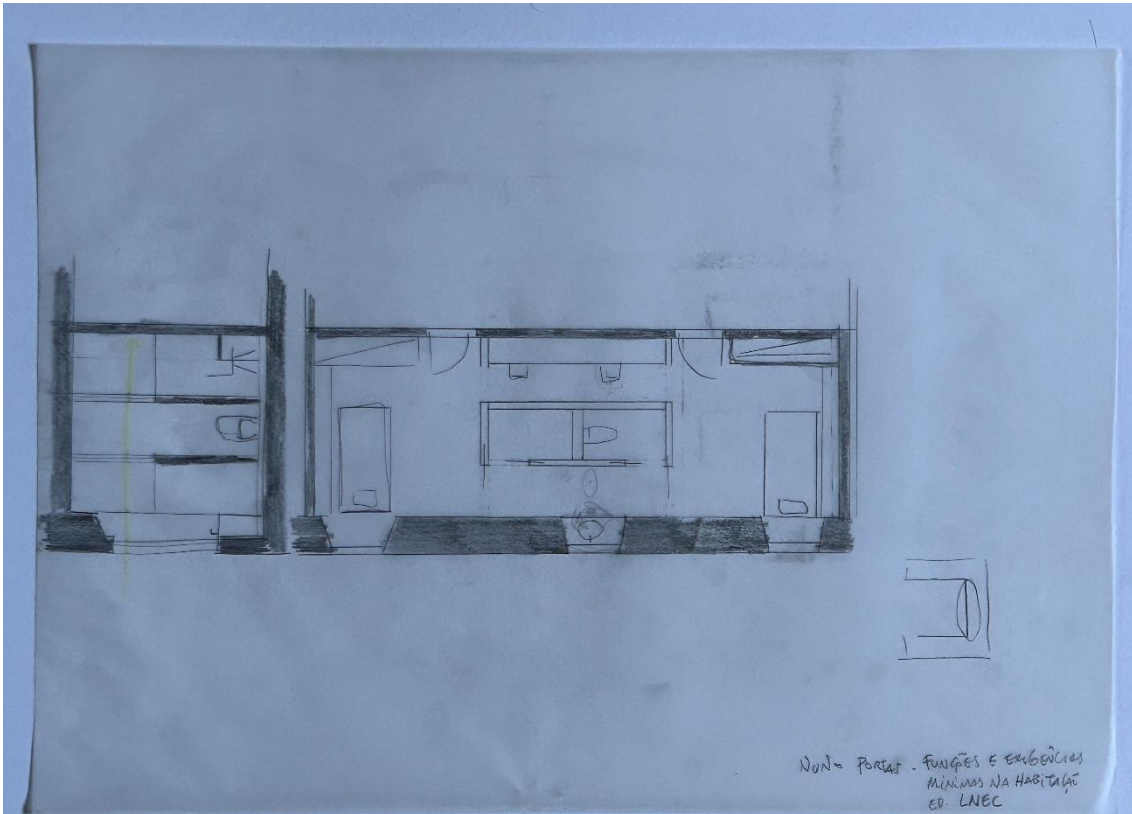


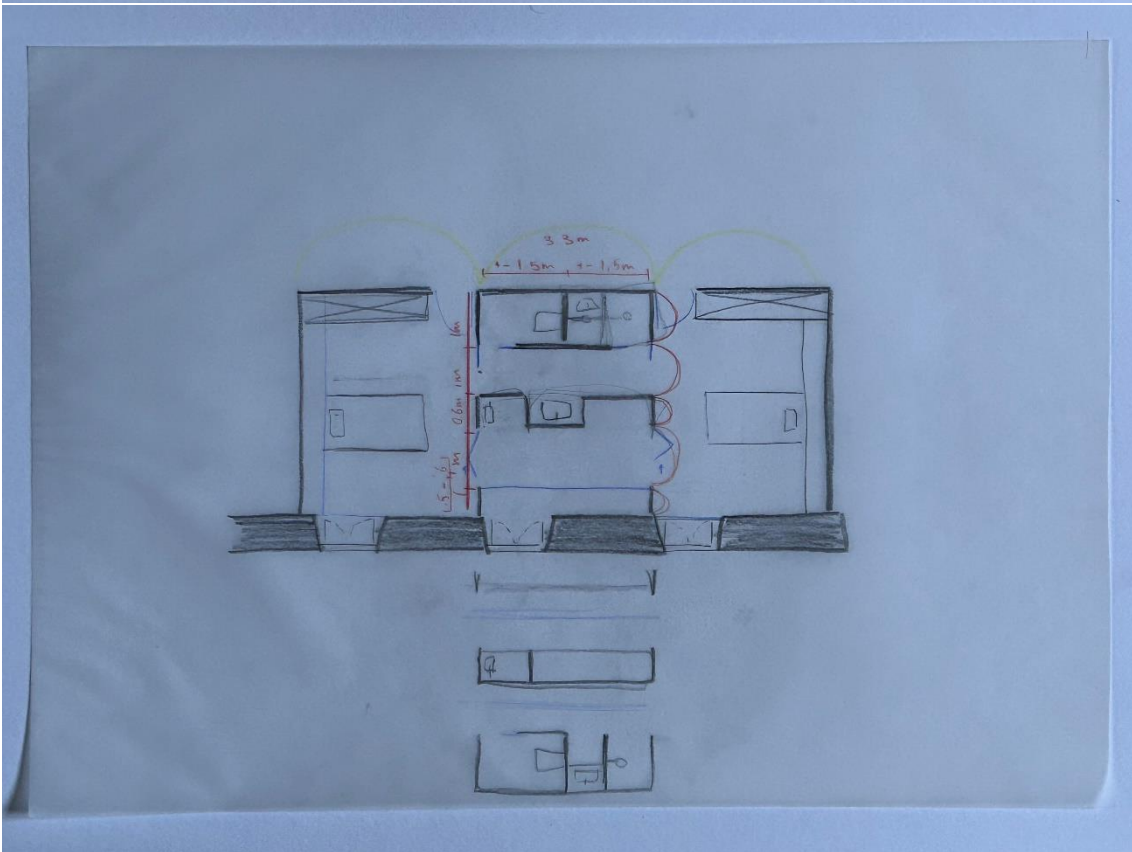
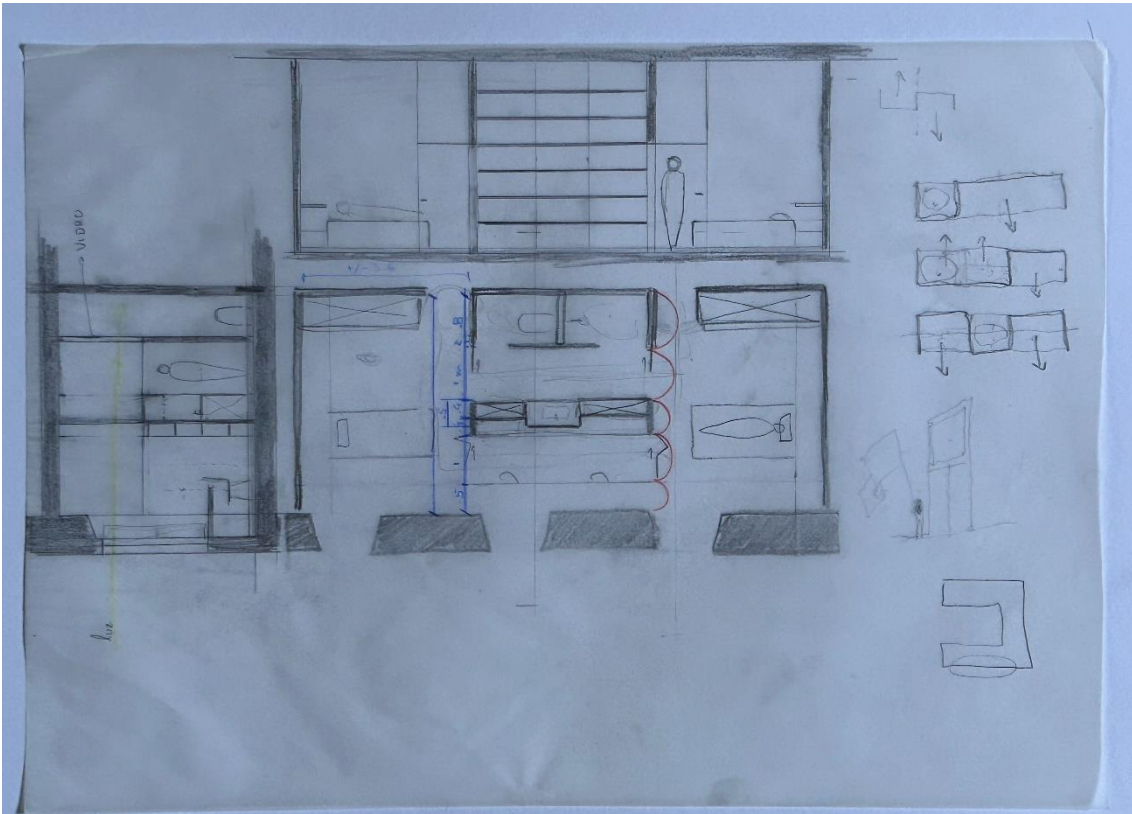


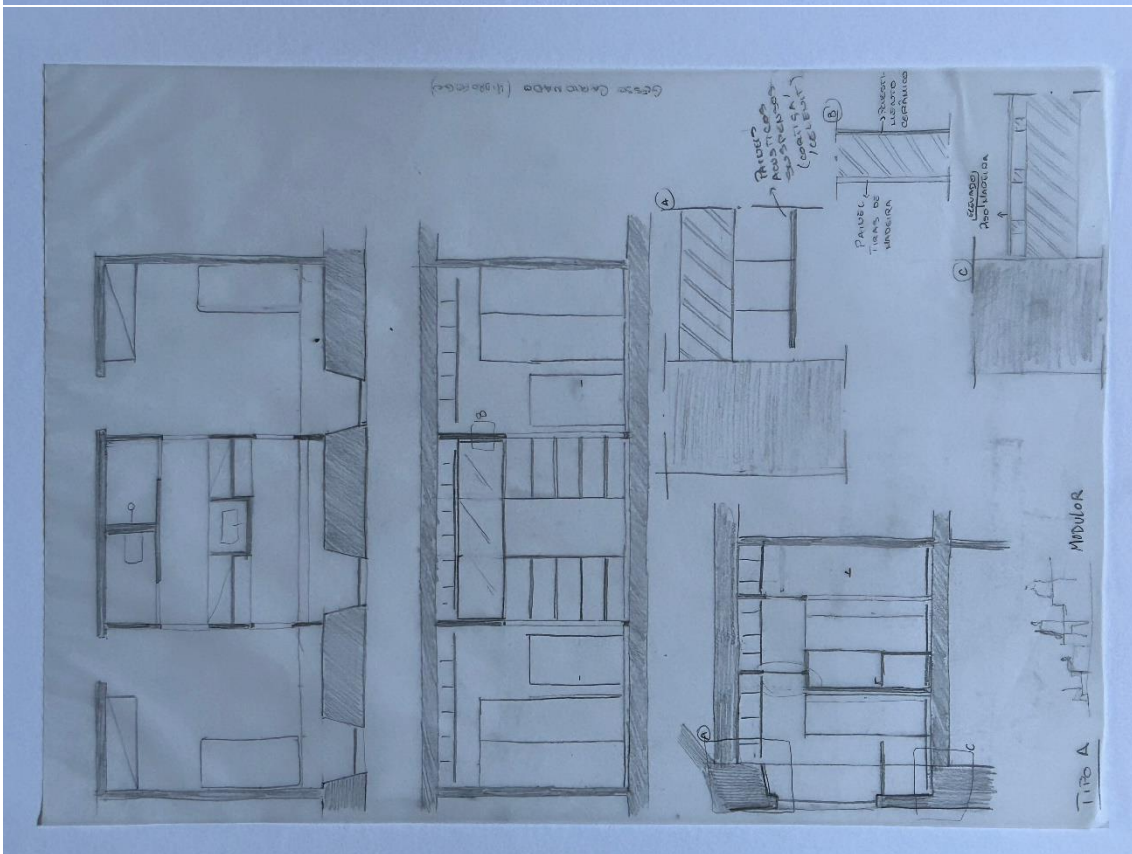
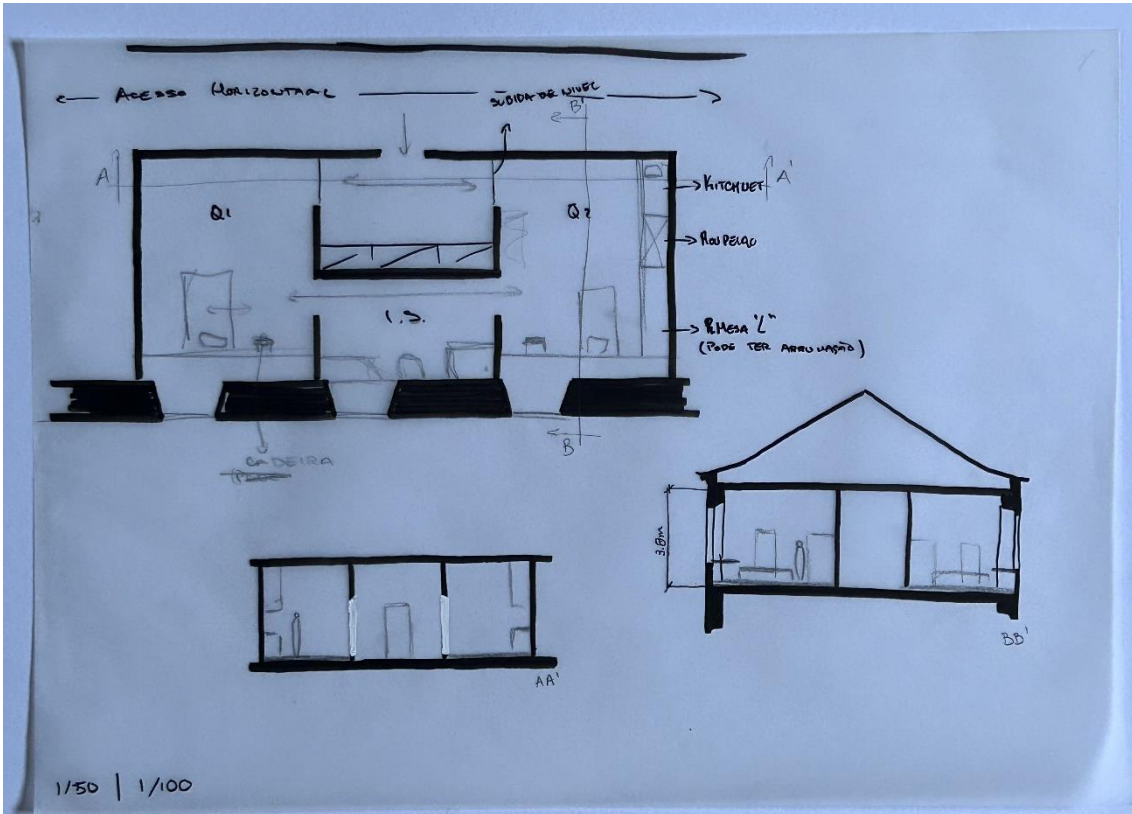


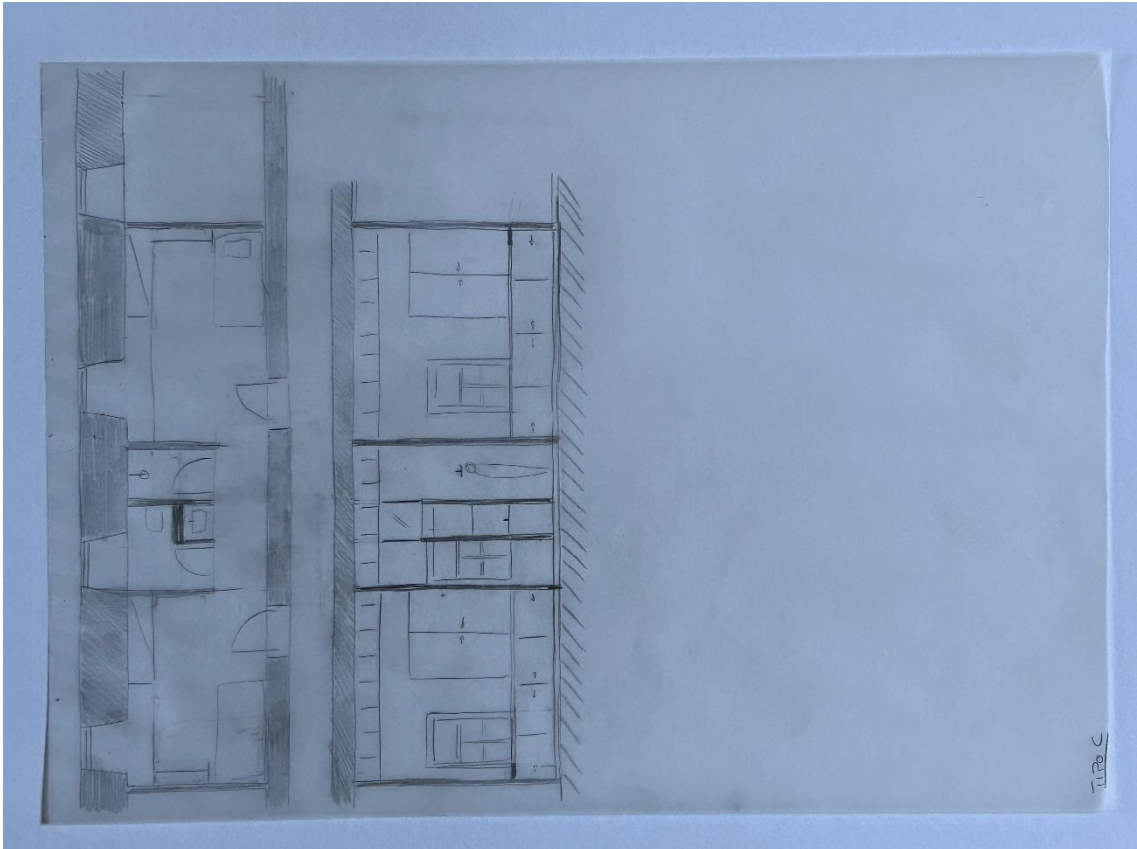
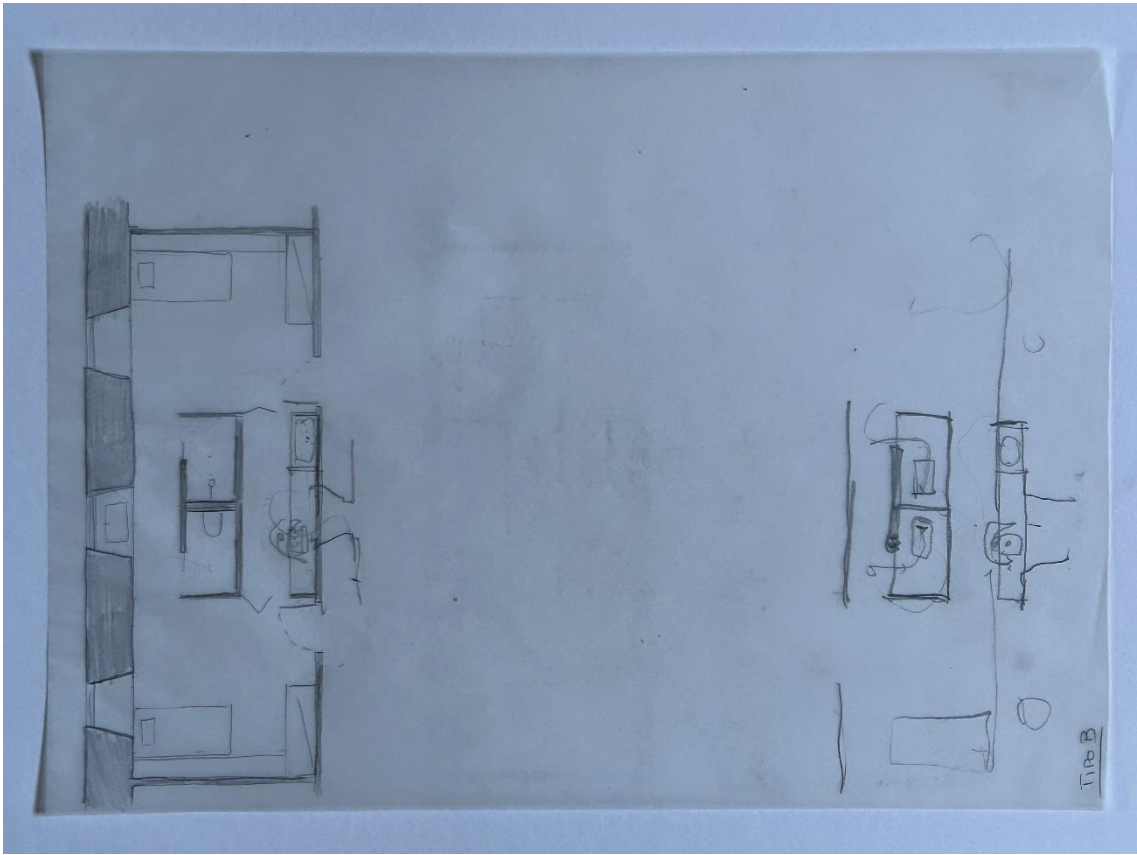


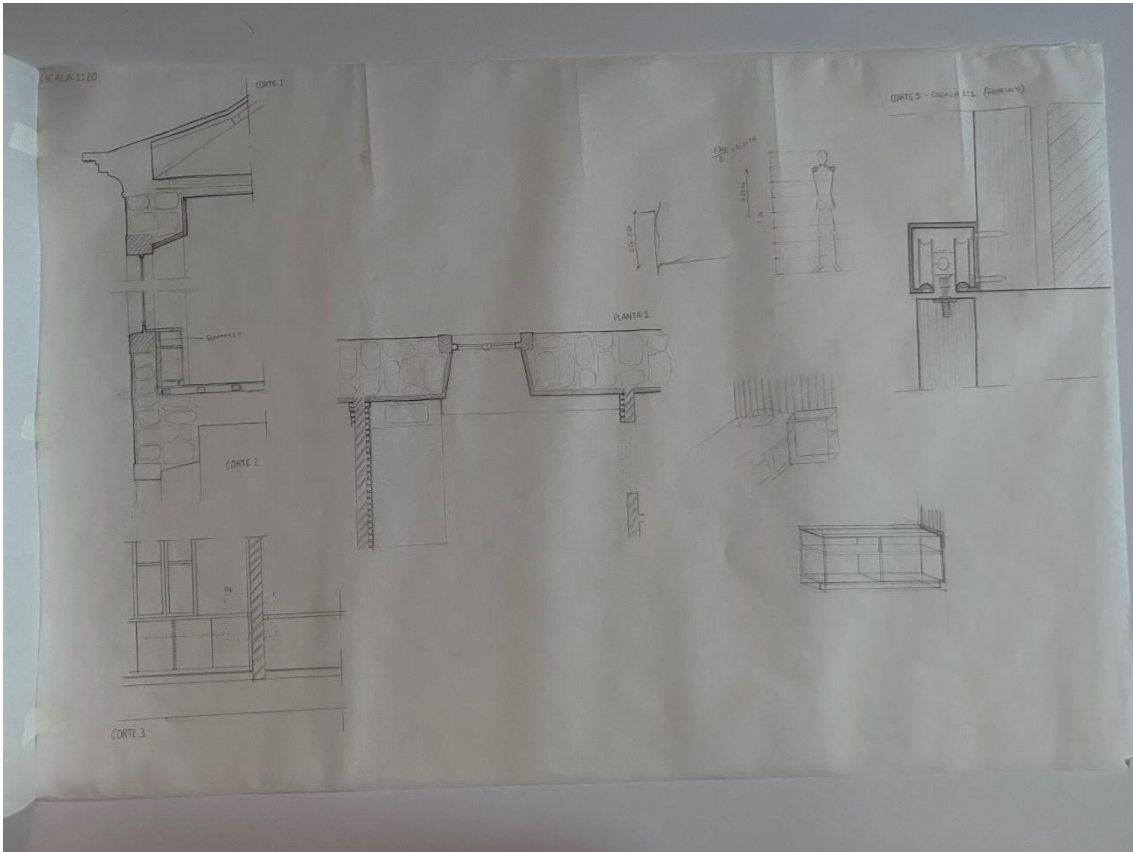






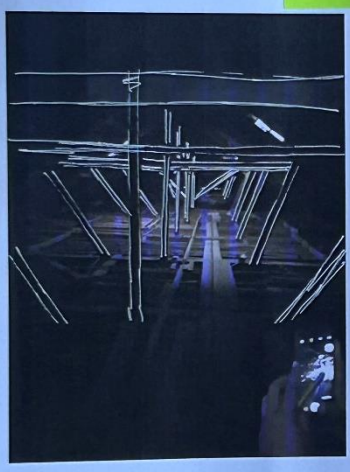






Asna Simples  
cl. 1 Libha/Buel

MEIAS-ASNAS



Para alpendros ou para qualquer outra construção que fique encostada a outro edifício já existente, adopta-se com frequência a meia-asna.

Esta obra, como a sua designação indica, é metade da asna. É claro, metade da asna de tipo valgar, porque dos outros tipos de asnas a sua construção era inútil e impossível.

Para alpendros ou para corpos salientes de edifícios a sua construção é de grande utilidade.

O ângulo de abertura da perna, ou seja o estabelecimento da vertente do toldado, obedece, em principio, ao sistema usual das asnas, mas nem sempre esse princípio é seguido por razões várias.

Muitas vezes a abertura do ângulo com a sua dimensão usual, elevados o toldado do alpendro acima de qualquer cornija ou outro motivo arquitectónico do edifício a onde encosta.

Noutros casos se desvia do toldado do alpendro tem de observar, para efeitos de estética, a inclinação do toldado do corpo principal do edifício, onde tem situação.

É a série de razes que surgem na construção de alpendros são tantas e tão variadas, que a abertura normal do ângulo do declive do toldado só se pode executar onde não haja obrigatoriedade de espécie alguma.

A construção das meias-asnas conta alguns géneros diferentes do que apresentamos alguns estudos. As secções das madeiras são as mesmas que se utilizam nas asnas.

MEIAS-ASNAS SIMPLES

Tiramos a linha de eixo da linha A-B, marca-se a um terço de espessura da parede onde aponta, o ponto de onde parte a linha de eixo da perna, cuja abertura mede 20° 24' e é prolongada até C.

Junto à parede onde encosta desenha-se um prumo que fixa o ângulo entre a linha (D) e a perna (C). Seguidamente divide-se a perna em duas partes iguais, que nos dá o ponto D, de onde tiramos uma linha de eixo para B, para a construção da asna.

Aplicadas depois as espessuras das madeiras do toldado com os cantaleiros, temos concluída a construção da meia-asna.

Como vimos, a linha e a perna encontram na parede onde o alpendro encosta.

Do lado exterior a linha aponta-se sobre um elemento numa parede ou pilar. As águas pluviais não podem

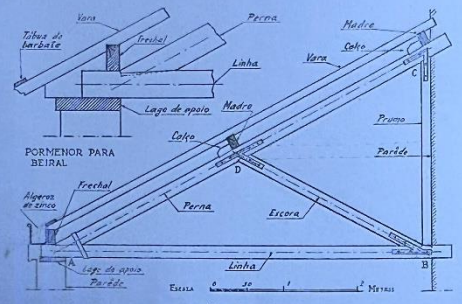


Fig. 11 - MEIAS-ASNA SIMPLES

ASSENTAMENTO DE ASNAS

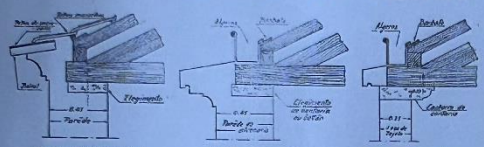


Fig. 20 - ASSENTAMENTO DE ASNA PARA TELHADO DE BEIRAL  
Fig. 21 - ASSENTAMENTO DE ASNA PARA TELHADO DE ALGEROZ A VISTA SOBRE PAREDE DE TIJOLO  
Fig. 22 - ASSENTAMENTO DE ASNA PARA TELHADO DE ALGEROZ A VISTA

O assentamento das asnas que é sempre feito do secundo com as espessuras das paredes, tem o seu melhor apoio quando a intersecção das linhas de eixo da perna e da linha da asna caem sobre um terço da espessura da parede (Fig. 20). As letras a, e, e são os terços da espessura da parede onde a linha da asna aponta.

Podem, nem sempre, praticadamente, se pôde fazer o assentamento das asnas nestas condições, por motivo de curvatura e planicidade com balanos e espessuras, que o não permitem as vozes.

Em alguns casos, quando a intersecção das linhas de eixo das pernas da asna cai fora da parede, é usado com muita vantagem o assentamento de um cachorro de pedra, para apoio da linha da asna (Fig. 21).

Neste caso pode muito bem o frechal fazer na primeira do paramento exterior da parede, permitindo, assim,

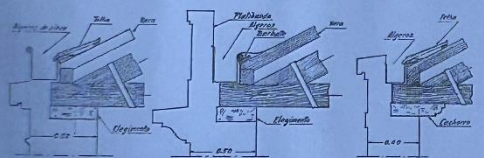


Fig. 23 - ASSENTAMENTO DE ASNA PARA TELHADO DE ALGEROZ E PLATIBANIA  
Fig. 24 - ASSENTAMENTO DE ASNA PARA TELHADO DE ALGEROZ E PLATIBANIA  
Fig. 25 - ASSENTAMENTO DE ASNA PARA TELHADO DE ALGEROZ E PLATIBANIA

ASSENTAMENTO DE ASNAS

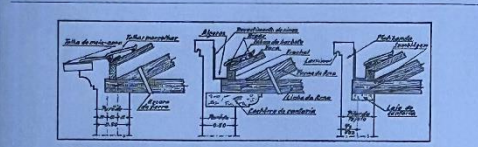


Fig. 26 - ASSENTAMENTO DA ASNA COM OS RIGOS PARA DA ALGEROZ DA PAREDE PARA O INTERIOR  
Fig. 27 - ASSENTAMENTO DA ASNA COM OS RIGOS PARA DA ALGEROZ DA PAREDE PARA O INTERIOR  
Fig. 28 - ASSENTAMENTO DA ASNA COM OS RIGOS PARA DA ALGEROZ DA PAREDE PARA O INTERIOR

O alpendro, sem maior inconveniente, assenta numa calha ou aguiete de madeira ou de outro material, que vai de uma a asna, em todo o comprimento ou percurso do toldado.

Nos casos apresentados os alpendros tanto podem ser de alvenaria, como de grés ou de ferrobetão, desde que assentem totalmente sobre a alvenaria.

O encostamento dos topos das linhas das asnas nas paredes, deve ter de 0° 30' ou 0° 20' de abertura, quando assim puder ser, visto haver muitos casos que nos obrigam a proceder de outro modo. Todavia, afigura-se-nos dizer que cada construção tem o seu caso particular.

Convém, todavia, notar que quando as linhas das asnas tendem de encontrar-se nas paredes que se continuam a abrir, os cantaleiros das pernas têm de fazer completamente dentro do vão (Fig. 21, 23, 24, 25 e 27).

As ligaduras das asnas entre si e com o cachorro completo, são feitas pelos frechais, contra-frechais, madeiras e linhas.

Só nas asnas de tipo valgar e nos interiores das asnas que os possamos se construir, para a ligação total do toldado, o sistema de cantaleiramento.

Porém, às vezes, em grandes construções faz-se laboriosamente, dentro do vão, encostamentos entre as asnas, das podadeiras ao vigamento.

CONSTRUÇÃO

Com toda a devida razão, os trabalhos de construção das diferentes linhas das asnas, devem ser feitos antes e compreenderem este ramo de trabalhos de carpintaria civil, onde é exigida a maior competência profissional.

Devemos também já estudados os trabalhos das asnas simples, aquelas que são utilizadas em nas mesmas edificações, e os que dizem respeito às meias-asnas, de uso corrente.

Os trabalhos das asnas para a sua construção é a única em tamanho natural do desenho, que em menor escala foi efectuado com o projecto da edificação.

Para a realização de todo o trabalho e consequente marcação das diferentes peças de madeira a utilizar, convém-se previamente ao trabalho, se o fizerem ou ao ar livre, onde esse trabalho tem de efectuar-se.

O alpendro para o trabalho das asnas e marcação da madeira é uma espécie de mesa, com a altura própria para os carpinteiros trabalharem em sua volta à vontade. É essa espécie de mesa, cujo tabuleiro tem aproximadamente a forma de asna, que se desliza a construção, e, onde depois se colocam em cima e de face as peças de madeira devidamente desmontadas e esquadreadas.

Com o esquadro elevam-se do desenho da planta da asna, dentro do espaço do estaleiro, as linhas e ligas, para o caso das peças de madeira, onde se abrem, depois, as sangleiras.

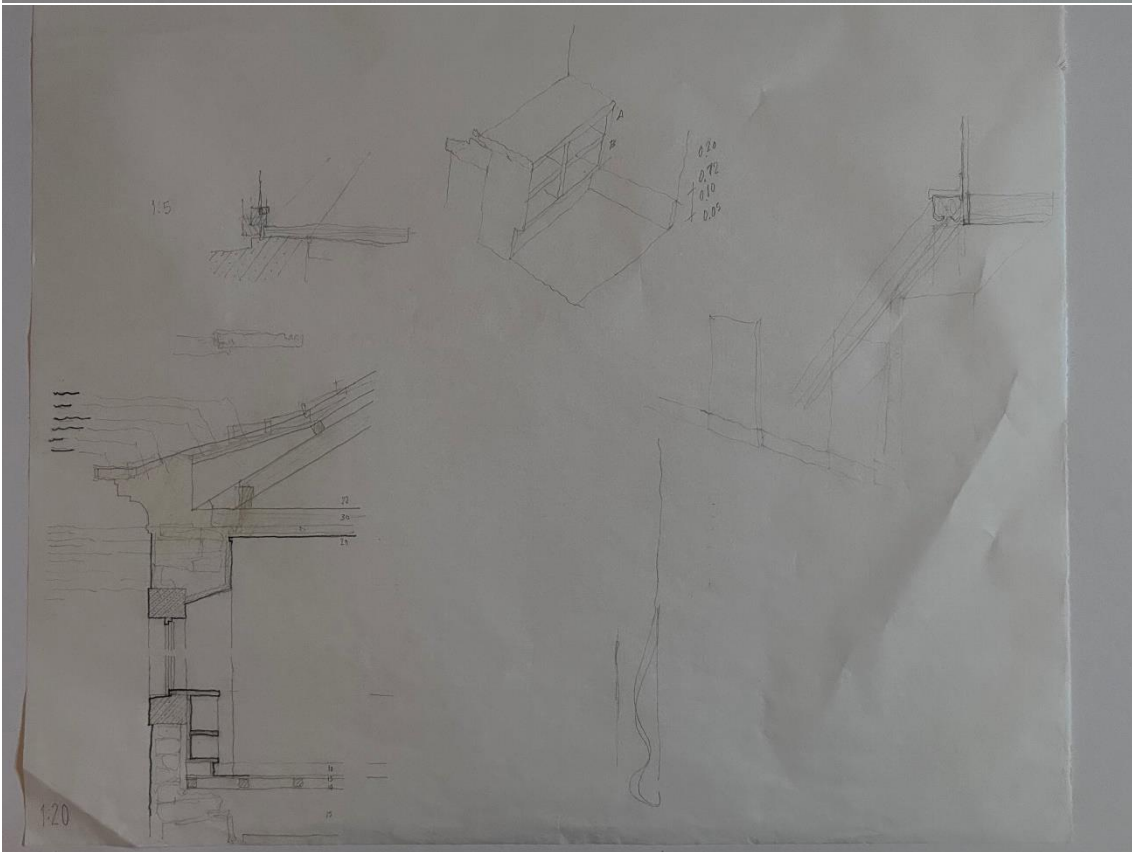
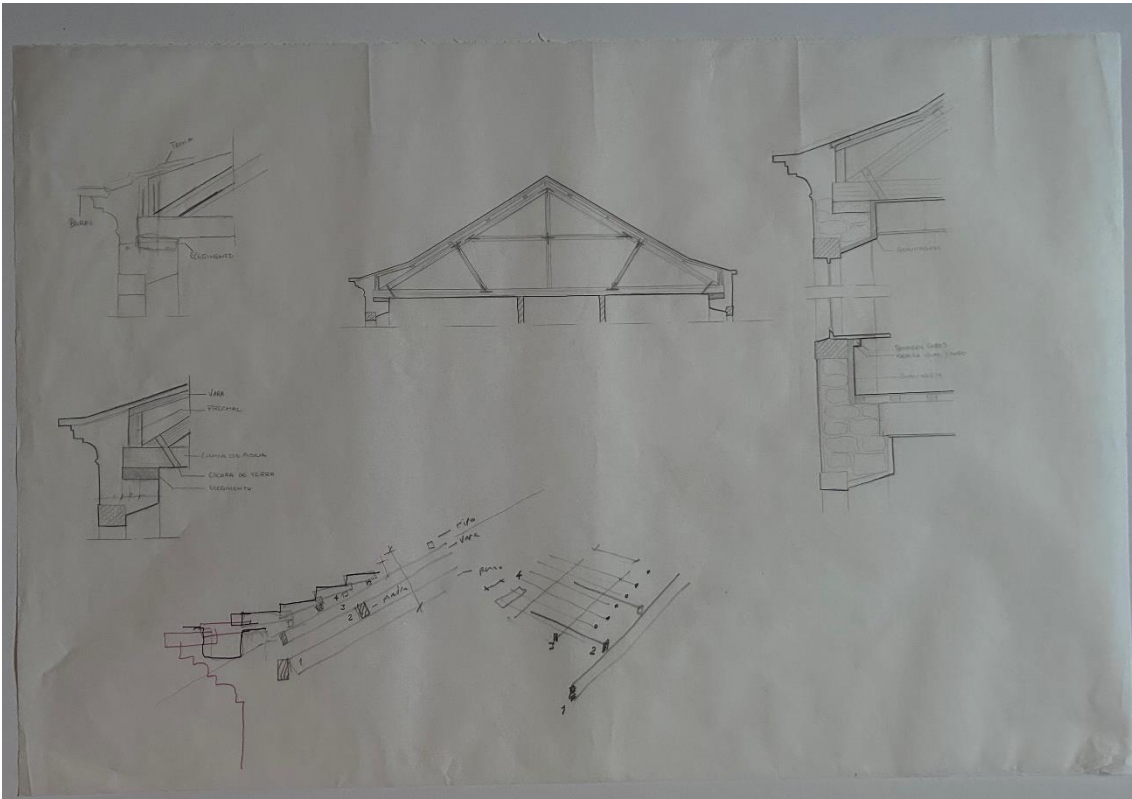
Mettendo-se toda a marcação das sangleiras nos cantos das peças de madeira, com o prumo necessário, e dentro do espaço de asna e encostas com o prumo e bom uso das ferramentas, a construção das asnas é feita com perfeição e a uma sólida pluma de garantia.

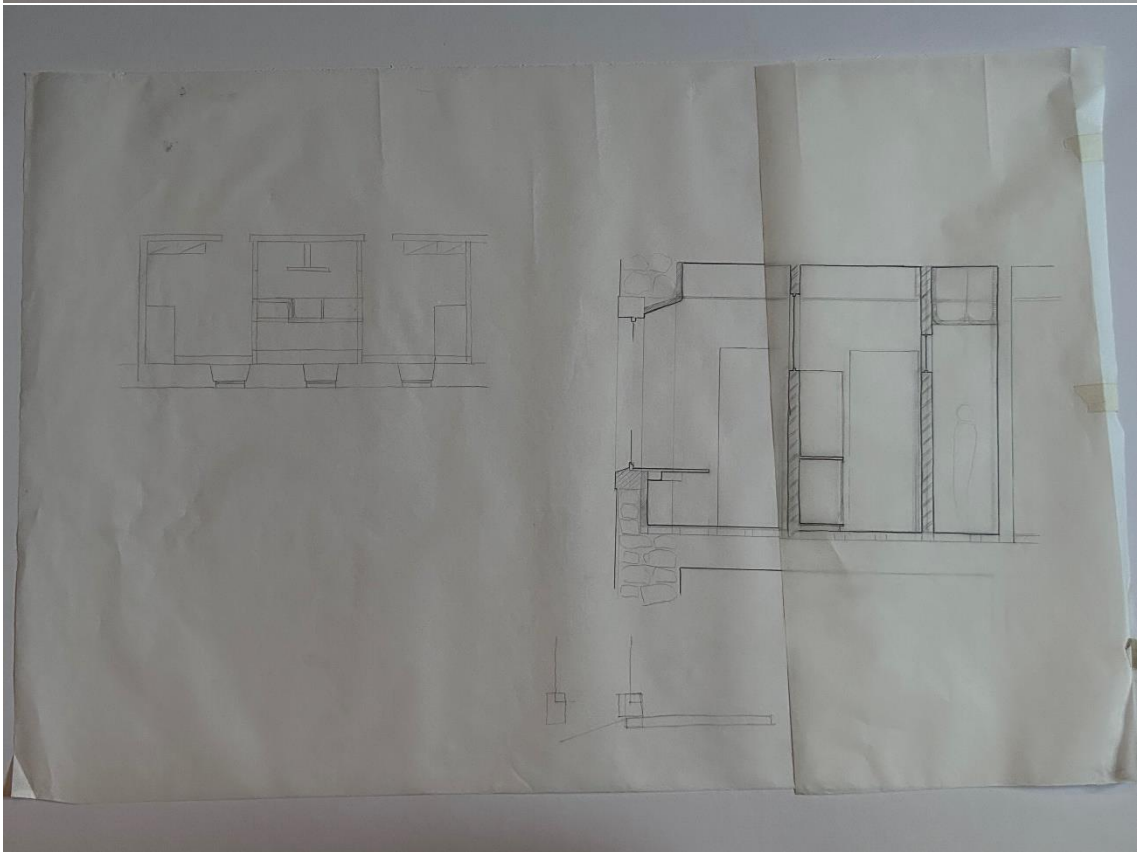
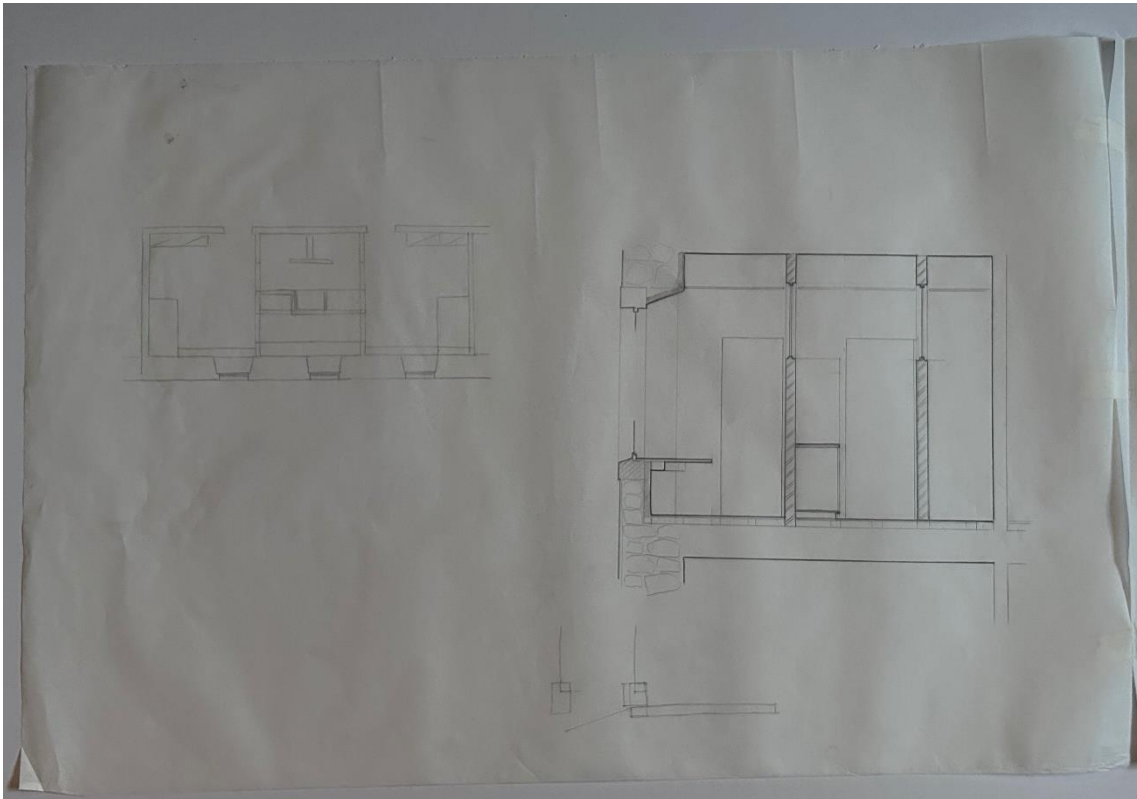
A aplicação das ferragens, feita só depois da asna estar erguida e assente no seu lugar, completa todo o trabalho necessário ao conjunto.

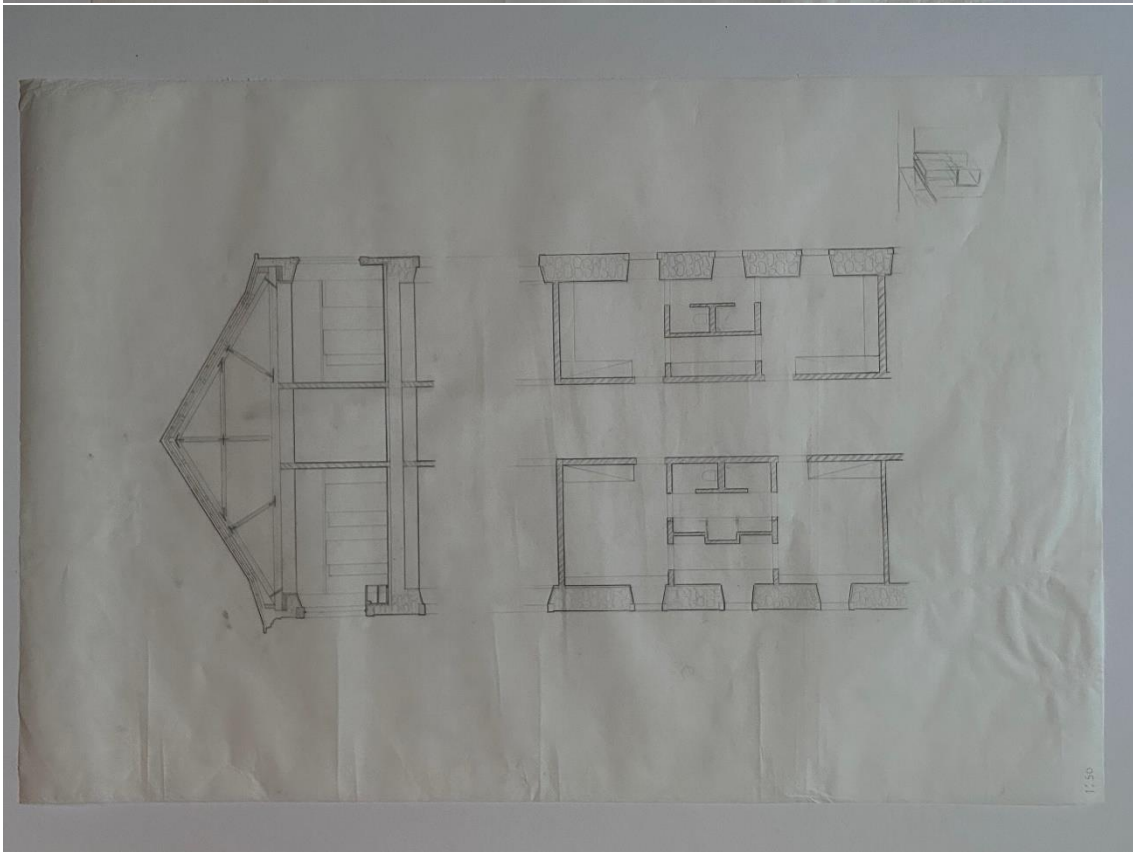
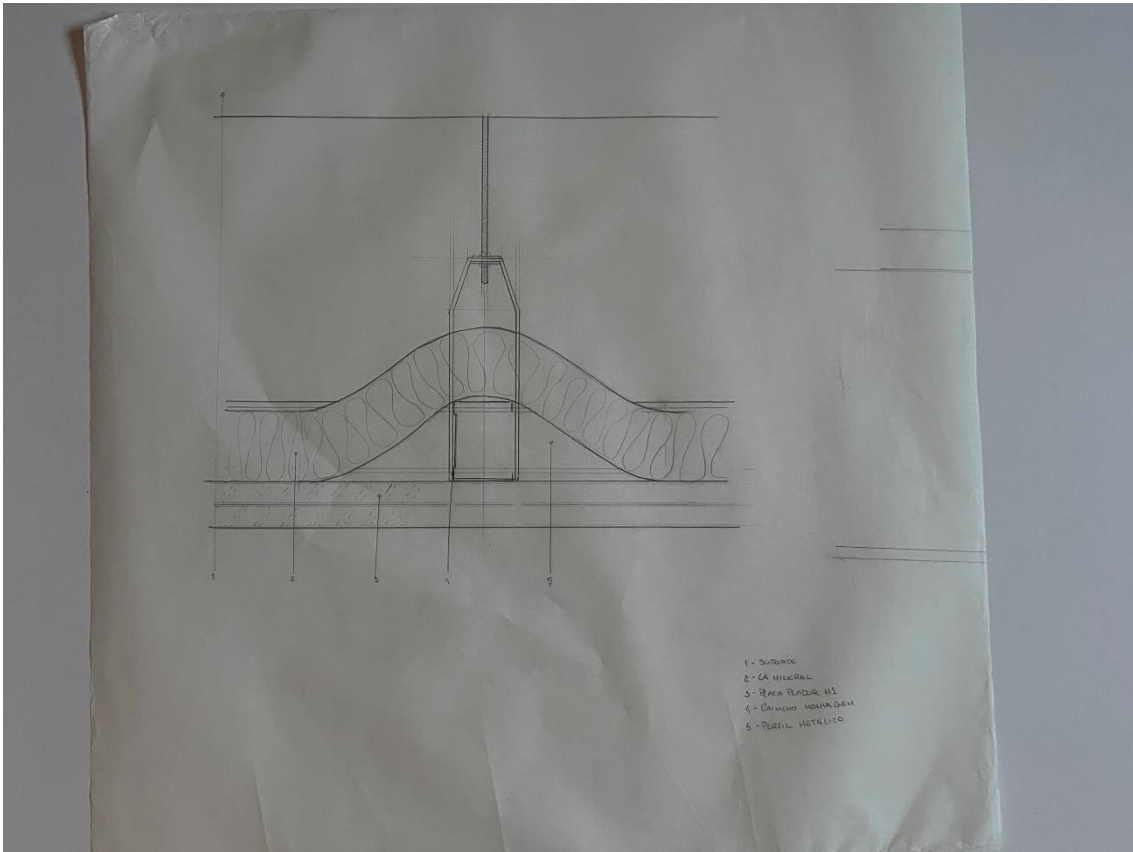
Por via de regra as asnas são armadas no seu lugar, porque a não ser as de pequenas dimensões, que podem transportar-se completas e com facilidade, as de grandes dimensões são, como em comprimento, de muito difícil condução do estaleiro para a obra.

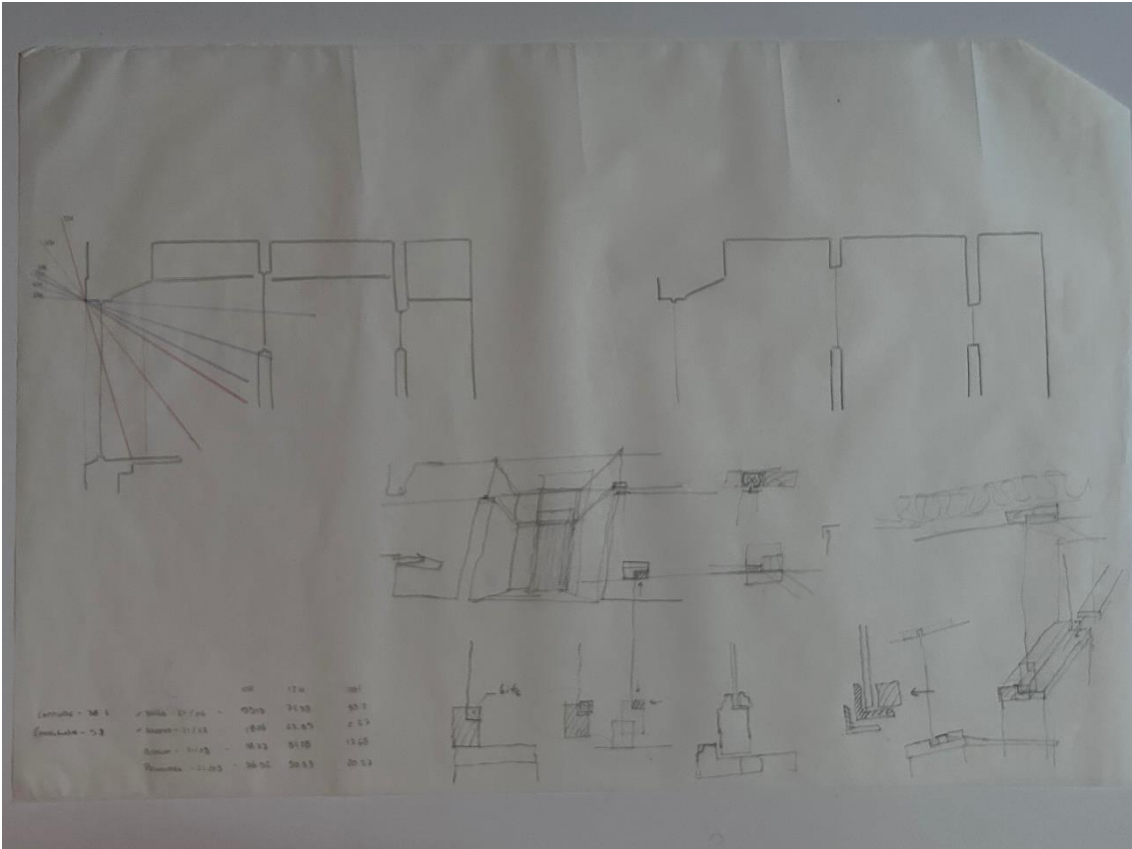
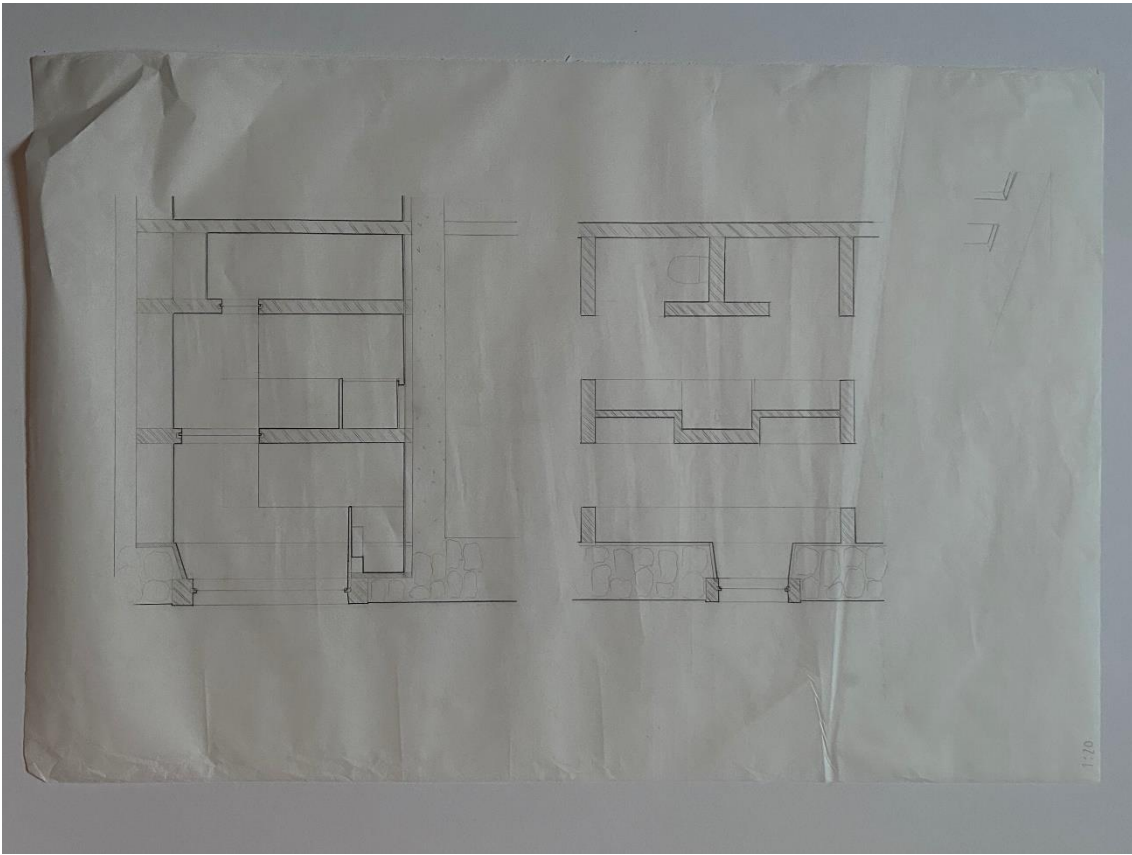
Assim, depois de asna ser armada sobre o estaleiro, precisando-se em cima de seu desenho, é desmontada e as suas peças colocadas para o madeiramento, onde são então as armadas definitivamente e no seu lugar próprio.

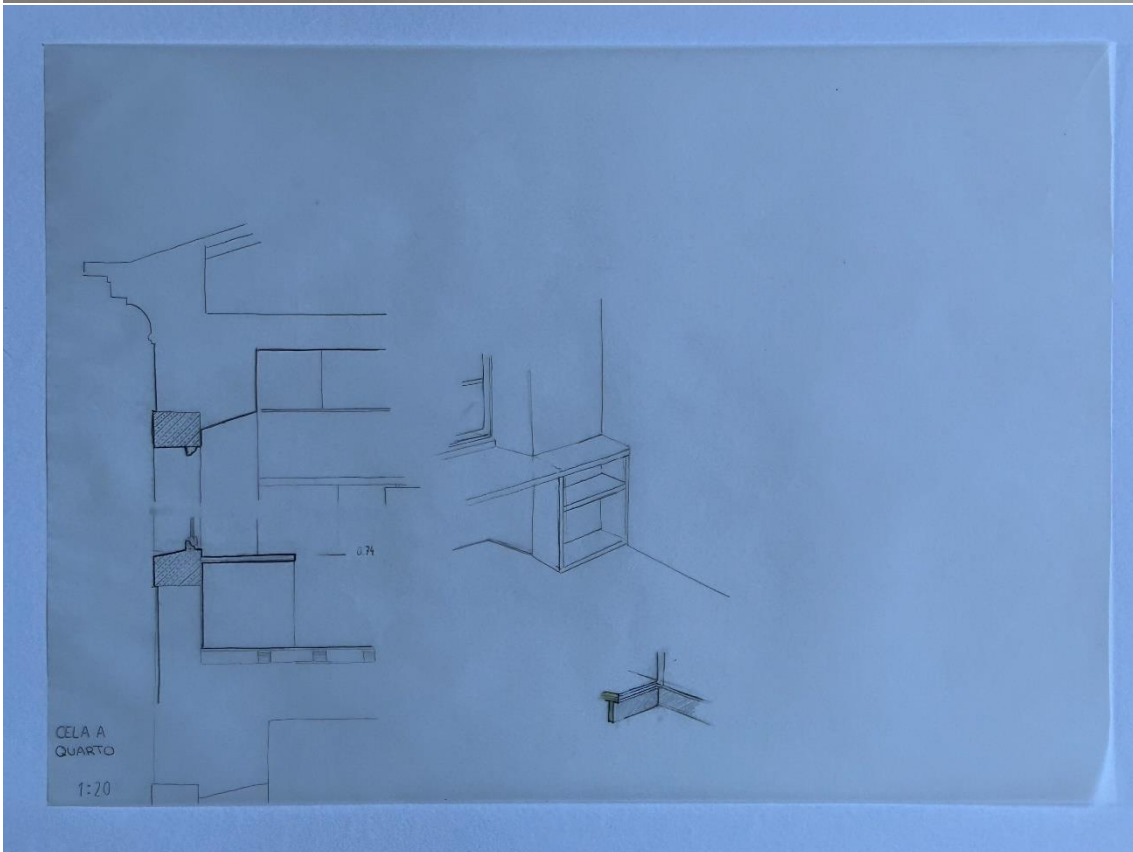
A construção das asnas é uma obra que a projecto algum extraído ou projecto em função para o assentamento das asnas dentro das mesmas linhas divididas entre si, e em relação não só com os que lhes foram indicados, como com todos os demais do mesmo conjunto.

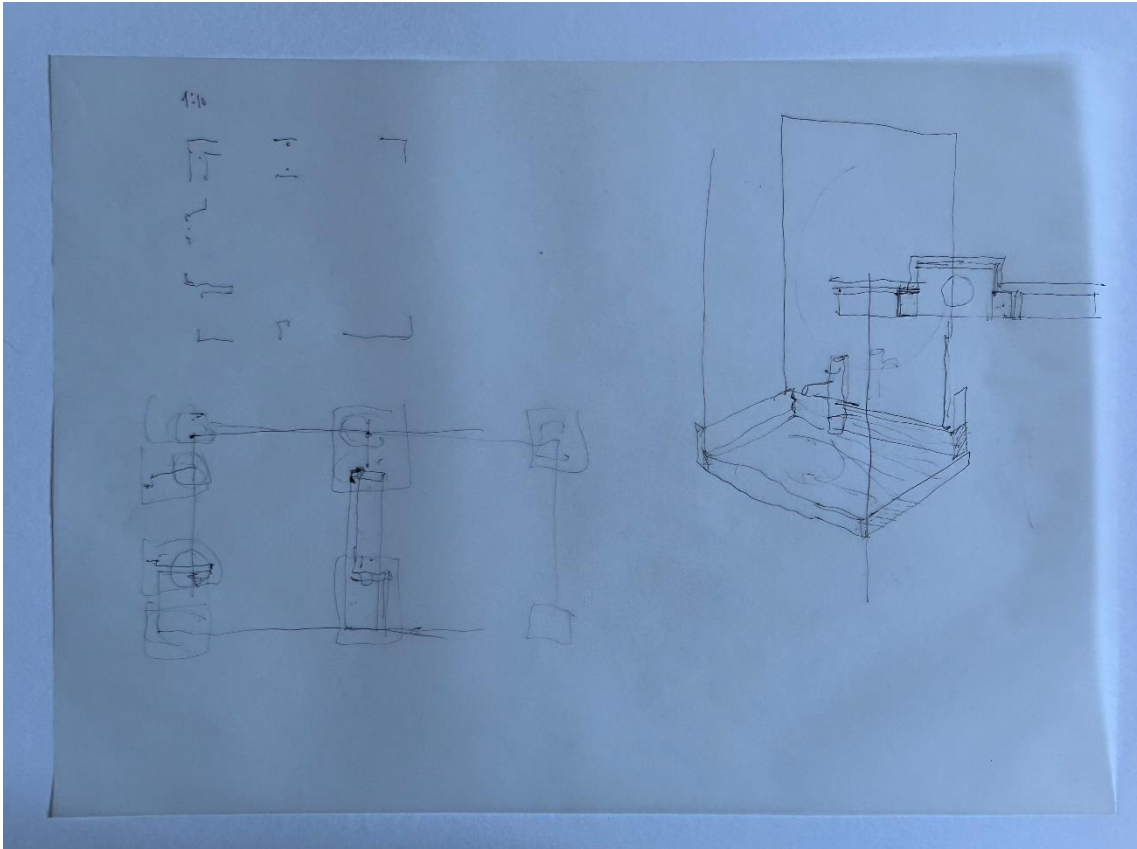
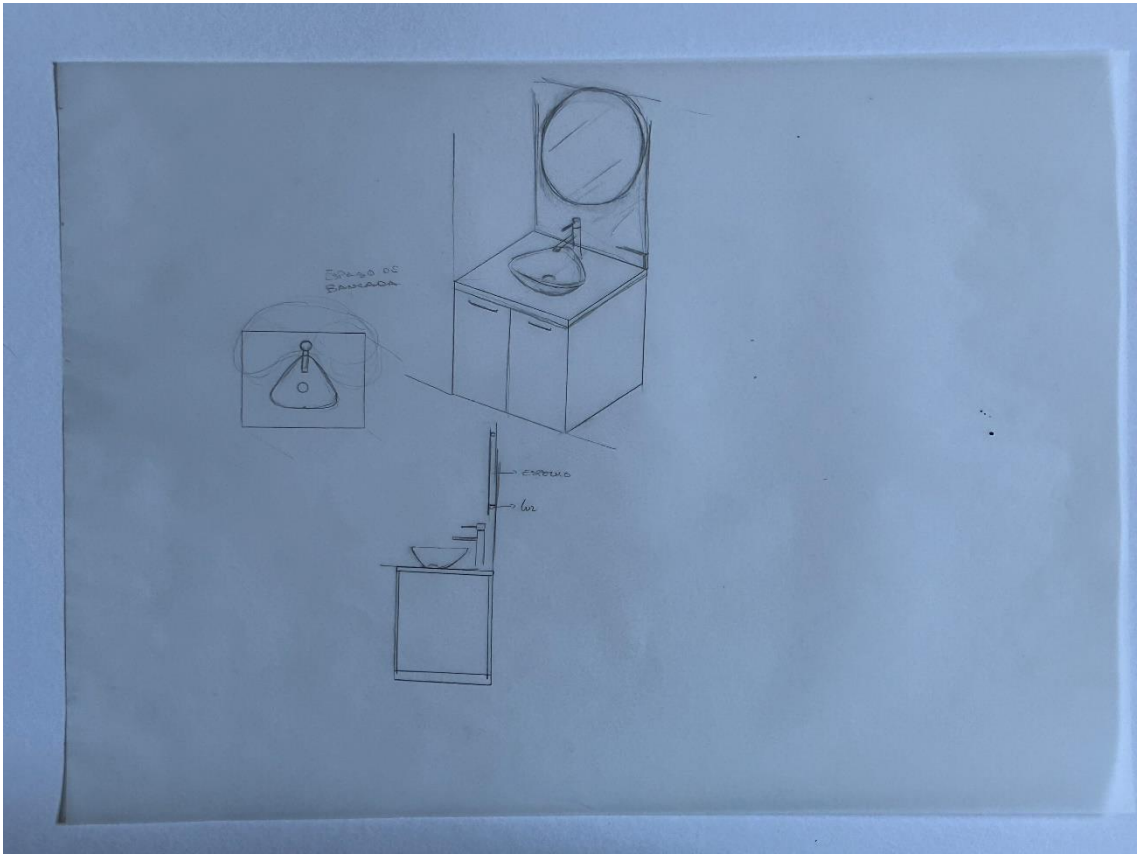


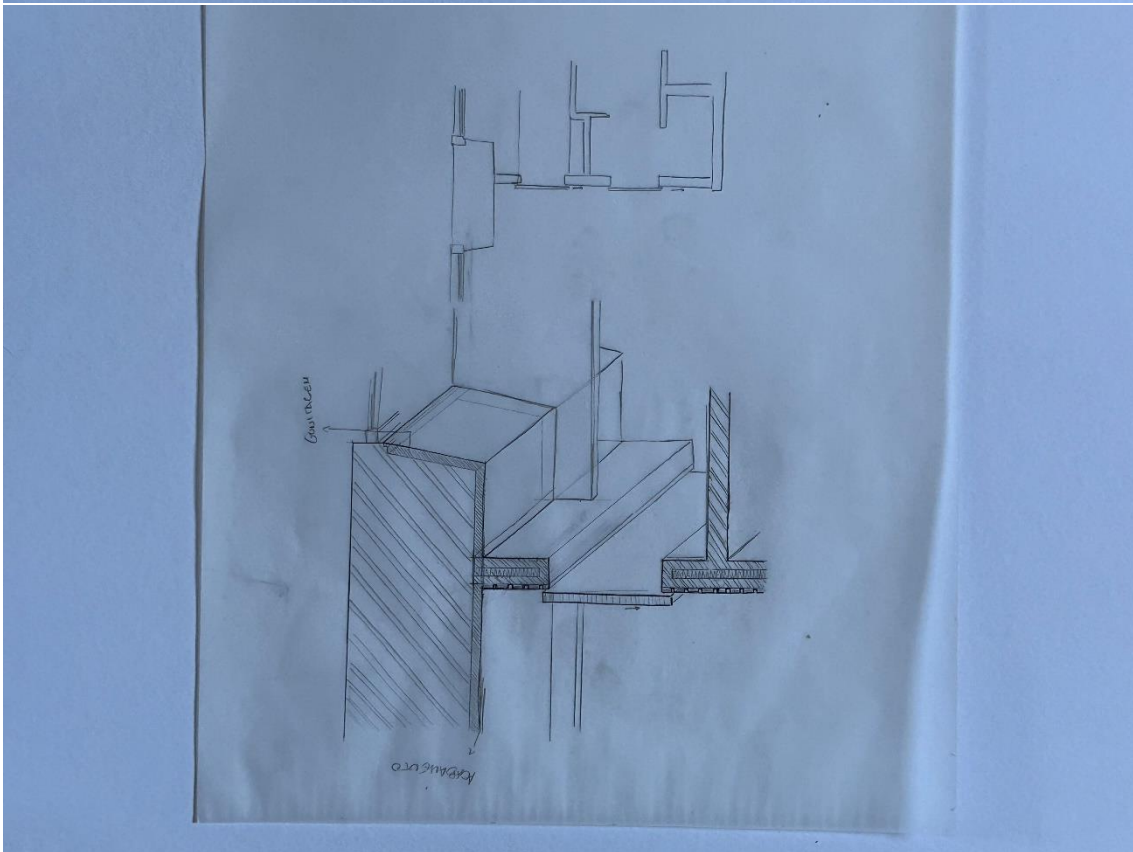
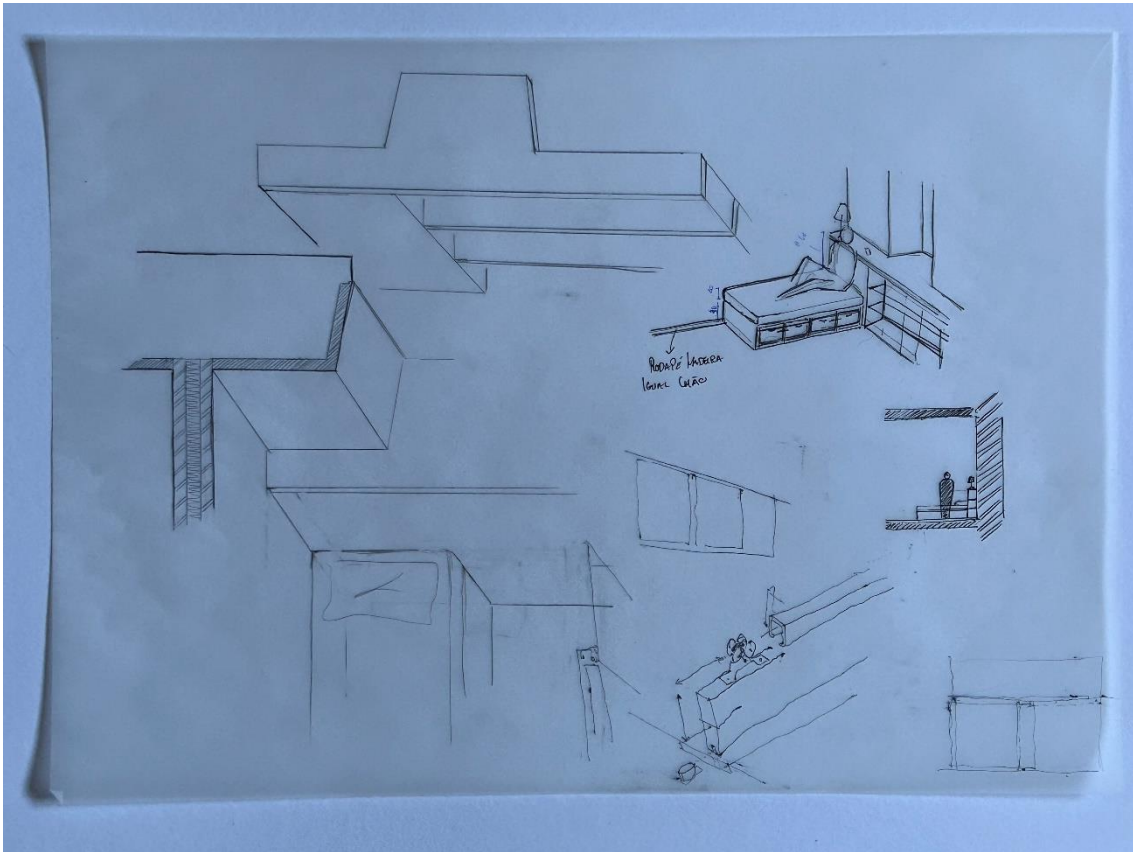


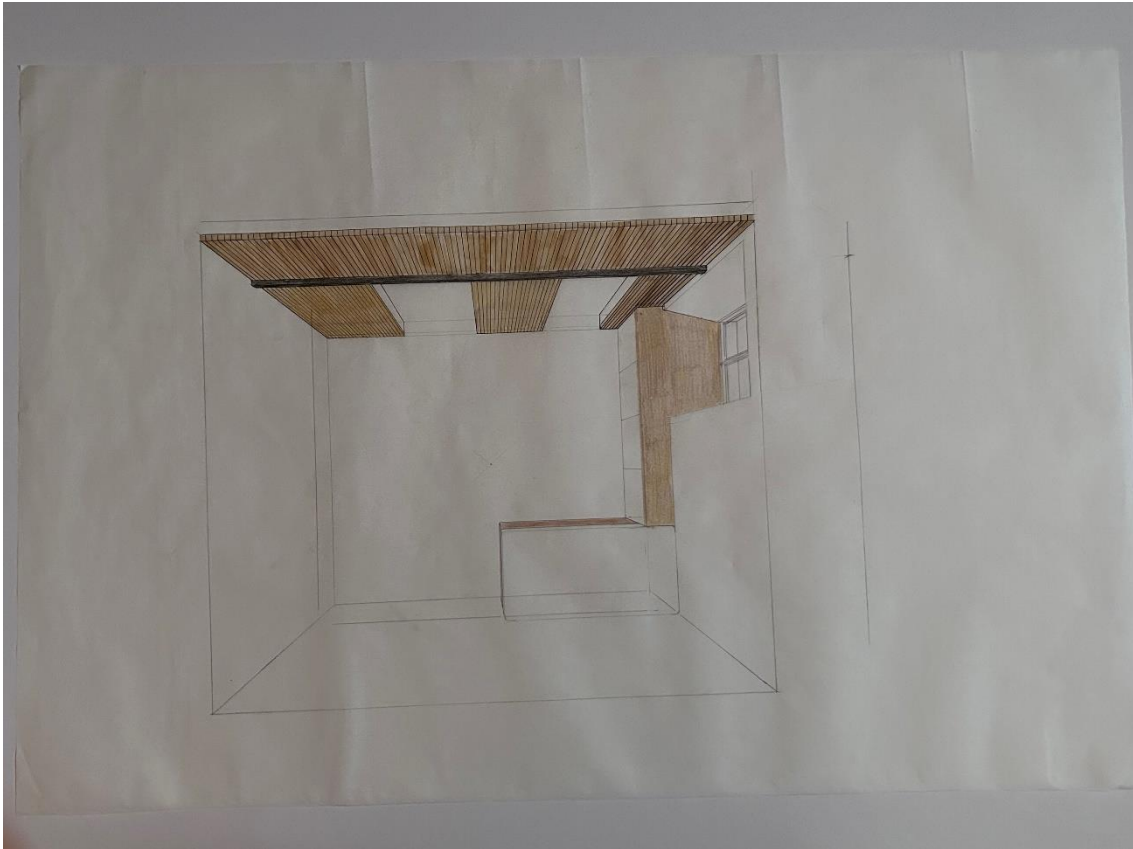
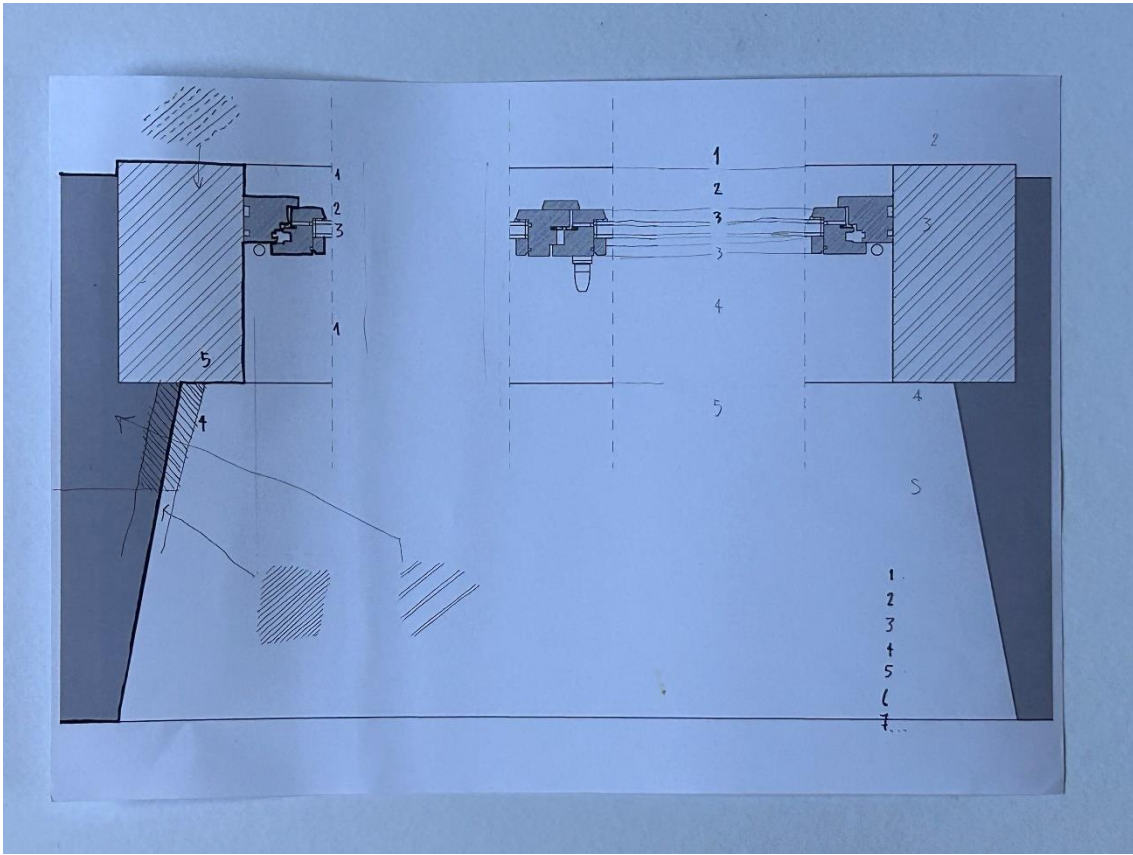






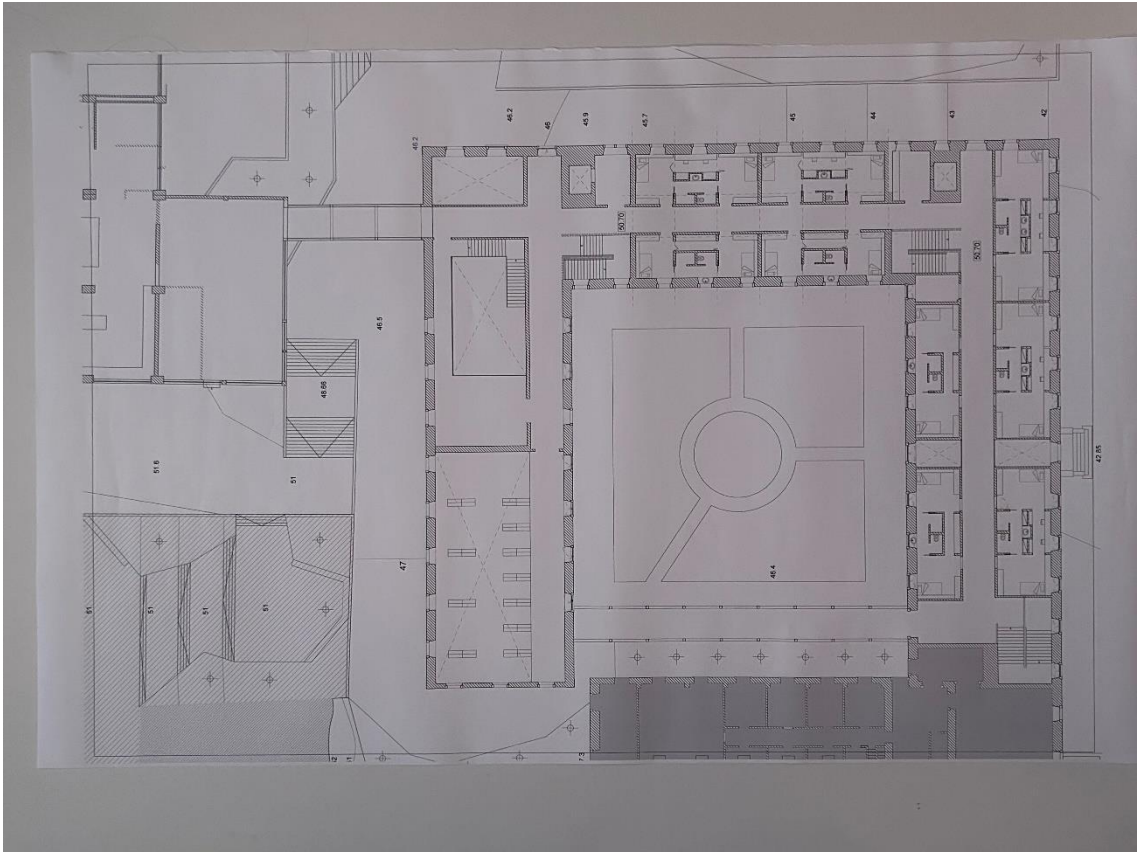
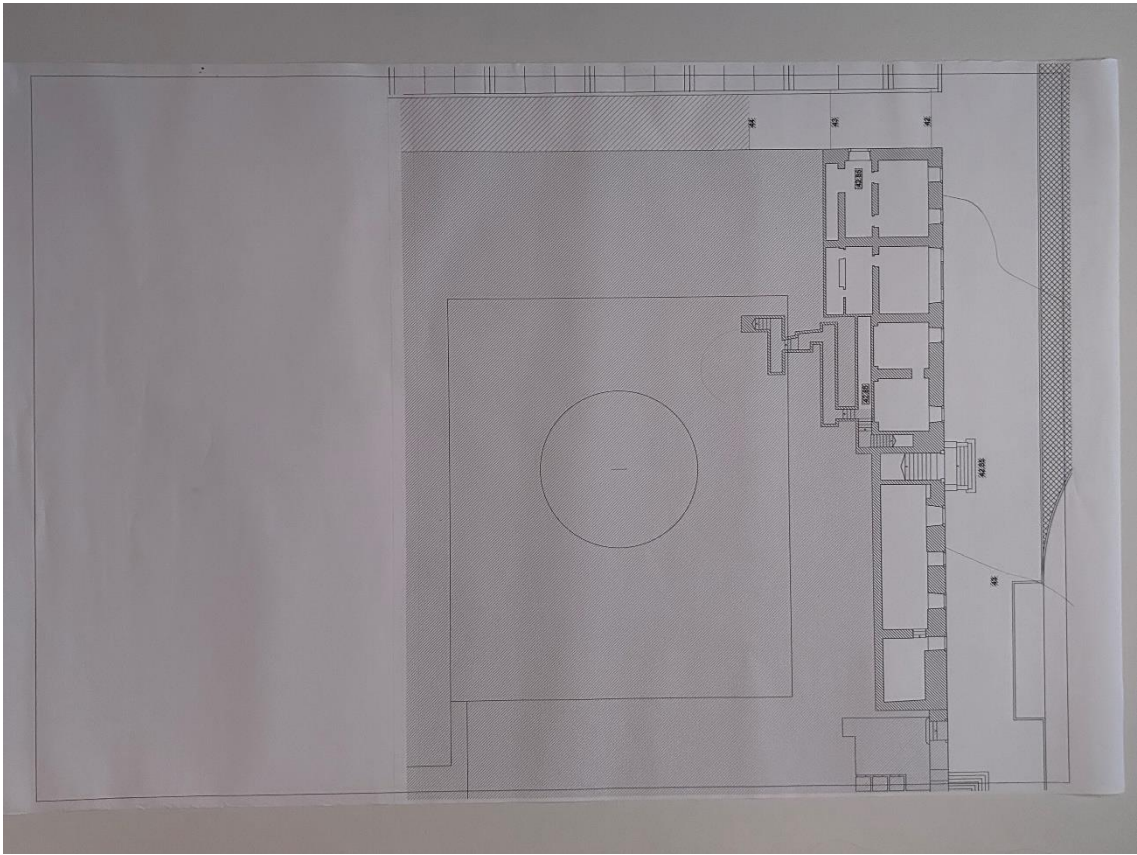


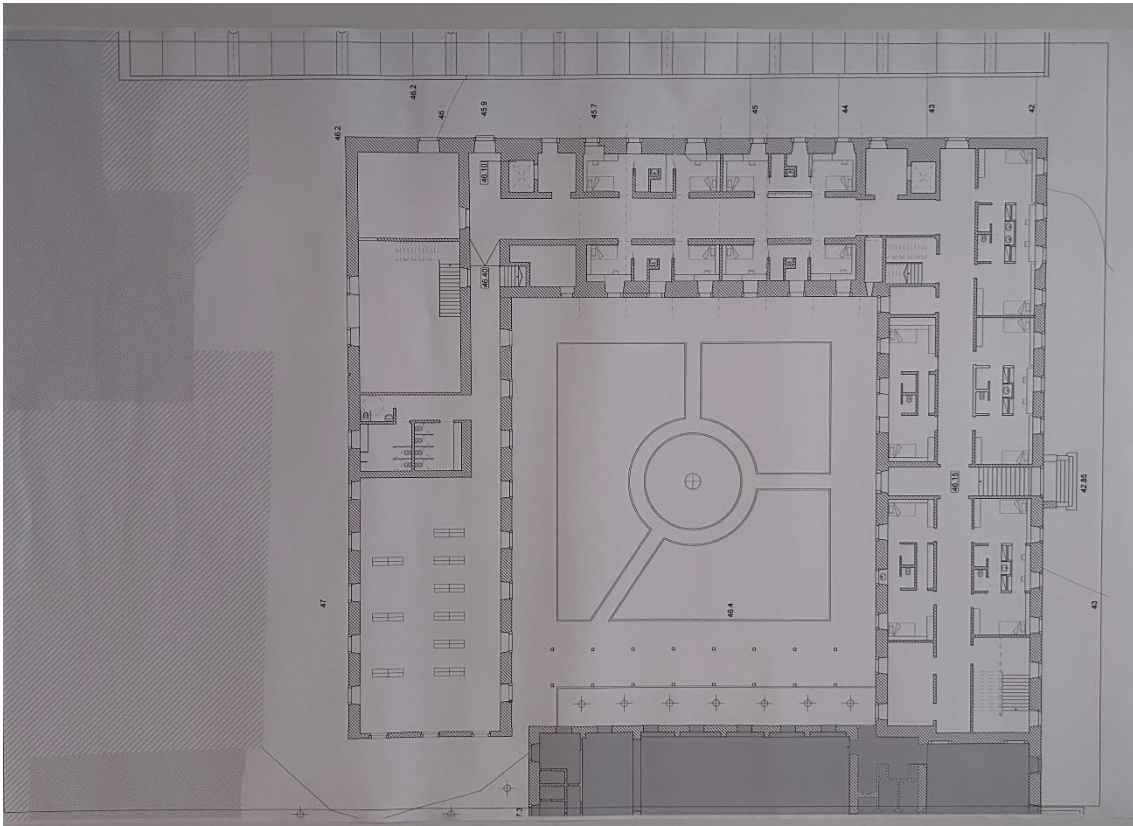


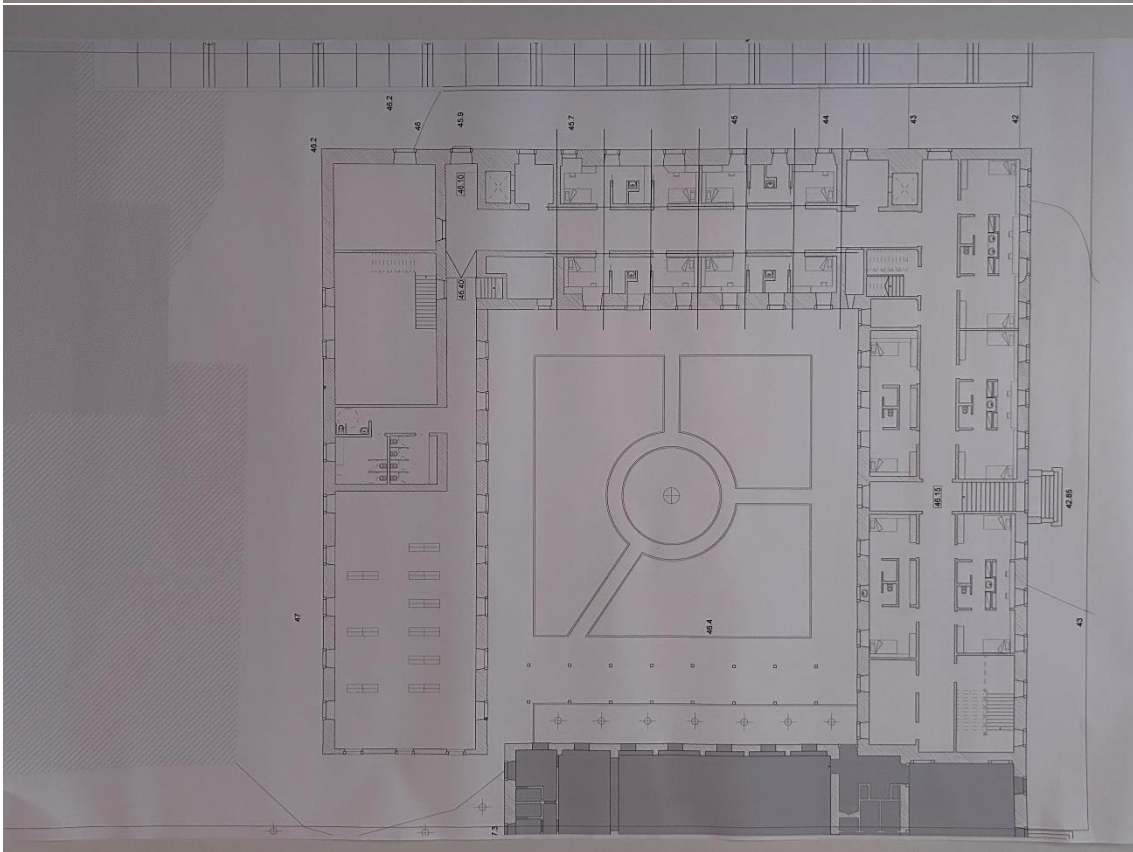
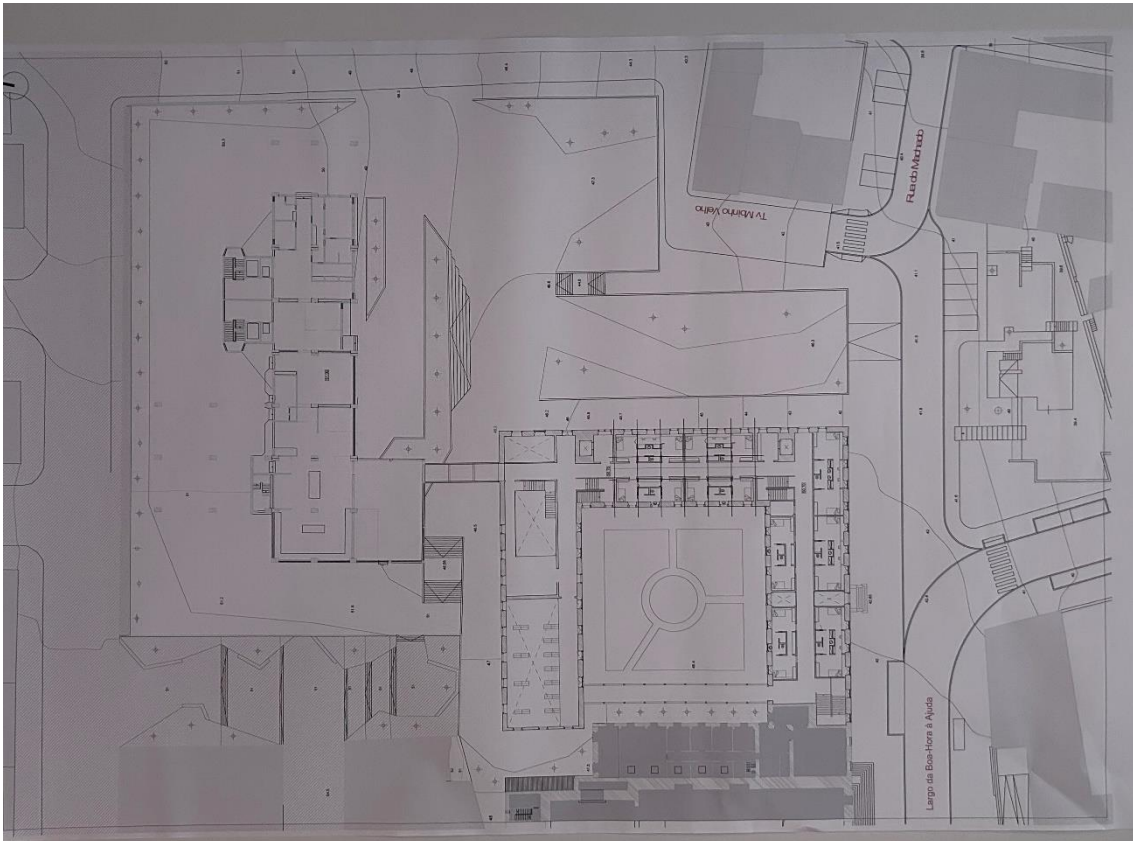


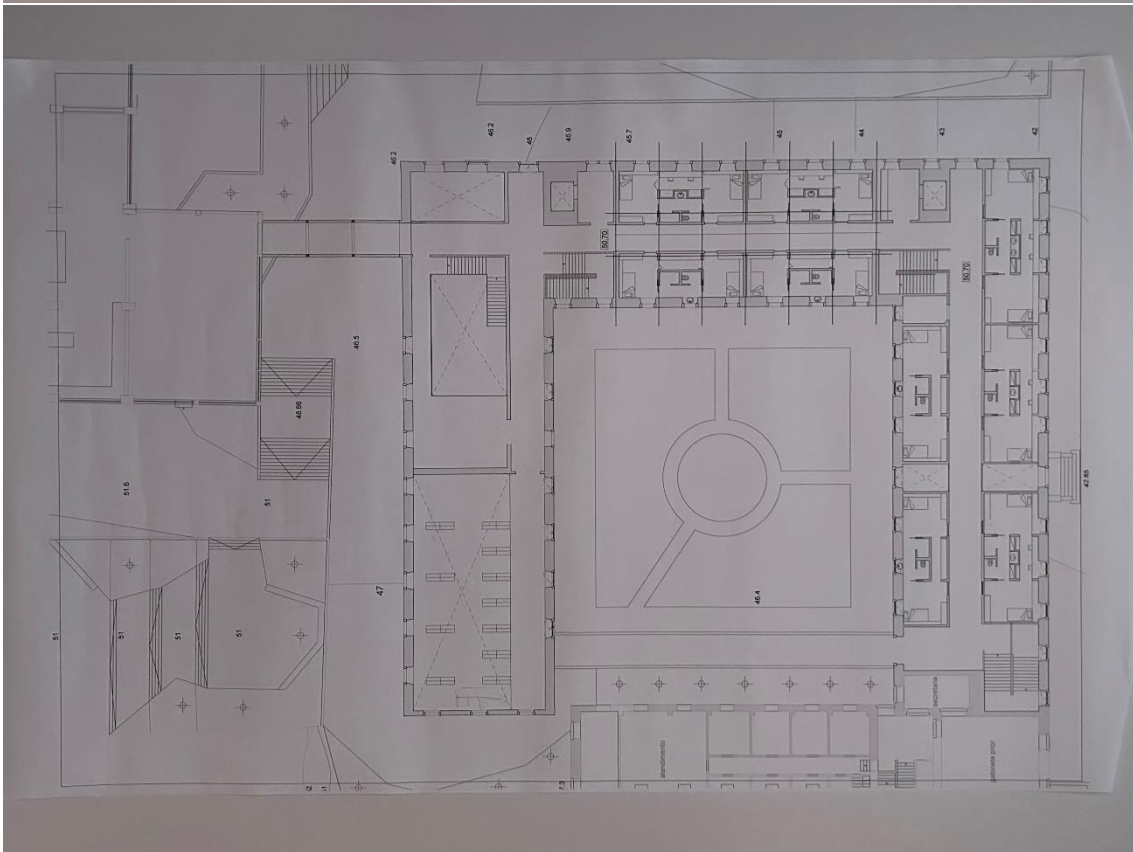
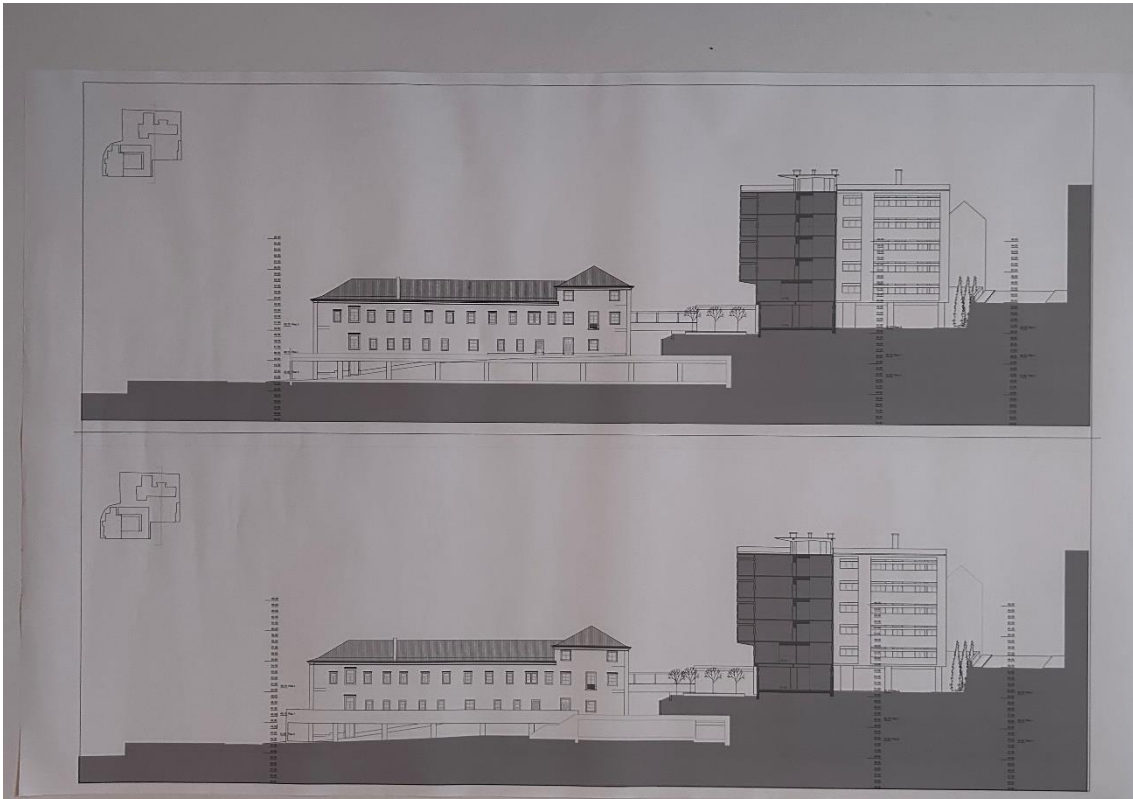


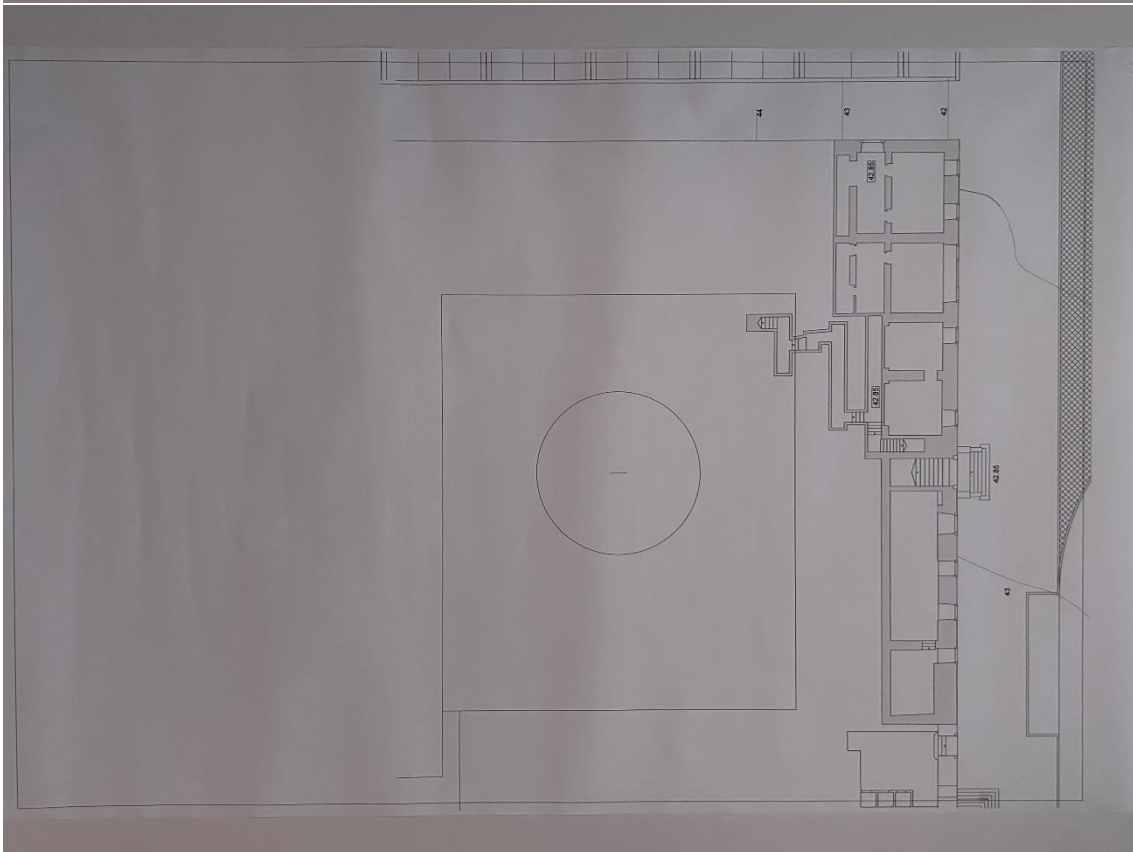
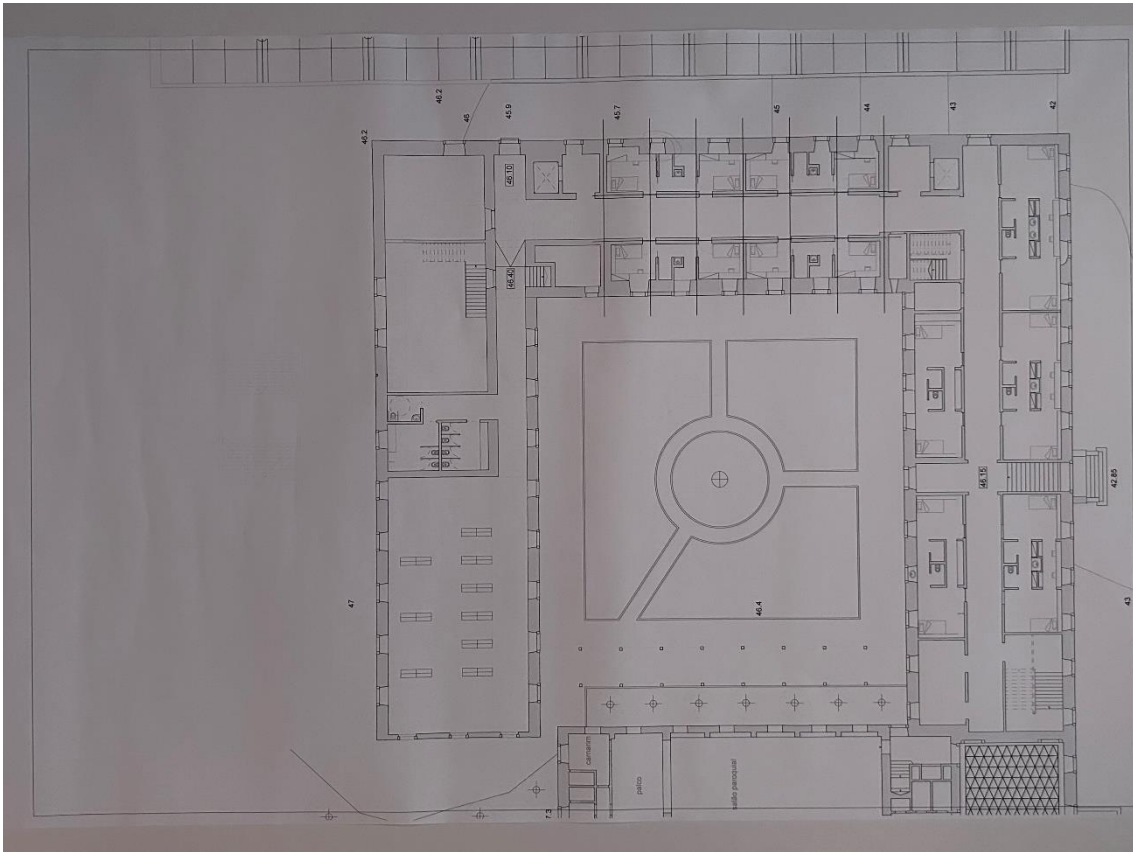


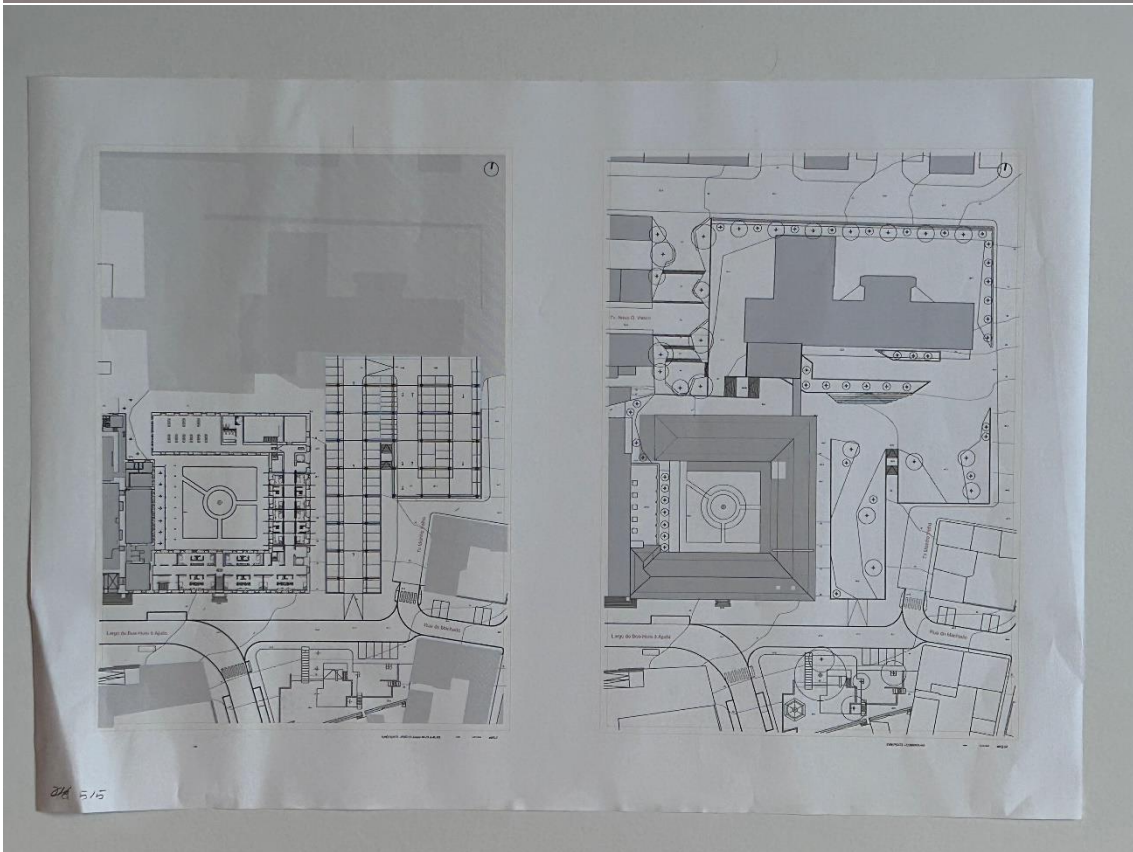
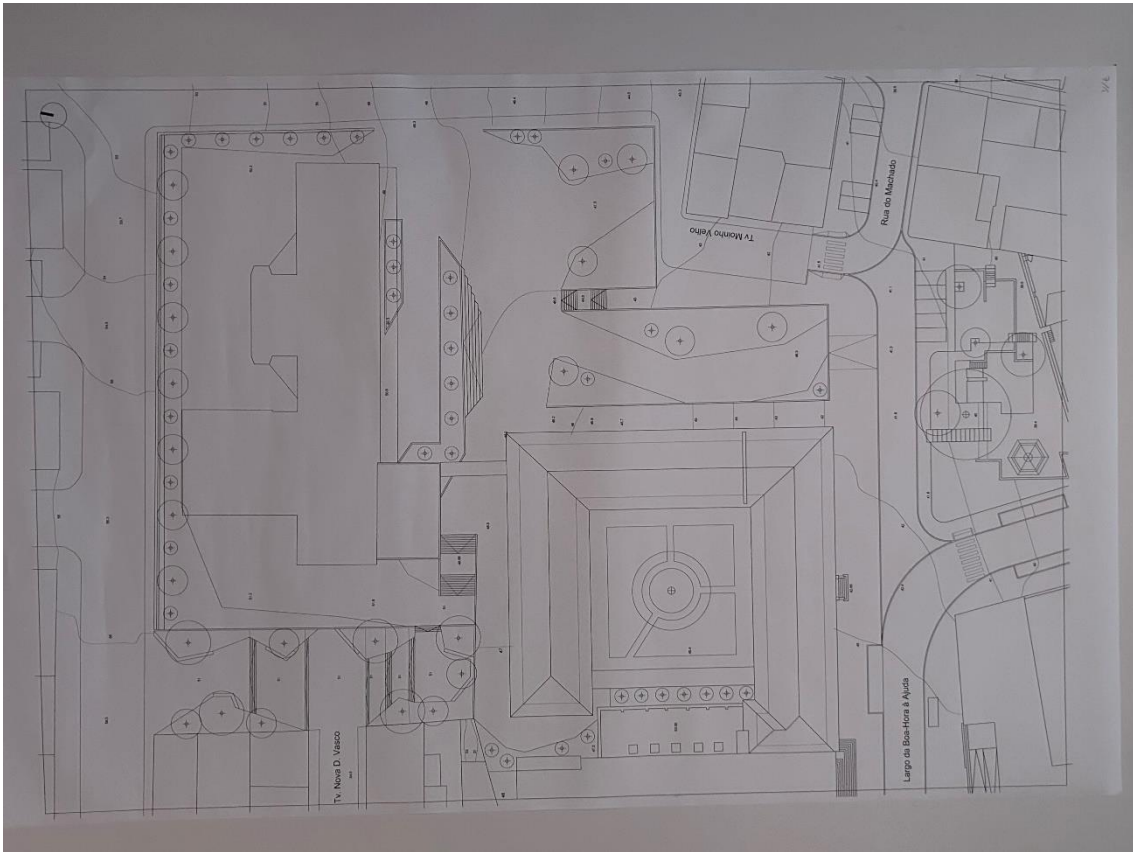


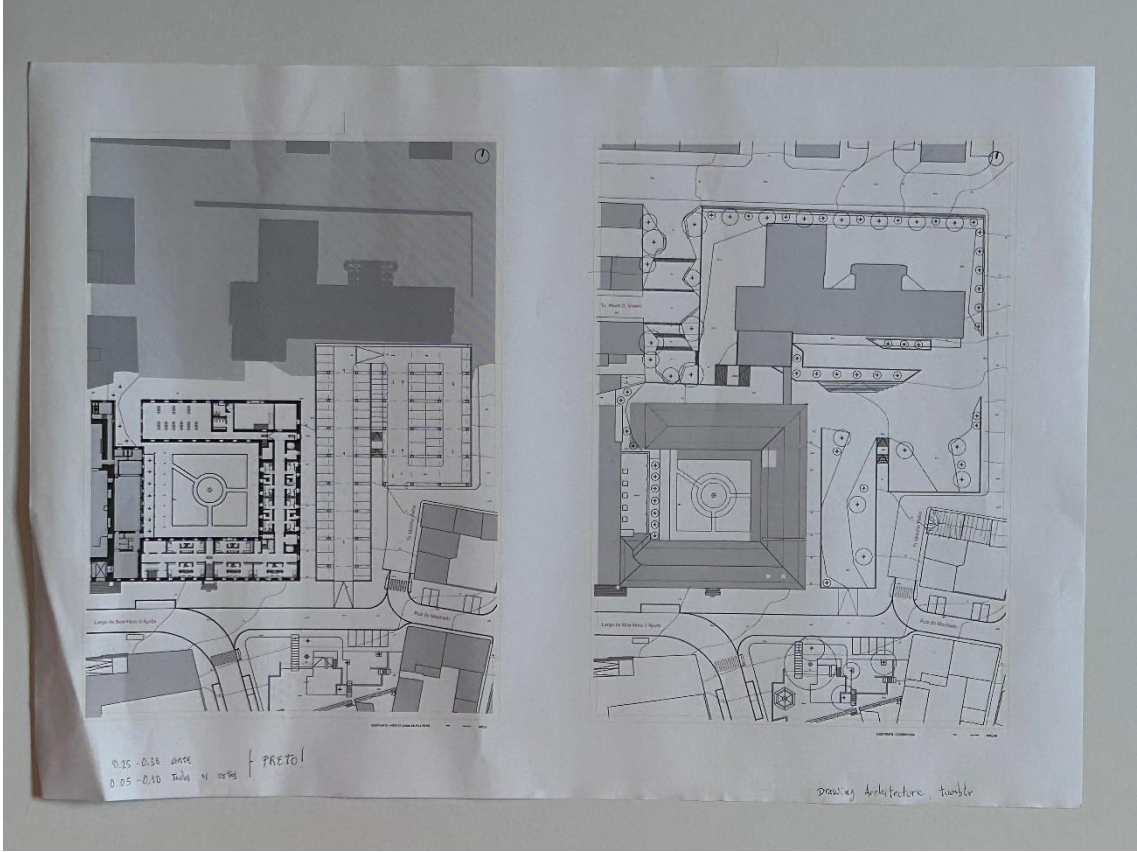


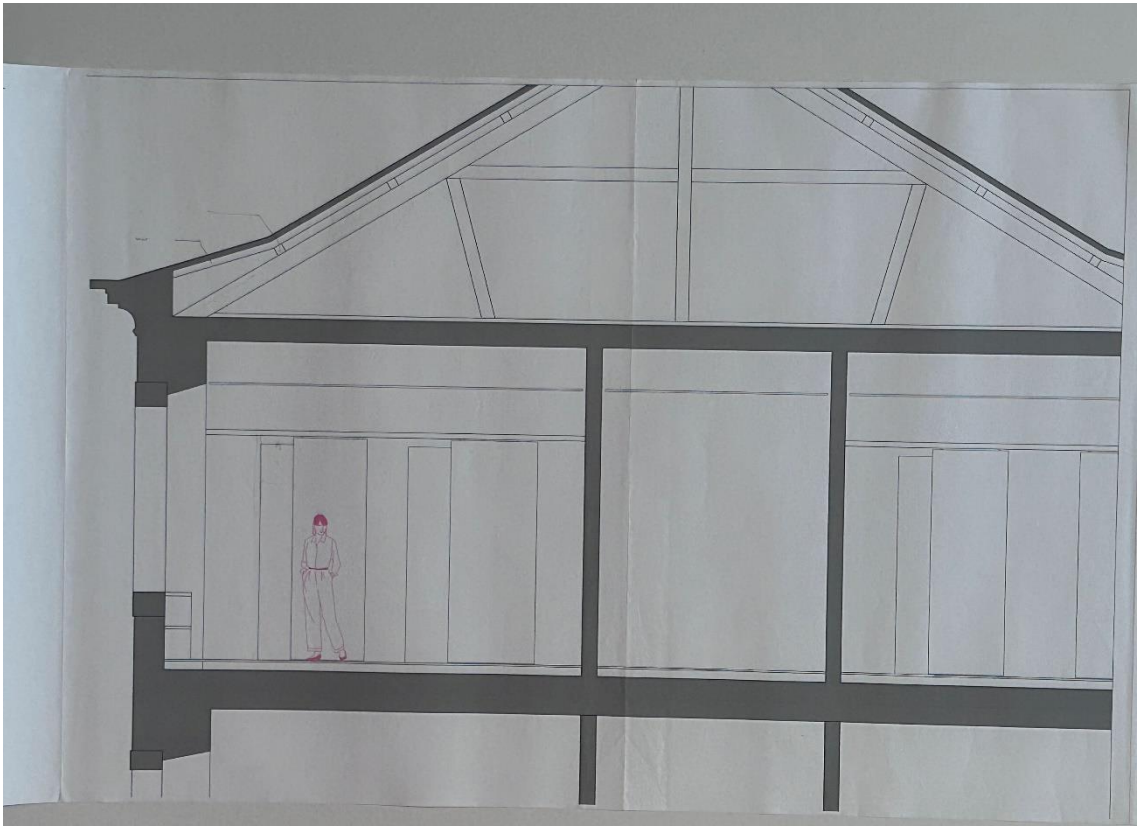


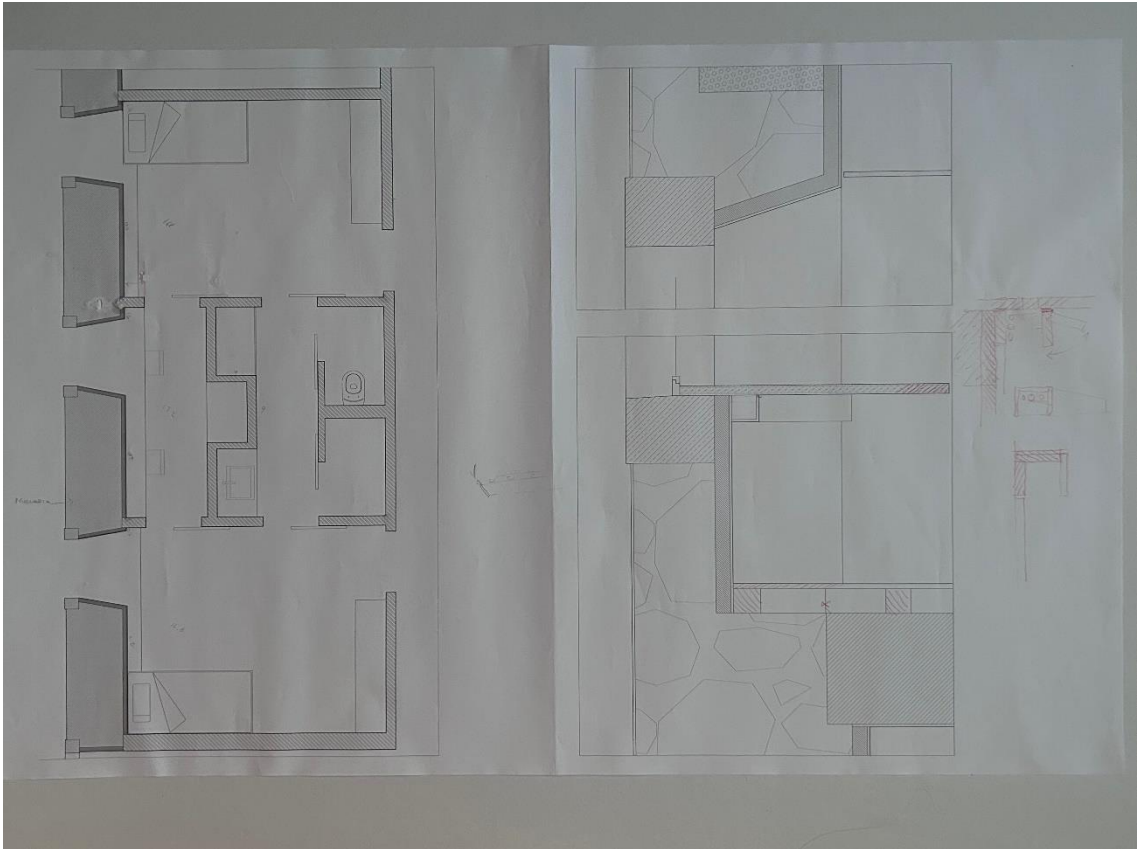
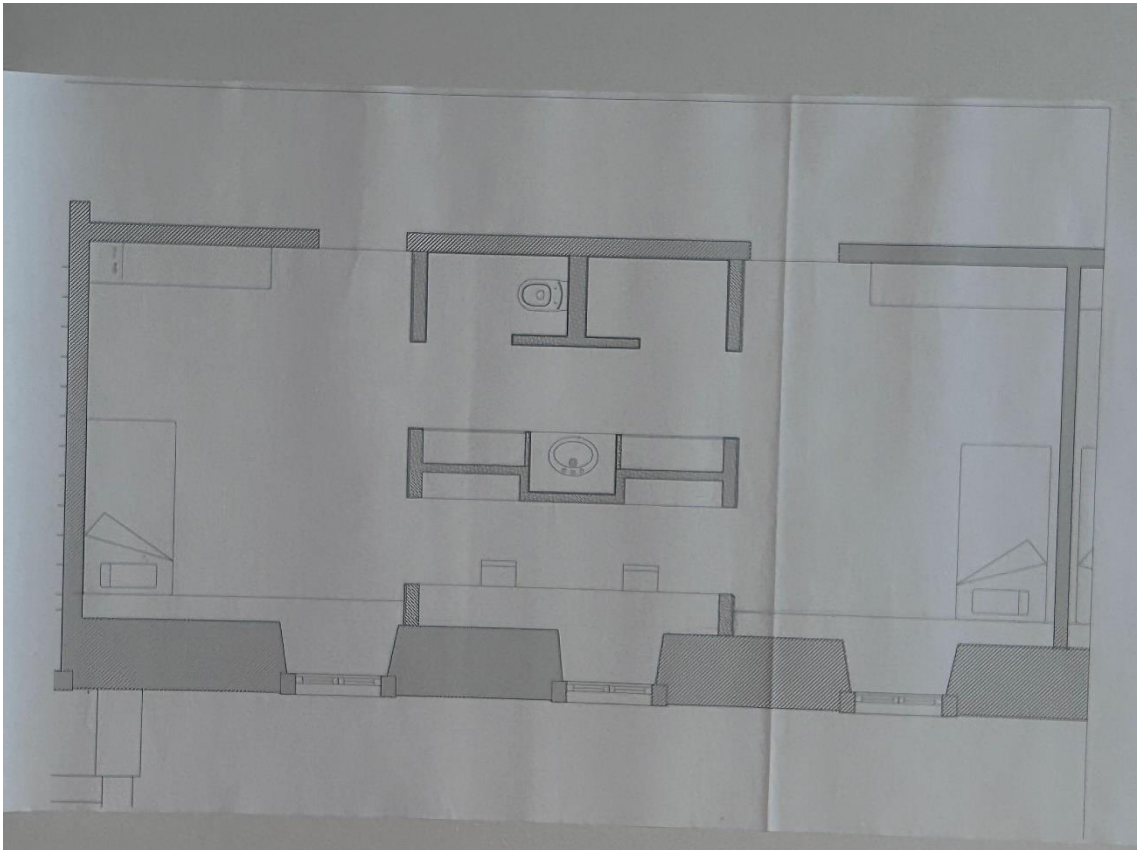




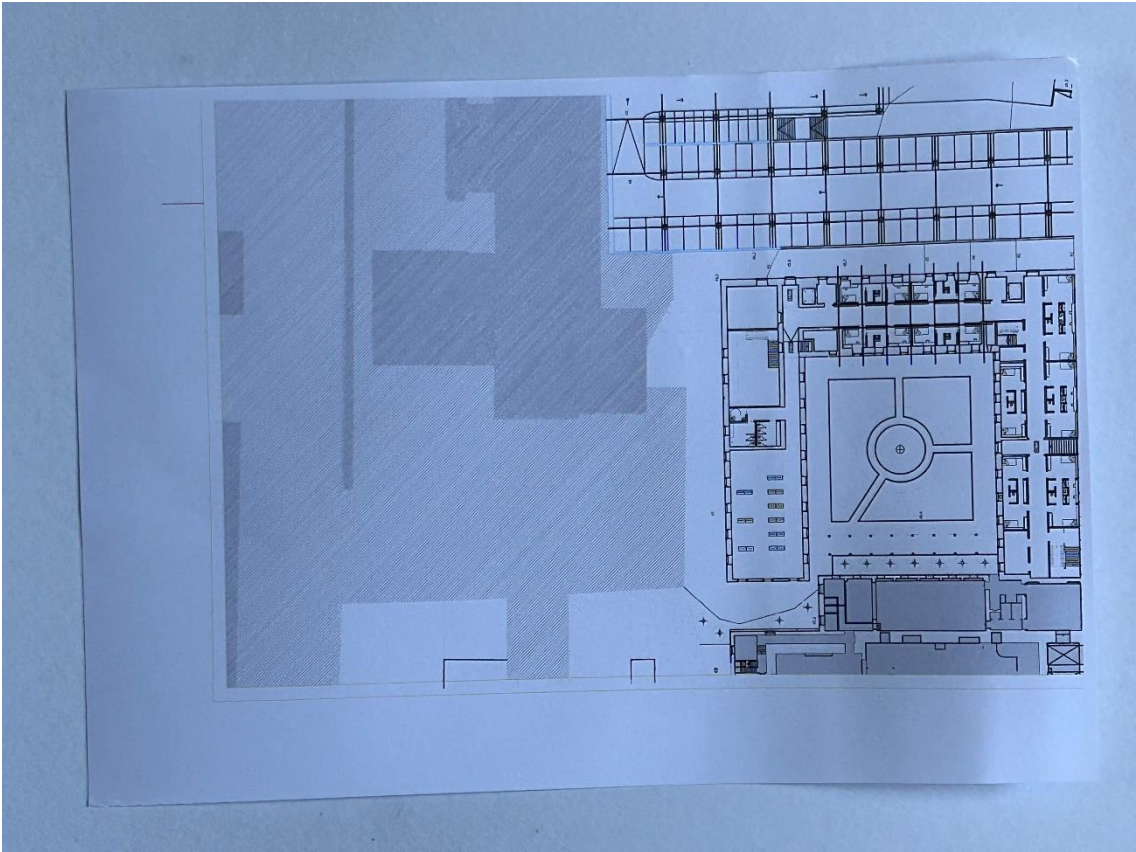
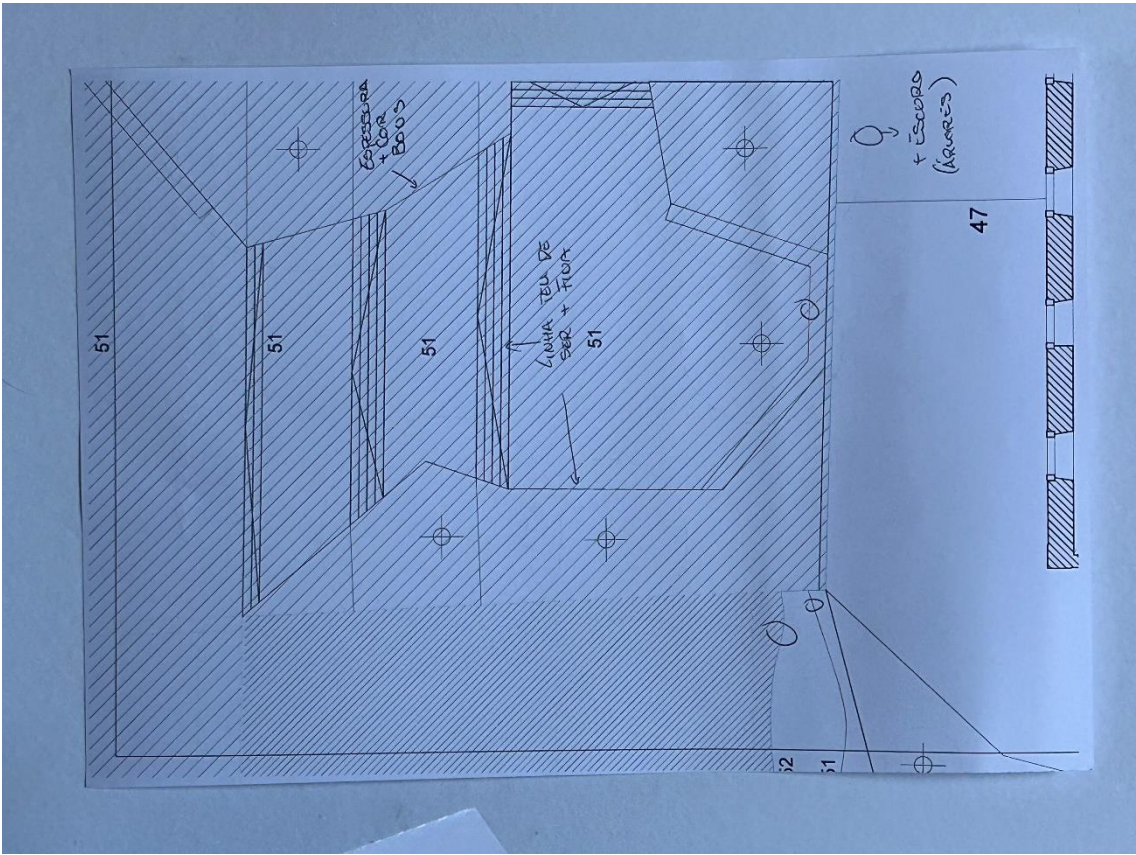


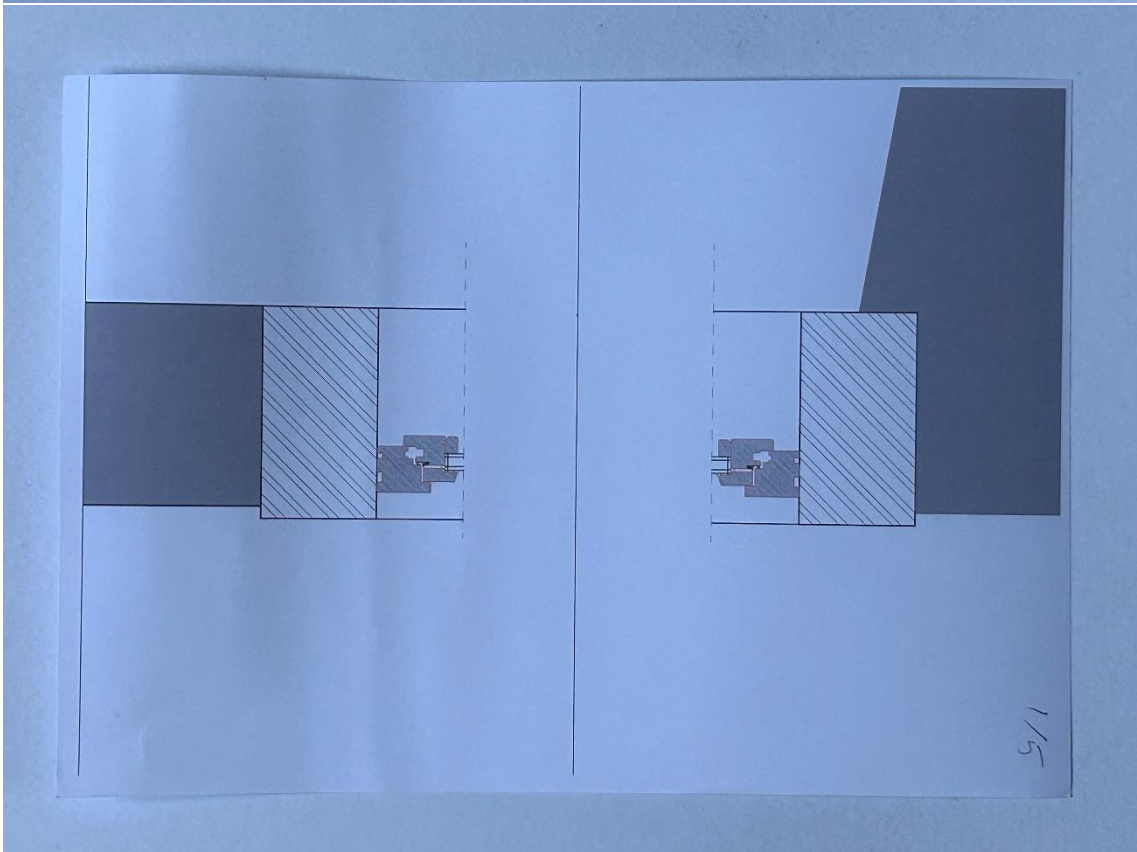
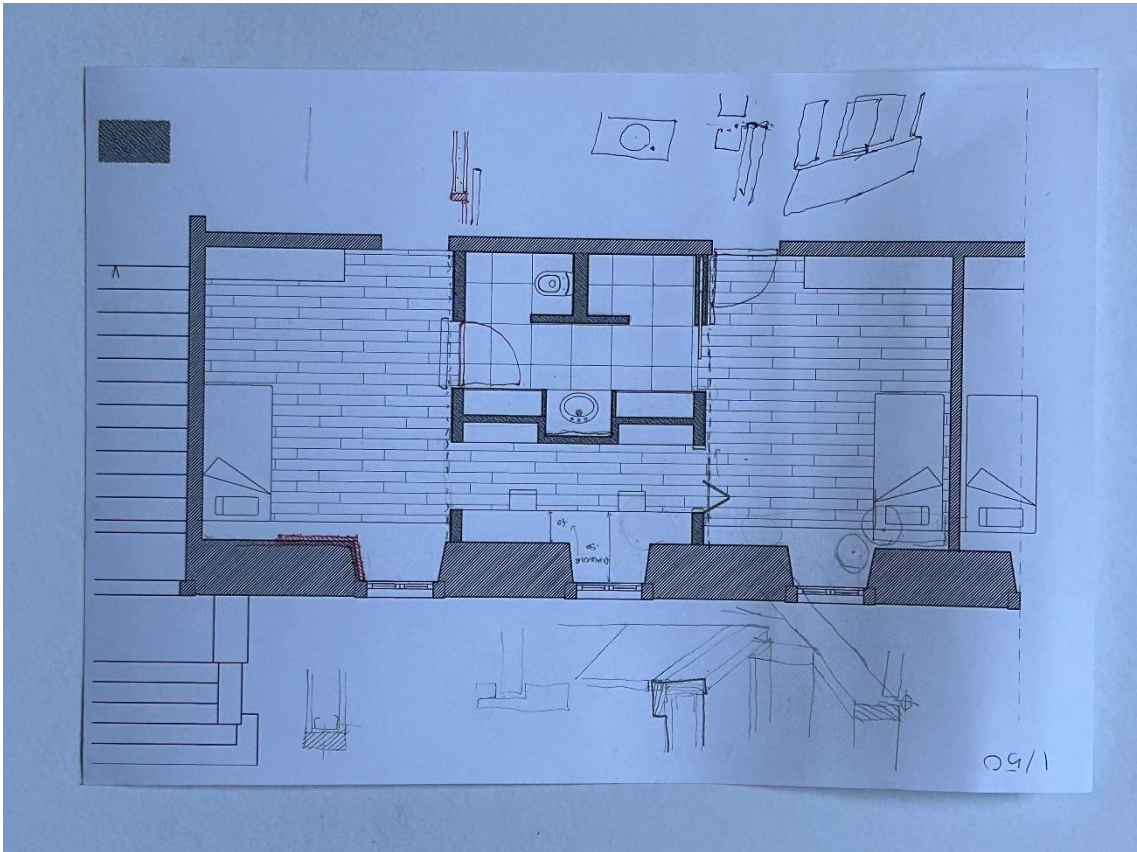


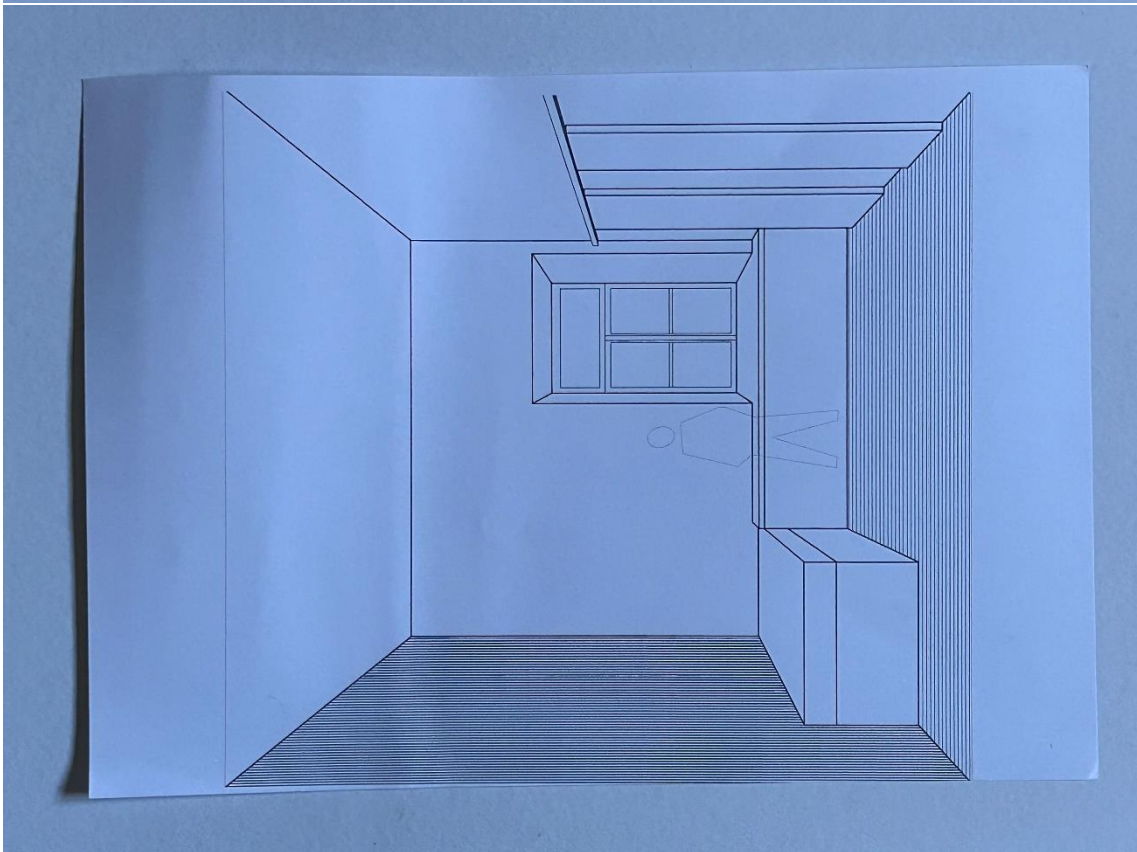
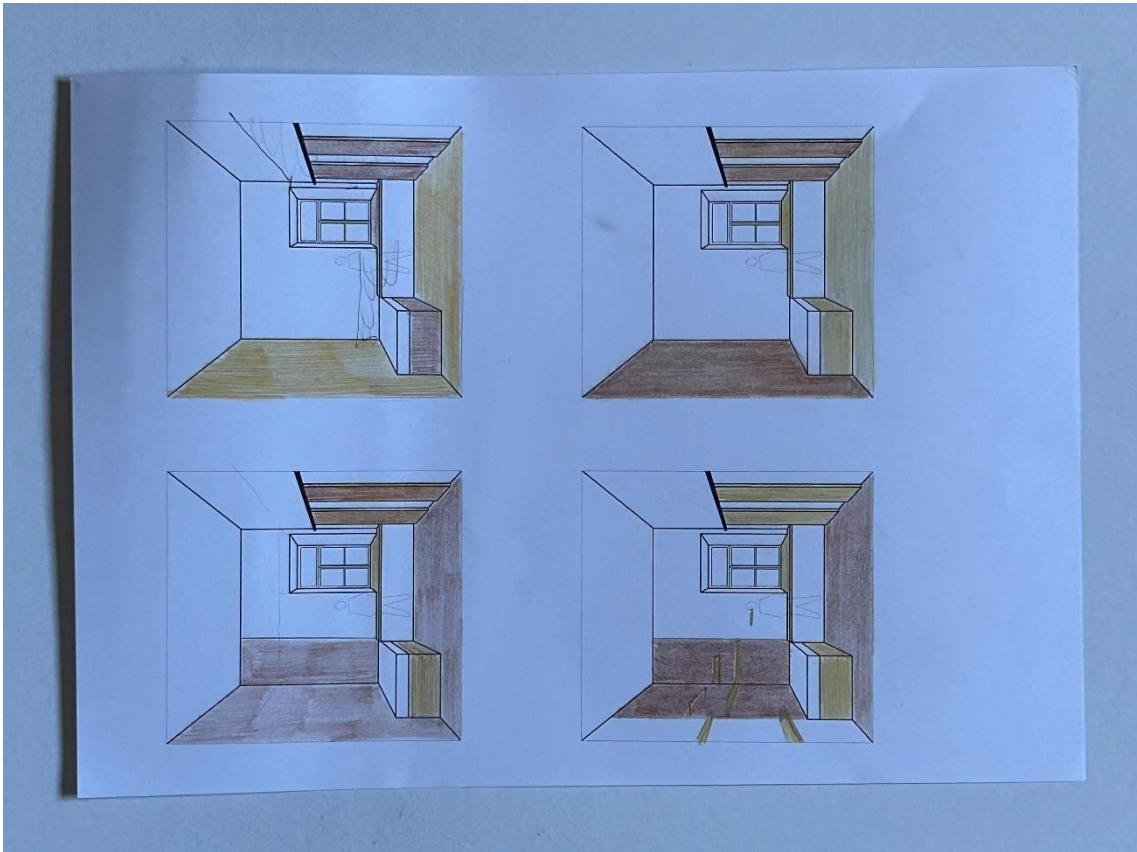












# HABITAÇÃO FLEXÍVEL E ADAPTÁVEL

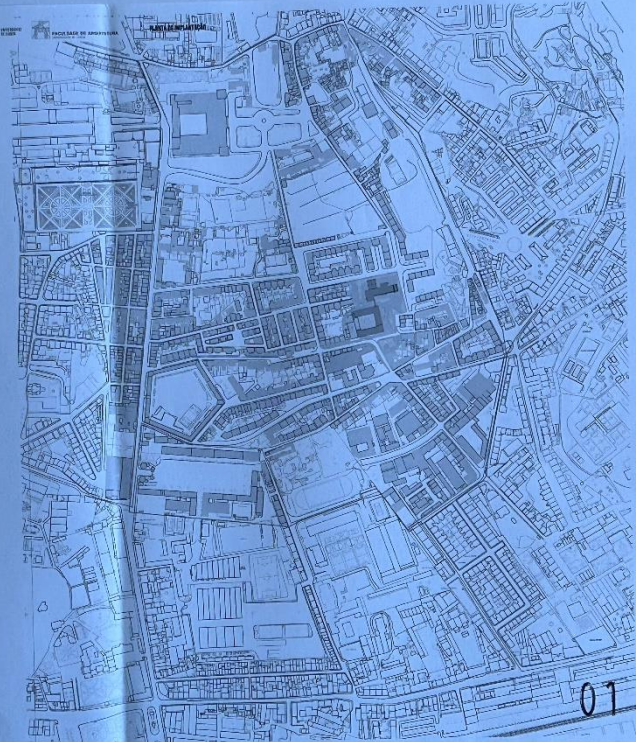
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM PARA UM CO-LIVING

CATARINA BLANCO | 2018/2024 | MINISTRO | 2020/21  
 PROPOSTORES: INSTITUTO SOCIOARQUITETÓNICO DE BELÉM | INSTITUTO MUNICIPAL DE BELÉM

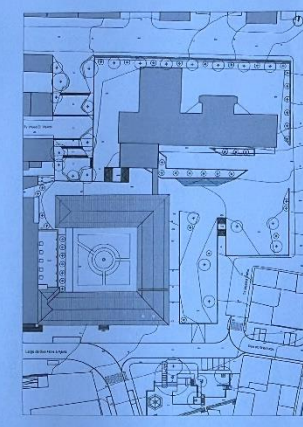
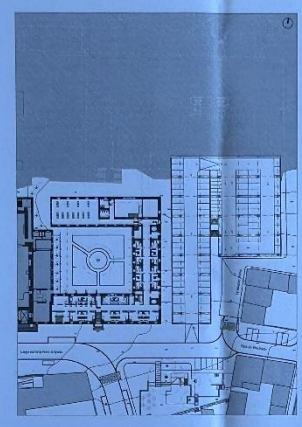
## ANÁLISE HISTÓRICA E PROGRAMÁTICA



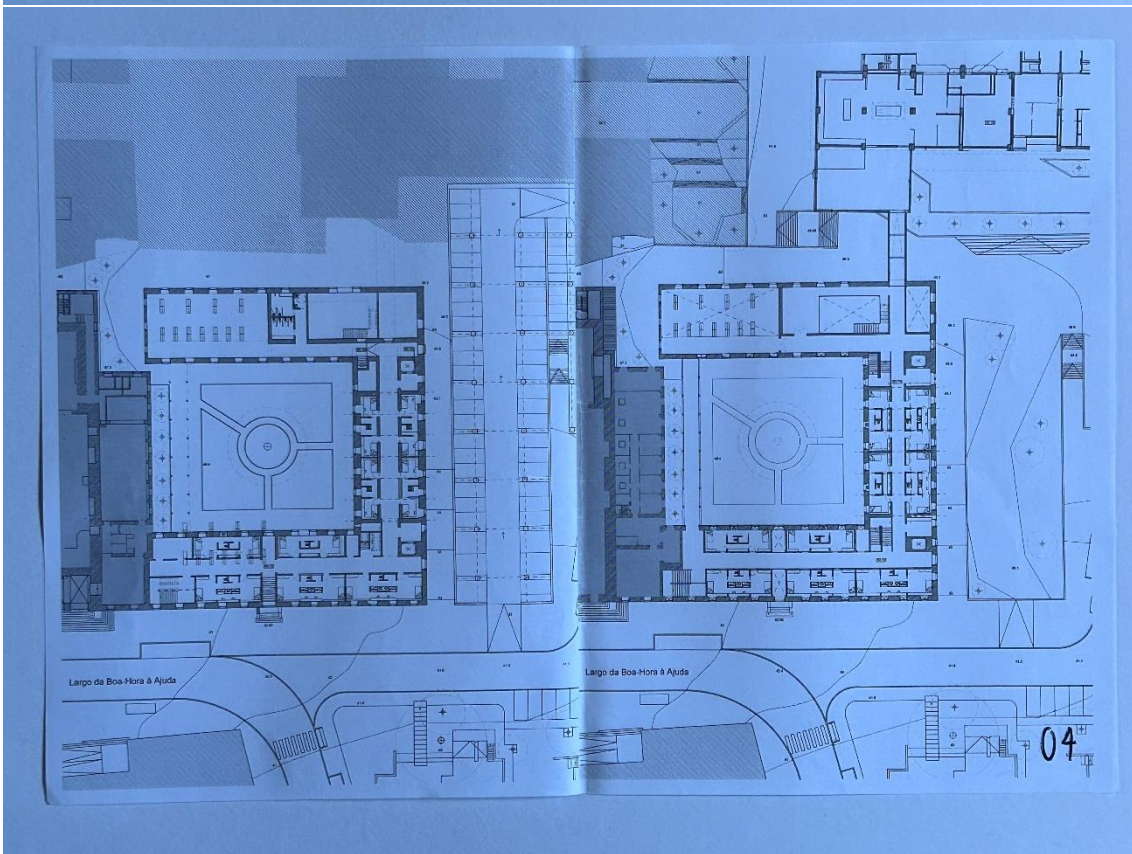
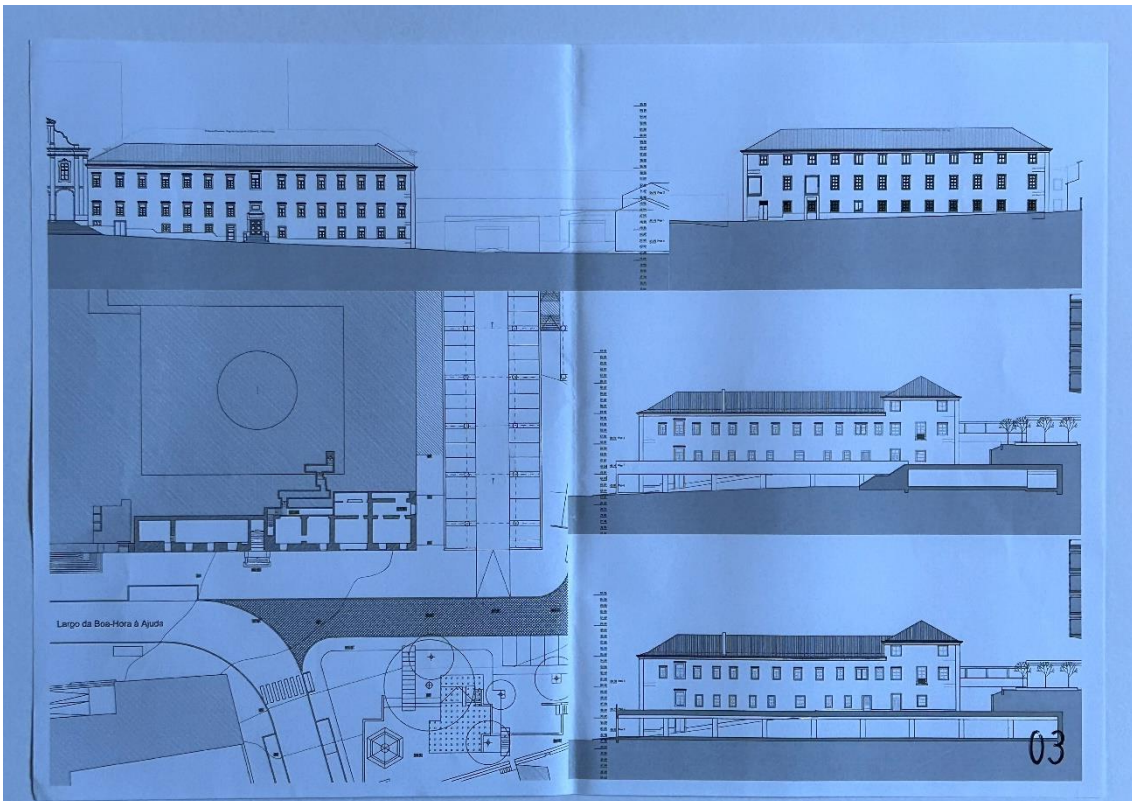
- 01 SÍTIO
- 02 EDIFÍCIO EXISTENTE: O CONJUNTO HISTÓRICO
- 03 SÍTIO
- 04 SÍTIO
- 05 SÍTIO
- 06 SÍTIO
- 07 SÍTIO
- 08 SÍTIO
- 09 SÍTIO
- 10 SÍTIO
- 11 SÍTIO
- 12 SÍTIO
- 13 SÍTIO
- 14 SÍTIO
- 15 SÍTIO
- 16 SÍTIO
- 17 SÍTIO
- 18 SÍTIO
- 19 SÍTIO
- 20 SÍTIO
- 21 SÍTIO
- 22 SÍTIO
- 23 SÍTIO
- 24 SÍTIO
- 25 SÍTIO
- 26 SÍTIO
- 27 SÍTIO
- 28 SÍTIO
- 29 SÍTIO
- 30 SÍTIO
- 31 SÍTIO
- 32 SÍTIO
- 33 SÍTIO
- 34 SÍTIO
- 35 SÍTIO
- 36 SÍTIO
- 37 SÍTIO
- 38 SÍTIO
- 39 SÍTIO
- 40 SÍTIO
- 41 SÍTIO
- 42 SÍTIO
- 43 SÍTIO
- 44 SÍTIO
- 45 SÍTIO
- 46 SÍTIO
- 47 SÍTIO
- 48 SÍTIO
- 49 SÍTIO
- 50 SÍTIO
- 51 SÍTIO
- 52 SÍTIO
- 53 SÍTIO
- 54 SÍTIO
- 55 SÍTIO
- 56 SÍTIO
- 57 SÍTIO
- 58 SÍTIO
- 59 SÍTIO
- 60 SÍTIO
- 61 SÍTIO
- 62 SÍTIO
- 63 SÍTIO
- 64 SÍTIO
- 65 SÍTIO
- 66 SÍTIO
- 67 SÍTIO
- 68 SÍTIO
- 69 SÍTIO
- 70 SÍTIO
- 71 SÍTIO
- 72 SÍTIO
- 73 SÍTIO
- 74 SÍTIO
- 75 SÍTIO
- 76 SÍTIO
- 77 SÍTIO
- 78 SÍTIO
- 79 SÍTIO
- 80 SÍTIO
- 81 SÍTIO
- 82 SÍTIO
- 83 SÍTIO
- 84 SÍTIO
- 85 SÍTIO
- 86 SÍTIO
- 87 SÍTIO
- 88 SÍTIO
- 89 SÍTIO
- 90 SÍTIO
- 91 SÍTIO
- 92 SÍTIO
- 93 SÍTIO
- 94 SÍTIO
- 95 SÍTIO
- 96 SÍTIO
- 97 SÍTIO
- 98 SÍTIO
- 99 SÍTIO
- 100 SÍTIO

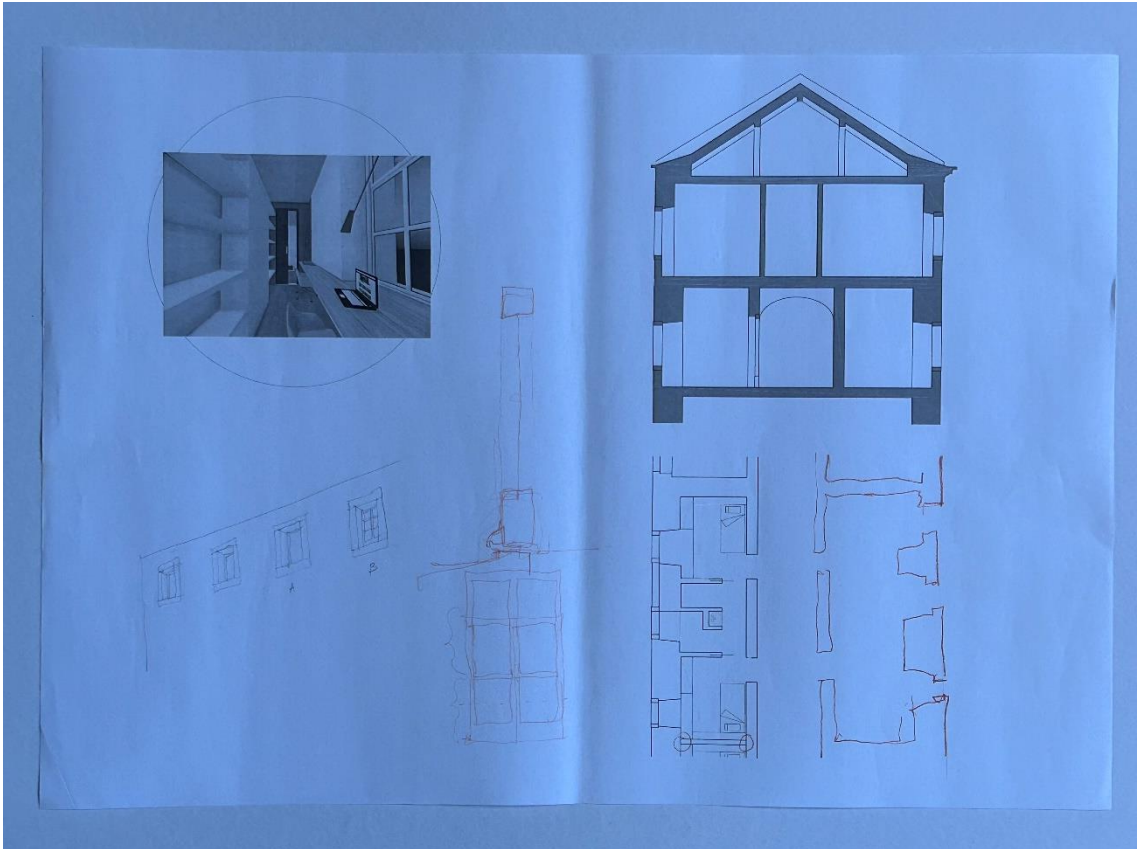
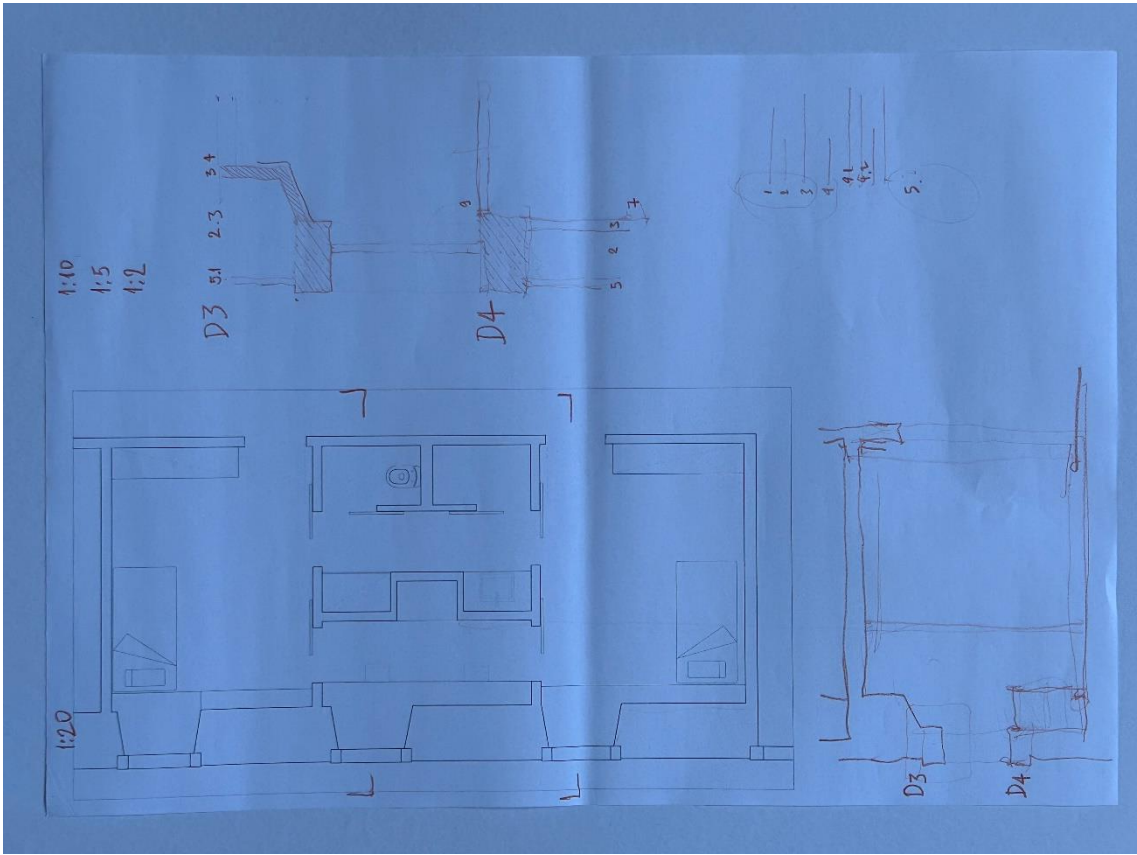


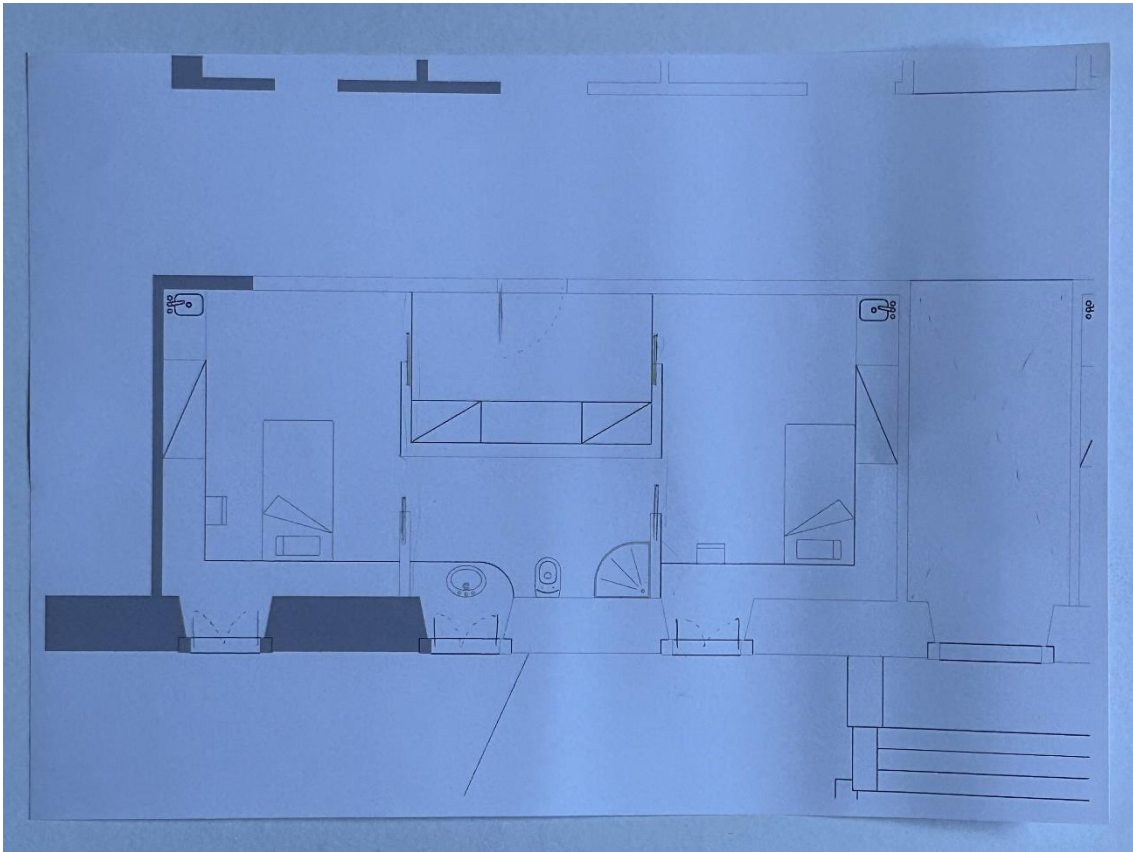
01



02



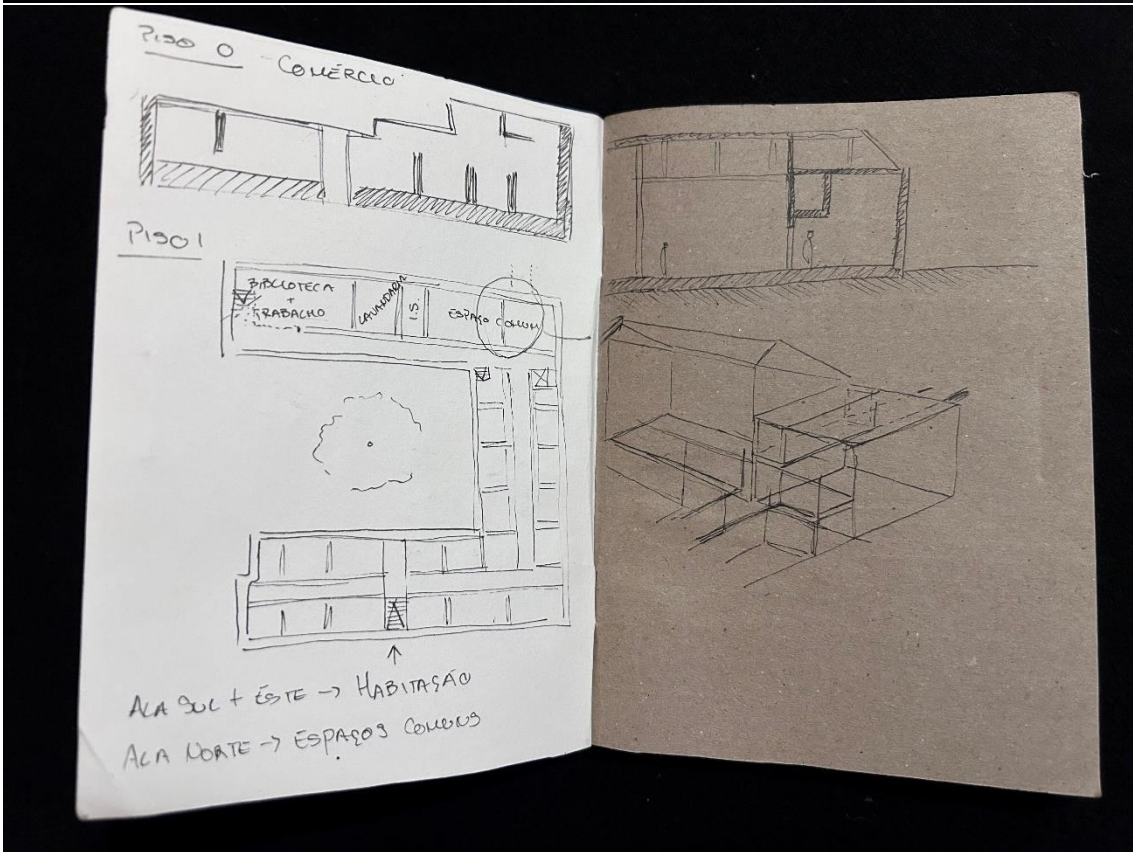
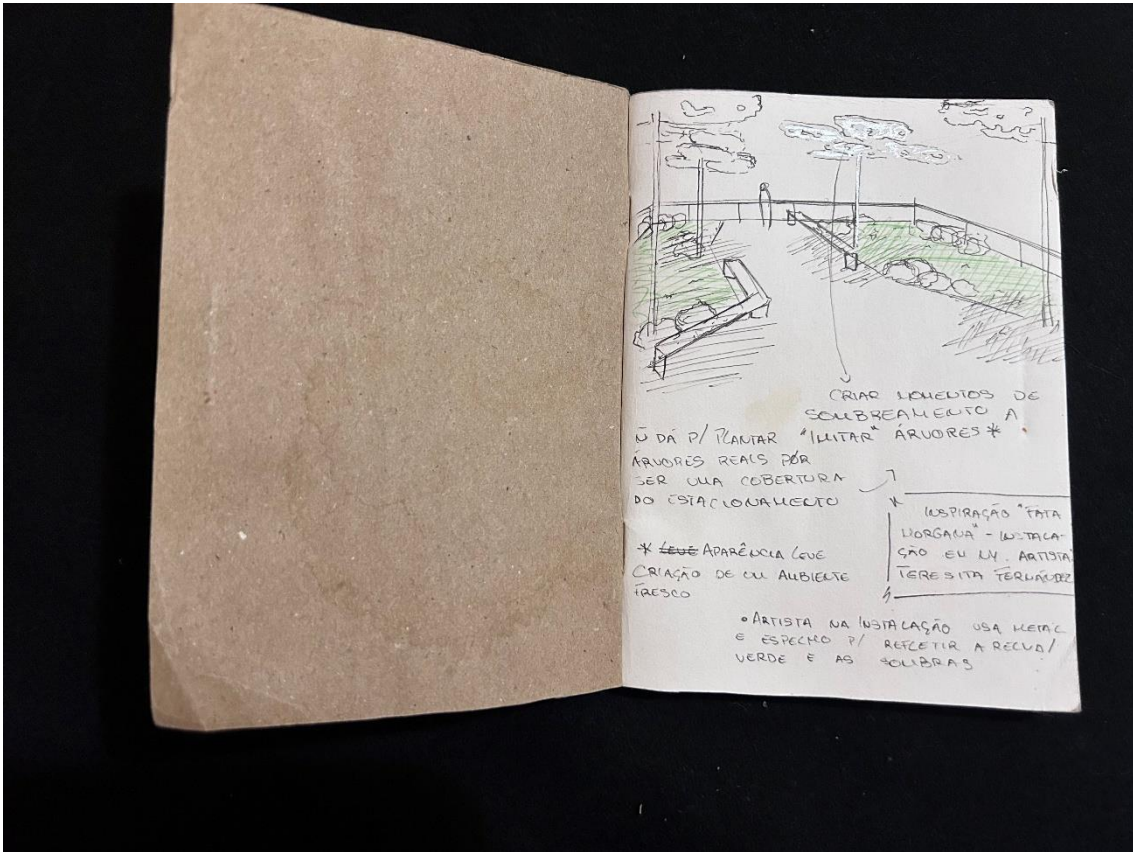


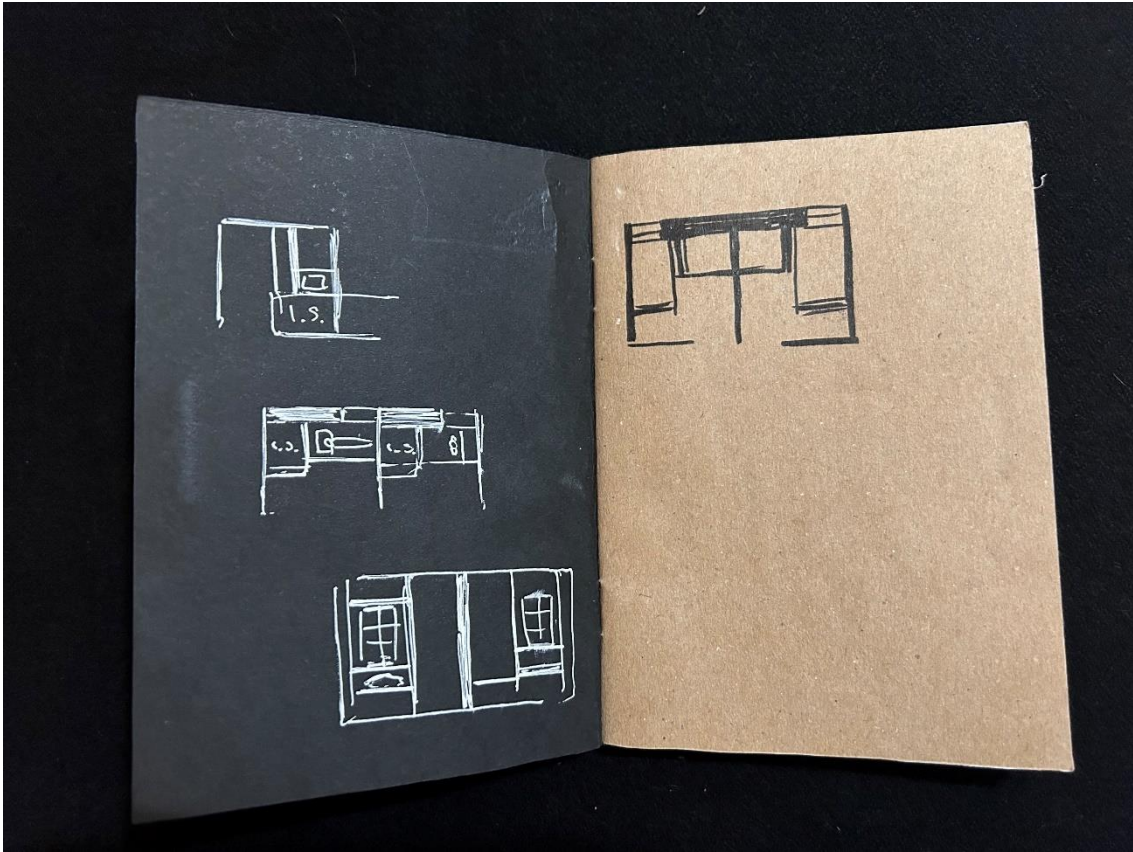
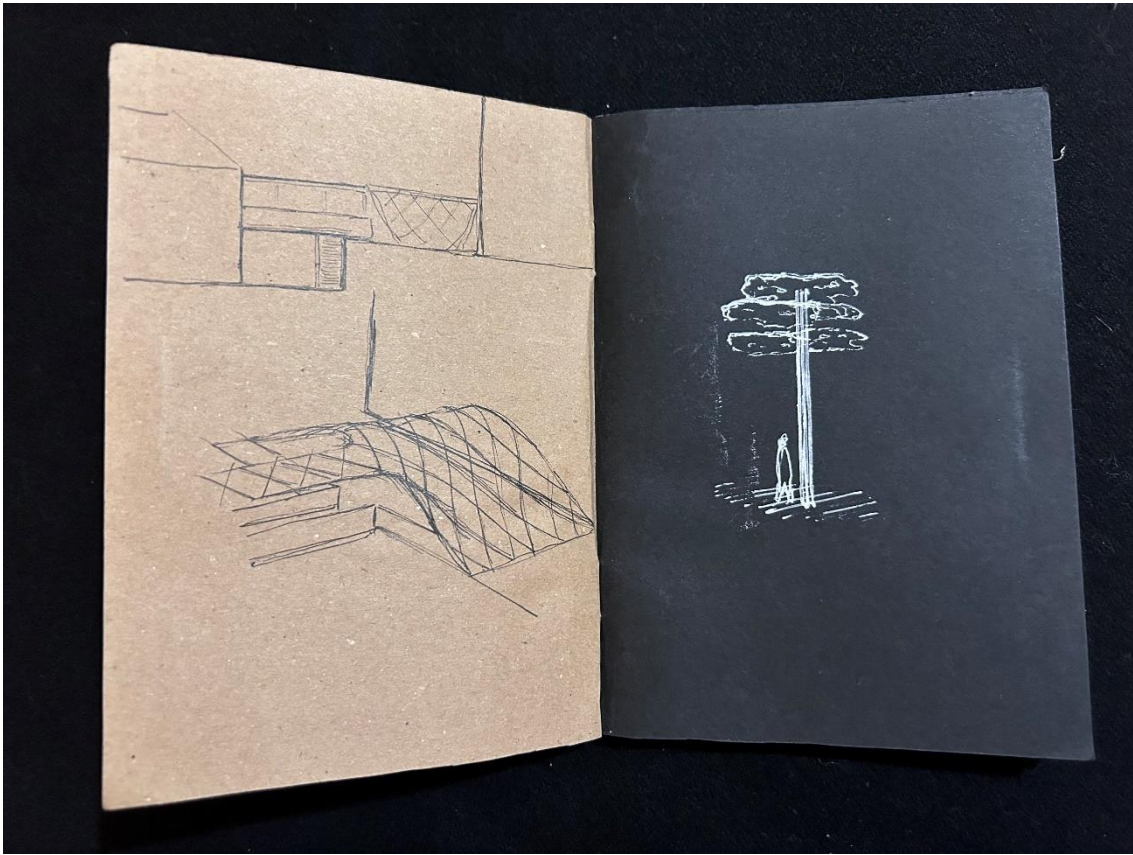


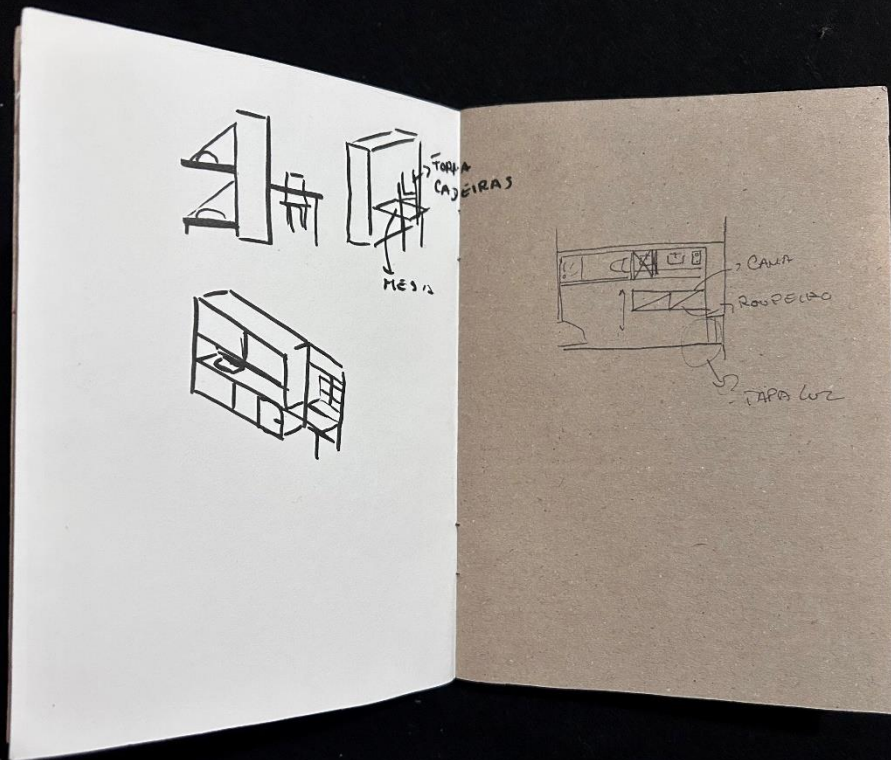
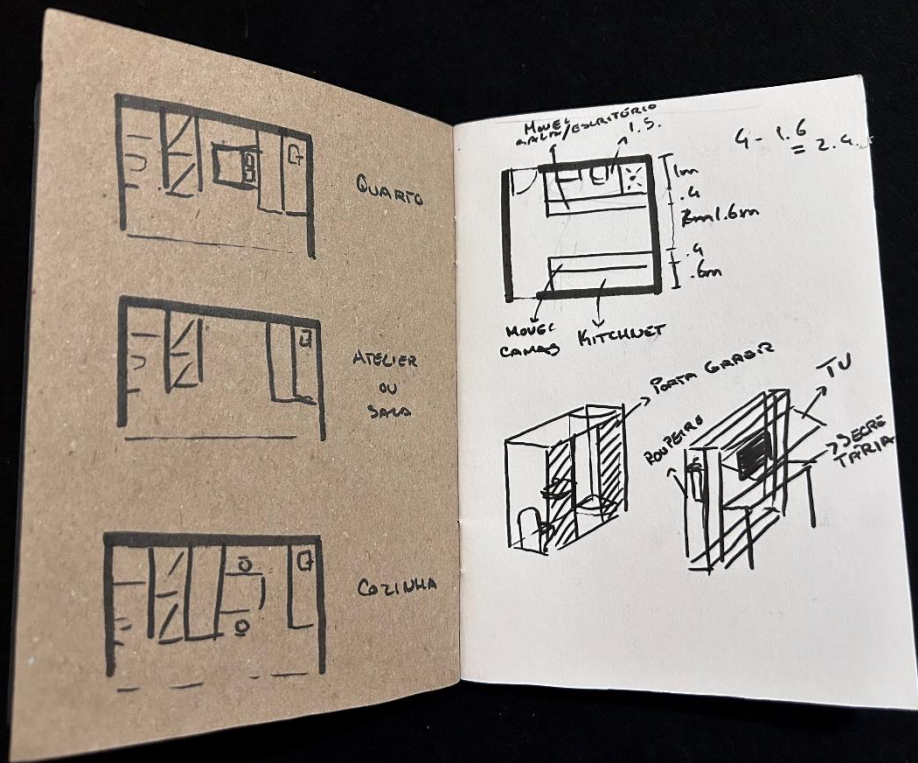
HABITAÇÃO  
FLÉXÍVEL

REABILITAÇÃO DO ANEXO  
HOSPITAL MILITAR DE BECÉM  
PARA UM CO-LÍVIO

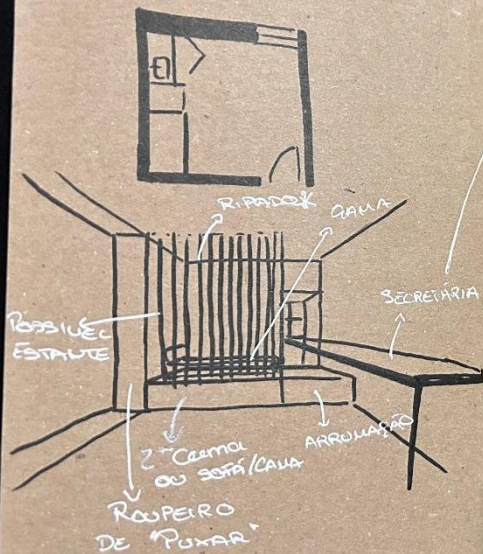
A-01





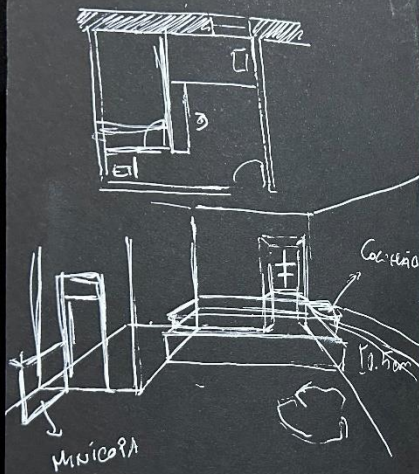


\* PRIVACIDADE NAS DA LUZ AO QUARTO  
(MÓVEL?)



MÓVEL DA SECRETARIA PDE COSTAR  
UMA PARTE EI MUI COPA

• PORTA NA DIAGONAL DA JANELA

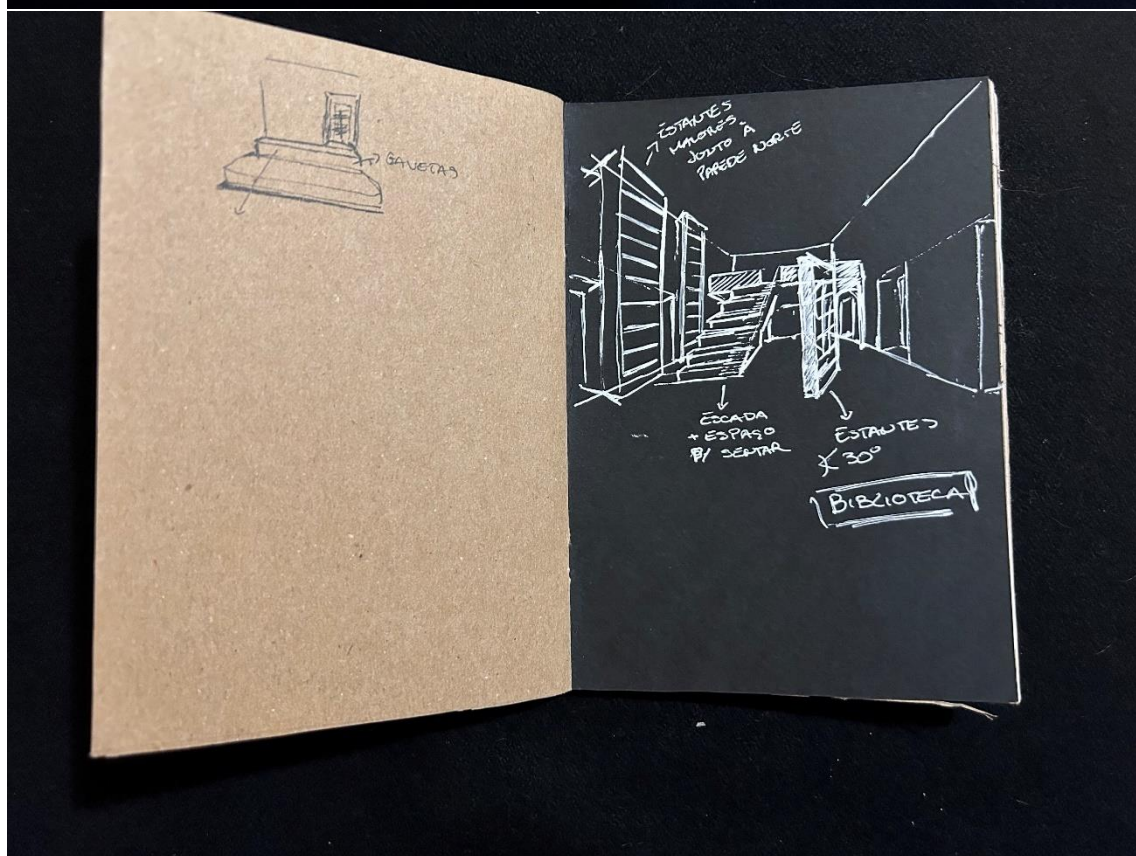
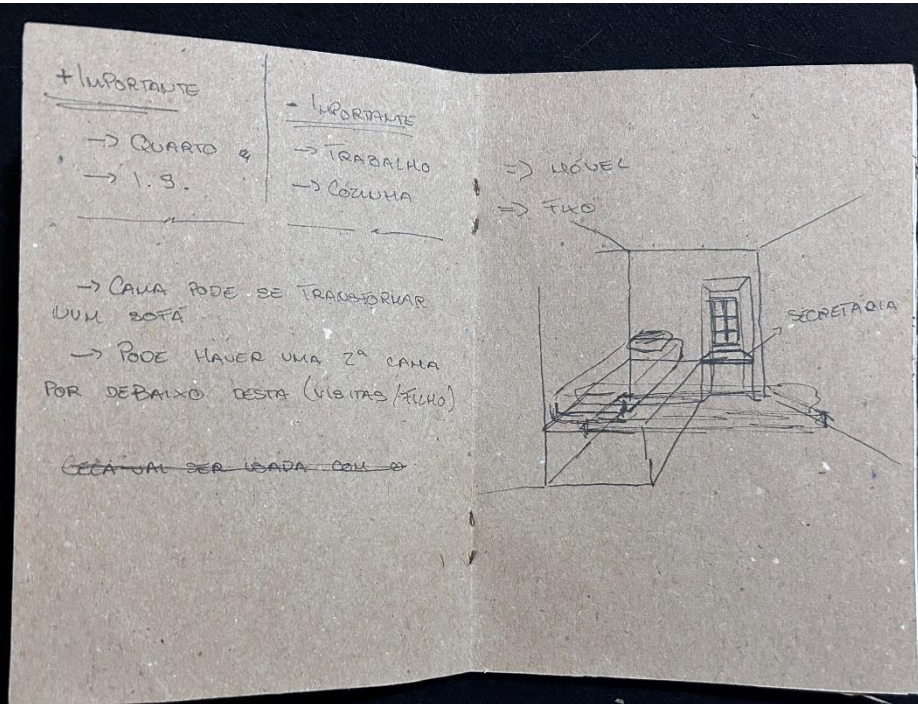


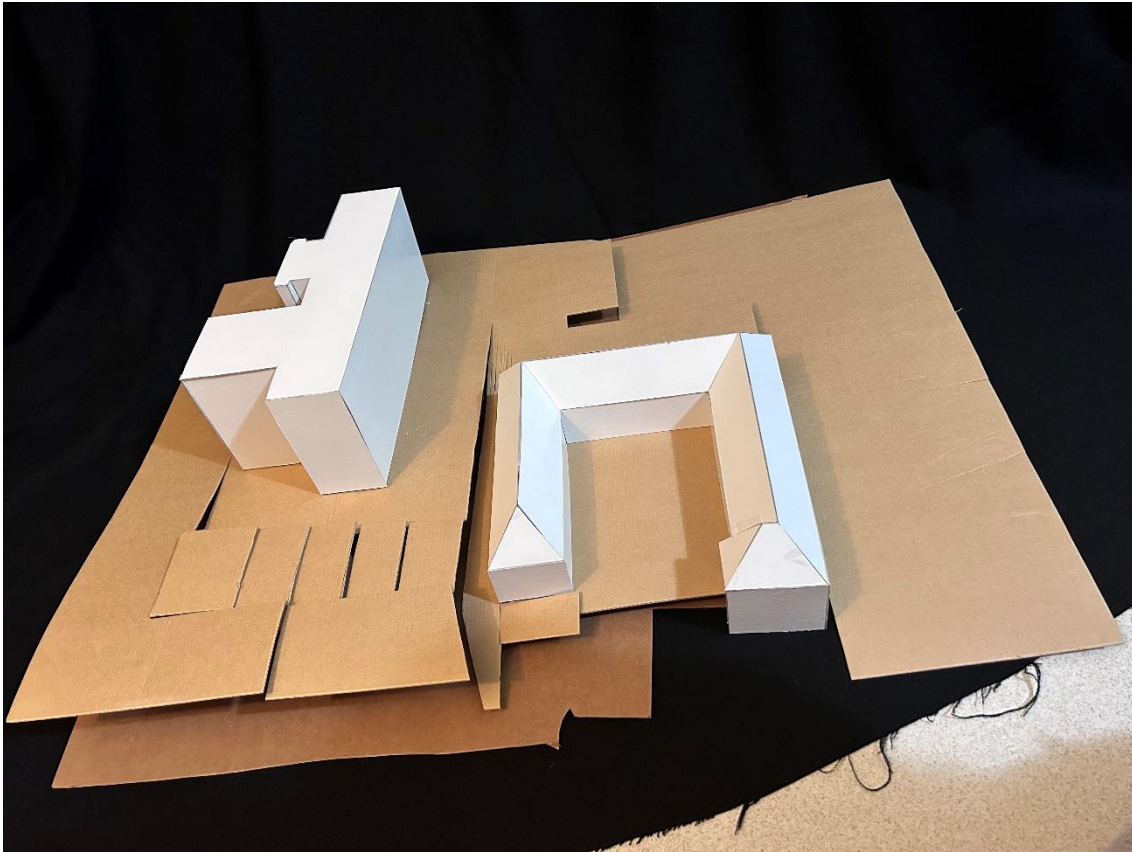
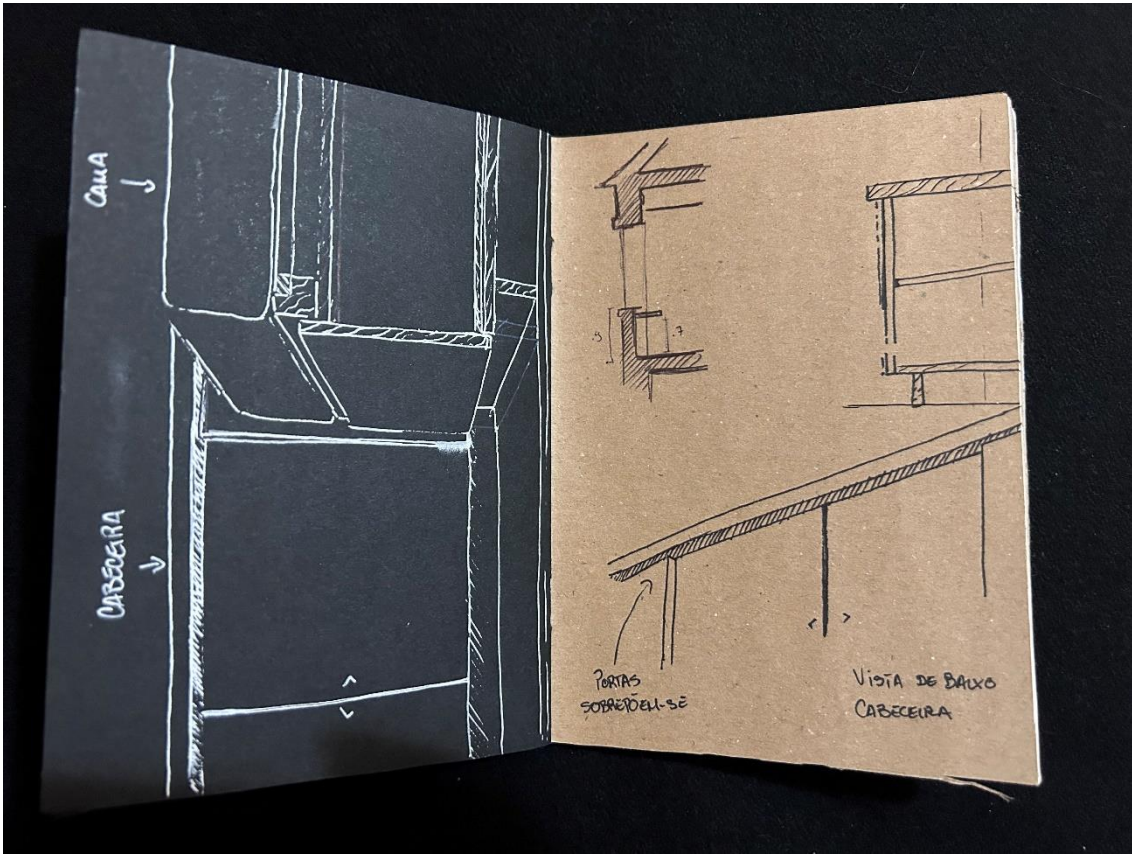
Flexibilidade:

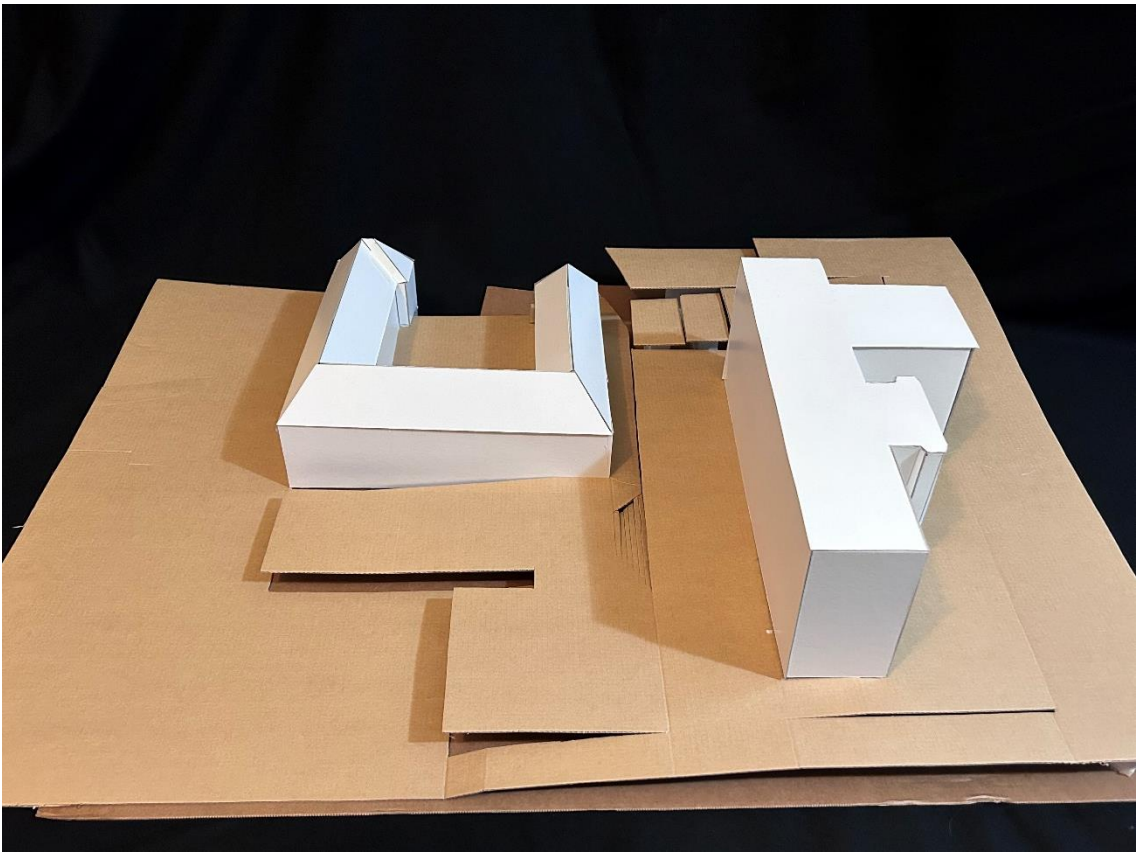
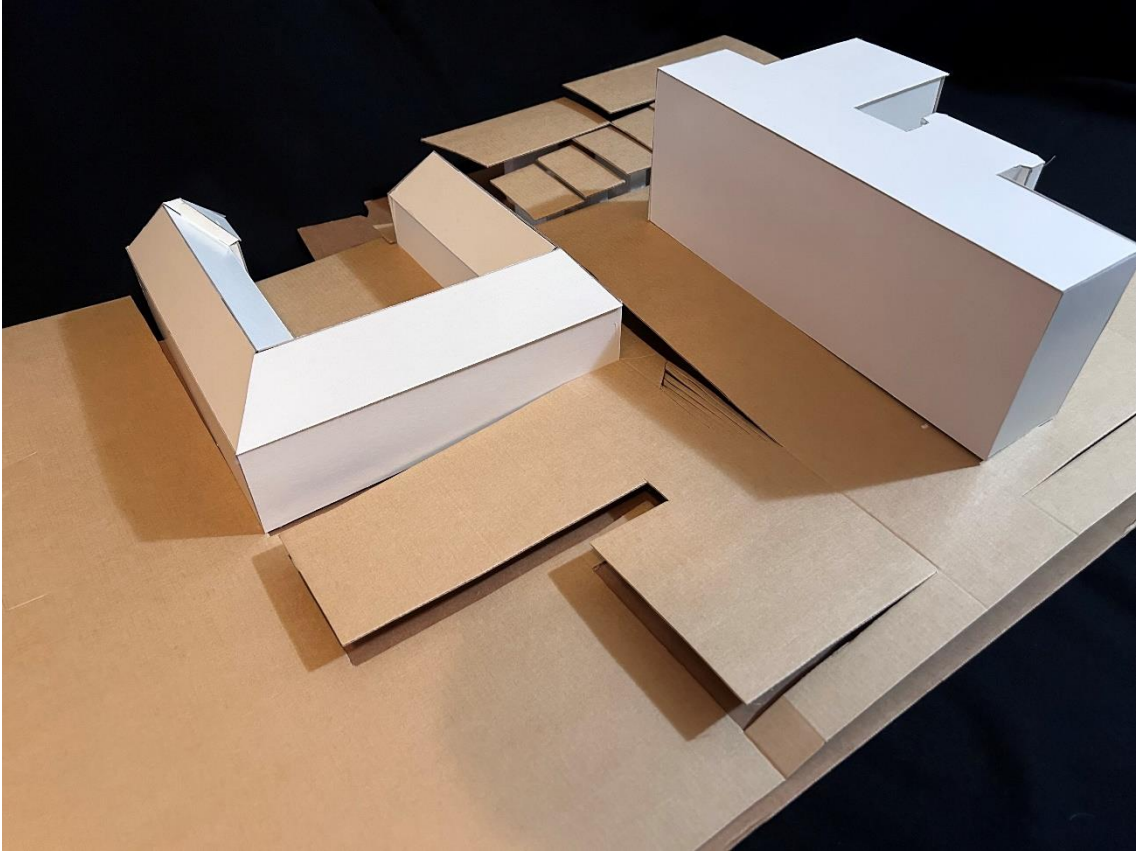
• FACILMENTE SE POSSA TRANSFORMAR  
DE QUARTO A ESCRITÓRIO OU  
ACOMODAR 2ª PESSOA

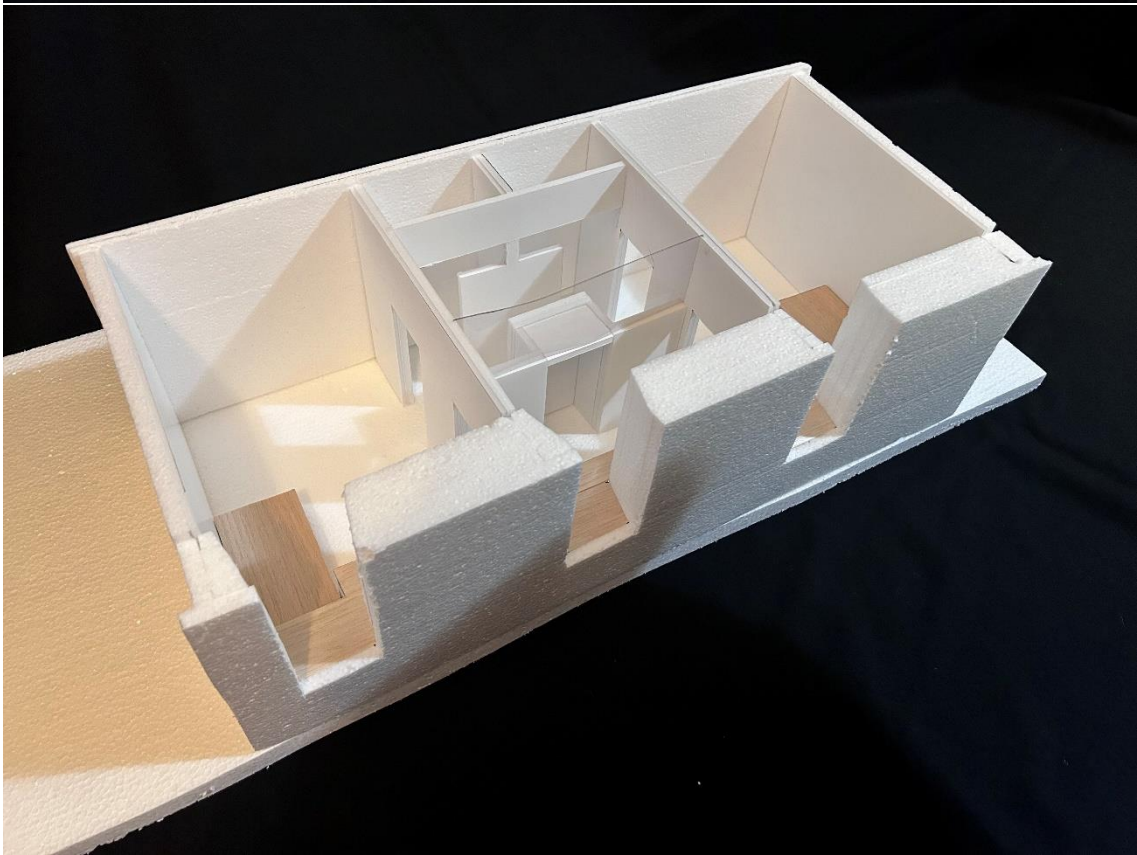
ADAPTABILIDADE:

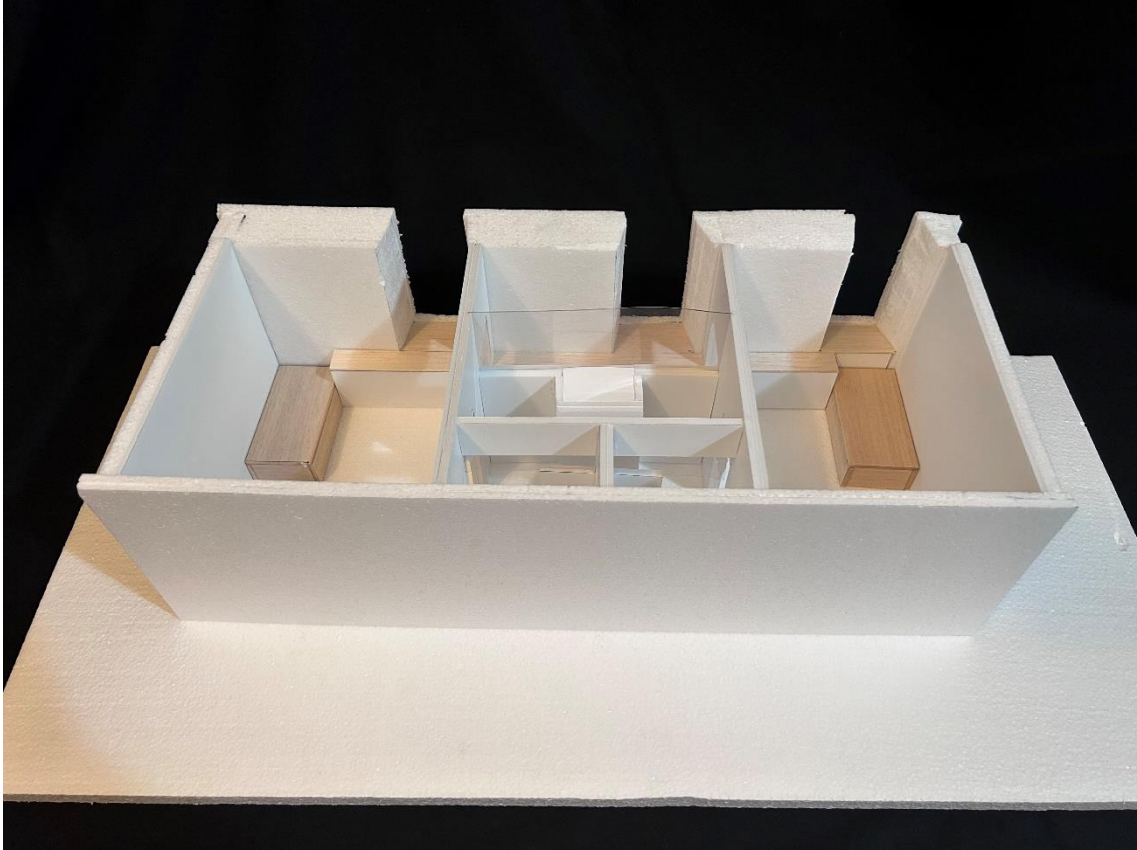
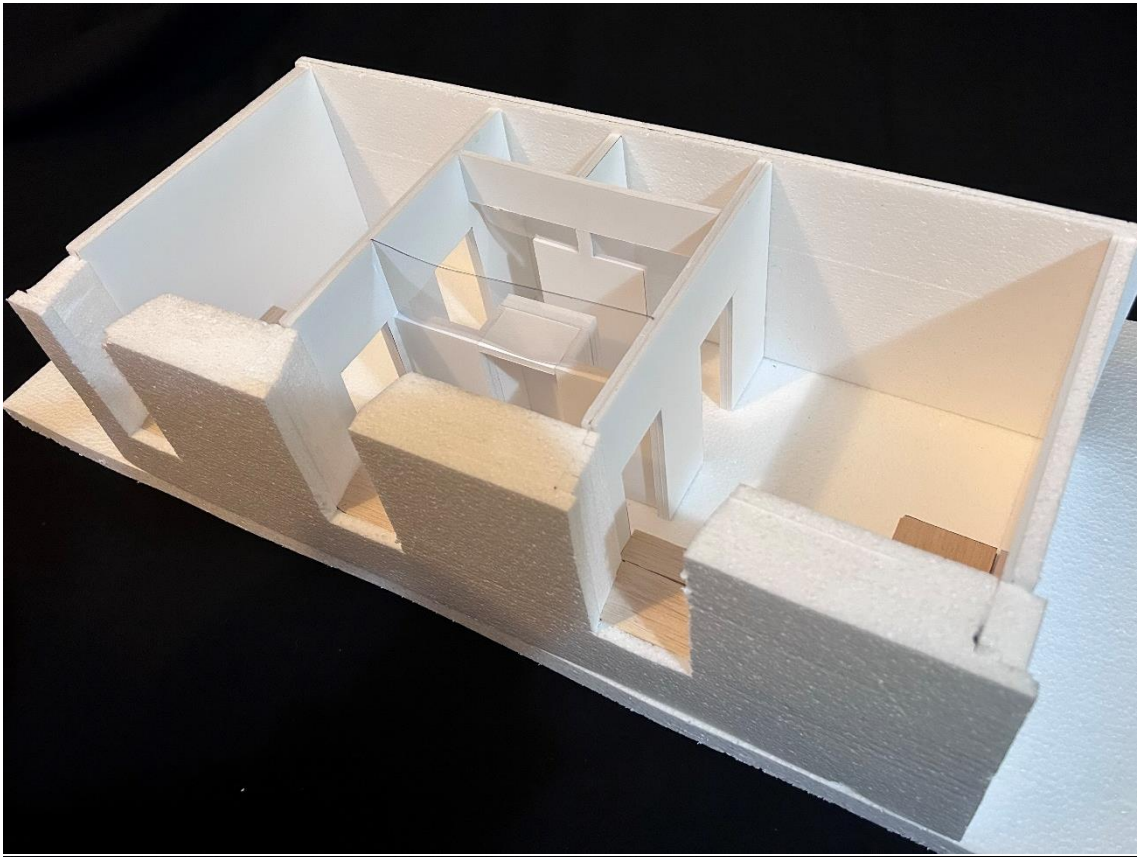
• ADAPTAR-SE A CADA UTILIZADOR  
↳ ATRAVES DE CORTIÇOS  
PERSONAIS TALVEZ  
↳ CRIAR LUGOS DE CADA  
UM PODER DECORAR E  
TORÇAR O ESPAÇO SEU  
• QUE NO FUTURO SE POSSA  
TORÇAR EM ESP. DIFERENTE



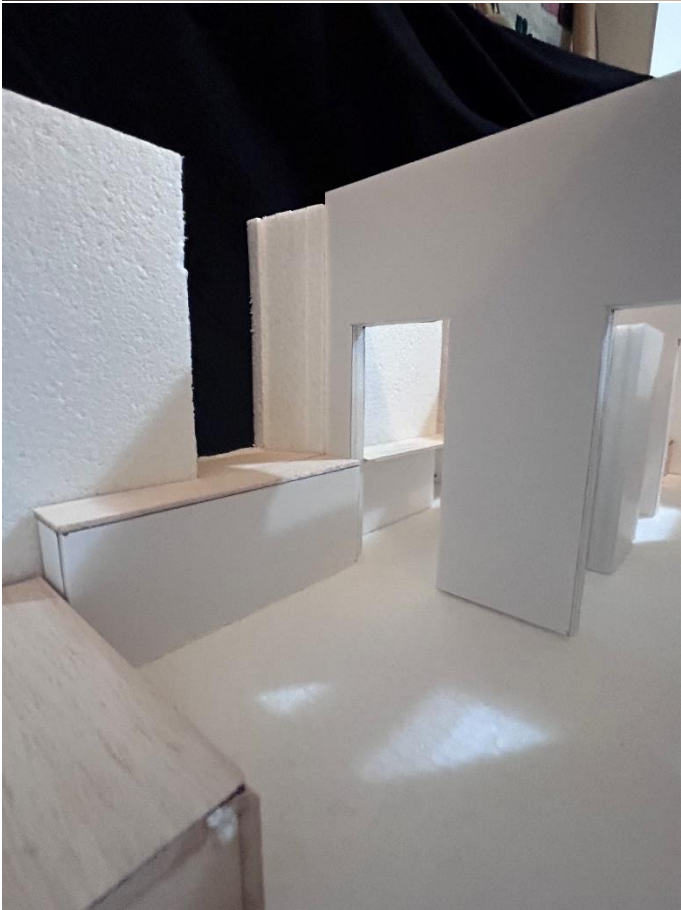


















Painéis

# HABITAÇÃO FLEXÍVEL E ADAPTÁVEL

## REABILITAÇÃO DO ANTIGO CONVENTO DA BOA-HORA PARA UM COLIVING

CATARINA BLANCO | 20161244 | FEV 2023

ORIENTADORES: NUNO MIGUEL GOMES ARENGA DA CRUZ REIS | JOSÉ LUÍS MOURATO CRESPO

### ANÁLISE HISTÓRICA E PROGRAMÁTICA

1/11/1755  
TERRAMOTO DESTROÍ O CONVENTO ORIGINAL

1758  
INÍCIO DAS OBRAS DE RECONSTRUÇÃO

1890  
CONVENTO DA BOA-HORA PARA A HOSPITAL REGIMENTAL DA INFANTARIA Nº1/HOSPITAL CAMPANHA

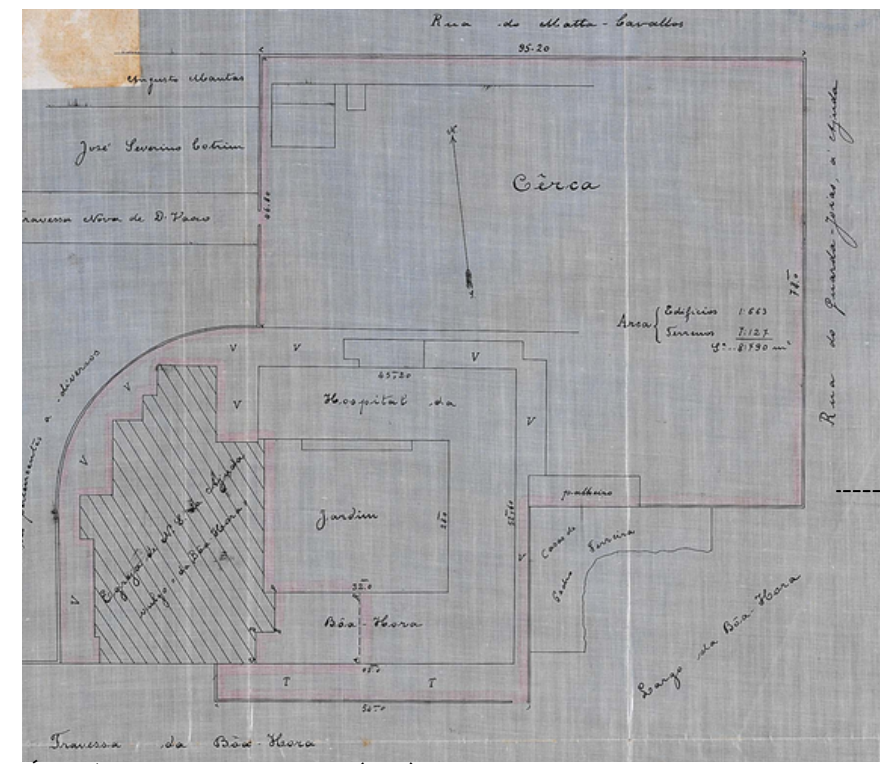
1900  
CONSTRUÇÃO DOS EDIFÍCIOS DAS ENFERMIARIAS A NORTE DO CONVENTO

1934

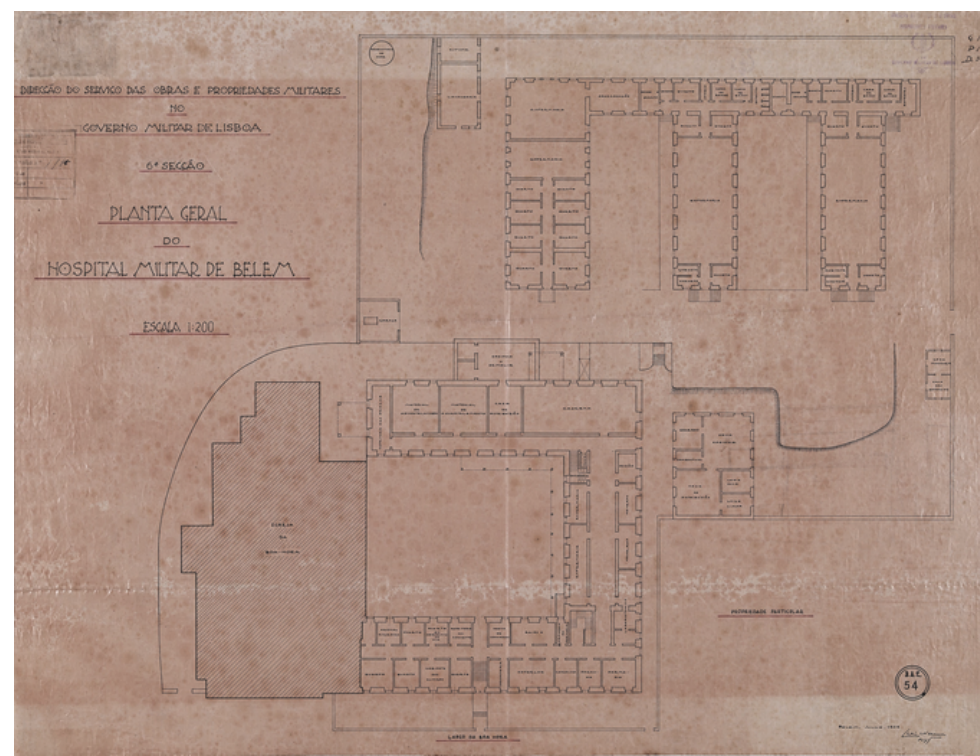
1972  
CONSTRUÇÃO DO BLOCO NOVO QUE SUBSTITUI AS ENFERMIARIAS

2012 ENCERRAMENTO DE TODAS AS ATIVIDADES HOSPITALARES

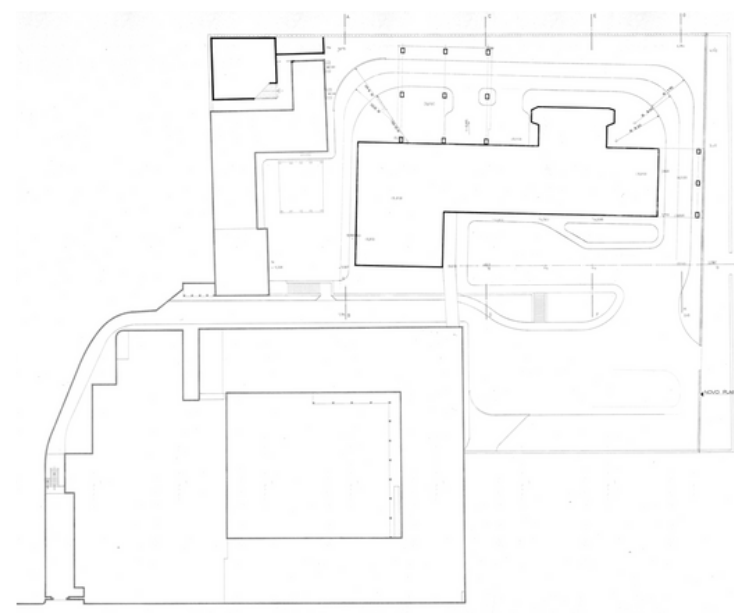
2013  
2020  
REABERTURA DAS ATIVIDADES HOSPITALARES NO BLOCO NOVO COMO CENTRO DE APOIO MILITAR COVID-19



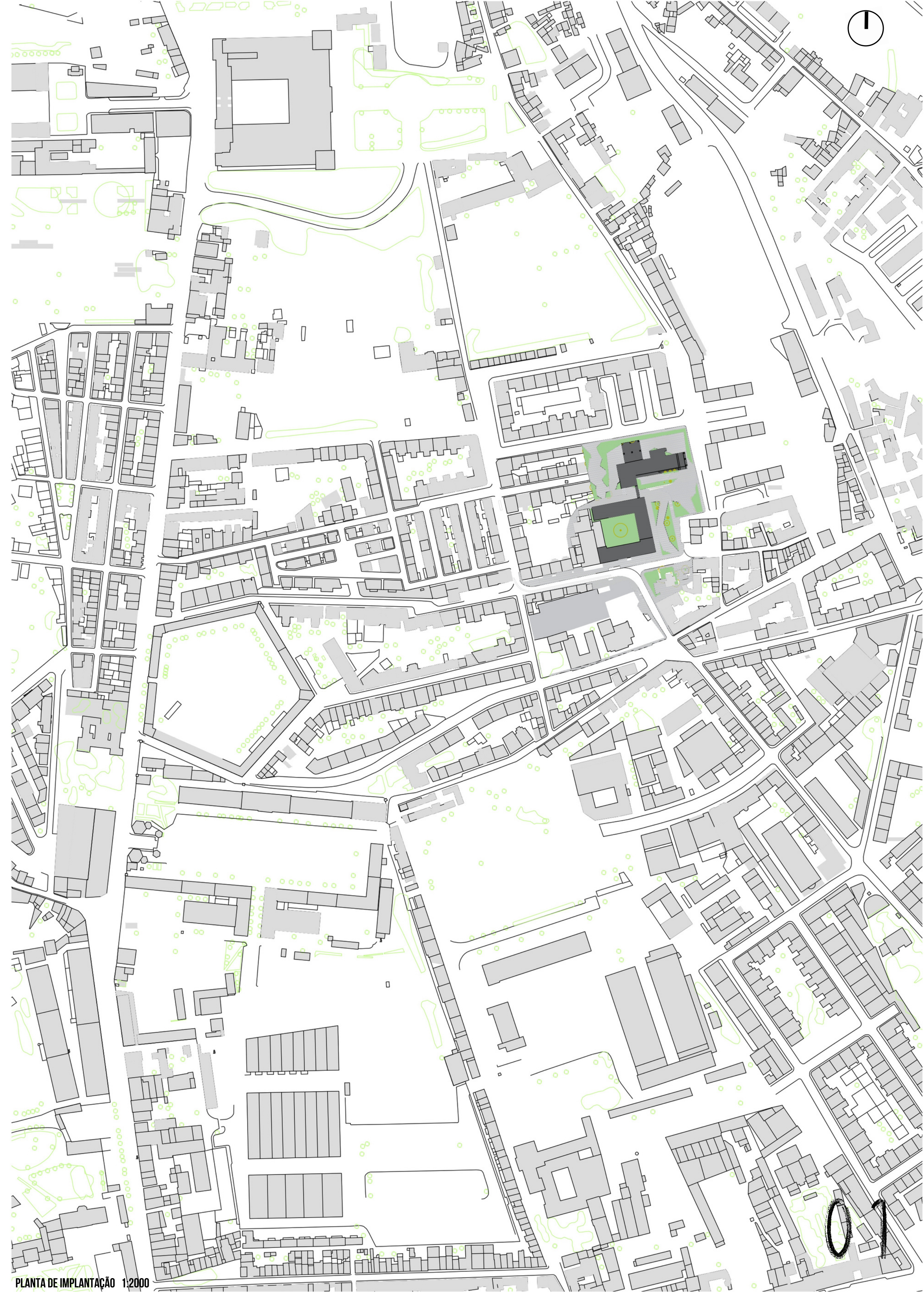
In SA, José Maria de Vasconcelos e (1896) RNOD. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal



In VIAMA, Luís Ribeiro (1934) RNOD. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal



DESENHOS FORNECIDOS PELO ARQ. ANTÓNIO LOBATO, FONTE DESCONHECIDA





Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora 1943  
FOTO DE PEDRO ALMEIDA



Novo Bloco (1976)  
FONTE: REVISTAMILITAR.PT



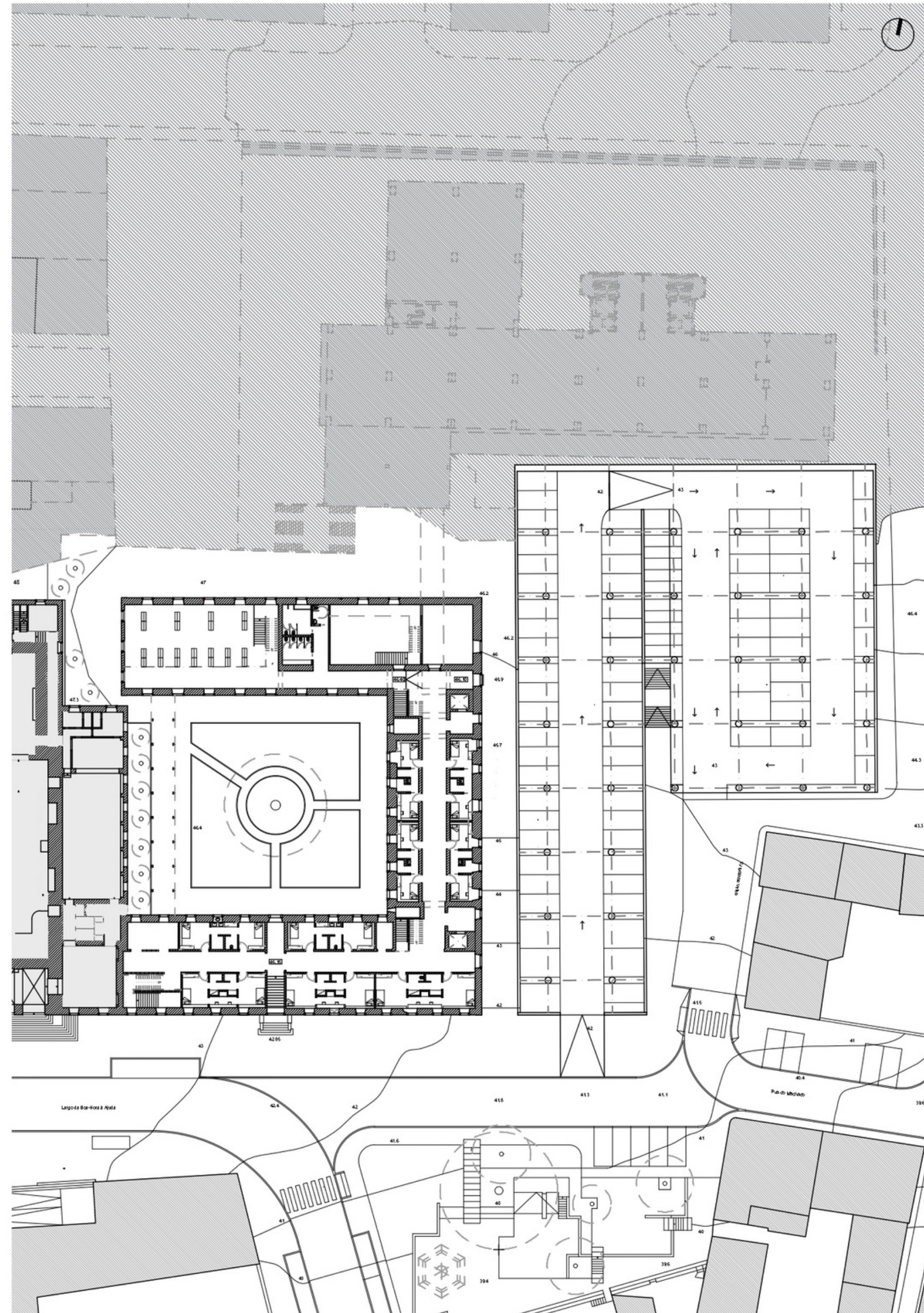
Hospital Militar de Belem  
FONTE: SAUDEMAIS.TV



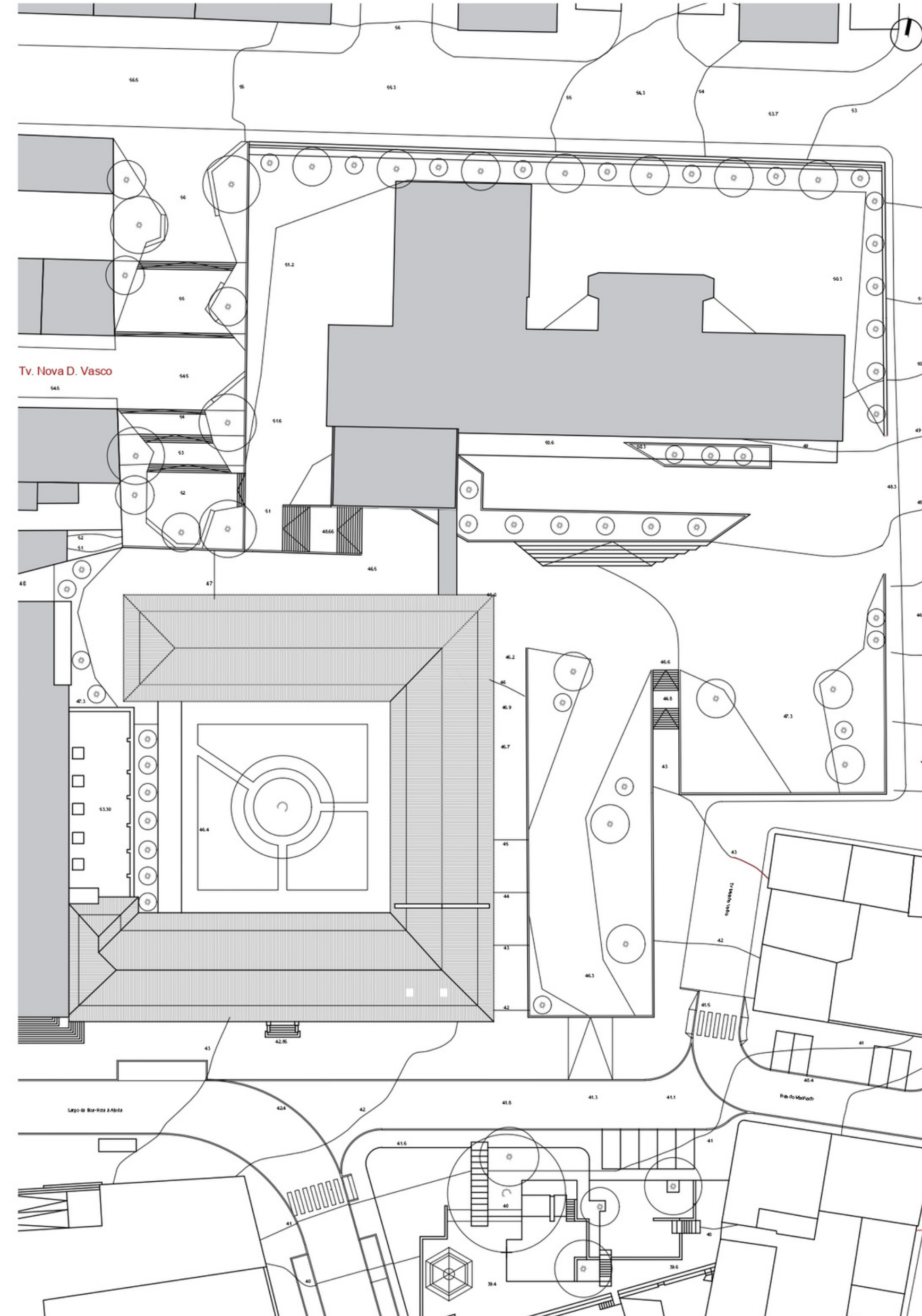
Foto Das Pontes a Norte do Convento  
FOTO DE CATARINA BLANCO



Foto do Espaço Urbano a Este do Convento  
FOTO DE CATARINA BLANCO



PLANTA PISO 1 + ESTACIONAMENTO  
1:500

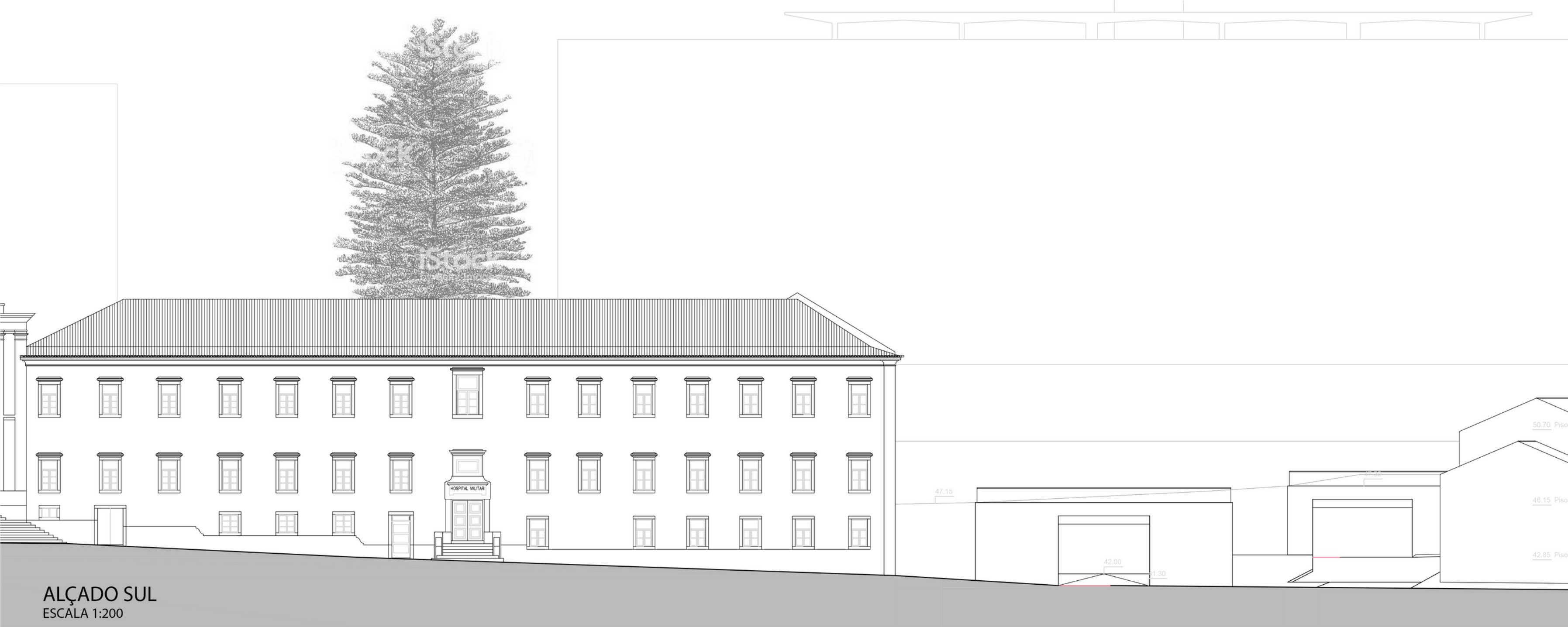


PLANTA COBERTURA + ENVOLVENTE  
1:500

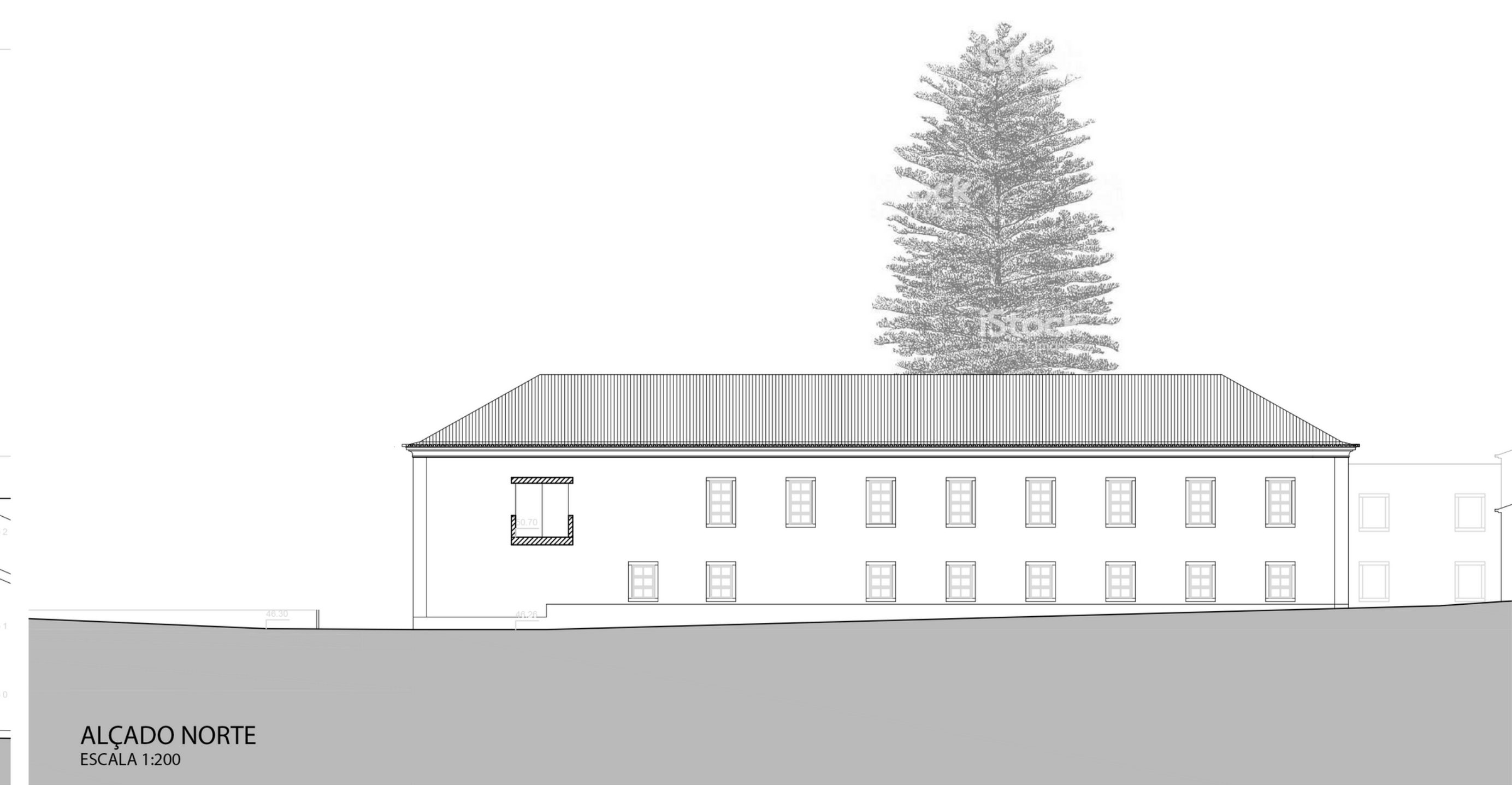


AXONOMETRIA COM PROGRAMA

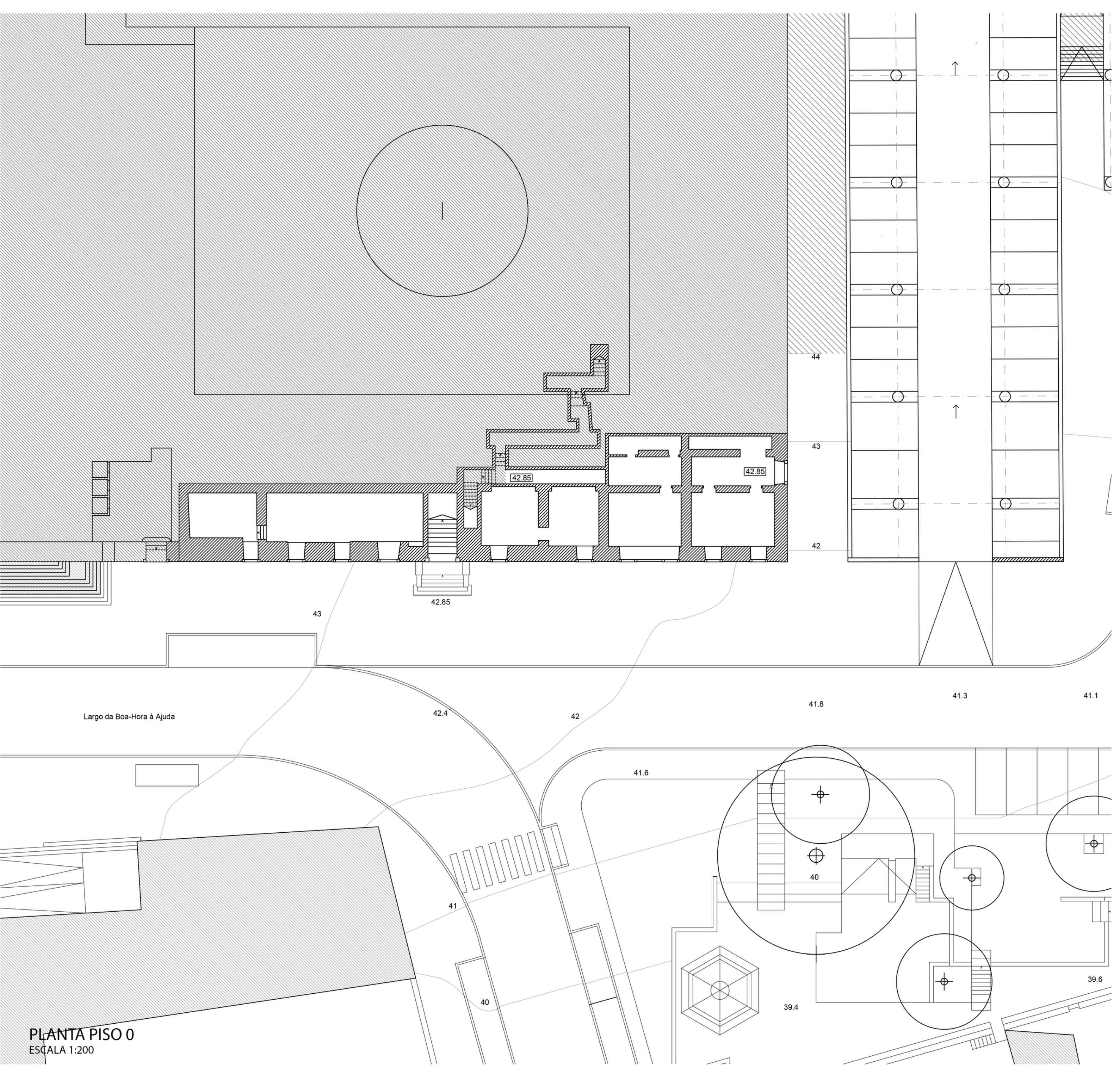
- HABITAÇÃO
- LOJAS
- ACESSOS VERTICAIS
- I. S.
- LAVANDARIA
- ESPAÇOS DE ESTAR
- ESPAÇOS DE TRABALHO
- COZINHA
- COWORK/ESCRITÓRIOS



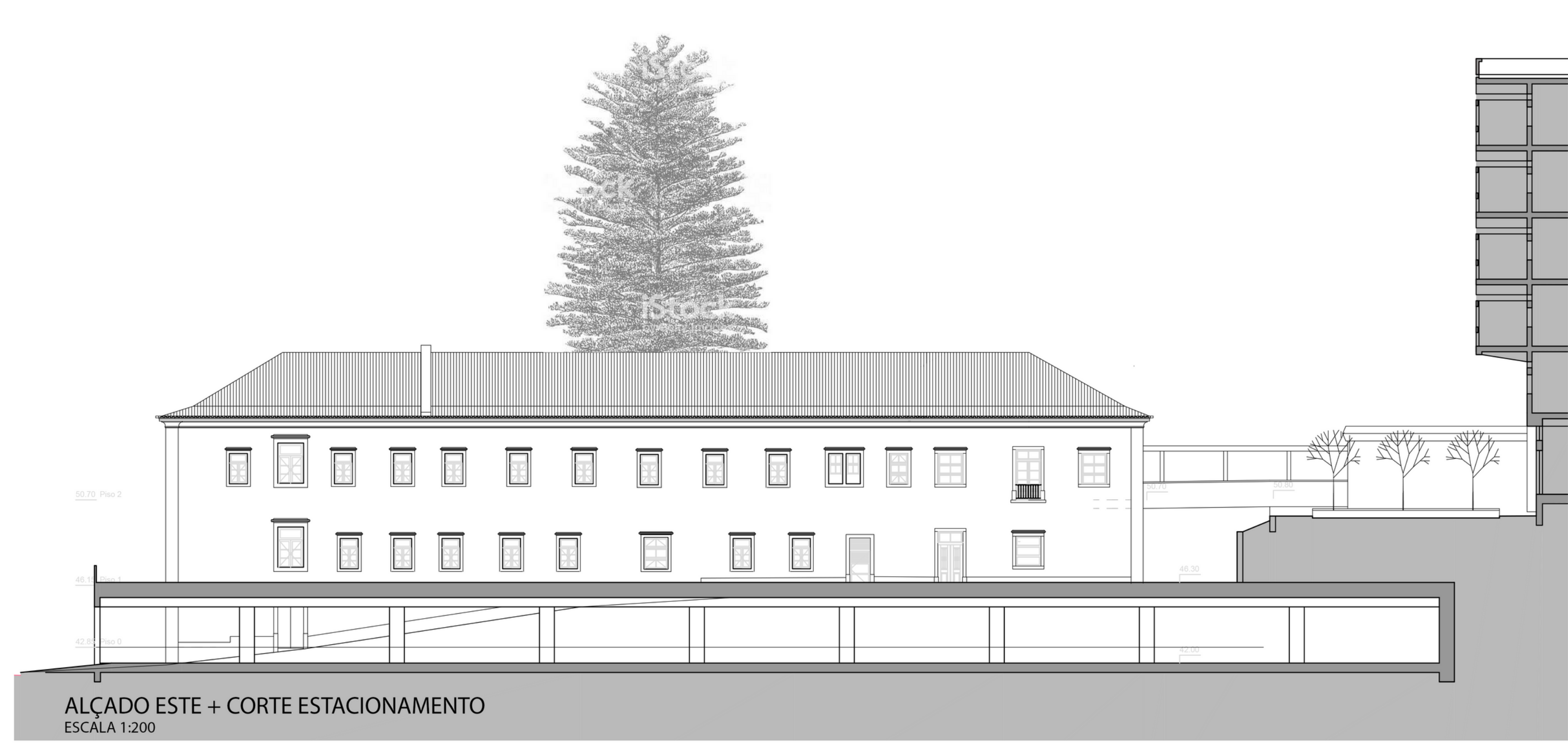
ALÇADO SUL  
ESCALA 1:200



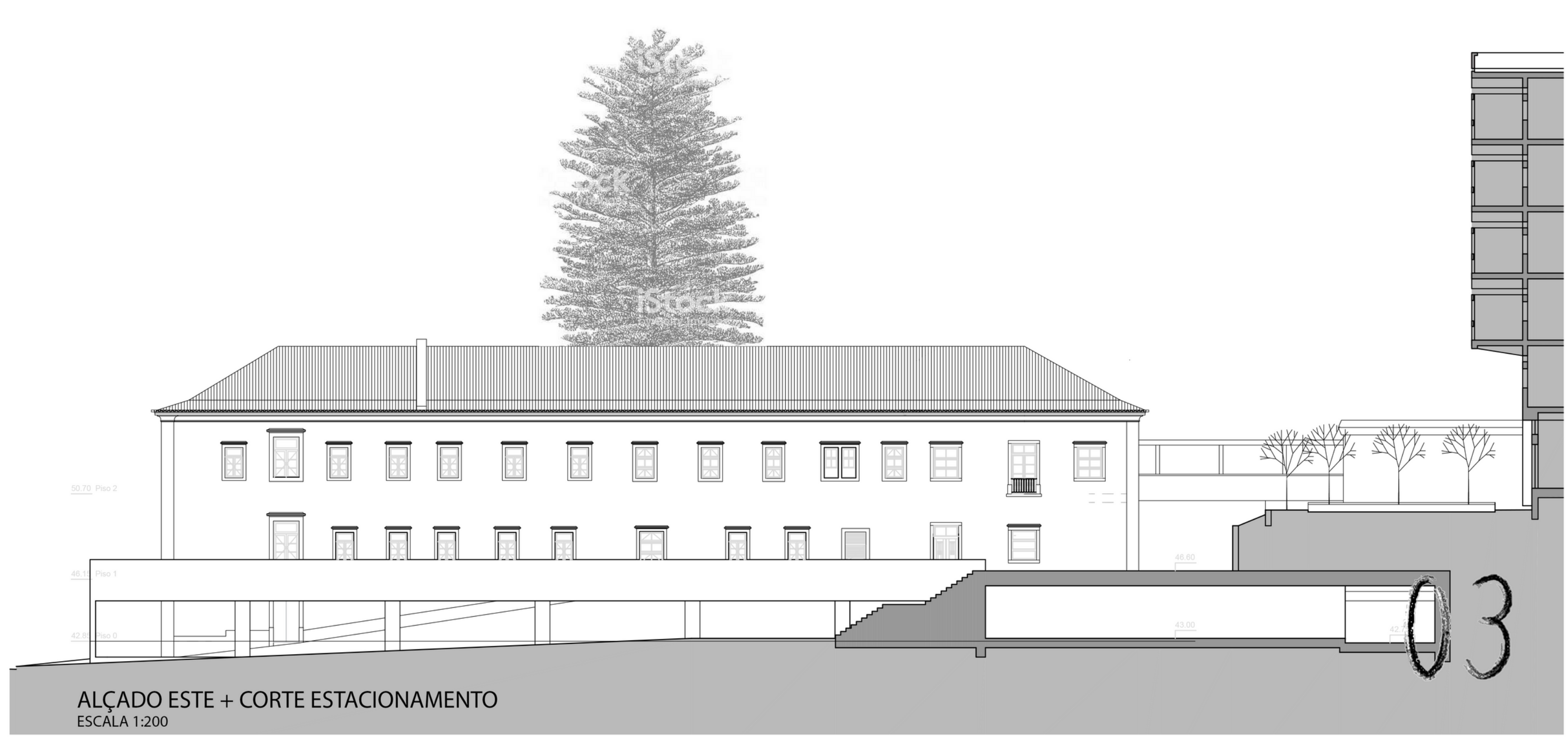
ALÇADO NORTE  
ESCALA 1:200



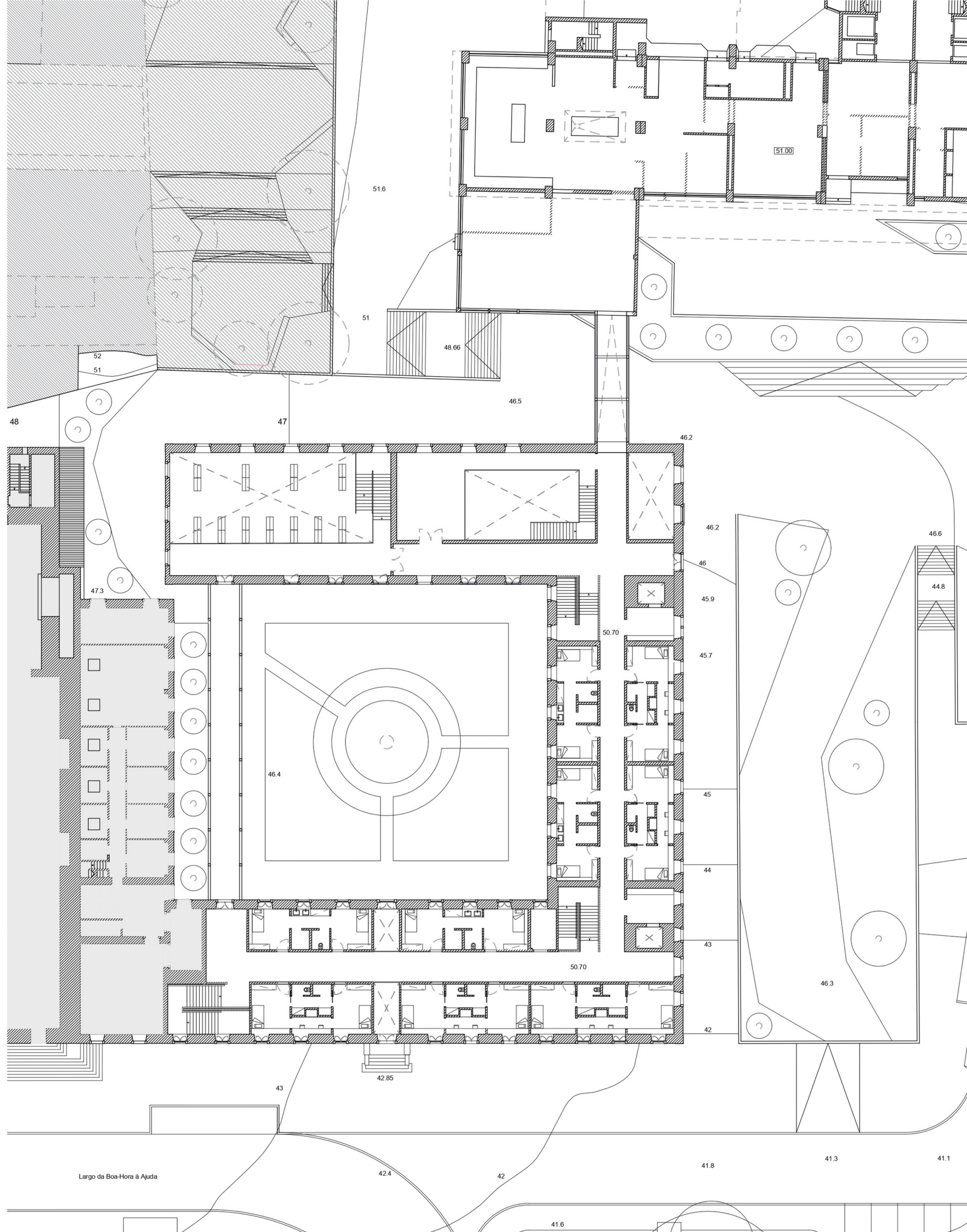
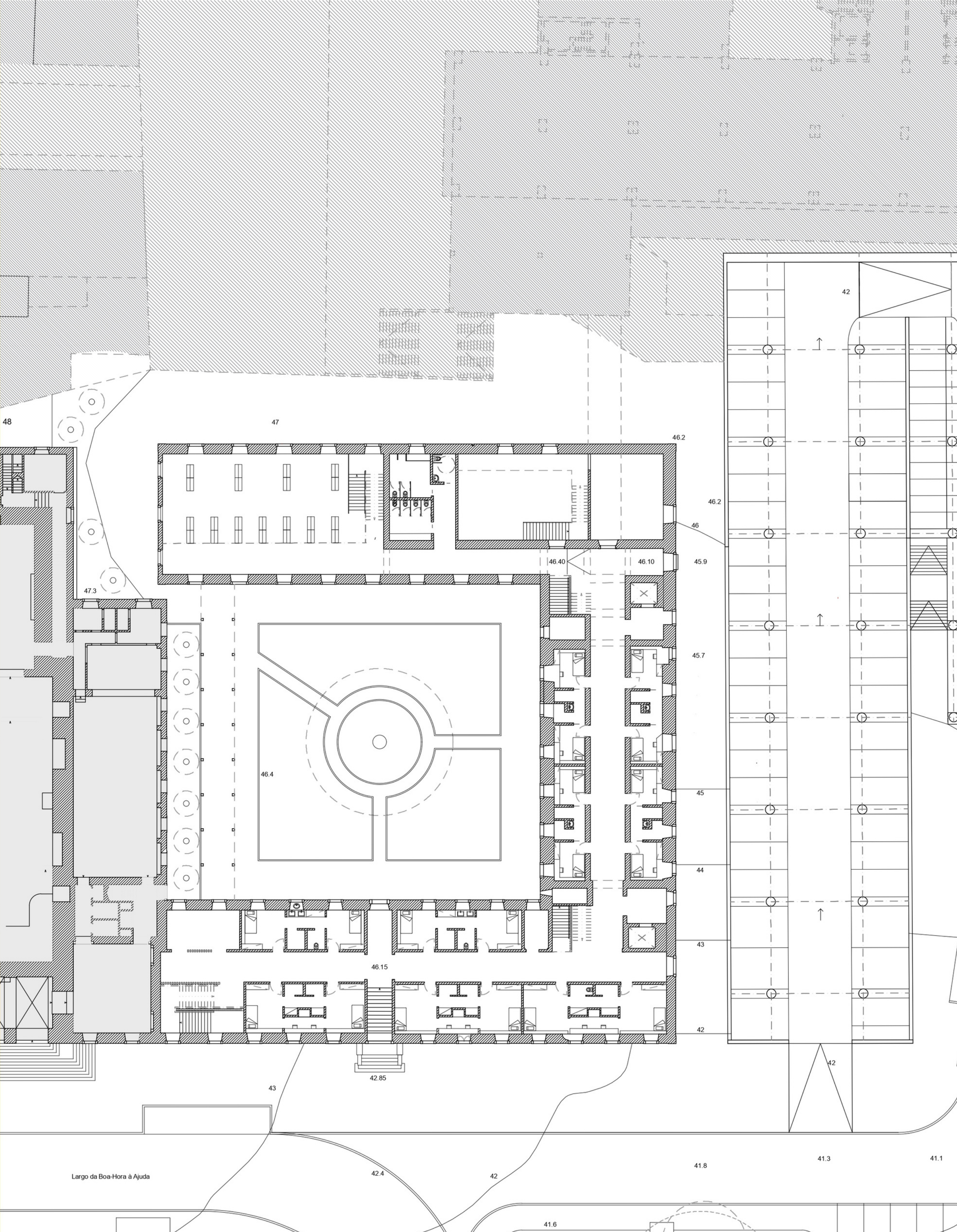
PLANTA PISO 0  
ESCALA 1:200

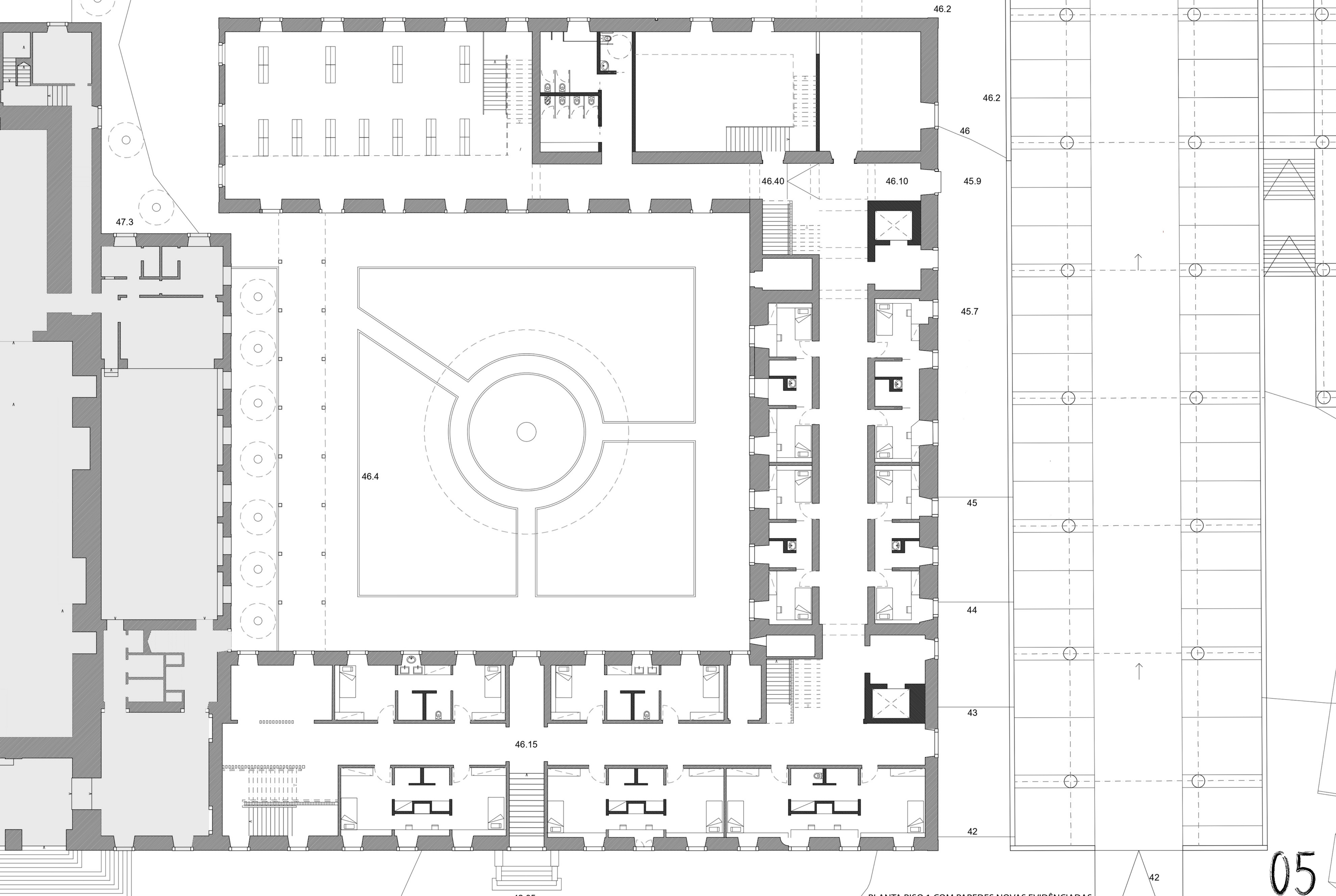


ALÇADO ESTE + CORTE ESTACIONAMENTO  
ESCALA 1:200



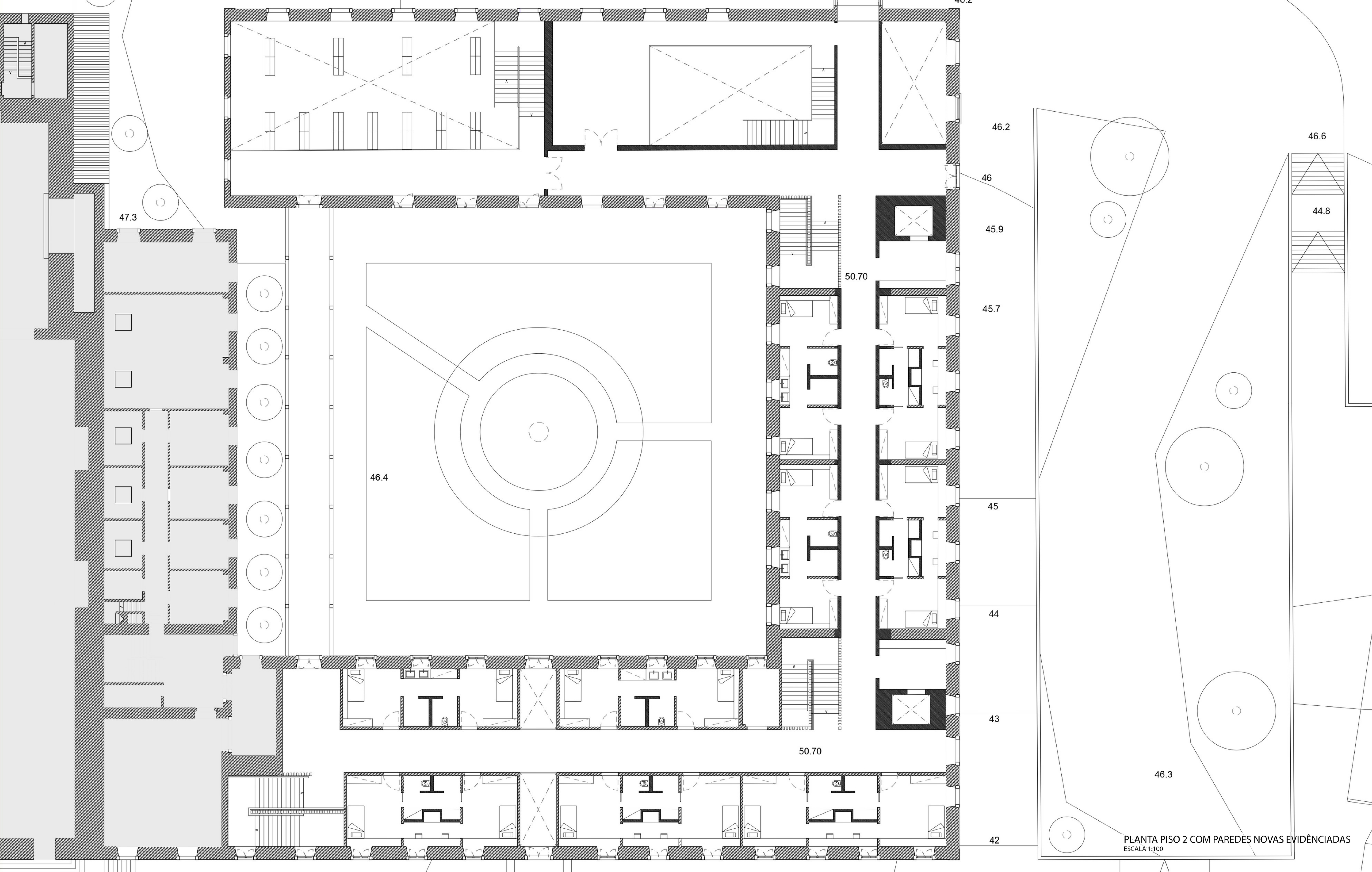
ALÇADO ESTE + CORTE ESTACIONAMENTO  
ESCALA 1:200





PLANTA PISO 1 COM PAREDES NOVAS EVIDENCIADAS  
 ESCALA 1:100

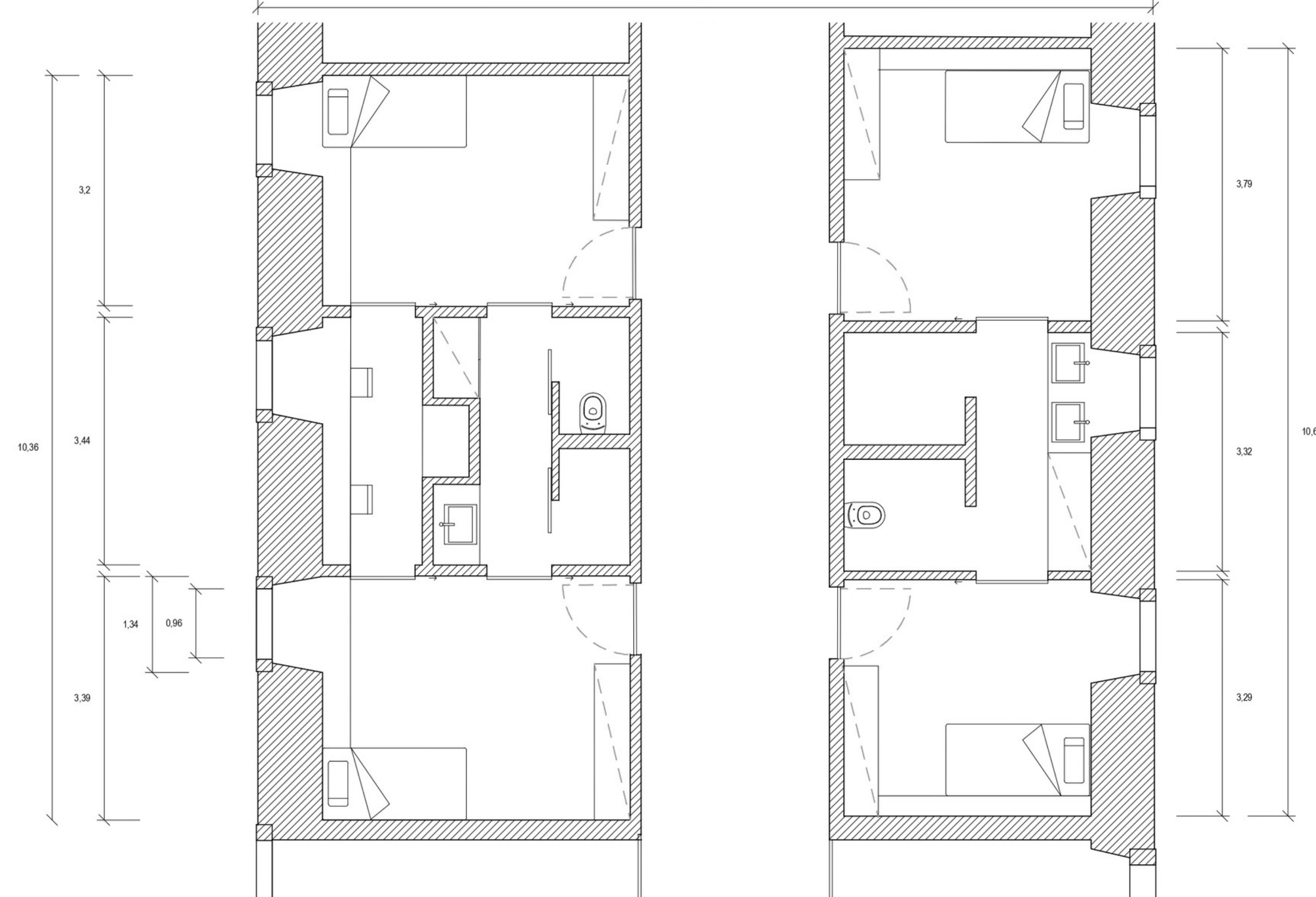
05



PLANTA PISO 2 COM PAREDES NOVAS EVIDÊNCIADAS  
 ESCALA 1:100



CORTE CÉLULA TIPO A E B  
ESCALA 1:50



PLANTA CÉLULA TIPO A E B  
ESCALA 1:50



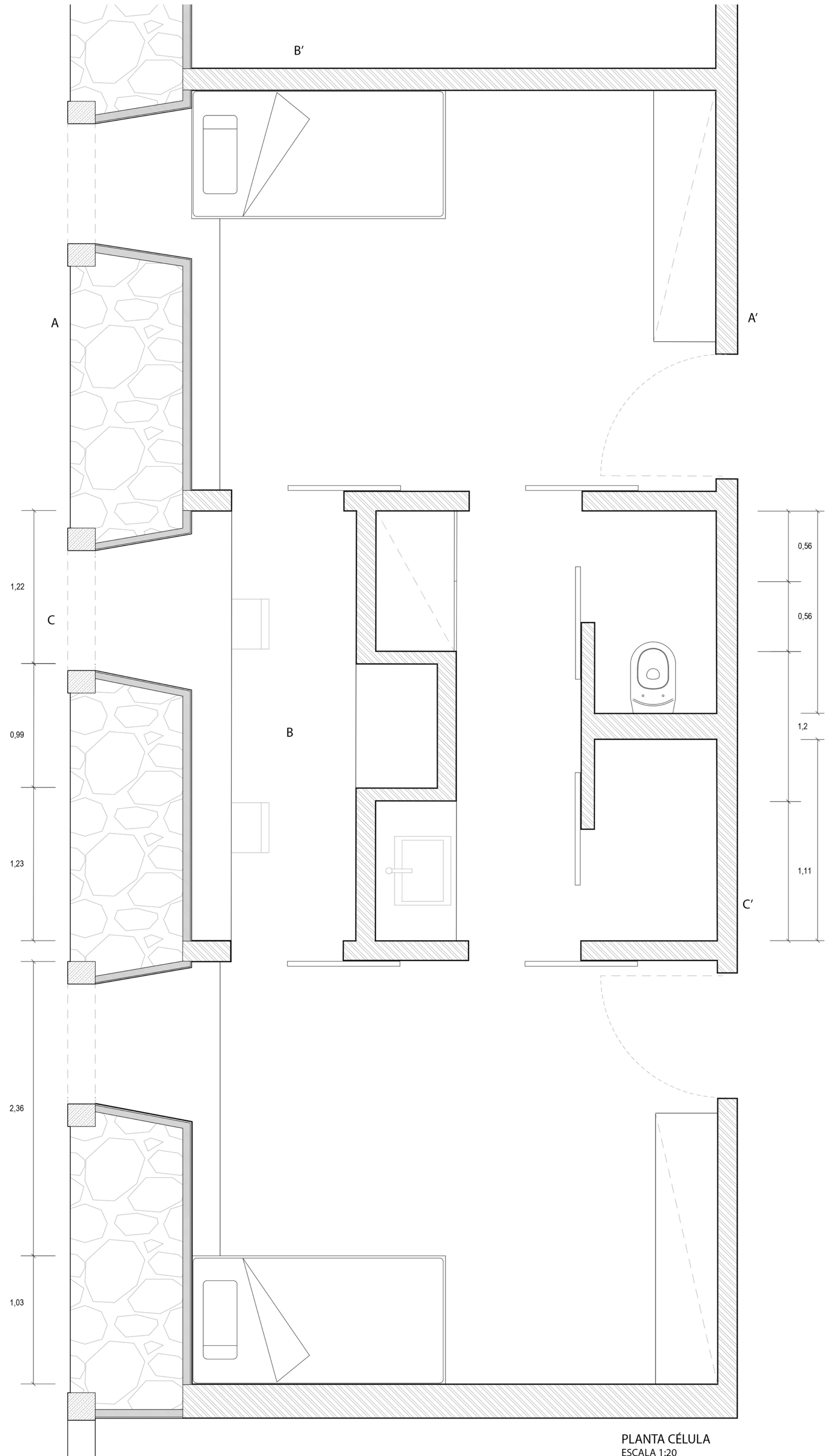


CORTE CÉLULA TIPO C  
ESCALA 1:50

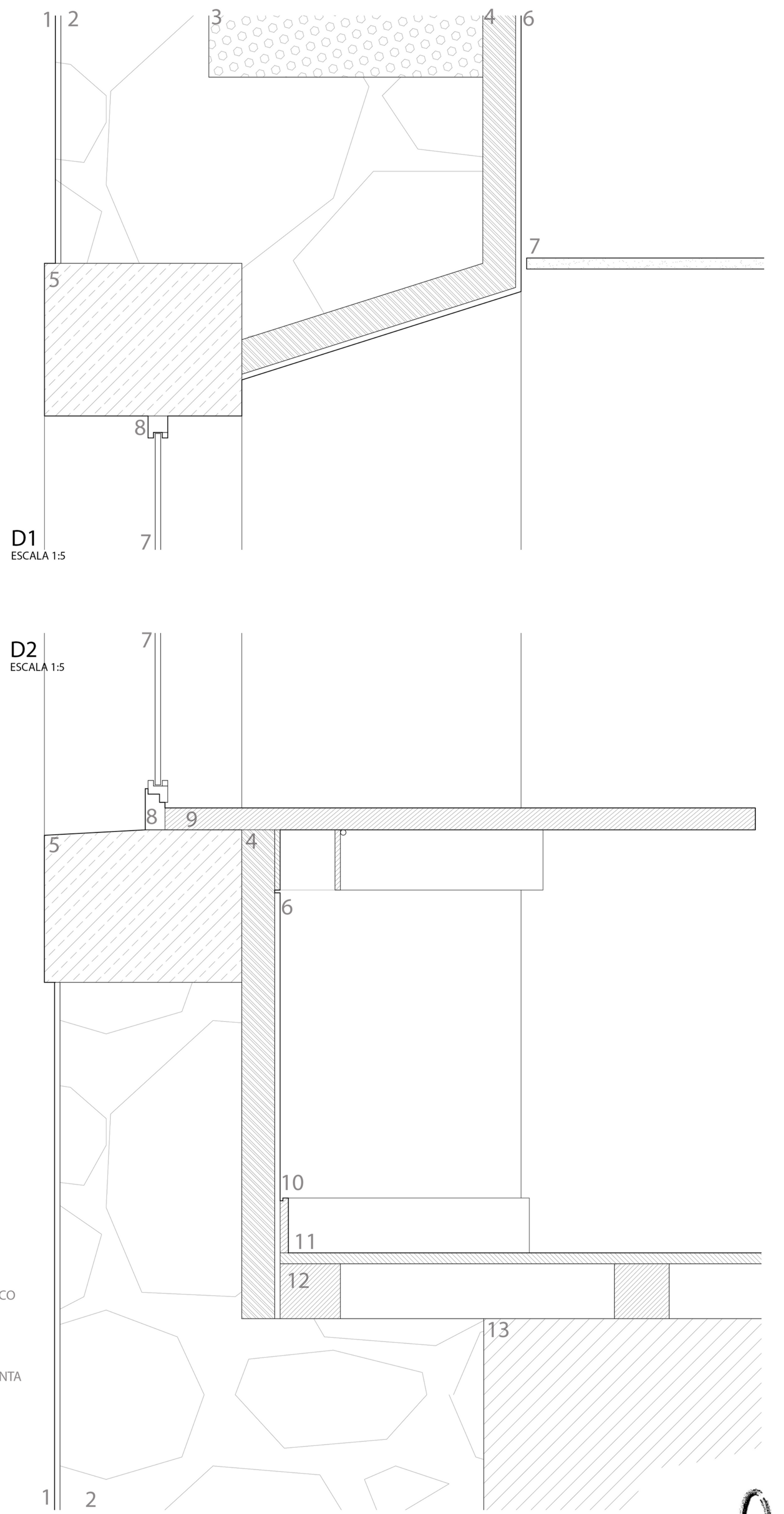


PLANTA CÉLULA TIPO C  
ESCALA 1:50



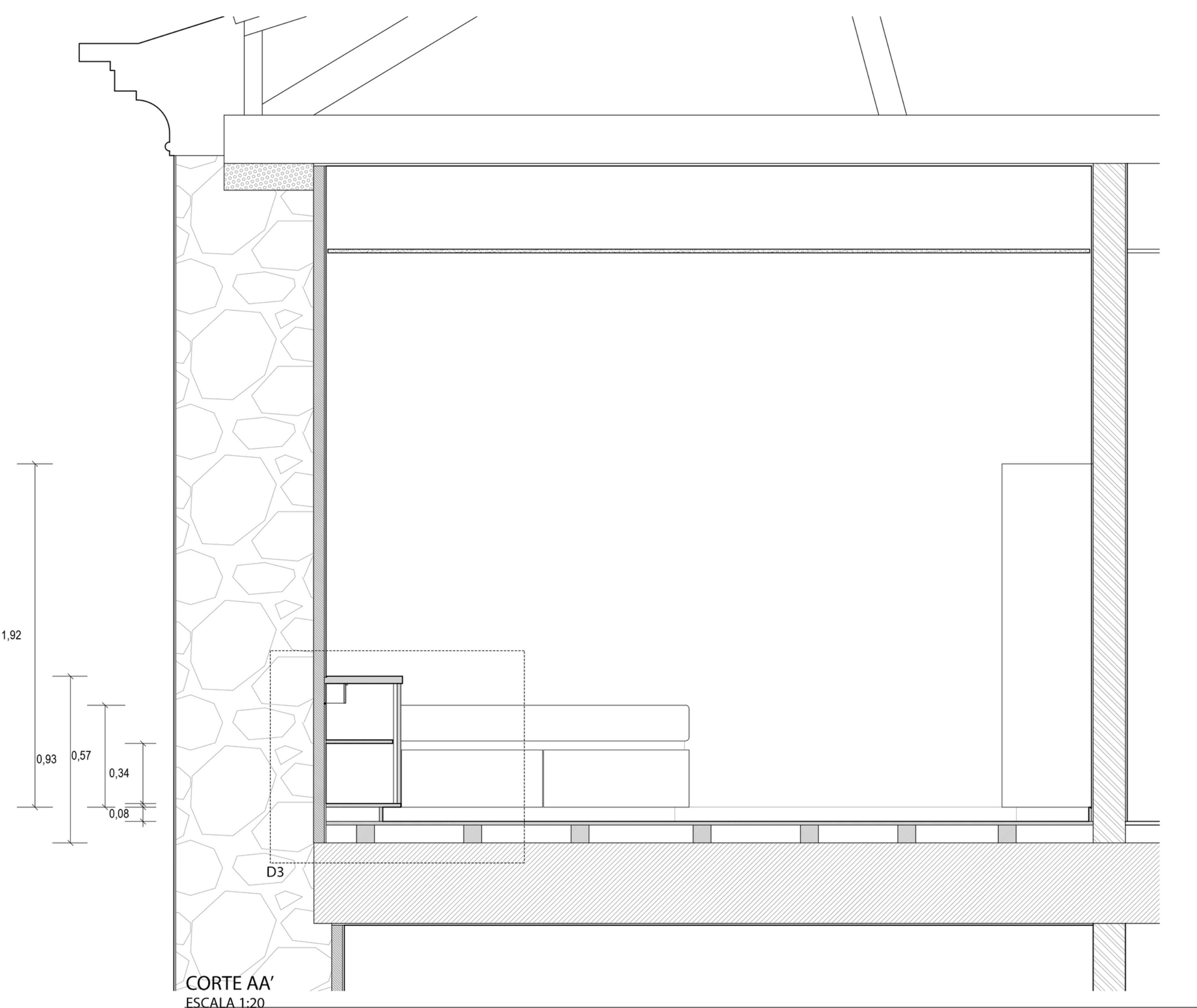


PLANTA CÉLULA  
ESCALA 1:20

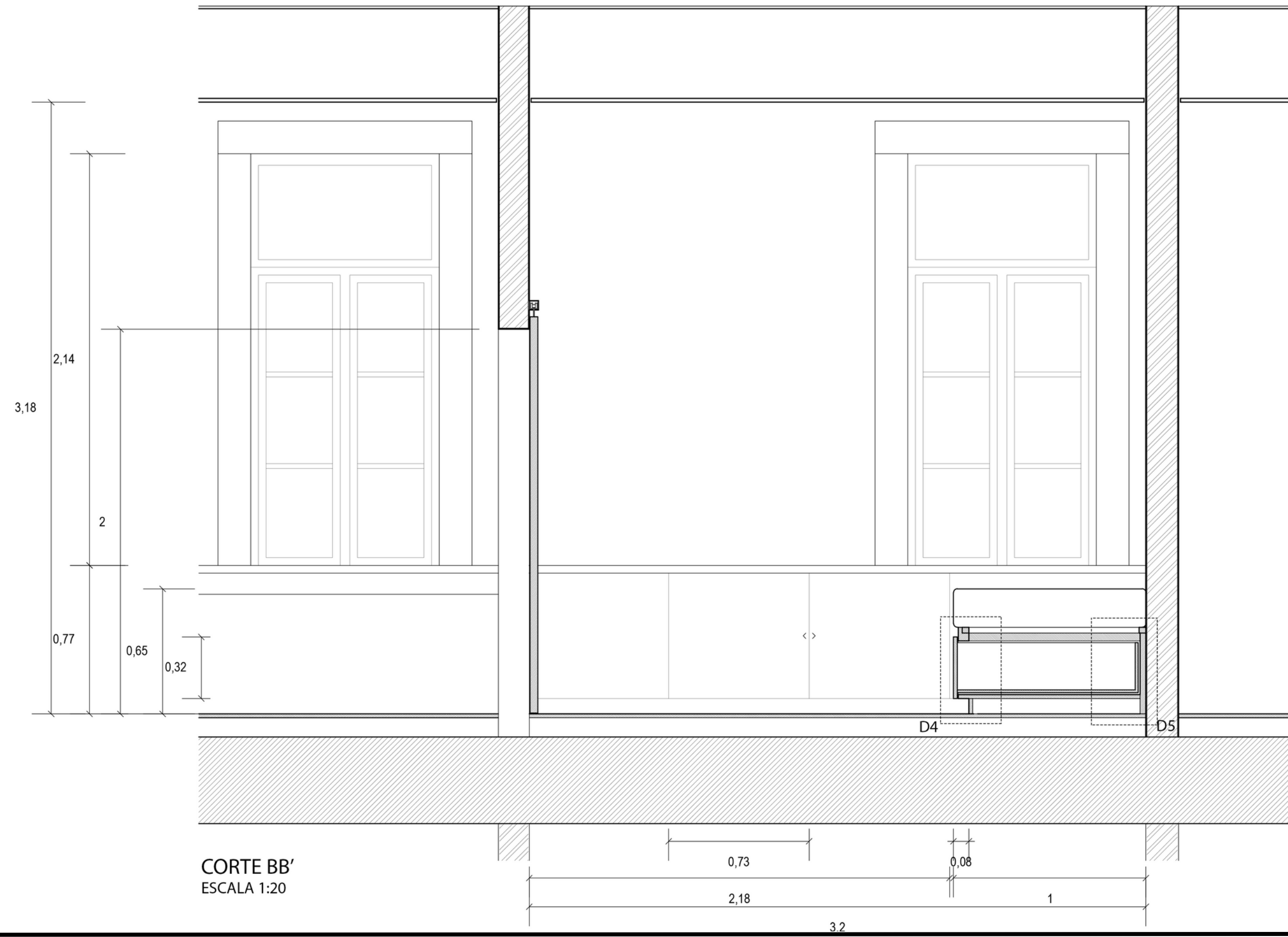


LEGENDA:

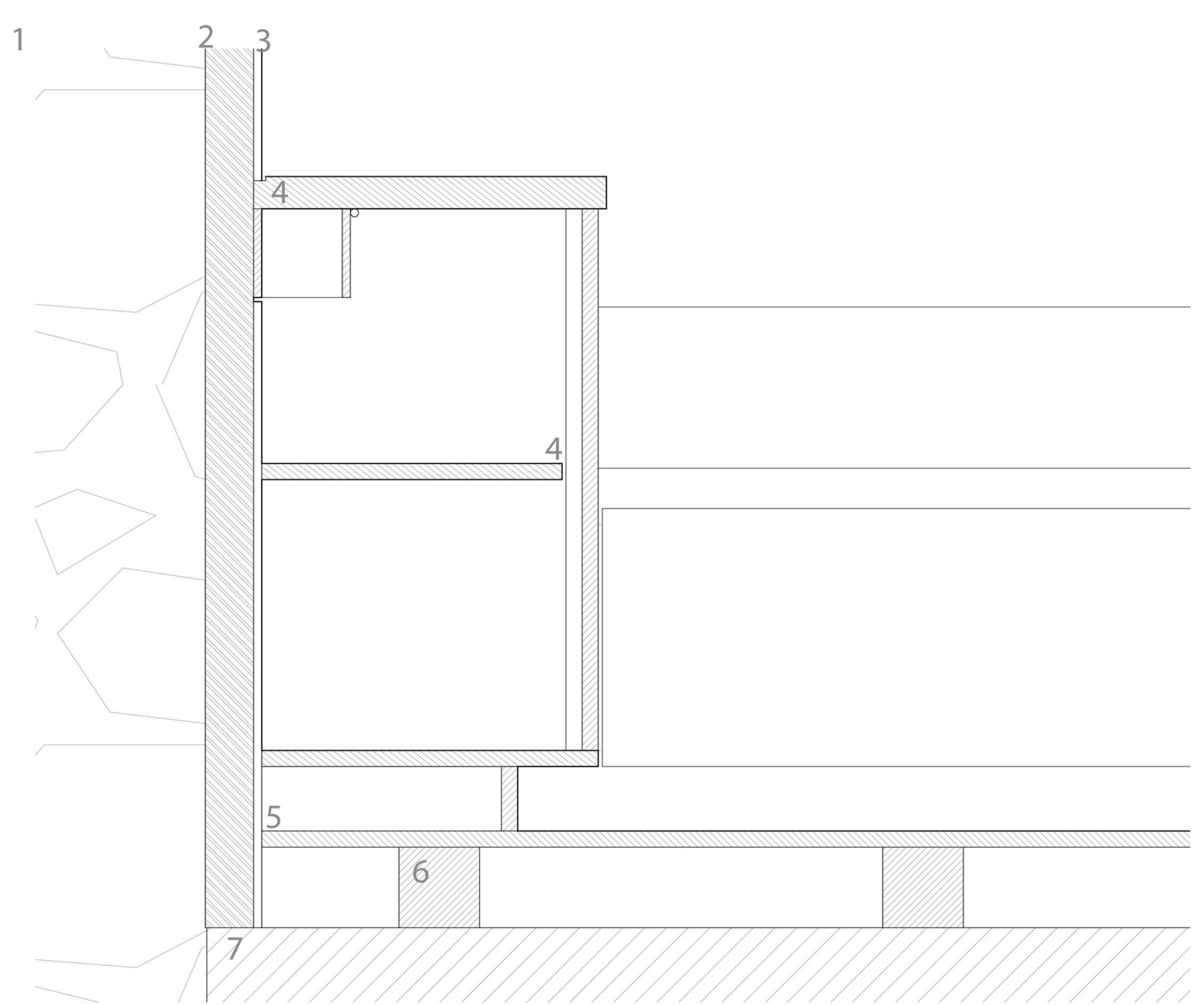
- 1 - ACABAMENTO PAREDE EXTERIOR EM REBOCO E TINTA
- 2 - ALVENARIA
- 3 - BETONILHA
- 4 - GUNITAGEM
- 5 - REVESTIMENTO DE PAREDE INTERIOR EM TINTA
- 6 - PAINEL ACÚSTICO DA GAMA CELENIT
- 7 - VIDRO LAMINADO 10MM
- 8 - CAIXILHARIA EM MADEIRA-ALUMINIO
- 9 - TAMPO EM MADEIRA PINHO
- 10 - RODAPÉ EM MADEIRA PINHO
- 11 - PAVIMENTO EM MADEIRA RIGA
- 12 - VIGA DE ELEVAÇÃO DE PISO EM MADEIRA
- 13 - BETÃO



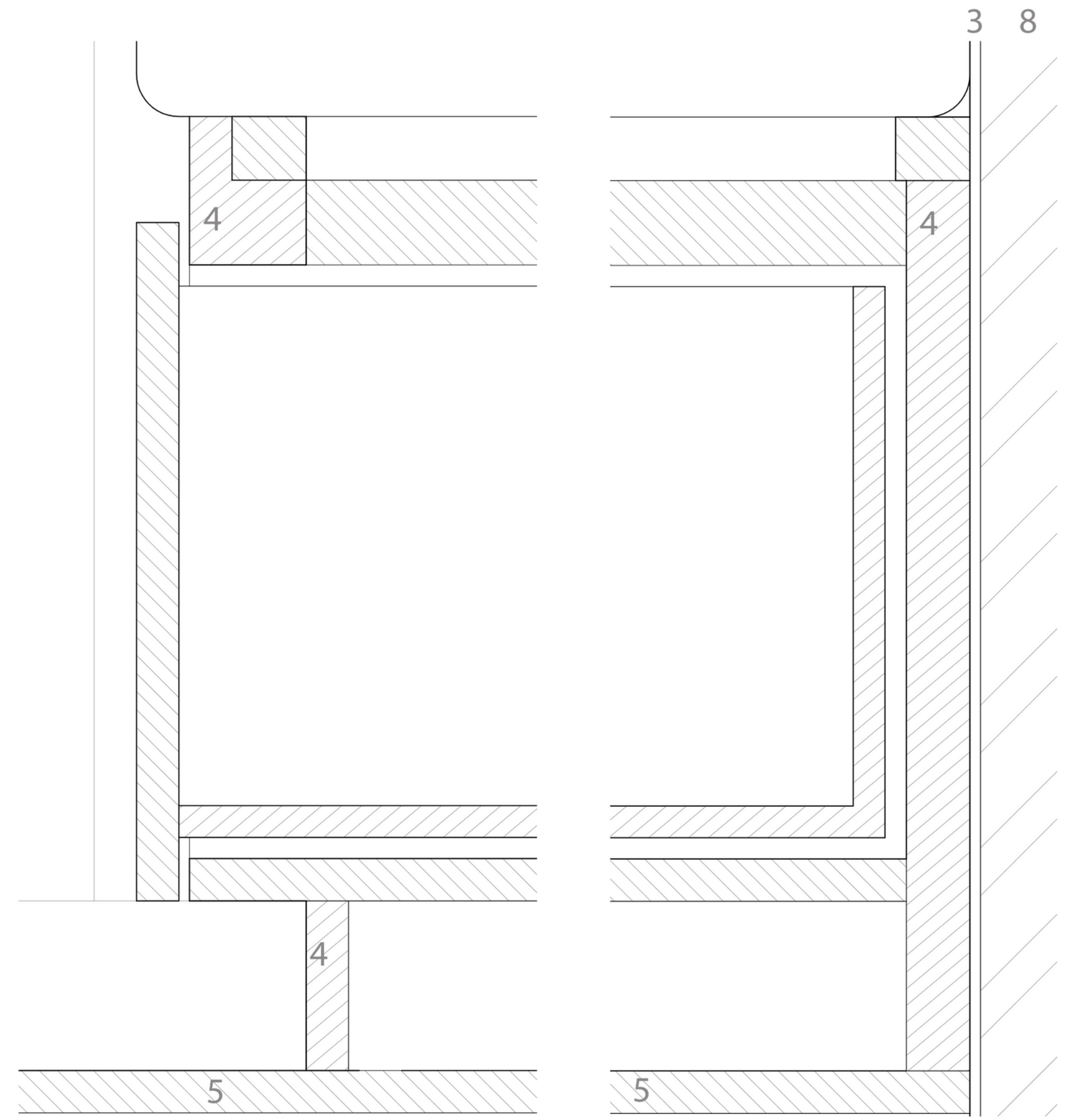
CORTE AA'  
ESCALA 1:20



CORTE BB'  
ESCALA 1:20



D3  
ESCALA 1:5

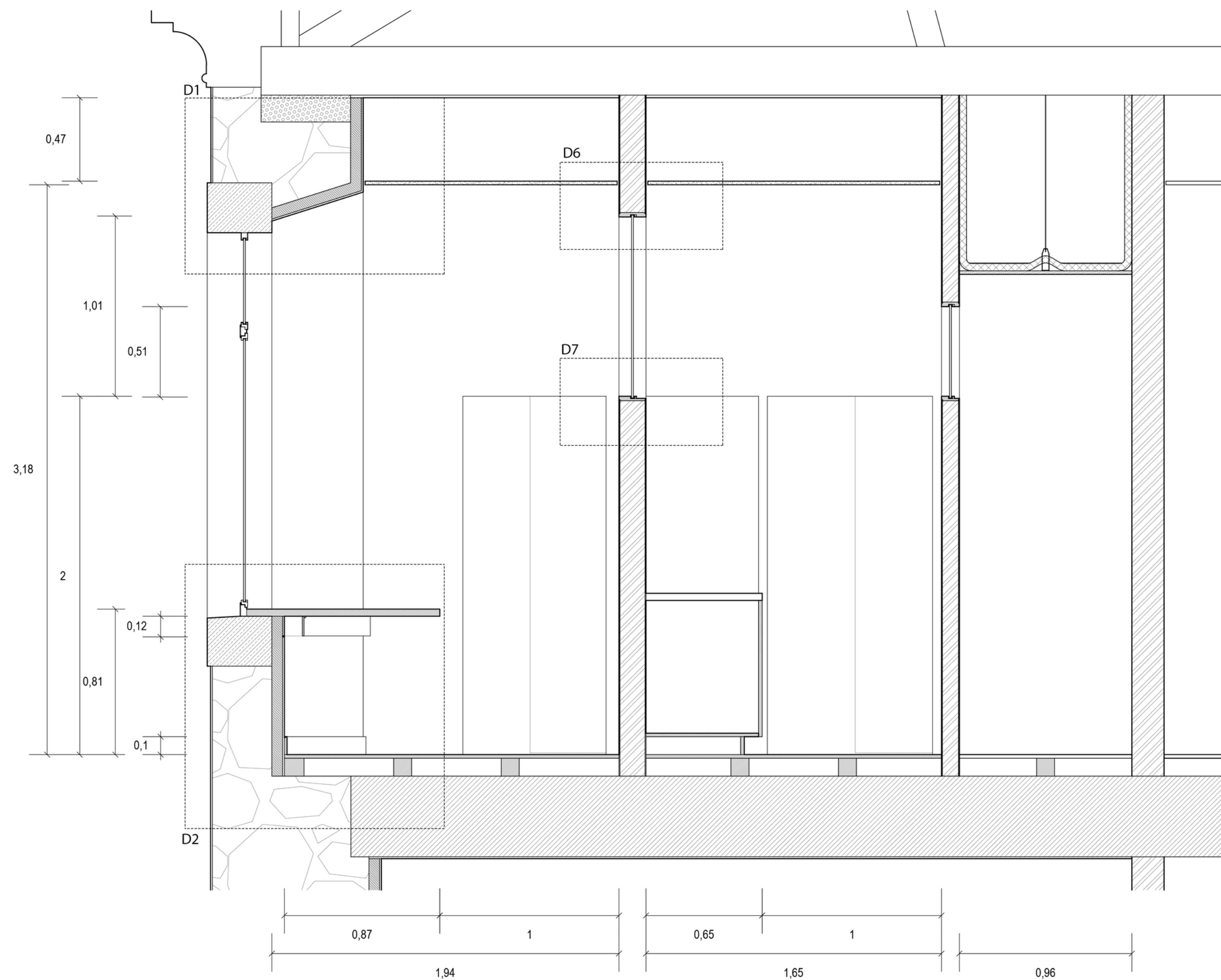


D4  
ESCALA 1:2

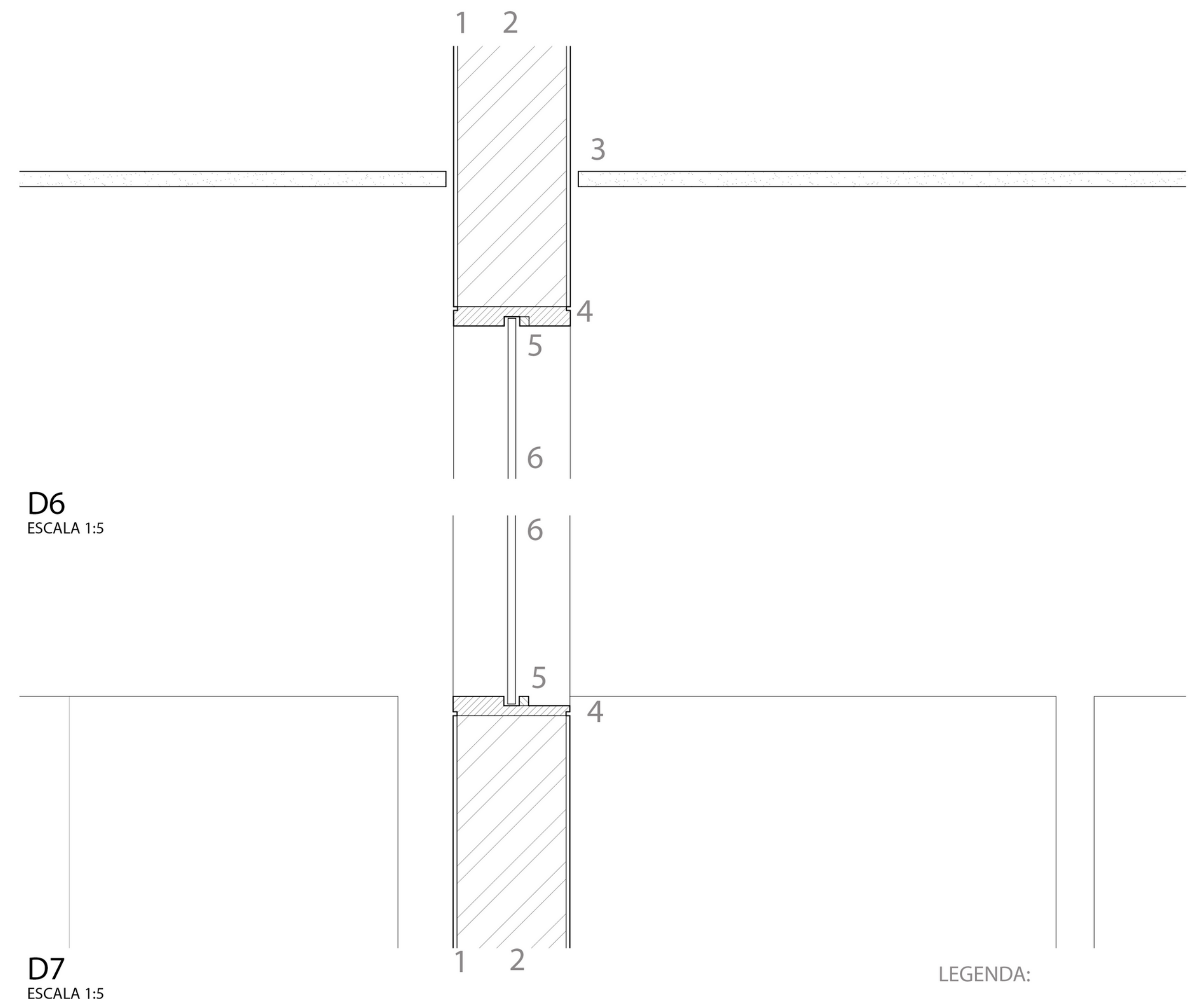
D5

LEGENDA:

- 1 - ALVENARIA
- 2 - GUNITAGEM
- 3 - REVESTIMENTO DE PAREDE INTERIOR EM TINTA
- 4 - MADEIRA PINHO
- 5 - PAVIMENTO EM MADEIRA RIGA
- 6 - VIGA DE ELEVAPÇÃO DO PAVIMENTO EM MADEIRA
- 7 - LAJE EM BETÃO
- 8 - PAREDE DE TIJOLO SIMPLES



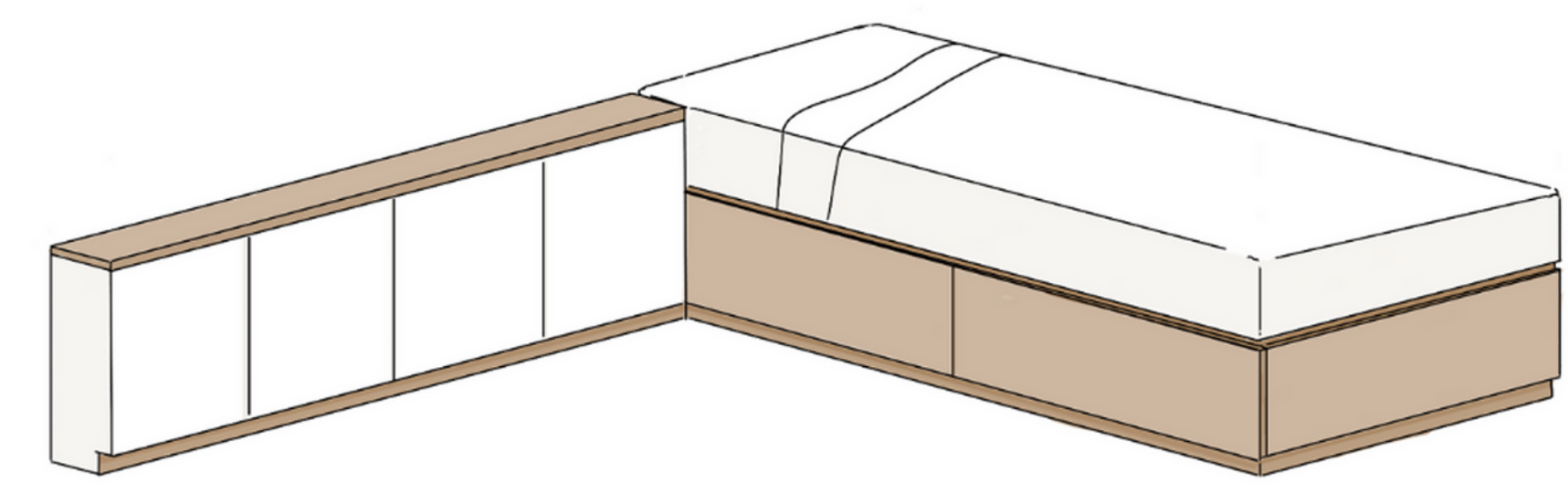
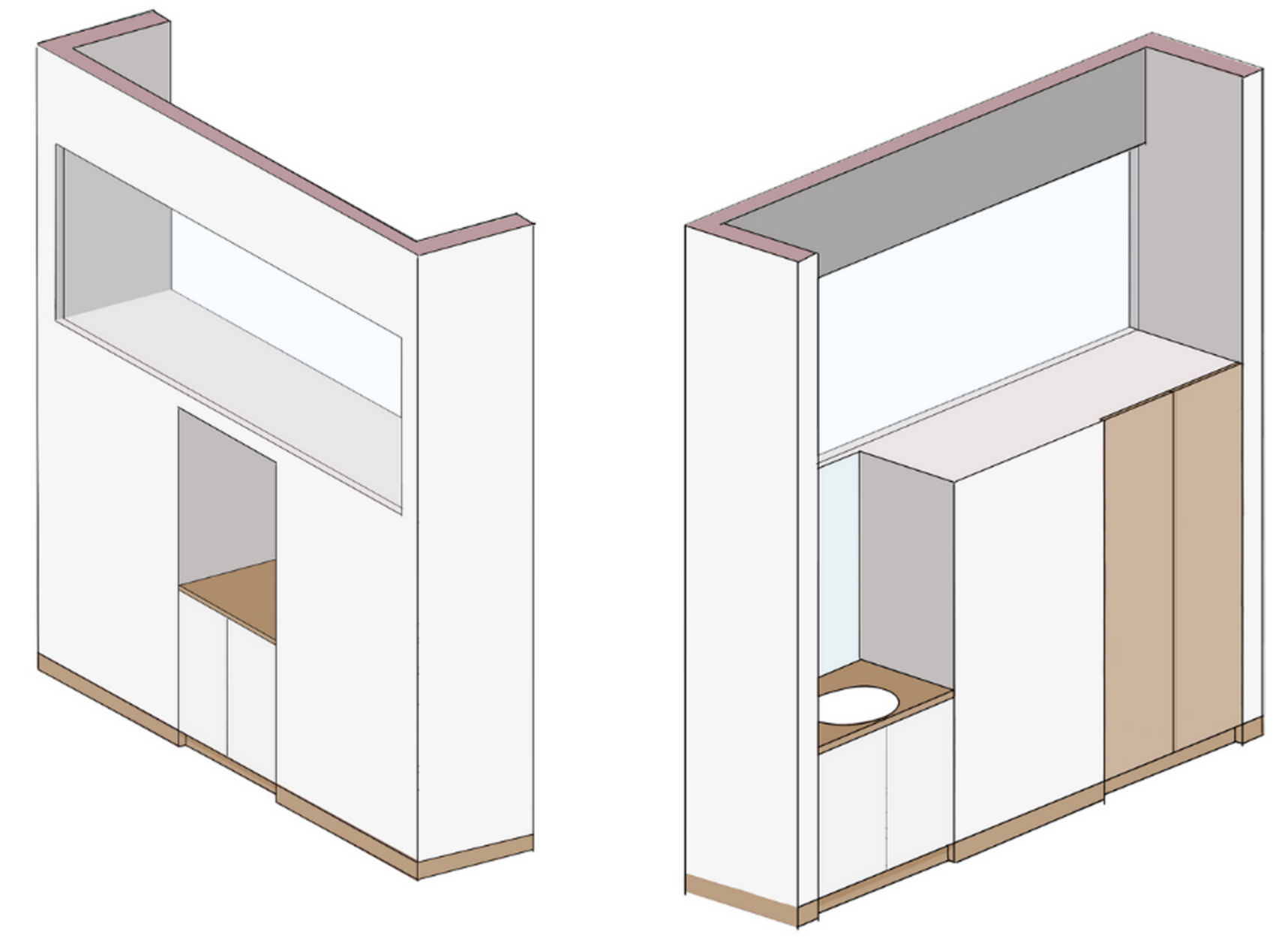
**CORTE CC'**  
ESCALA 1:20

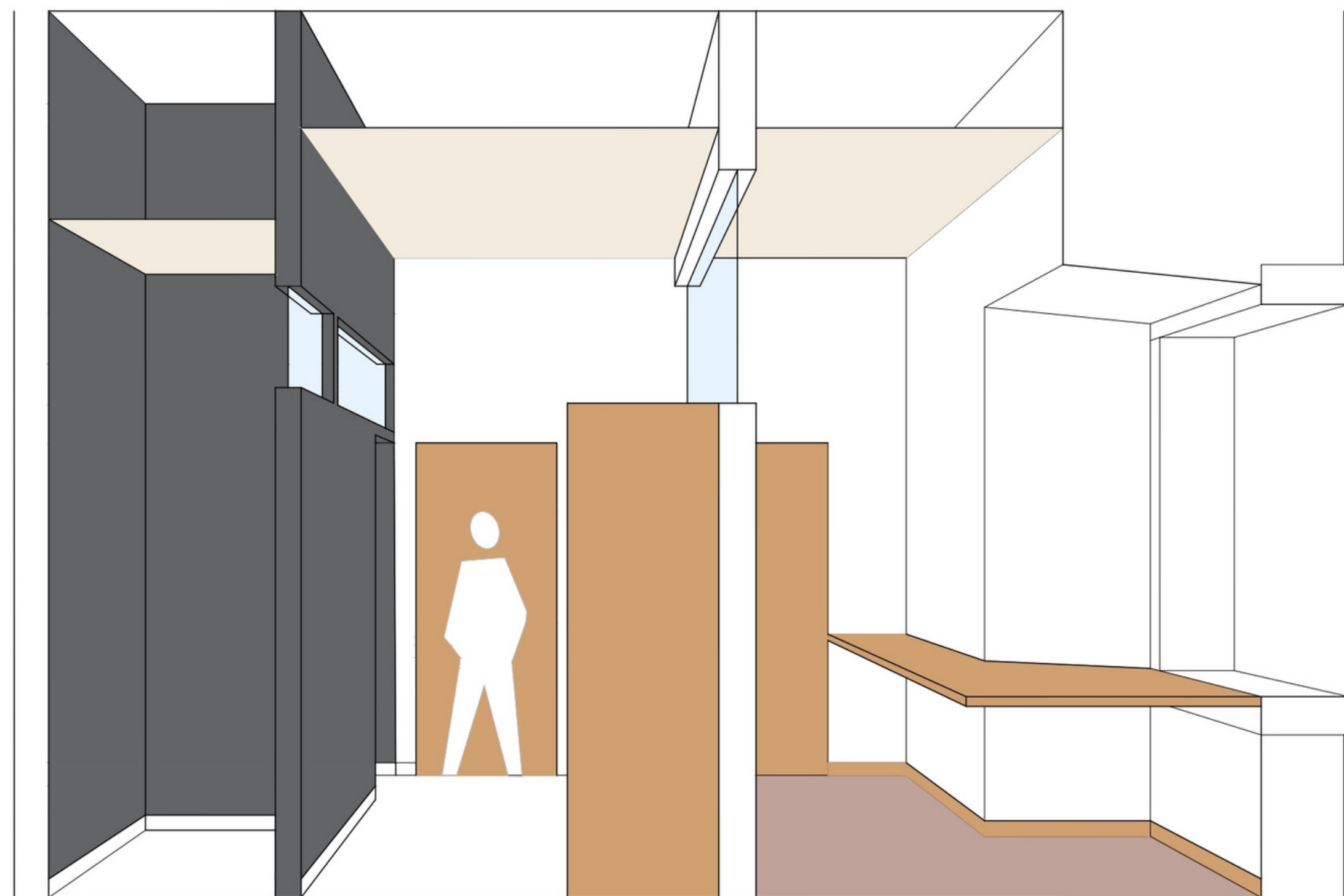


**D6**  
ESCALA 1:5

**D7**  
ESCALA 1:5

- LEGENDA:
- 1 - REVESTIMENTO EM TINTA
  - 2 - PAREDE DE TIJOLO SIMPLES
  - 3 - PAINEL ACÚSTICO DA GAMA CELENIT
  - 4 - PAINEL DE MADEIRA PINHO
  - 5 - BITE DE MADEIRA PINHO
  - 6 - VIDRO LAMINADO 10MM





I.S. + ESPAÇO DE TRABALHO

PAVIMENTO - MOSAICO HIDRAULICO CORES: S 0300-N + MADEIRA DE PINHO  
 PAREDES - AZULEJO CERÂMICO CORES: S 0300-N + S 9000-N + TINTA S 0300-N  
 TETO - PAINEL ACUSTICO CELENIT  
 RODAPÉ - LADRILHO HIDRAULICO S 9000-N + PAINEL MADEIRA PINHO



QUARTO

PAVIMENTO - MADEIRA DE PINHO  
 PAREDES - TINTA S 0300-N  
 TETO - PAINEL ACUSTICO CELENIT  
 RODAPÉ - PAINEL MADEIRA PINHO

